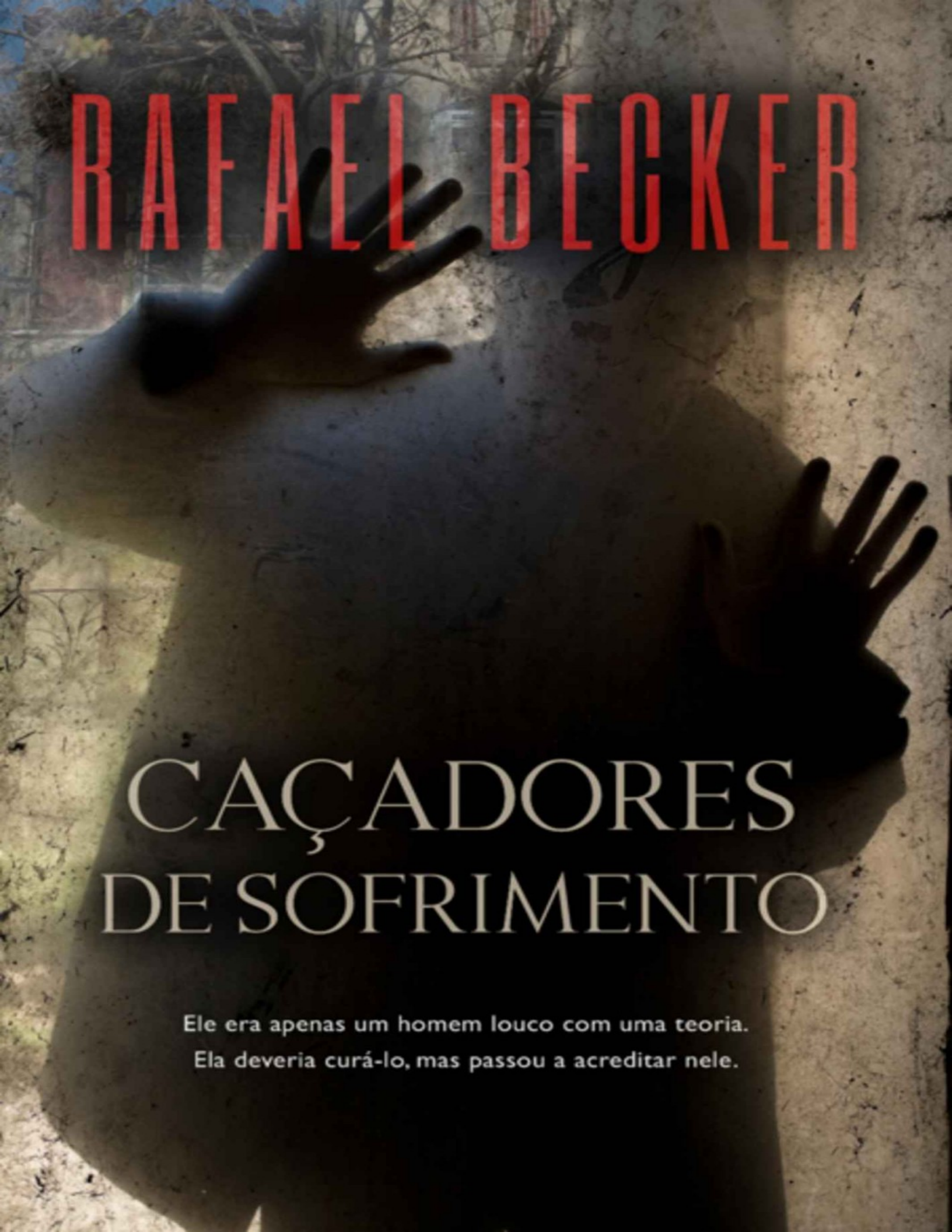
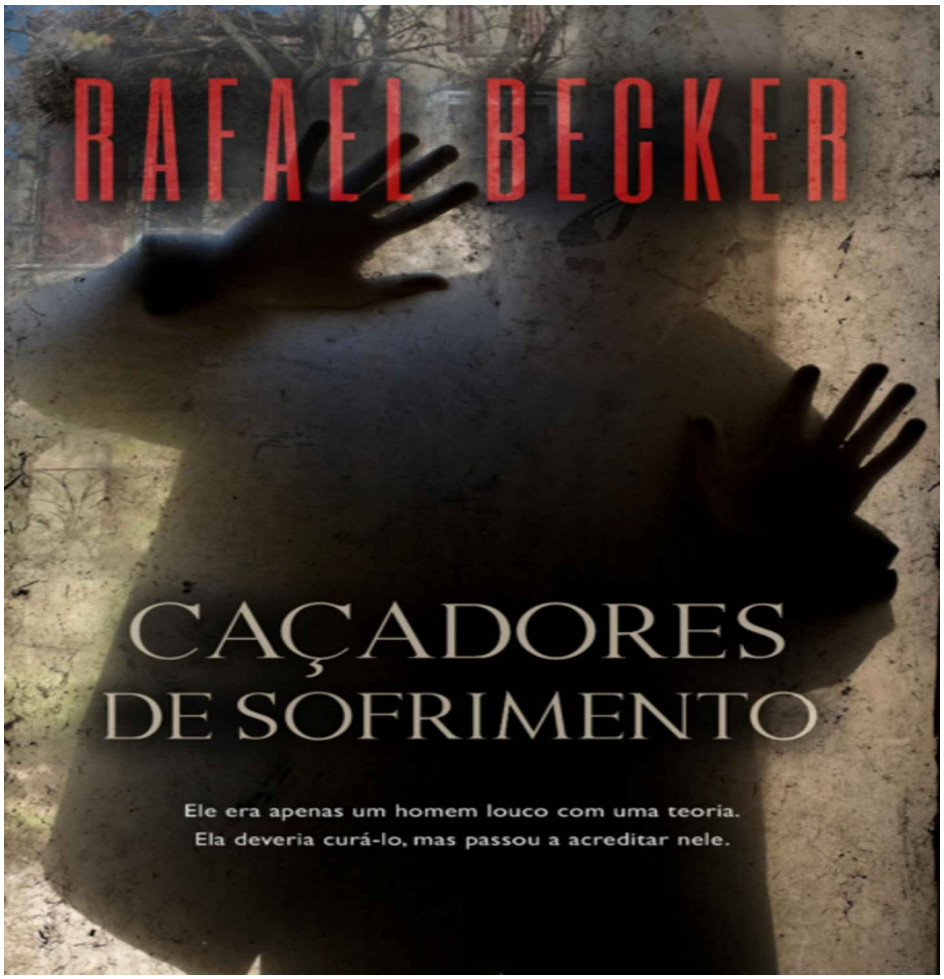

RAFAEL BECKER
CAÇADORES DE SOFRIMENTO
Ele era apenas um homem louco com uma teoria.
Ela deveria curá-lo, mas passou a acreditar nele.


RAFAEL BECKER
CAÇADORES
DE SOFRIMENTO
Ele era apenas um homem louco com uma teoria.
Ela deveria curá-lo, mas passou a acreditar nele.

RAFAEL BECKER

CAÇADORES DE SOFRIMENTO

Copyright © 2022 Rafael Becker
CAÇADORES DE SOFRIMENTO

2ª edição, 2022
www.rafaelbecker.com.br

Capa: Book Cover Zone
Diagramação: April Kroes
Revisão: Graziela Reis
Editor: Guta Bauer

Todos os direitos reservados. Este livro ou qualquer parte dele não pode ser reproduzido ou usado de forma alguma sem autorização expressa, por escrito, do autor ou editor, exceto pelo uso de citações breves em uma resenha do livro.



SUMÁRIO

Sumário
PARTE 1: JOÃO
Sessão 1
Sessão 2
Sessão 3
Sessão 4
Sessão 5
Sessão 6
Sessão 7
Sessão 8
Sessão 9
Sessão 10
Sessão 11
Sessão 12
Sessão 13
Sessão 14
PARTE 2: FOLIE À DEUX
Sessão 15
Sessão 16
Sessão 17
Sessão 18
Sessão 19
Sessão 20
Sessão 21
Sessão 22

Sessão 23
Sessão 24
Sessão 25
Sessão 26
Sessão 27
PARTE 3: JULIA
Dia 1
Dia 2
Dia 3
Dia 4
Dia 5
Dia 6
Dia 7
DIA 8
DIA 9
Epílogo
Nota do Autor

“Toda vez que eu sinto o paraíso
Ou me queimo torto no inferno
Eu penso em você meu pobre amigo
Que só usa sempre o mesmo terno”
Meu amigo Pedro, Raul Seixas

“Existem duas possibilidades: Ou estamos sozinhos no universo, ou não estamos. Ambas são igualmente aterrorizantes.”
Arthur C. Clarke

“A loucura é como a gravidade, só é preciso um empurrãozinho."
Batman - O Cavaleiro das Trevas.

PARTE 1
JOÃO

-

Sessão 1

O cabelo dela estava elegantemente penteado em um corte chanel. O cabelo dele estava bagunçado em fios encaracolados que encobriam seu rosto parcialmente. Os olhos dela estavam com uma maquiagem leve e profissional. Os olhos dele estavam opacos e com círculos roxos que indicavam poucas horas de sono. Os lábios dela estavam sob uma camada de batom bege cuidadosamente aplicado. Os lábios dele eram secos e quebradiços. As mãos dela estavam depositadas sobre o colo com as unhas pintadas. As mãos dele estavam cerradas em dois punhos de forma belicosa. Ela vestia um blazer bege do mesmo tom da sua saia. Ele vestia um macacão branco e amarrotado, as mangas encardidas e com fios desfiados.

Ela pegou a prancheta e a observou por longos segundos, procurando evitar a presença do homem. Julia já havia lidado com muitos outros pacientes como aquele, afinal, essa era a sua profissão, mas havia algo em João que a incomodava. Algo que ela não sabia decifrar, mas que esperava solucionar ao longo das sessões.

A longa lista de incidentes e mortes da vida de João deu um arrepio em sua espinha. Ele não havia cometido todos aqueles crimes, embora os tivesse vivenciado. *Mas ao menos um ele cometeu*, Julia pensou, terminando de ler a lista. Matara uma mulher. João fora preso pelo crime, julgado louco, e assim viera parar no Manicômio Judiciário Presidente Prudente.

Ela olhou para o lado, evitando a folha. A maioria dos seus pacientes haviam cometidos delitos mais leves. Agressão a algum familiar, tentativa de suicídio… mas assassinato era algo raro, até para os padrões do

manicômio. Ela deixou a folha em cima da mesa de cabeceira de madeira, que ficava ao seu lado.

João acompanhou o gesto com um olhar calculista.

— Você sabe por que está aqui, João? — ela perguntou, cruzando as mãos sobre sua saia bege.

O homem suspirou. Baixou o olhar. Sua bochecha repuxou para o canto esquerdo.

Julia tomou uma nota mental do gesto na bochecha. Poderia ser um sinal de que o assunto o desagradava. Escreveria sobre aquilo depois, quando a sessão estivesse terminada.

— Você tem medo de mim? — João perguntou. Era a primeira vez que ele falava. A única voz que ele possuía até então era a que Julia criara em sua mente, baseada na sua ficha criminal. Seria uma voz gutural e perversa. De um homem que matava uma mulher indefesa sem piedade. Porém, a voz real de João, que cruzou o ambiente naquele instante, era despretensiosamente humana. A voz do rapaz que te avisava que estava esquecendo o troco na padaria, ou que ligava te oferecendo um novo cartão de crédito.

A pergunta em si a pegou de surpresa também. João não parecia querer ameaçá-la ou intimidá-la, mas sim compreendê-la. Ao menos era isso que Julia havia concluído.

— Por que eu deveria? — ela perguntou, não deixando a surpresa ser transmitida por sua voz. Seu olhar era firme, mas um pouco apático também. *Todo psicólogo tem olhos de tubarão*, dizia seu ex-marido, *olhos sonsos que não te deixam ver dentro da alma.*

— Eu ataquei a última pessoa… — João disse, e se arrumou na cadeira. — Sabe? O último médico.

Julia meneou a cabeça e engoliu seco.

— Você sente a necessidade de me agredir? — ela perguntou, ajustando a postura na cadeira para passar autoridade.

— Não ainda — respondeu João, e agora sua voz não era mais do rapaz na padaria, ou do vendedor de cartões. Havia algo primitivo ali. Perverso, talvez.

O homem varreu o escritório com os olhos, como se procurasse alguma arma para usar. Mas não havia nada ali. Apenas duas cadeiras de madeira, uma mesa de cabeceira suja e capenga, um tapete felpudo que fedia a ácaro, um quadro com uma pintura a óleo do campo, uma lâmpada com grades de ferro oxidado, nenhuma janela, e o que Julia chamava de 'botão do pânico'.

Se ela percebesse que o paciente estava à beira de um ataque de fúria, deveria apertar aquele botão, que emitiria um alarme do lado de fora da porta do consultório, como o alarme de um carro sendo roubado, e enfermeiros entrariam pela porta em questão de minutos — segundos, com sorte. Em seus quinze anos trabalhando como psicóloga, só havia apertado aquele botão uma dúzia de vezes, e em apenas duas delas, o motivo era para salvar a própria pele. Na maioria das vezes, era a segurança do próprio paciente que estava em risco. Eles tinham dificuldades em processar alguma lembrança ou informação que preferiam deixar soterrada, e então começavam a se debater ou tentar morder a própria língua. Era como assistir a*o exorcista*, só que o demônio nesse caso eram apenas as memórias, ainda esperando por serem expurgadas.

Quando o paciente era extremamente violento, Caio, o chefe da segurança do Manicômio Judiciário Presidente Prudente insistia para que as sessões fossem supervisionadas. Julia aceitara a sugestão uma vez, no começo da sua carreira. Porém, ela aprendera que era algo difícil fazer com que o paciente se abrisse com uma psicóloga, e que essa dificuldade atingia

níveis astronômicos quando havia um ou dois guardas com porretes de aço nas mãos e injeções com tranquilizantes em um coldre de couro marrom na cintura.

Mas, é claro, depois que João tivera um surto de raiva e atacara seu antigo psicólogo, Dr. Souza, Caio praticamente implorara para que Julia autorizasse as seções supervisionadas. Contudo, ela dissera que não.

Na hora, tomando um chá e comendo um pedaço de bolo de cenoura enquanto lia as fichas dos pacientes do Dr. Souza que iria cobrir, havia se convencido de que não havia nada a temer. Agora, sentada ali, de frente para João, Julia via seu próprio dedo deslizar sobre a superfície plástica e saliente do 'botão do pânico', seus ouvidos quase ouviam o zunido irritante do alarme elétrico, ponderando se deveria apertá-lo e se, caso hesitasse, haveria um leito ao lado do Dr. Souza na UTI do hospital público para ela.

— Quando eu perguntei se você sabia do motivo de estar aqui hoje — retomou Julia —, eu não me referi ao fato de você ter um novo psicólogo te acompanhando. Eu me referi ao caso da sua hospedagem…

— Internação — João a corrigiu.

Julia ficou calada por um instante, assimilando a interrupção.

— O nome é internação — ele repetiu, enfático.

— Você está correto, João. — Ela abriu as mãos em direção a ele, como quem diz: *Você venceu essa. Matou uma pessoa e foi internado compulsoriamente nesse hospital ao invés de ir para a cadeia. Pobrezinho do assassino.* — Que tal responder a minha pergunta agora?

— Eu responderei a sua pergunta, se você responder uma antes… — ele respondeu, adquirindo um tom meio manhoso.

Eu faço as perguntas aqui, rapaz, Julia pensou, mas se controlou. Se limitou a colocar a mão sob o queixo e esperar. Como dizia um de seus

professores na faculdade: sabe por que eles são chamados pacientes? Porque precisamos ter *paciência*.

— Por que você está me tratando?

Porque você assassinou uma mulher a sangue frio com múltiplas facadas, ela pensou, olhando para aqueles olhos fundos e cansados, e aquele cabelo desgrenhado de João. Aquela era uma pergunta perigosa, que podia levar o paciente a indagações metafísicas, ou levar a delírios de proximidade. *Se você está me escutando, talvez você goste de mim… Talvez me ame…* Julia já ouvira aquelas palavras de pacientes antes.

— Porque você precisa entender melhor os atos que o trouxeram até mim.

João soltou uma risada baixa, os cabelos cobrindo parcialmente os olhos cansados. Limpou o nariz na manga do macacão.

— Sabe, esse é o problema com toda essa merda de vocês, psicólogos!

O tom agressivo pegou Julia desprevenida. Ela observou os punhos de João cerrados e levemente roxos, devido à pressão, com as veias no dorso da mão oscilando como pequenas cobras verdes. Ela passou o dedo pela saliência do 'botão do pânico'. Se ele se levantasse, ela apertaria o botão, e que viessem os guardas, os hematomas e as injeções.

— Vocês acham que sabem de tudo! — ele continuou. — Que podem resumir a vida de uma pessoa a um livro! Que eu tenho o exato perfil que você estudou na aula de psicopatia B, enquanto masturbava um colega de classe!

Julia controlou um sorriso. João não se levantou para agredi-la e não ia se levantar. Ela relaxou a mão sobre o botão. Sim, um paciente fazendo perguntas a ela podia irritá-la, mas palavras de baixo calão não surtiam o mesmo efeito. Dificilmente um homem que cometia assassinatos moderava

a sua linguagem na frente de uma dama e Julia estava acostumada a eles. Crescera sendo xingada e amaldiçoada e sabia que palavras eram uma mera ilusão, só te machucavam se você assim permitisse. Além do mais, João finalmente começara a falar.

— Você acha que não se enquadra em nenhum perfil previsto pela ciência, João? — ela perguntou, relembrando as teorias que aprendera nas aulas: a teoria dos traços de Gordon Allport, as dimensões de Hans Eysenck, etc…

— Quantos livros existem, doutora? Hein? — ele perguntou. O tom baixando e a respiração voltando ao normal. — Quantas teorias?

Julia deu de ombros, como se aquela pergunta retórica não merecesse a sua atenção.

— Pois bem! Deixe eu te contar um fato: existem mais pessoas do que livros. Como vocês pensam que podem reduzir pessoas do século vinte e um a teorias de velhos carcomidos que achavam que o rádio era o ápice tecnológico da nossa civilização?

— As pessoas têm semelhanças, João, é possível analisá-las e descrevê-las usando certos princípios.

João meneou a cabeça negativamente, os dentes superiores mordendo o lábio inferior como uma criança de onze anos. Naquela cadeira de madeira, sob a iluminação fraca, ele mais parecia um adolescente em uma sala de aula, e não um homem de trinta e cinco anos.

— Você conhece a definição física do caos, doutora? — ele perguntou, se inclinando em direção a ela. Os olhos cintilando.

A pergunta irritou Julia um pouco. Além de ser uma pergunta, era uma para a qual ela não tinha a resposta.

— A maioria das coisas da natureza pode ser descrita com leis simples. Como as leis de Newton e toda essa merda. Você sabia que

Einstein escreveu a famosa equação “E = MC²” em um pedaço de guardanapo em um hotel quando a concebeu? Um simples rabisco de caneta que serviria para descrever a teoria da relatividade. Às vezes isso funciona, reduzir um fenômeno complexo a uma simples equação em uma linha de caderno. E então entra o caos. Ele é quando não existe um jeito mais simples de descrever um fenômeno. Não é possível reduzi-lo ou parametrizá-lo. O caos é o que é. Ninguém escreve o caos em um pedaço de guardanapo, doutora. E é isso que somos todos nós, humanos: fenômenos complexos. Não somos apenas uma teoria de um velho enrugado.

Julia cruzou as pernas, impaciente. Não tinha o dia todo para debater filosofia. O tempo da sessão estava quase se esgotando e ela não conseguira obter absolutamente nada. E teria outro paciente do Dr. Souza logo em seguida. As suas manhãs estavam tomadas deles.

Ela pegou o caderno da mesa de cabeceira e passou os olhos pela primeira página.

— Por que não me conta como você conheceu Patrícia Holgado?

João desprendeu um sorriso grotesco. Saliva seca brilhava no canto dos seus lábios.

— Você não pode me ajudar — ele disse com desdém.

— Como sabe disso?

— Você não pode me ajudar. Vou pedir para que não nos vejamos mais.

Julia podia lembrar-lhe de que não havia opção. João não era um hóspede ali no Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Era um condenado pela justiça e portador de transtornos mentais.

— Por quê? — ela perguntou.

— O que foi que você disse mesmo? Quando perguntei o motivo de estarmos nos vendo?

Julia suspirou. Cruzou as pernas, deixando a prancheta de lado, e acomodou as suas mãos sobre a saia.

— João, apenas disse a minha opinião profissional. Você precisa entender melhor como os seus atos o trouxeram aqui.

— É aí que você se engana, doutora. Não adianta de nada conversarmos se você já vem com essa sua mente cega. A sua frase pressupõe que eu esteja errado. Que eu seja louco. Que você tem a missão de me ensinar algo.

Julia pensou em não dizer mais nada. Dispensar João cinco minutos antes do fim da sessão. Haviam começado com o pé esquerdo. Talvez no próximo encontro, as coisas poderiam entrar nos eixos. Mas, antes que desse por conta, ela falou:

— O que você quer de mim?

João hesitou por um instante, recuando para trás na cadeira. Ela fez o chão de cimento queimado ranger.

— Que você entenda o que me trouxe até esse balde de mijo que vocês chamam de hospital psiquiátrico, doutora. Que ouça a minha história, antes de desacreditá-la.

— Está bem — disse Julia, bracejando em direção a ele. — Façamos do seu jeito, João.

— Sem prejulgamentos?

— Sem prejulgamentos.

João esboçou um sorriso. Parecia satisfeito. Então ele olhou para o relógio na parede oposta ao quadro com a paisagem, e se levantou.

Quase que no mesmo instante, dois homens vestidos de branco entraram na sala. Mas eles não traziam seringas à mão. Apenas vinham recolher o paciente. A sessão estava terminada.

— Nos vemos amanhã, doutora — disse João, já de costas. Os enfermeiros o escoltavam pelos dois lados, andando sempre um passo atrás.

— Até amanhã, João — disse Julia.

Ela fitou a prancheta. Em meio a nomes de mortos, laudos médicos, recortes de jornais, uma frase saltava aos olhos. O marca-texto que as delineavam dava às palavras um aspecto vivo, pulsante.

Julia passou a unha pela folha, o esmalte quase borrando as palavras: *caçadores de sofrimento.* Ela pegou a caneta, e rabiscou suas próprias palavras logo abaixo, que sintetizavam tudo que lera sobre o caso nos registros do Dr. Souza, e que a primeira impressão de João parecia corroborar.

Alucinações visuais?

Transferência de culpa?

Esquizofrenia?

Sessão 2

Julia aproximou o café do seu nariz e sentiu o cheiro intenso dele. Ela estava sentada na sua cadeira de madeira e sua cabeça latejava como se seu cérebro tivesse sido lavado com alvejante barato.

Sorveu um gole do copo de café e tomou duas aspirinas. Ficou mordiscando o copo plástico. Eram os vizinhos, os malditos vizinhos. Eles não se importavam com nada nem ninguém. Ela morava no bloco D de um conjunto habitacional muito simples. E ontem — antes fosse apenas ontem e não quase sempre — os vizinhos do bloco C haviam dado uma festa. Barulho alto até depois da uma, até que alguma boa alma chamou a polícia e eles vieram acabar com a festa.

Tão logo ela ingeriu as aspirinas, João entrou na sala, escoltado por dois enfermeiros. Antônio era o enfermeiro mais velho do Manicômio Judiciário de Presidente Prudente. Cabelo ralo e corpo macilento. Usava um suéter xadrez por cima do uniforme, óculos aviador de grau com grossas lentes, e sempre tinha no bolso um ou dois jogos da loteria. Fazia trinta anos que tentava ficar milionário. Julia se perguntava quanto dinheiro ele não teria desperdiçado tentando ganhar dinheiro fácil. O outro enfermeiro, Bruno, saíra da faculdade há dois anos apenas. Era um alto homem negro e careca, com tantos músculos que poderia dominar a maioria dos pacientes com facilidade. Julia acenou para eles com um olhar, e então sua atenção se voltou para João.

Ele estava com um olho roxo e o lábio superior inchado. De resto, sua aparência permanecia tão lastimável quanto da última vez. Julia inalou o café. O cheiro ainda estava bom, forte e intenso, mas a bebida esfriara. Ela

deixou o copo ao lado do pé da cadeira. João acompanhou o gesto com um olhar, como se observasse o copo mordiscado e pensasse: *acho que você também tem passado por problemas ultimamente, querida.*

— Podem ir rapazes, nós nos daremos bem, sozinhos — disse Julia, observando que os enfermeiros ainda permaneciam de pé, atrás da cadeira em que agora João estava sentado.

Antônio e Bruno trocaram um breve olhar que dizia *por sua conta e risco* e foram embora, batendo a porta atrás deles.

— Como estamos hoje, João?

— Achei que você estava interessada no meu passado remoto, não em como me divirto passando as noites.

Julia assentiu, entendendo o recado. O olho roxo ficaria de fora da conversa. Embora ela tivesse ficado curiosa para saber se o ferimento havia sido causado por um paciente, um enfermeiro, ou por ele mesmo. Julia sabia que os seguranças de Caio podiam ser dureza, mas eles estavam maneirando ultimamente. Desde o escândalo em Minas Gerais do Hospital Colônia de Barbacena, o Estado passara a olhar com mais cautela sobre como tratava seus loucos.

— E qual parte do seu passado remoto iremos discutir hoje, João?

A pergunta pareceu surpreendê-lo. Julia sufocou um sorriso. Iria tentar uma abordagem um pouco diferente com João, deixar a corda correr solta, por assim dizer.

— Achei que você dava as cartas por aqui, doutora.

— E eu achei que havíamos combinado, no nosso último encontro, que você me faria entender como veio parar aqui — ela respondeu de modo amigável. — Por onde quer começar?

João baixou o rosto, encostando o queixo no peito, como se estivesse pensativo. Por um momento, Julia pensou que ele tivesse perdido o

interesse na conversa. *Ele está pensando...* Julia analisou como os olhos dele vacilavam, fitando o carpete. Como as mãos se abriam e se fechavam, pulsantes como se tivessem consciência própria. *Nunca ninguém deve ter parado para ouvir a história dele, ao menos não toda, talvez apenas os grandes momentos. E agora ele está confuso... ele não sabe por onde começar.*

Julia aguardou pacientemente enquanto os minutos se arrastavam e tudo que havia na sala era o som baixo do relógio avançando e a respiração pesada de João. As maçãs das bochechas dele repuxavam em espasmos consecutivos. Um tique de nervosismo.

Ela fitou a prancheta em branco, dando todo o tempo necessário para ele se decidir.

— Acho que a nossa vida é como um quebra-cabeça — disse João, de repente. —Você gosta de quebra-cabeças, doutora?

Ela sorriu com a pergunta. João, sempre tentando fazer com que ela respondesse mais perguntas do que ele.

— Não sei, você gosta?

— Sim. Eu montava alguns… Com a minha irmã, Emília. Grandes barcos, sabe? Titanic, caravelas portuguesas, navios piratas… Aviões da segunda guerra também, ou paisagens com dinossauros. Tiranossauro Rex era o meu favorito. — Ele deu de ombros. — Acho que era o favorito de qualquer garoto de onze anos.

Uma irmã... Ele está se abrindo comigo. Está começando a confiar em mim. Pensou Julia, sem interromper a narrativa. Ele nunca citara a irmã nos registros do Dr. Souza.

— Acho que a nossa vida é como um quebra-cabeça, cheio de peças. Por isso pode ser tão difícil entender a vida, sabe? É complicado. E assim

como em um quebra-cabeça comum, algumas peças são apenas acessórios, como quando temos um pedaço do céu ou de grama. Mas outras são peças

fundamentais. São elas que realmente formam o quebra-cabeça da nossa vida. Como o mastro de um navio, ou a turbina de um avião.

— E qual é a sua peça fundamental? — Julia perguntou.

João retribuiu a pergunta com um sorriso que era um misto de satisfação e medo.

— Os *caçadores* são uma peça fundamental — João disse, quase que em um sussurro.

Julia se empertigou na cadeira.

— Acho que eles não são apenas uma peça fundamental, são quase que a peça mestra. Como quando você está montando um quebra-cabeça, e se você perdeu a caixa de verdade e guarda as peças em uma caixa de sapato, não sabe muito bem o que o desenho vai formar. Até que você coloca uma única peça, e o desenho todo passa a fazer sentido, entende? — Ele engoliu seco. Parecia feliz por estar se lembrando da infância, mas uma sombra pairava em seu rosto. O medo parecia ter um lugar entre a nostalgia.

— Entendo, mas onde os caçadores se encaixam na sua vida, João? — Julia evitou falar o nome completo, *os caçadores de sofrimento*, pois João não os havia mencionado assim. Compartilhar com João uma informação obtida através de relatórios do dr. Souza podia enfraquecer a relação médico-paciente.

— Sabe, a parte complicada disso tudo, da vida ser um quebra-cabeça, é que as peças não estão espalhadas pelo carpete da casa dos nossos avós, quando tudo que você precisa fazer é escolher as peças com calma e critério. No quebra-cabeça da vida, as peças estão espalhadas pelo tempo.

Julia meneou a cabeça, procurando gerar empatia.

— Às vezes as coisas se iniciam muito antes delas começarem de fato. Como quando você acabava engravidando a namorada com dezessete anos, mas isso só aconteceu porque você a beijou no intervalo da escola quando estava no primeiro colegial, e isso só aconteceu porque você entrou para a banda da escola e isso só aconteceu porque seu velho pai tinha uma guitarra fender empoeirada na garagem.

— O seu pai tinha uma guitarra, João?

— Não. — João balançou os braços, como quem diz, *não fale asneiras*. — Eu nunca me dei bem com instrumentos musicais. Na verdade, tudo começou com um simples sorvete…



A verdade era que eu era novo demais para ter pelos embaixo do braço, mas velho o suficiente para passar bilhetinhos para os meninos da escola tentando adivinhar qual era a cor da calcinha das meninas da sala.

Eu morava em Campinas, interior de São Paulo, mas, vinte e tantos anos atrás, a cidade era mais pacata. Tinha um clima de interior que foi perdendo com o crescimento, sabe? Hoje em dia é cheia de prédios e violência, mas ainda conserva o calor infernal. Havia uma sorveteria há duas quadras da minha casa, e naquele dia de verão fazia um calor daqueles que dá vontade de ficar pelado e sentar com a bunda no congelador.

Era um desses dias em que o sol parece mais próximo da terra, quando minha mãe, Márcia, gritou pelo meu nome e pelo de Emília. Nós estávamos no quintal da casa, eu atirando uma bola de tênis para o nosso cachorro, Brutus, e minha irmã na rede, brincando com uma boneca Barbie e um Ken. Sempre que ela brincava, magicamente os bonecos ficavam sem roupa, e embora eu visse isso, nunca contava para mamãe. Para irmãos, segredos guardados valem mais do que ouro quando se precisa barganhar.

Eu imediatamente peguei Brutus pela coleira e o arrastei até o canil enquanto Emília vestia desesperadamente os seus bonecos. Brutus era um bom cachorro. Nunca rosnava e nem reclamava. Tinha aquele sorriso meio bobo de um animal sem maldade, sabe? Saliva escorrendo pelos lábios, orelhas caídas, olhos brilhantes… eu amava ele.

Morávamos em um bairro classe média, cheia de casas com muros baixos, que batiam na altura do umbigo dos adultos. Quando cheguei na sala, vi que meu pai estava sentado no sofá, a barriga para cima como uma lombada.

— Se arrumem — ele disse, meio rabugento. — Sua mãe quer sair.

— É para eu pôr o meu vestido novo? — Emília perguntou. O que era um milagre, pois ela quase nunca falava.

— Lógico que não! — minha mãe berrou da cozinha. Ela era uma mulher bela que, à época, já havia engordado bastante, mesmo para quem teve dois filhos. — Nós só vamos à sorveteira. Lavem as mãos e o rosto. Andem!

Eu apostei corrida com Emília até o banheiro. Cheguei primeiro, e por isso ela deu uma cotovelada nas minhas costelas. Em um dia normal, eu gritaria, ou daria um puxão no cabelo dela, mas aquele não era um dia normal. Naquele dia iríamos até a sorveteria.

Minha família vivia bem. Nós não tínhamos carrões importados na garagem — meu pai dirigia um opala diplomata todo preto, o que, para a época, era um belo carro mesmo assim — nem viajávamos para o exterior, mas tínhamos três refeições quentes por dia e eu nunca tinha precisado trabalhar ou algo do gênero.

Eu me lembro da felicidade que sentia naquele dia. Crianças são seres fáceis, se alegram com tão pouco… quando saímos de casa para ir à sorveteria, peguei a minha bicicleta e fui pedalando na frente dos meus pais,

enquanto minha mãe gritava para eu tomar cuidado com os carros, embora não houvessem tantos carros na rua naquela época. A rua era de terra, com pedregulhos, e o meu maior risco seria arranhar um joelho ali.

— Você tem certeza? — meu pai indagou, ainda com resquícios de mau humor.

— Claro! — minha mãe disse. Quando ela precisava se defender, sua voz ficava um tom mais fina. Claro, só fui perceber aquilo anos mais tarde. — A Carla me ligou apenas para contar isso. Parece que a sorveteria está para fechar, e eles reduziram os preços de tudo. Está praticamente de graça.

Meu pai resmungou, desconfiado. Ele sabia ser um sovina quando queria.

Fui pedalando pelas ruas de terra, até que chegamos na avenida Anchieta, que era asfaltada. Do outro lado da pacata avenida estava o nosso destino. A sorveteria estava com uma fila enorme, com pessoas esperando do lado de fora, no sol. Claro, meu pai não aprovou aquilo, ficar derretendo no meio da rua para pagar metade do preço em uma bola de sorvete de flocos?

Minha mãe me fez descer da bicicleta enquanto esperávamos na fila, embora eu quisesse continuar praticando a manobra que vinha aperfeiçoando por todo o verão: pedalar com a roda da frente empinada. Todos os garotos mais velhos sabiam fazer isso, e uma parte de mim acreditava que aquilo era pré-requisito para envelhecer. Minha irmã estava calada, como de costume.

As lembranças são engraçadas… às vezes conseguimos nos lembrar dos detalhes mais insignificantes com tamanha riqueza, enquanto que outras memórias não passam de um borrão. Existem três coisas de que eu me lembro quando finalmente entramos na sorveteria.

A primeira é que, quando finalmente vencemos a fila, nos sentamos em uma mesa próxima da vitrine. Achei isso o máximo, pois todas as pessoas que estavam na rua podiam nos ver, e eu lambia o meu sorvete, fazendo inveja para as crianças torrando no sol. Sim, eu sei, crianças podem ser más às vezes.

A segunda é que o sabor do sorvete era de flocos e que ele gelava o meu cérebro quando lambia muito rápido. Eu tentava disfarçar as dores e sufocar as caretas, pois sabia que mamãe me daria uma bronca das boas.

— Essa fila não para nunca — disse meu pai, os óculos dele um pouco embaçados devido ao suor que escorrida de seu corpo.

Eu olhei para trás para ver a fila, e observei as pessoas paradas em frente às geladeiras horizontais, com seus copos de isopor colorido em mãos, na dúvida de qual sabor de sorvete escolher. E foi aí que presenciei a terceira coisa que lembraria para sempre com clareza, muito embora, naquele momento, não passasse de um reles detalhe.

Em meio aos garotos sem camisa e de bermuda, e aos pais com roupa de verão, havia um homem de terno completo, com um chapéu na cabeça e luvas nas mãos. Eu achei aquilo estranho, para um dia quente como aquele. Pensei em comentar com Emília, mas sabia que meus pais falariam que eu não devia ser indiscreto.

Bem no momento em que eu reparava no homem, vi ele se aproximar do ouvido da senhora Borges e dizer algo. A senhora Borges sorriu de modo simpático e lhe deu uma casca de sorvete de menta no cone de biju.

Vai ver ele estava pedindo pelo sabor, pensei, mas mesmo sendo criança, sabia que havia algo errado. Ninguém se aproximava daquele jeito para pedir sorvete, as pessoas se aproximavam daquele jeito para contar segredos.

Eu percebi que mamãe também observava o homem com olhos calculistas até o momento em que ele deixou o recinto carregando o seu sorvete. Mas eu não deixei ele se perder de vista e segui o homem com o meu olhar até ele cruzar a rua. Então ele se virou para trás, olhou para a sorveteria e sorriu. Era um sorriso satisfeito. Um sorriso de dever cumprido. O homem jogou o sorvete no lixo, sem nem sequer ter dado uma lambida primeiro, e foi embora como se nada demais tivesse acontecido.

— Temos que voltar a tempo do jogo do Paulistão — meu pai disse, e agitou o relógio dourado no pulso que brigava por espaço entre os pelos negros do braço dele. Ele adorava futebol. Acabou que eu nunca fui muito fã. — Vai começar em meia hora.

— Termine logo o sorvete — minha mãe disse.

Eu reparei no meu sorvete. Metade dele havia escorrido pela casca de biju, lambuzando o guardanapo e sujando a mesa. Minha mãe começou a limpeza, utilizando guardanapos, e me dando uma reprimenda.

Mas eu nem me importei que ela estivesse brigando comigo. Acho que uma parte de mim só queria dar um berro. Perguntar se ninguém mais havia visto o homem estranho sussurrar no ouvido da senhora Borges, cruzar a rua, sorrir e ir embora.

Eu não disse nada. Apenas terminei o meu sorvete. Sabia que aquilo fora estranho, porém, não fora estranho o *suficiente.*

Aquele foi o meu primeiro erro.

A partir dali as coisas ficariam estranhas o suficiente.

— E foi assim que tudo começou — disse João. — Aposto que você estava esperando por um tio molestador, ou por agressão a animais. Eu

molhando a cama à noite, talvez. Mas não, tudo começou com apenas um sorvete.

— Eu não estava esperando por nada disso — disse Julia.

Ele deu de ombros, como se a opinião de Julia não fosse importante para ele.

— João, eu não entendo como isso…

— Tenha calma, doutora — ele disse, e embora pedisse calma, seu tom era impaciente. — Às vezes temos a peça-chave do quebra-cabeça nas nossas mãos e só percebemos isso muito tempo depois. Às vezes, quando já é tarde demais.

Tarde demais.

Julia fitou o relógio de plástico na parede e notou que a sessão já deveria ter terminado há quinze minutos. A porta atrás de João estava aberta, e Bruno e Antônio aguardavam com a porta já entreaberta. Eles escutavam a conversa, mas se esforçavam para fingir justamente o oposto, com Bruno contando como fora o encontro com uma mulher na noite passada.

— Bem, te vejo amanhã, João? — Julia perguntou.

— Pode apostar a sua vida que sim, doutora — disse João, se levantando.

Julia sentiu que o seu dedo doía. Ela baixou o olhar e percebeu por quê. Estivera com o polegar prestes a apertar o 'botão do pânico' durante todo o relato. Sua respiração também estava afetada. Acelerada. *Estranho,* ela pensou. João não demonstrara comportamento agressivo durante a seção. Por que apertaria o botão do pânico? *Eu não senti medo dele*, ela concluiu*, eu senti medo com ele.* Ela se desfez do botão, deixando que ele caísse no carpete de qualquer jeito. Aquilo não fazia o menor sentido.

Fazia?

Sessão 3

O Manicômio Judiciário Presidente Prudente era a maior instituição pública desse perfil em São Paulo. Só recebia pacientes com distúrbios mentais que tivessem cometido crimes ou atentado contra a própria vida. Eram ao todo setenta e oito pacientes, sendo que, desses, mais de quinze já estavam, tecnicamente falando, curados. O grande problema era que os pacientes não tinham uma família para voltar. Em poucos casos porque os parentes estavam falecidos, mas em muitos casos porque os familiares se recusavam a acolhê-los.

Se um observador olhasse para o Manicômio do alto, pensaria se tratar de uma antiga casa colonial.

O prédio tinha formato de duas letras F opostas juntas. No corredor principal havia a portaria, a diretoria, a sala da segurança onde Caio e os seis guardas do manicômio descansavam quando estavam de folga, a enfermagem, a dispensa e as quatro salas de tratamento. Três delas eram para psicólogos, e a quarta era para o psiquiatra, que receitava os medicamentos para os pacientes. Nas pontas das letras F haviam quatro alas. A primeira ala era destinada a pacientes homens que cometeram crimes violentos, e era onde João estava. Bem à frente desta ala, havia a feminina, para mulheres que também cometessem os mesmos gêneros de crimes. As duas últimas alas serviam para pacientes idosos e homens e mulheres que não tivessem cometidos crimes violentos.

Uma coisa que um observador não conseguiria dizer ao olhar aquela instalação de cima era a quantidade de refeitórios que havia ali. Eram três. Um refeitório para a equipe do manicômio, onde havia facas e garfos de metal e louça de porcelana, um refeitório para pacientes calmos, onde havia

facas e garfos e louça de plástico, e um refeitório para pacientes de risco. Lá, só havia colheres de plástico e a louça também era desse material. As áreas de convívio seguiam a mesma lógica, e também eram três. Todos esses cômodos se distribuíam no corredor principal, entre as alas.

Era um prédio antigo, com chão de cimento queimado e paredes brancas com mofo a florescer sempre que chovia. Do lado de fora, havia um belo campo com pés de maçã e jabuticaba. Havia um lago também, mas que fora drenado após um paciente ter se suicidado ali na década de noventa. Os carros ficavam de frente para a guarita, que tinha uma chancela de madeira pesada. O complexo do manicômio era tangenciado por uma cerca de metal.

Julia já estava sentada em sua cadeira, terminando anotações do paciente anterior, um rapaz que dizia se comunicar com o ET de Varginha pelo vaso sanitário, quando os enfermeiros abriram a porta do consultório. João foi em sua direção e sentou-se na cadeira com tranquilidade.

— Bom dia, doutora.

Julia notou que o inchaço no lábio dele havia diminuído, e que o olho machucado estava agora em um tom esverdeado que logo sumiria. Havia uma certa leveza nele hoje, ela notou, uma paz que não existia na maioria dos pacientes de um sanatório. Julia também notou que hoje era quarta-feira, pois o enfermeiro Bruno quebrara o protocolo e estava utilizando a camisa do Corinthians por cima do uniforme.

— Bom dia, João.

— Onde eu parei?

A pergunta pegou Julia de surpresa.

Sem grandes monólogos sobre caos e quebra-cabeças hoje então, ela pensou, fazendo um clique seco com a caneta, e disse:

— Você havia ido tomar um sorvete de flocos.

— Precisamente, doutora, precisamente — ele disse, fitando o relógio na parede. — Acho que toda criança gosta de bisbilhotar conversas de adultos…



Eu não era diferente. Gostava de saber quando alguma vizinha pulava a cerca enquanto o marido trabalhava, ou quando a filha de algum conhecido engravidava antes de ter casado. Para ouvir as "conversas de adulto", eu esperava minha mãe me colocar na cama, e quando tivesse certeza de que meus pais achavam que estava dormindo, andava pelo corredor até a beirada da escada e ficava ouvindo-os conversar lá embaixo, na sala de estar.

— Até as crianças? — meu pai perguntou, naquela noite.

— Até as crianças — sussurrou minha mãe.

— Céus… Eu não sabia que os negócios estavam tão ruins para eles. Quer dizer, eles fizeram o saldão dos sorvetes e tudo o mais.

— Ricardo! — disse minha mãe em tom de censura. — É isso que você faria se perdêssemos tudo?

— Cruzes, mulher, é claro que não! — Eu ouvi meu pai bater três vezes na madeira da mesa de centro.

—Acho bom mesmo. — Minha mãe disse e acrescentou um múrmuro mal-humorado. Estava cruzando os braços, eu tinha certeza.

Meu pai se ergueu do sofá, ao menos foi o que eu pensei, pois ouvi as molas rangerem, e imediatamente subi as escadas com destreza, tentando não fazer nenhum barulho.

Toda aquela conversa não tinha feito o menor sentido para mim, e continuaria assim, se não fosse pelo Tadeu. Ele era um garoto da escola, do mesmo ano que eu, e sempre era ele quem conseguia os artigos proibidos. É

claro que isso se devia em grande parte ao irmão mais velho dele. Ah, eu frequentava uma das melhores escolas de Campinas. Chamava Padre Eustáquio. Mas de santo os alunos não tinham nada.

Uma vez Tadeu trouxe uma *playboy* antiga na sua mochila, as páginas amassadas, e os garotos foram para o banheiro no intervalo. Ele deixou que todos nós déssemos uma espiada, e acho que foi vendo aquela loira de pernas arreganhadas que eu tive a minha primeira ereção. Mas a alegria durou pouco, pois alguns garotos mais velhos entraram no banheiro e pegaram a revista de Tadeu e nunca mais devolveram.

Mas isso tinha sido meses atrás — séculos, na escala de tempo das crianças — e naquela semana Tadeu tinha algo melhor. Ele passou um bilhete na aula de história dizendo que queria uma reunião secreta no banheiro na hora do intervalo. Imediatamente pensei que ele tinha conseguido outra revista pornográfica e me animei.

Você não pode imaginar o tamanho da minha decepção quando me deparei com um reles jornal ao entrar no banheiro. Aquilo era coisa que meu pai lia no café da manhã. O que poderia ter de tão interessante?

Carlos, outro membro do nosso pequeno grupo de pré-adolescentes tarados, estava com a página aberta e eu me aproximei para espiar por sobre o obro dele, o que era uma tarefa ardilosa, considerando que ele tinha cinco centímetros e trinta quilos a mais que eu.

— É mentira! — disse Carlos, antes mesmo que eu conseguisse ler qualquer coisa.

— Mentira? — repetiu Tadeu com uma voz esganiçada. — Tá no jornal! — Ele tentou pegar a página do jornal, mas Carlos deu um puxão. Tadeu também ficava pequeno perto de Carlos. Todos ficávamos.

Carlos abriu o jornal, as mãos gordas dele puxando as beiradas como se estivesse com raiva, ou medo, e eu finalmente li a matéria:

MORTE DA FAMÍLIA BORGES DEIXA MORADORES SEM REAÇÃO

Na noite do último sábado (18), foram encontrados os corpos da Família Borges dentro da sorveteria Spumoni, que era gerenciada por Erivaldo Borges, pai da família. O IML ainda não disponibilizou o laudo oficial, mas uma fonte particular dentro da polícia diz que a principal teoria é de envenenamento por estricnina, substância altamente tóxica usada para controle de roedores. A fonte ainda afirma que Roberta Borges, a mãe, teria sido a executora da família e teria deixado uma carta explicando-se. Era de conhecimento público que o negócio dos Borges ia de mal a pior desde… (pág. 8).

Na página oito havia uma foto. Era a foto da mesma sorveteria em que eu estivera com a minha família semanas atrás, mas agora ele tinha um ar decadente, talvez pela foto ser em preto e branco, e havia0m faixas da polícia em volta da porta. E também havia o nome de todos os mortos. Eram quatro no total: Erivaldo, o pai. Roberta, a mãe e possível assassina. Flávio, um garoto dois anos mais velho que eu, e que eu via no recreio às vezes, e duas gêmeas da sala da Emília.

Eu tentei segurar o jornal, mas Carlos não deixou.

— Você acha que eles estão lá? — Rodolfo perguntou. Eu nem sequer o vi entrar no banheiro, de tão focado que estava no jornal. Rodolfo era o último membro do nosso quarteto. Assim como Carlos era o obeso e Tadeu era quem conseguia os artigos ilícitos, Rodolfo era o lobo em pele de cordeiro. Usava uns óculos fundo de garrafa e tinha a maior pinta de CDF, mas era uma verdadeira peste endiabrada. E eu? Bem, acho que nunca tive nada de especial. Ou vai ver que, como media a estranheza dos outros com a minha régua, não havia espaço para minhas peculiaridades.

Eu o observei, perdendo o interesse na manchete.

— Como assim? — logo perguntei.

— O corpo do senhor Borges — ele disse, os óculos ensebados de salgadinho —, e do resto da família… Será que ainda estão na sorveteria?

— Não seja estúpido! — disse Carlos.

— Pode ser — disse Tadeu, dando de ombros.

Eu observei o banheiro vazio, exceto pela nossa presença. De repente eu desejei que os garotos mais velhos entrassem, pegassem o jornal como haviam feito com a revista Playboy na outra vez, nos dado uns cascudos e rido de nós. Isso me faria sentir um imbecil, e me sentir um imbecil era exatamente o que eu estava precisando. Aquela conversa me dava calafrios.

— Só tem um jeito de descobrir — disse Rodolfo, soturno. Aquela peste endiabrada tinha um sorriso nos lábios digno do Charles Manson.

— Não tem ninguém lá! — eu gritei. Tive vontade de ir embora, mas sabia que os garotos iriam caçoar de mim se eu o fizesse.

— Tá com medo, João? — perguntou Carlos.

Claro, ele estava dizendo a um segundo atrás que a ideia era estúpida, mas bastou surgir uma brecha, uma oportunidade de nada para caçoar de alguém, que ele se aproveitou.

— Claro que não — eu disse com a voz firme. — Você está?

Carlos bufou, estufando o peito, como se nada no mundo o fizesse ter medo. O cabelo no corte de meia tigela não impunha lá muito respeito, mas o tamanho dele compensava.

— Por que os corpos ainda estariam lá? — perguntei.

— Ora, eles eram pobres — disse Tadeu. — Vai ver, ninguém quis pagar o enterro.

— Vamos lá? — sugeriu Rodolfo, limpando os óculos ensebados na camisa suja. O resultado foi pior do que antes. — Depois da aula. Só uma espiada.

— Fazer o que lá? — eu perguntei.

Carlos dobrou o jornal com cuidado, como se fosse uma relíquia indígena, e entregou para Tadeu.

— Sei lá… Apenas olhar? — sugeriu Rodolfo, nosso pequeno Charles Manson. O lobo na pele de cordeiro. — Vai ser divertido. Ver essas faixas amarelas da polícia, como nos filmes.

Ver as faixas poderia ser legal. Mas a ideia geral me dava arrepios na espinha.— Acho que o João está com medo… — disse Tadeu. — De que a senhora Borges passe um braço no ombro dele… — Nesse instante, Carlos me tocou de leve nas costas.

Eu dei um pulo involuntário.

Os garotos caíram na risada, Carlos com a barriga curvada, as pernas cruzadas para não fazer xixi nas calças…

— João, o tempo da nossa sessão acabou — disse Julia.

João piscou duro. Interrompê-lo foi quase que o mesmo de retirá-lo de um transe. Ele fitou a doutora, como se tivesse esquecido de que ela estava ali.

— Achei que você ia querer ouvir o fim da história — ele disse.

— E vou — disse Julia, percebendo a decepção no rosto dele. — Só que terei de esperar até amanhã para isso.

João se levantou. Os enfermeiros já esperavam atrás da porta aberta.

— João…

— Sim, doutora.

— Uma última coisa… A família realmente se matou?

— Sim, era veneno de rato. Ele estava misturado no suco do almoço.

— E vocês realmente foram até a sorveteria? — ela perguntou, girando a caneta entre os dedos de modo nervoso.

— Achei que você havia dito que o tempo da consulta se esgotara — disse João. — Nos vemos amanhã, doutora.

Julia meneou a cabeça, vendo João ir embora. Amanhã ela ouviria o resto da história, e através da voz dele ela entraria naquela sorveteria. Em um mundo meio lembrança e meio sonho, talvez ela conhecesse os caçadores, afinal.

Sessão 4

Julia estava compilando as suas impressões sobre João, enquanto ele não chegava. A cadeira da sua sala era desconfortável e ficar sentada nela por horas a fio, enquanto conduzia suas consultas ou revisava suas anotações, era desconfortável. As vezes ela se sentava na sala de descanso, junto aos enfermeiros e médicos, pois lá havia um espaçoso sofá e uma garrafa de café coado que a dona Marluce fazia. Mas hoje o lugar estava barulhento, como acontecia, às vezes, quando não tinha nada saindo do controle do Manicômio Judiciário Presidente Prudente, e os funcionários se permitiam um pouco de descanso e conversa.

A verdade é que João a intrigava. Normalmente, pessoas com problemas mentais tinham dificuldade em sustentar uma narrativa, principalmente uma cheia de detalhes com a de João. As incoerências e absurdos apareciam rapidamente, e quando Julia apontava-os para os pacientes, indagando por uma explicação mais profunda, eles normalmente perdiam o bom humor. Sentiam-se encurralados. Às vezes até agressivos.

Mas João era diferente. A família, a sorveteria em promoção, o vestido da irmã… havia uma máxima sobre as mentiras, *mantenha-as simples*, e isso era tudo que João não fazia. Sua história era rica em detalhes. Era… verdadeira.

Mas as inconsistências irão surgir. Elas sempre surgem. Lembrou-se Julia. *E existe outra máxima sobre contar mentiras, dilua uma mentira no meio de outras verdades, e ela passará despercebida. É por isso que a história de João parece verdadeira, porque a maior parte dela é. A família, o sorvete, os amigos no banheiro. Mas no meio de tudo isso, existe o homem misterioso, com luvas em uma tarde de verão. E eu aceitei esse fato*

absurdo, apenas porque ele veio acompanhado de outros tantos fatos triviais.

João entrou na sala, acompanhado dos enfermeiros Antônio e Bruno. Vestia o costumeiro traje branco, e calçava um par de iates branco-encardidos. Cadarços podiam ser algo perigoso em um hospício. Pessoas se enforcavam com eles.

— Bom dia, João.

João apenas meneou a cabeça, e sentou-se na cadeira, esticando as costas.

— Como estamos hoje?

Mais silêncio. O sol que atingia o lado de fora do prédio irradiava até eles em ondas caudalosas, como se estivessem em um forno. Julia prendeu seu cabelo, deixando a sua nuca respirar um pouco.

— Você ia me contar se foi ou não na sorveteria da família Borges — ela disse, deixando as anotações de lado e o observando. Toda sua atenção estava em João agora.

— O nome do lugar era Spumoni. Deveria ter te falado isso antes, eu acho. Se me perguntar, eu acho esse nome horrível, e não me surpreenderia se fosse essa a razão deles terem falido.



É claro que eu fui na sorveteria, assim como Tadeu, Rodolfo e Carlos. Quando se tem onze anos, a masculinidade é um negócio frágil.

Eu disse para os meus pais que iria levar o Brutus para brincar com os meninos depois da aula. Claro, minha mãe nem suspeitou. Se ela tivesse reparado que eu quase não tinha almoçado nada, pois eu estava com medo, e o sentimento havia preenchido todo o meu estômago, ela saberia que eu

estava aprontando algo. Mas ela não reparou, ou se reparou, decidiu não se importar.

O fato é que eu peguei Brutus, e nós fomos caminhando lado a lado. Naquela época cachorros não precisavam andar de focinheiras, nem de coleiras. Olhando em retrospecto, parece que até os animais ficaram mais violentos com o passar dos anos, assim como a sociedade como um todo. Brutus era um bom cachorro. Não tinha raça, mas pedigree também se tornou algo supervalorizado com o tempo. Ele era um vira-lata. Tinha um focinho comprido, olhos cor de caramelo, e pelo castanho e preto… era lindo, e o fato de ser um vira-lata o tornava único. Era inteligente também, e sabia seu lugar. Não entrava em casa quando meus pais estavam, mas ficava arranhando a porta de madeira com a pata me chamando para brincar sempre que eu estava sozinho. Sabia pegar a bola e brincar de pega-pega… mas acho que eu estou divergindo da história aqui. Bem, o fato é que eu gostava do danado.

Eu fui o último a chegar na sorveteria, embora esperasse ser o único, assim ninguém poderia me chamar de covarde, e todos ignorariam o assunto, como se ele nunca tivesse acontecido.

Os três estavam parados na esquina do outro lado da rua, perto da lixeira onde o homem com roupas de inverno havia jogado fora o seu sorvete. Eu pensei em espiar dentro da lixeira, talvez o sorvete ainda estivesse lá dentro, mesmo tendo se passado semanas. Naquele dia quente, com o suor me escorrendo pelas costas, eu imaginei-o ainda dentro da lixeira, pulsando, a bola de sorvete derretida indo para cima e para baixo, respirando… mas eu sabia que aquilo era loucura.

— Olha lá! — disse Carlos. — Achei que não vinha mais! Já estávamos quase entrando.

Todos, incluindo eu, estavam sem as roupas do colégio Padre Eustáquio. O nosso uniforme era uma camisa branca com as mangas verdes e bermuda verde também. A gente ficou com medo de que algum adulto nos reconhecesse por causa das roupas. Eu usava uma daquelas calças bermudas, em que é só puxar o zíper que a parte debaixo sai, sabe? Usava meu all-star também. Era meu tênis favorito. Preto e de tecido. E uma camisa xadrez também.

Rodolfo, o falso nerd, usava uma calça branca e uma camisa igualmente branca. Parecia que estava pronto para a virada do ano. Carlos usava um conjuntinho jeans, e a jaqueta já estava ficando apertada em seu corpo que ficava maior e mais rechonchudo com o passar do tempo. Ele estava chupando um daqueles pirulitos, em que você o coloca em um pó que arde e estala no céu da boca. Diploko! era o nome, acho que não fabricam mais. E Tadeu usava calça jeans e uma camisa do Legião Urbana, com a letra de Pais e Filhos nas costas.

— Minha mãe fez eu arrumar meu quarto. — Era uma mentira, eu estava mesmo era me borrando de medo.

Tadeu colou os joelhos no chão e acariciou Brutus embaixo do pescoço. Ele sorriu, estreitando os olhos cor de caramelo, ao receber a carícia, e lambeu a cara do Renato Russo na camisa.

— Como você acaricia essa esponja de aço? — disse Rodolfo. O pelo de Brutus era curto e um pouco duro. Após a provocação, Rodolfo também se inclinou para acariciá-lo. Eu fingi não ouvir a provocação. Estava focado com o que nos aguardava ao cruzar a rua.

Lá, do outro lado da rua, jazia a soverteria Spumoni. As faixas amarelas estavam lá, trançadas em frente à porta e nas janelas. Em letras negras e negritadas estava escrito NÃO ULTRAPASSE – CENA POLICIAL. Estava tudo idêntico à foto do jornal, e isso me desagradou. Se

o lugar já estivesse diferente, ao menos um *pouco* diferente, eu teria mais esperanças de que não haveria nada para nós lá dentro.

Mas o fato é que havia. Nós encontraríamos a morte lá dentro. Apenas não do jeito que imaginávamos.

Eram poucos pedestres caminhando na rua, carros, menos ainda. Havia poucos prédios e casas naquela rua. A maioria eram terrenos baldios ainda, e não era raro ver um cavalo pastando por ali.

Atravessamos a rua, e, embora todos aparentassem ter coragem em excesso, ninguém estava com muita pressa de chegar ao outro lado.

— Eu ouvi os garotos mais velhos conversando no ônibus — disse Carlos, assim que paramos na frente da porta.

— Que garotos? — perguntei.

— Vários. Rodrigo. Thiago. Aquele cara de tatuagem no cotovelo. Eles estavam dizendo que a senhora Borges colocou os corpos dos filhos no freezer horizontal que ficava nos fundos da loja. Disseram que ela se arrependeu de ter matados eles, e que queria conservá-los.

— Será que ela ia servir os filhos que nem bola de sorvete? — perguntou Rodolfo.

Nós rimos. Era mais uma risada escapista, de alívio, do que da piada propriamente dita.

Então eu percebi — na verdade, acho que todos percebemos — que estávamos conversando ali, parados alguns passos longe da porta, porque não queríamos realmente entrar.

— Provavelmente não tem mais nada lá dentro… — eu disse, como quem não quer nada.

— Isso mesmo — disse Tadeu. — E a porta deve estar trancada. Nós já viemos até aqui, afinal. Fomos corajosos, certo?

— Mas não corajosos o suficiente para entrar? — provocou Rodolfo.

— Nada disso! Só estou com vontade de jogar bola. Vocês não? — perguntei. — E vai que algum adulto vê a gente. Podemos nos encrencar.

Se Brutus estivesse de coleira, todos os próximos eventos poderiam ser evitados. O meu cachorro bateu com o focinho contra a porta e ela se abriu com facilidade, e ele adentrou a sorveteria abandonada.

— Brutus!

Ele ignorou o meu grito. Provavelmente fora atraído pelo odor de sorvete e outros restos de alimento que estavam impregnados no lugar.

— Porra! — gritei com mau humor, e fui atrás de Brutus. Queria pegá-lo antes que ele se escondesse em algum lugar e eu tivesse que revirar a sorveteria de cabeça para baixo.

Curvei-me para passar embaixo da fita da polícia e entrei na sorveteria, mas Brutus já havia sumido de vista.

O salão estava escuro. A única fonte de luz vinha das janelas ensebadas e repletas de fitas policiais. Havia um odor pungente também. Deveria fazer um bom tempo que ninguém abria o lugar para tomar vento ou sol e me senti adentrando uma caverna antiga. Mais que isso, me senti dentro de um templo em ruínas. Baratas caminhavam silenciosas no chão e paredes, e minha presença não pareceu incomodá-las. Meus passos ecoavam pelo salão fazendo de mim um gigante.

Rodolfo e Tadeu entraram logo atrás de mim, aos tropeços. Virei-me para encará-los. Uma brisa fria entrava pela fresta da porta. O que era estranho… estava suando bicas a um segundo atrás do lado de fora. Pela fresta da porta eu consegui ver Carlos correndo para o outro lado da rua, para a segurança da lixeira e dos metros de distância.

— Cagão! — berrou Tadeu, e nós rimos. — Carlos bundão!

Carlos deu uma última lambida no pirulito, então o jogou em direção à lixeira e foi embora, sem dizer mais nada. Lembro que ele tinha os olhos

esbugalhados e as suas bochechas gordas e coradas, ficaram brancas.

Fomos acometidos por um ataque de euforia. Estávamos lá dentro! Aquela era uma história que contaríamos para todos na escola. Contaríamos para os amigos e inimigos, para nossas futuras namoradas e filhos. Apenas para os pais que não, é claro. Os três violadores da cena de um crime.

— Brutus! — berrei novamente, colocando as mãos em concha sobre os lábios. Queria gritar e falar baixo ao mesmo tempo. Tinha medo de que alguém passando a pé do lado de fora pudesse me escutar.

— Relaxa! — disse Rodolfo, dando tapas fortes nas minhas costas. — Brutus não vai ir muito longe. Deve estar comendo as jujubinhas do estoque. Ele vai voltar logo, logo.

— Isso aí — disse Tadeu. — Vamos aproveitar o momento.

Rodolfo pulou o balcão de atendimento e caiu do outro lado com um baque estapafúrdio. Cada som naquele ambiente soava como um tiro de canhão. Os óculos haviam caído no chão, mas não haviam se partido.

Eu me sentei na mesma cadeira que estive na última vez, com papai e mamãe, tomando sorvete e observando a fila de pessoas no sol. Só que agora com as fitas de polícia eu não conseguia ver nada direito.

Girei no banco e vi Rodolfo retornar do balcão com um sorriso triunfante no rosto e uma lata metálica na mão. Sua roupa branca agora estava cinza e marrom, de poeira e sujeira. Sua mãe iria matá-lo mais tarde.

— O que é isso? — Tadeu perguntou.

Mas assim que Rodolfo chacoalhou a garrafa eu soube. Havia uma gravura de uma taça com morangos, e com chantili por cima, na garrafa.

— Quem quer? — ele perguntou, então abriu a boca e apertou a trava de plástico, deixando que o chantili inundasse a sua boca.

Eu e Tadeu nos acotovelamos para pegar um pouco, mas ele acabou indo primeiro.

Quando chegou a minha vez, eu apenas abri a boca e Tadeu apertou o botão. O chantili se expandiu com rapidez, preenchendo as minhas bochechas e garganta. Tinha o gosto doce de açúcar, e também estava muito fresco, embora não totalmente gelado. Tadeu continuou apertando o botão até que o chantili sujasse meu nariz e meu queixo. Foi quando eu recuei, quase sufocando, e engoli tudo de uma vez. Em seguida, lambi meu rosto até onde podia, e limpei o resto na manga da camisa.

Foi a vez de Rodolfo de novo, e nós nos revezamos até que a lata acabasse.

— Estou com dor de barriga — disse Tadeu.

— Será que conseguimos encontrar algum sorvete aqui? — disse Rodolfo, observando o salão com seu olhar investigativo.

— Brutus! — gritei de repente. Havia me esquecido dele.

Imediatamente comecei a torcer o pescoço nos mais diversos ângulos, na esperança vã de que o encontraria deitado a alguns metros de mim, tirando um cochilo.

— Precisamos achá-lo! — eu disse.

— Onde será que ele se enfiou? — disse Tadeu.

Andamos de gatinhas por entre as mesas do salão empoeirado, a procura dele, mas tudo que consegui foi um par de palmas pretas e quase pôs a mão em uma barata.

— Ele também não está no banheiro — disse Rodolfo, voltando do cômodo que ficava no canto do salão.

Nós nos olhamos, e então olhamos para a porta que dava para a cozinha. Imediatamente eu pensei na história do freezer que Carlos nos contara, dos corpos dos filhos dos Borges. E se fosse verdade?

Eu me aproximei da porta entreaberta da cozinha e sussurrei, como se houvesse alguém ali que pudesse me ouvir:

— Brutus. Vem, garoto, vem.

Eu não podia vê-lo, mas conseguia ouvir a sua respiração afetada.

Empurrei a porta um pouco, e vi um cômodo da sorveteria nunca antes explorado por mim. Havia uma pia de mármore gigantesca que ia de parede a parede. Embaixo dela havia algumas caixas de refrigerante fechadas, e Brutus enfiava o seu pescoço no meio delas, tentando pegar algo.

Tadeu se aproximou de mim, para ver o que se passava, e com ele do meu lado finalmente tive coragem de entrar no cômodo.

— Ora, ora… — disse Tadeu, e deu um assovio.

Eu me virei para trás e vi que também havia um pedaço do cômodo do outro lado da porta. E nele havia um freezer horizontal branco. O motor ainda trabalha, mesmo que em ritmo lento.

— Será que Carlos disse a verdade? — perguntou Rodolfo, se aproximando.

— Carlos é um mentiroso — eu disse. — É um bundão, ele não teve nem coragem de entrar.

Rodolfo passou os dedos por cima do freezer fechado, como se analisasse a textura do objeto.

— Mas vocês não querem ver com os próprios olhos? — ele perguntou.

Não, eu pensei.

— Não há nada para ser visto — eu disse.

Mesmo assim, Tadeu se aproximou, também encostando os dedos no freezer.

Eu percebi a intenção deles e, embora não tivesse a menor vontade de fazer parte, sabia que não conseguiria dissuadi-los.

Os dois seguraram firme na porta do freezer horizontal e o abriram.

Da distância que eu estava, não conseguia enxergar o que havia dentro do freezer. Os meus amigos também estavam de costas para mim, e por isso não conseguia ver se as suas expressões eram de alívio ou de pavor.

Por um instante, tudo que havia era o som de plástico sendo rasgado e da respiração pesada de Brutus atrás de mim.

Então eles começaram a se afastar do freezer, não se virando para mim, mas recuando de costas, como se não quisessem dar as costas para o que quer que houvesse lá dentro.

— Ai meu deus, ai meu deus — disse Rodolfo, a voz trêmula.

Havia algo lá dentro. Eu não sabia, mas sentia. Mas sentir não bastava, e eu vi meus pés se aproximarem do freezer aberto, enquanto meus amigos se afastavam.

Conforme me aproximava, a parte lateral do freezer ia ficando exposta e eu me preparava para o que deveria haver no fundo dele. Imaginei os três filhos da senhora Borges dispostos ali, lado a lado, todos com o pescoço roxo e os olhos mortos, as partes do corpo inchadas e se preparando para a decomposição iminente, inclusive o corpo de Flávio, que frequentava a mesma escola que eu, e que me acenava às vezes, quando pegávamos o mesmo ônibus.

— Não olha! — berrou Rodolfo. — Não olha!

Mas eu olhei. Era mais forte do que eu. A curiosidade dominando o medo.

Não havia nada.

Apenas o fundo metálico e limpo do freezer.

Imediatamente, os garotos caíram na gargalhada. Rodolfo batia as palmas da mão contra a parede com força, e parecia prestes a se urinar nas calças. Tadeu caiu de costas, com as mãos contra a barriga, em um acesso de riso.

Alívio. Raiva. Graça. Pavor.

Essa foi a ordem dos sentimentos.

Alívio pelo freezer estar vazio. Raiva por ter sido enganado pelos meus amigos. Graça porque a piada havia sido realmente muito boa, e nós iríamos rir dela por um bom tempo.

E então, o pavor.

Assim que Tadeu caiu no chão, Brutus se virou, assustado. Havia algo estranho em seus lábios, que escorria pelo seu pelo dourado. Era um líquido preto, poderia ser apenas Coca-Cola, mas era viscoso demais para isso. Se assemelhava a piche. Fosse o que fosse, era daquilo que Brutus estivera atrás enquanto fuçava nas mercadorias abaixo da pia de mármore.

Ele se aproximou de Tadeu, que ainda ria, agora com os olhos fechados e os lábios abertos, e cravou seus dentes pontudos e amarelos no pescoço macio do garoto.

Tadeu tentou se debater, rolar de lado, mas Brutus manteve a mordida firme, e então começou a balançar a cabeça de um lado para o outro com violência, chacoalhando o corpo semivivo de Tadeu.

Rodolfo não mais ria, e sim corria para fora da cozinha.

— Para, Brutus! — eu disse, mas ele não parecia me escutar. Seus olhos vidrados estavam concentrados apenas em uma coisa: matar.

Procurei por algo para arremessar em direção ao meu cachorro, enquanto via o corpo de Tadeu se mover como um peixe fora d'água.

— Para, Brutus! Para! Vou te pôr de castigo, vou te pôr de… O corpo de Tadeu parou de se mexer. Os olhos dele eram vagos. Faltava-lhe um pedaço do pescoço. A mordida não parecia a de um cachorro, mas a de um urso. Sangue jorrava da ferida em golfadas, se espalhando pelo chão e manchando o rosto de Renato Russo.

Brutus então urinou rapidamente no cadáver, como se para reforçar sua dominância naquele ambiente, e seus olhos vidrados recaíram sobre mim.

Eu subi dentro de freezer, pois ele era um abrigo mais rápido do que correr, e fiquei ali, em pânico. Brutus se aproximou de mim, os olhos cor de caramelo haviam mudado, não eram mais os do cachorro que eu conhecia, tinham a ferocidade de uma besta assassina. O seu focinho estava contraído e os dentes à mostra, e deles pingava uma mistura de sangue, pele, pelos e o líquido preto e viscoso. As patas estavam sujas do sangue de Tadeu, e deixavam um rastro rubro nos azulejos brancos da cozinha enquanto ele caminhava em minha direção.

Tentei dizer algo, dar uma ordem ao meu cachorro, mas nada saiu da minha garganta.

Brutus latiu em minha direção e então veio para cima de mim.

Tudo que eu conseguia fazer foi fechar a tampa do freezer acima de mim. Então veio um baque surdo, do corpo de Brutus se chocando contra o freezer. Ele repetiu a tentativa mais duas vezes e então parou.

Foi quando eu fiz xixi nas calças.



— Como você fez para sair do freezer? — Julia perguntou.

— Eu não fiz — João respondeu, dando de ombros. — Apenas esperei. Rodolfo saiu correndo e foi até um posto de gasolina. Ele pediu ajuda lá. Os frentistas do posto vieram e me ajudaram a sair do freezer.

— E Tadeu estava…

— Sim, morto — respondeu João.

— E Brutus?

João deu uma risada seca.

— Ele não estava na sorveteria quando os frentistas me resgataram do freezer. Uma parte de mim achava que nunca mais o veria. Que ele havia surtado e viraria um cachorro de rua, atacando pedestres vez ou outra. Entretanto, quando cheguei em casa ele já estava lá. Mas isso não foi a parte mais incrível.

João esfregou as têmporas com as duas mãos. Lágrimas ameaçavam cair de seus olhos.

— Eram os olhos, sabe… — João deu uma fungada. — Eles tinham voltado ao normal. Era apenas o velho Brutus de sempre. Como se nada tivesse acontecido.

— Sabe, cachorros não conseguem guardar memórias por mais de…

— Não me venha com sua lengalenga científica de merda, doutora. Eu sei o que eu vi. O cachorro na sorveteria não era o *meu*. Algo havia tomado conta dele, o tirado do seu estado de espírito.

— Brutus nunca havia tido um surto antes?

— Não.

— E depois?

João encarou Julia com olhos marejados.

— Não houve depois. Meu pai matou Brutus tão logo eu terminei de contar a história para ele e os policiais.

João se levantou, e Julia temeu que ele fosse fazer algo imprevisível, dado seu estado de espírito.

— Que tal encerrarmos a sessão por hoje, doutora? — perguntou João, com uma voz exausta.

— Está bem, João — ela disse, observando a silhueta magra e curvada dele. — Nos vemos amanhã.

-

Sessão 5

Julia caminhava pelo jardim do Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Usava uma saia cinza e uma blusa branca. O cabelo em corte chanel estava preso por uma presilha. O dia estava quente, embora ainda fossem nove horas da manhã.

Ela pegou uma jabuticaba do pé e a comeu. O fruto explodiu em sua boca, revelando seu interior líquido e doce. Estava observando César. Era ele quem conduzia as intervenções assistidas por cães. Os animais se chamavam Pingo, um Pastor-australiano malhado, e Bethoven, um Boiadeiro de Berna de pelo majoritariamente preto, mas que tinha o peito branco e as patas castanho-claras.

Os animais eram uma boa alavanca de tratamento interdisciplinar. A maioria dos pacientes tinham cachorros nos lares que abandonaram para serem internados no manicômio e os cães lhe remetiam ao lar. Traziam emoção. Afinal, quem não amava um cachorro? E Pingo e Bethoven eram dois animais extremamente dóceis e treinados. Os pacientes acabavam se abrindo com César, naquelas seções, por não o considerarem um médico propriamente dito. Semanalmente, os psicólogos enviavam relatórios para ele, para que pontos fossem aprofundados nas intervenções assistidas. E se César obtivesse sucesso, preencheria um relatório sobre o paciente também.

João estava naquela sessão, junto a mais outros quatro pacientes. Todos do doutor Souza, que se recuperava dos ferimentos causados por João em sua casa, e que agora Julia e os demais psicólogos tratavam também. João estava longe dos cachorros, observando o lago drenado do manicômio. Parecia imerso em suas lembranças. Remoendo pontos do passado.

Raul, um homem que dizia ser o próprio Raul Seixas, e que vivia cantando as músicas do autor, brincava com Pingo, arremessando a bola para ele ir buscar. Ironicamente, o nome dele era realmente Raul, mas o sobrenome era Pinto. Julia o tratava também, e quando perguntara por que não estava escrito Seixas em seu RG, ele dissera que nascera Raul Pinto, mas que não queria sua carreira associada a um pênis, e que sua relação de amor e ódio com seu sobrenome e seu órgão genital estava explicada na canção *meu amigo Pedro. "*Muitas vezes, Pedro, você fala. Sempre a se queixar da solidão." Falava sobre o pau dele reclamando da sua fase de baixa frequência sexual. "Quando quer chorar vai ao banheiro", era sobre seu pau mijando. "Eu penso em você, meu pobre amigo. Que só usa sempre o mesmo terno", era sobre ele ter que usar camisinha. E o refrão, claro "Pedro, onde 'cê vai eu também vou" era sobre o fato do seu pau nunca tê-lo abandonado. *Ao contrário do Paulo, claro,* dizia Raul Pinto, *ele que me internou aqui, porque eu não quis atualizar meu contrato com o diabo.* Na verdade, Raul Pinto fora internado porque matara a vizinha com uma guitarra após sucessivas reclamações da mesma por conta de barulho à noite, mas isso era algo que Raul não estava disposto a admitir.

Rodrigo, a quem Julia também tratava, e que dizia se comunicar com o ET de varginha pelo vaso sanitário, também estava na seção, e acariciava a barriga de Bethoven, ao lado de Clóvis e Getúlio, dois outros internos. Rodrigo tentara suicídio após ter ouvido a ordem do ET de varginha através do seu vaso sanitário. Ele quebrara a porcelana e cortara os pulsos. Estava internado desde então.

De Clóvis e Getúlio, Julia não cuidava do tratamento, mas sabia que Clóvis tinha uma compulsão por comer pedras e precisava de constante supervisão e que fora internado após estar com o intestino parado. Os médicos tiraram mais de um quilo de pequenas pedras de dentro dele. Já

Getúlio, via a face da falecida esposa em outras mulheres. Quando as mulheres sentiam medo e se afastavam, ele se tornava violento. Chegara a cortar o rosto de uma mulher com uma navalha antes de ser internado.

Raul jogou a bola verde um pouco mais longe, e ela parou perto de João. Ele a observou como se fosse um objeto estranho, algo que estava perturbando sua imersão cognitiva. Se agachou e pegou a bola.

Pingo se aproximou dele, abanando o rabo de modo eufórico, e latiu quando viu que João não estava lhe dando atenção nem lhe arremessando a bola.

Julia observou, meio oculta pela árvore, com curiosidade a cena. Será que João arremessaria a bola? Faria carinho na barriga do cão?

Mesmo a distância, ela conseguiu ver a mancha escura que se formava na calça branca de João. César chamou por Pingo, que retornou até ele imediatamente, deixando João sozinho, ainda parado de pé, a bola comprimida entre os dedos, e a urina a descer pela calça.

— Bisbilhotando a vida alheia? — A voz de Caio, o chefe da segurança, a pegou de surpresa. Ele tinha um cabelo penteado de lado, que tentava ocultar a sua careca. Trazia um cassetete na cintura e sempre usava um perfume forte que irritava o nariz de Julia.

— De forma alguma — ela disse, e então levou mais uma jabuticaba à boca. Essa estava azeda. — Apenas fazendo um segundo café da manhã.

— Acho todo esse negócio de cachorro uma bobagem — Caio disse, apontando para João, que ainda estava de pé, com a urina a secar no sol. César estava ao lado dele, conversando e tentando acalmá-lo. — Antigamente, o tratamento eram dois choques por semana. Aposto que não existia superlotação nos manicômios. O tratamento era bem mais rápido.

Claro, Julia pensou*, porque os pacientes morriam.*

— Acho que vou entrando — disse Julia, forçando um sorriso em direção a Caio.

Ela adentrou o prédio, sentindo a sombra fria de lá de dentro, e foi até a sua sala, se preparar para as sessões do dia.



César viera falar com ela antes da sessão de João. Disse que não quisera se abrir com ele, e que simplesmente pedira para não participar mais das intervenções assistidas. Também havia sugerido que os animais tivessem focinheiras, para o caso de tentarem machucar alguém.

Alguns minutos depois, João entrou, acompanhado de Bruno e Antônio.

Estava de banho tomado, mas ainda havia um leve odor de urina nele. Ele se sentou e ficou com a postura arqueada, parecendo o corcunda de Notre-Dame.

— Está tudo bem, João?

Ele aquiesceu.

— Como foi o seu dia?

— Fui almoçar no shopping e aproveitei para patinar no gelo. Como você acha que foi o meu dia? É sempre a mesma rotina de merda nesse lugar.

Julia sentiu que ele estava à beira de um ataque de fúria, mas ao invés de recuar, optou por colocar as cartas na mesa.

— Me conte mais sobre a morte de Brutus.

João a observou em silêncio por um momento, como se sentisse raiva dela, como se a pergunta o desafiasse. Sua postura se desestruturou mais ainda na cadeira e ele repuxou a bochecha. Então, finalmente, disse:

— Eu não vi meu pai fazê-lo, mas ouvi o barulho, mesmo com a cabeça enterrada debaixo do travesseiro.

— E como isso o fez se sentir?

João contraiu o rosto. Ele não parecia confortável com o assunto.

— Como falar de um cachorro morto pode ajudar? — ele perguntou, cruzando os braços.

— João, falar dos sentimentos é algo importante.

— Por quê?

Ele encarou Julia com seus olhos cansados e opacos.

Julia se ajeitou na poltrona, incomodada com o tom desafiador de seu paciente.

Por que pode te ajudar a entender, ela pensou, *de onde surgiram os traumas que geraram a sua instabilidade emocional*. Mas sabia que aquela resposta seria um tiro pela culatra. Seria admitir tudo o que João estava tentando evitar. Seria afirmar que ela estava ali com o único propósito de fazê-lo entender a sua loucura.

— Para que eu possa te conhecer melhor.

Ele descruzou os braços.

— Eu me senti triste. Como mais eu deveria me sentir? Era o meu cachorro, porra! Nenhuma criança sonha com o dia em que seu pai vai matar seu animal de estimação a sangue frio.

Punhos cerrados. Postura desalinhada. Olhos evasivos. João se fechara novamente.

— E como o ocorrido o fez se sentir em relação ao seu pai? — Ela apoiou o queixo na mão direita, observando-o com atenção.

— Isso não importa.

— Claro que importa, João. Você mesmo disse, estamos montando um quebra-cabeças, precisamos de todas as peças.

Ele deu uma risada seca. Encarou o relógio na parede, como se contasse os minutos para a sessão terminar.

— Nós não precisamos de todas as peças, doutora. Vai querer ouvir toda vez que eu caguei também? Existem peças que são fundamentais, e peças que não servem para nada! Como uma peça que forma uma nuvem sonsa e nada mais.

Julia permaneceu calada. Ponderava sobre a melhor abordagem a seguir. Estava evoluindo nas sessões com João, não queria perder isso, mas, por outro lado, não podia recuar toda vez que um assunto que o desagradasse aparecesse.

— Eu o odiei — disse João, rompendo a longa pausa. — Eu o odiei com todas as minhas forças. Enquanto eu tentava dormir naquela noite, rolando da cama de um lado para o outro, eu planejava um jeito de fugir de casa.

É por isso que você queimou tudo, não foi? Pensou Julia, fitando a prancheta em seu colo. Ela sabia qual era o próximo evento que aconteceria na vida de João. Ele podia achar que era um grande maestro, conduzindo aquelas sessões com suas histórias, mas Julia tinha todo o seu passado anotado em uma folha. Todos os grandes pontos, as grandes peças do quebra-cabeça, exceto por uma, é claro, *os caçadores de sofrimento.*

— Mas outra parte de mim entendia o que ele tinha feito. Brutus matou o Tadeu! Mordeu o pescoço dele como se fosse um bife de açougue. Foi assim que eu fazia para afastar a raiva do meu pai. Bastava fechar meus olhos e ver Tadeu se debatendo no chão frio daquela sorveteria abandonada…

— E como a sua mãe lidou com tudo isso?

— Como ela sempre lidava. Ignorando tudo. Suas melhores amigas eram a vassoura, o rodo e o tanque. Ela se entupia nas tarefas domésticas, e

deixava os problemas para depois.

— A sua mãe não trabalhava?

— Não, era dona de casa. Ela era corretora de imóveis, antes, mas depois que engravidou de mim ela largou mão da carreira.

— E isso a incomodava?

— Olha, doutora, aí você vai ter que perguntar para ela.

— Mas eu quero saber a sua impressão de…

— Daqui a pouco vai querer saber o que eu achava do motorista do ônibus também?

— Não é isso, João…

— Eu tive um sonho. É isso que importa. As porcarias dos meus pais não importam, mas o sonho sim.

— Conte-me.



Eu estava tendo um pesadelo. Ele era recorrente, mesmo depois de dois meses do enterro de Tadeu. Eu estava no quintal de casa, jogando bola, quando caía no chão. Imediatamente amparava a queda com as palmas das mãos, e então ouvia o som chegando ao longe. Era a música do carrinho do sorveteiro.

Os Borges nunca tiveram um carrinho de sorveteiro, não que eu me lembre, mas no sonho o carrinho sempre era deles.

Eu me desesperava. Tentava entrar em casa, não para fugir do carrinho, mas para pegar dinheiro na carteira de papai e pegar um sorvete. Meus pais não estavam em casa, mas a carteira de couro da grossura de um tijolo de obra estava em cima da televisão. Eu esticava meus pés ao máximo e pegava o objeto.

Então voltava para fora. Agora o carrinho estava parado no meio da rua de terra, uma nuvem de poeira vermelha manchando a pintura branca como leite. Era um Fiorino adesivado, com um sorvete com três bolas, uma rosa, uma preta e uma verde. E o sorvete tinha olhos e boca, e sorria. Eu ia em direção ao carro, mesmo sabendo que havia algo errado.

A rua estava deserta, e o sol estava a pino, como no dia em que havia entrado na sorveteria com Tadeu e Rodolfo.

Quando me aproximava da traseira do carro, e ela se abria, lá estava o senhor e a senhora Borges.

— Bom dia, senhora Borges — eu dizia, e entregava a nota de um real para ela.

— Bom dia, João. Hoje temos um sabor especial, quer provar?

— Sim, claro — eu respondo.

Quando a senhora Borges se inclina para trás para pegar o sorvete, eu noto que os três filhos dela estão espalhados pelo chão do caminhão. Estão pelados e com uma *tag* com seus nomes escritos a caneta no dedão dos pés escurecidos e inchados.

A senhora Borges olha para mim, com um sorriso amigável, mas agora eu percebo como a pele dela está branca e como os olhos estão sem vida e como os lábios estão roxos e inchados.

— É o sabor especial da casa — ela diz, e da beirada de seus lábios inchados, uma gosma preta começa a escorrer, descendo até seu queixo e manchando o seu vestido de verão.

O senhor Borges também sorri para mim, babando o mesmo líquido. Ele desce em golfadas e suja o seu avental branco. Tudo que penso é: *eles estão mortos, mas não sabem disso ainda. Estão presos no círculo vicioso do trabalho. Tudo que eu tenho que fazer é agir normalmente, dar uma*

lambida no sorvete e acenar, e eles vão fechar as portas e ir embora, para vender mais sorvete em outro bairro.

E eu olho para o meu sorvete. Duas bolas negras feito petróleo. Pegajosas e quentes. Sinto a temperatura irradiar e chegar até a minha mão. Aquilo não é sorvete coisa nenhuma. Assim como eu sabia que não era sorvete o que o Brutus lambeu no chão naquele dia.

O sol quente, a sensação de abafado, o vento morno, os olhares opacos do senhor e da senhora Borges e o sorriso em seus rostos, derramando a gosma preta, tudo me compele, e eu encosto a língua no sorvete e o lambo. Tem gosto de ferrugem. É áspero e quente. Machuca. Mas eu continuo, porque eu quero que eles vão embora importunar outra casa.

Enquanto estou concentrado no sorvete, me esforçando para não vomitar o que já ingeri, as portas do carro se fecham com um baque forte e ele vai embora, me encobrindo em uma nuvem de poeira. Porém, eu permaneço ali, de pé, tomando o sorvete. Não quero mais, mas não consigo evitar. É como se estivesse enfeitiçado.

É quando eu ouço os latidos de Brutus, vindo de algum lugar em meio ao redemoinho de poeira, pronto para me atacar, pronto para morder o meu pescoço e separar pele, músculo e osso.

É aí que eu geralmente acordava.

Às vezes eu demorava um pouco mais para acordar, e via Brutus quando a poeira vermelha abaixava. Ele tinha algo preso nos dentes. Algo gotejante e com cabelos. Alguma parte de Tadeu. Então eu corria para casa e fechava a porta com força.

Normalmente a cama estava quente e úmida com a minha urina quando eu acordava. Mas não naquela noite específica. Talvez o meu subconsciente soubesse que o maior susto ainda estava por vir.

Eu levantei meu tronco empapado de suor. Meu coração estava acelerado. A luz do quarto estava apagada e toda a luminosidade provinha do luar. Imediatamente eu me inclinei na direção do abajur que havia na mesa de cabeceira. Eu adorava ele, porque era azul e tinha o formato de um foguete. Mas minha visão periférica captou algo pela janela acima da minha cama.

Eu soube que havia algo errado. Tive a mesma sensação da sorveteria, enquanto me encaminhava para observar o freezer aberto — sem saber que Tadeu e Rodolfo me pregavam uma peça — era a curiosidade misturada com o medo, uma combinação perigosa, se quiser saber.

Olhei pela janela e lá estava ele, parado do outro lado da rua. Imediatamente a minha espinha gelou e todo o suor quente do meu corpo congelou. Era o homem da sorveteria. Não conseguia ver os traços de seu rosto com precisão, mas a roupa era a mesma. Um terno e um chapéu. As mãos escuras, encobertas por luvas de couro. Havia um detalhe nas luvas, um círculo branco no dorso de cada uma delas. Ele estava olhando para o fim da rua, como se esperasse uma carona ou algo do gênero. Mas então ele se virou na direção da minha casa.

Tive vontade de acender o abajur do meu quarto, a escuridão que me cercava se tornou repentinamente opressiva, mas temi que a luz denunciasse que eu o via. O homem retirou o chapéu com calma, e eu vislumbrei sua pele pálida sobre o luar. Então seus olhos negros como amêndoas se encontraram com os meus e ele sorriu.

Era um sorriso de escárnio. Como se houvesse algo que lhe desse prazer.

Eu imediatamente me abaixei e me enfiei embaixo das cobertas. Comecei a contar até dez. Uma parte minha queria ficar embaixo das cobertas até pegar no sono, mas outra parte dizia que eu não podia dormir

enquanto aquele homem estivesse do lado de fora da minha casa, olhando para a minha janela, me observando.

Tive vontade de dormir, de desmaiar, de ter o pesadelo, de ver os Borges mortos em seu caminhão de sorvete, de ouvir meu cão latindo, voltando do mundo dos mortos. O que quer que fosse. Porque tudo isso era melhor que aquele sorriso do homem careca.

Eu tracei um plano.

Ia me levantar com agilidade, olharia rapidamente pela janela, para me certificar de que ele ainda estava lá, e correria para o quarto de meus pais.

Três. Dois. Um.

Eu me ergui.

Já estava saltando da cama quando percebi que o homem não estava mais lá. Tudo que havia era a rua de terra escura, com as casas dos vizinhos apagadas e em silêncio mórbido.

Eu sorri e chorei, arqueado, o suor voltando em ondas.

O homem foi embora, eu pensei, e dormi.

Só que eu estava errado.



— O homem veio atrás de você? — Julia perguntou. A sessão deveria ter se encerrado há cinco minutos.

Os enfermeiros já esperavam pacientemente de porta aberta. Antônio, conferindo os bilhetes da loteria.

— Não exatamente, doutora — disse João, se levantando. — Não exatamente… — E ele foi embora, acompanhado pelos enfermeiros.

Sessão 6

Bruno e Antônio adentraram a sala, trazendo João.

— Alguma novidade? — Julia perguntou, vendo o sorriso contido no rosto de Antônio.

— Ganhei — ele disse, balançando o maço de jogos da loteria. Deveriam ser mais de vinte bilhetes fácil, fácil. — Dois mil reais.

Bruno o olhou com desdém, querendo fazer pouco da vitória de Antônio, porém Julia notou que havia um sentimento de inveja por debaixo daquela camada. *Talvez devesse fazer sessões com os enfermeiros também*, ela pensou, sufocando um sorriso, e então se lembrou de um dos ditados que seu segundo esposo, também psicólogo dizia: *todo mundo precisa de um psicólogo, e quase todo mundo sabe disso, mas não quer admitir para si mesmo.*

— Que ótima notícia, Antônio — disse Julia. — Já sabe com o que irá gastar?

— Ainda não, doutora — disse Antônio, sorrindo com seus lábios finos e deixando sua dentadura à mostra. — Talvez dê entrada em um carro novo.

— Carro? Só se for um fusca — disse Bruno, e bateu com sua mão grande contra o ombro pequeno de Antônio.

Antônio retraiu o sorriso e guardou os bilhetes no bolso da calça branca.

— Vamos deixá-los a sós — disse com seriedade, e deixou a sala. Bruno foi logo atrás, dizendo que com dois mil reais, no Brasil, era possível comprar as calotas de um carro novo e olhe lá.

João observou a tudo aquilo, calado, com um olhar vago, como se a discussão entre os enfermeiros fosse entediante.

— Você tem algum passatempo? — perguntou, sentando-se na cadeira de madeira. Seus tênis iate branco estalavam enquanto ele se movia contra o chão rachado de cimento queimado.

— Desculpe, eu… — Ela ainda pensava em Antônio e Bruno.

— Um passatempo? Sabe, colecionar borboletas mortas, por exemplo. Você tem um?

— Não. Você tem?

João varreu a sala branca com um olhar.

— Não. Nunca tive. Acho que eu apenas não era esse tipo de pessoa. Mas meu pai tinha… ele colecionava álbuns de figurinhas. Tinha álbuns de futebol: copa do mundo, libertadores, brasileirão… — João deu uma risada curta e seca. — Consegue imaginar isso? Um homem de meia idade colecionando figurinhas?

Melhor que colecionar assassinatos, ela pensou.

— Eu ainda me lembro dos álbuns… guardados em uma caixa de sapato debaixo da cama dele e da minha mãe. As folhas amassadas e enrugadas e do cheiro de tabaco que havia nelas. Meu pai era um fumante convicto. Daqueles que preferiu largar a vida do que largar o vício.

— E a sua mãe? Ela tinha algum passatempo?

— Sim. Ela adorava as palavras cruzadas que vinham no jornal. Vivia preenchendo-as enquanto o meu pai via o jogo, ou enquanto as panelas permaneciam no fogo, aguardando a janta por ficar pronta. Às vezes, quando acordava no domingo, eu via ela sentada na mesa do café da manhã, uma xícara de café preto na mesa, soltando fumaça, a caneta entre os dedos secos, o jornal acima da mesa… Até minha irmã tinha um passatempo. Se

bem que, naquela época, isso era considerado quase que uma obrigação para todas as mulheres. Você é casada, doutora?

Julia enrijeceu a postura. Aquela era uma pergunta comum. Uma das primeiras a serem feitas por pacientes, na verdade. Principalmente por aqueles que colocariam o pau para fora e se masturbariam antes da décima sessão.

— Sim, sou casada.

— Você cozinha para o seu marido?

— Às vezes.

— Há. — João apontou o dedo indicador em direção a ela, como quem diz *te peguei.* — Às vezes, você diz… sabe, antigamente, quando eu era criança, se uma mulher não cozinhasse pelo menos três refeições ao dia para a sua família era considerada uma criminosa.

— Mas as mulheres de antigamente não trabalhavam.

— Sim, doutora. Você está certa. Eu conheci um cara certa vez, ele tinha uma teoria, de que o problema da sociedade moderna era que as mulheres começaram a trabalhar.

— Como assim? — perguntou Julia, cruzando os dedos em torno do joelho.

— Ele dizia que hoje em dia havia desemprego porque as mulheres também queriam trabalhar, que se elas ficassem em casa, todos os homens estariam empregados. E dizia também que a degradação dos valores morais era por causa disso também… se a mulher estivesse em casa, ela poderia educar os seus filhos propriamente. Afinal, a escola dá instrução, mas não educação, entende?

— E o que você pensa dessa teoria, João?

— Se a teoria fosse realmente boa, Flávio, o seu criador, estaria ensinando-a em Harvard, e não na ala C.

Julia tentou decifrar os olhos apáticos de João. Havia escárnio neles? Ou talvez uma simples diversão juvenil. Ela abafou um sorriso, olhando novamente para a prancheta.

— Eu disse isso tudo, porque a minha irmã realmente gostava de cozinhar.



Se minha mãe deixasse, Emília faria as três refeições de casa com um sorriso no rosto, embora a sua especialidade fosse doces. Esse é um fato curioso sobre cozinhar. Se você gosta de pintar quadros, mas é ruim nisso, ou apenas não tão bom, mesmo assim as pessoas olham para o seu quadro e dizem algo do tipo *parabéns, temos um novo Rembrandt aqui*. Não há problemas em desenhar gaivotas em Vs ou fazer uma casa sem a menor perspectiva. Mas se você cozinha mal a história é outra, ninguém vai te elogiar se você cozinha mal. As nossas papilas gustativas são mais sensíveis que nossos olhos, aparentemente.

E Emília cozinhava bem. Não era o Rembrandt da culinária, mas estava acima da média.

Sempre que nós voltávamos da escola, brigávamos pelo controle da televisão. Eu queria assistir aos desenhos, ou às séries de ficção, como Além da Imaginação, e tudo que minha irmã queria assistir eram programas de culinária, daqueles em que uma mulher de meia-idade fica conversando com um fantoche. Mas a disputa de poder mudou após o incidente na sorveteria. Isso porque meus pais haviam me mudado de escola, levando-me para longe das fofocas e das brincadeiras de mau gosto das crianças.

Mas Emília permanecera na mesma escola, no Padre Eustáquio, e isso fazia com que ela chegasse sempre antes de mim em casa — agora eu

precisava pegar dois ônibus todo santo dia — e colocasse nos programas de culinária.

Um detalhe importante: o botão da nossa televisão estava quebrado. Isso acontecera quando papai teve um ataque de fúria quando o Palmeiras ganhou do Corinthians de quatro a zero na final do campeonato paulista de 1993. Ele chutara a televisão após seu time perder. O único jeito de ligar a teve, ou de mudar os canais, era agora através do controle remoto, que Emília sempre fazia a questão de esconder em algum lugar da casa.

Às vezes, quando tinha ânimo, eu procurava o controle. Em raros momentos eu o achava. A peste sempre encontrava um esconderijo novo. Naquele dia em particular minhas energias estavam drenadas. Estava cansado por causa do pesadelo da noite anterior, nesse, Brutus emergia da nuvem de poeira deixada pelo carro da família Borges e se lançava em direção à minha jugular. O vislumbre do misterioso homem de terno fora há dois dias, e eu ainda não tinha me decidido se o homem realmente estivera do outro lado da rua ou não. E não havia falado com ninguém sobre o assunto. Se ainda estudasse no Padre Eustáquio, talvez tivesse conversando com Rodolfo ou com Carlos, pois eram meus melhores amigos. Mas na escola nova não estava fazendo amizades muito profundas, e Rodolfo e Carlos me evitavam desde que meu cachorro matara Tadeu.

Sentei no sofá ao lado da minha irmã e ficamos assistindo a um programa de culinária. A mulher estava ensinando a fazer bacalhau gratinado, e tudo que eu conseguia pensar era qual era a conexão entre aquela comida ruim e salgada e Jesus. Foi quando notei que Emília estava estranha. Ela sempre estava quieta, quase nunca falava — anos depois, meus pais me diriam que a levaram em um médico, apenas para ter certeza de que ela não era muda — mas, sempre que assistia ao programa de culinária, ela usava as últimas páginas do seu caderno da escola para tomar

notas. Não que ela anotasse os ingredientes, longe disso, mas ela apreciava desenhar o formato dos alimentos.

— Onde está o seu caderno? — perguntei, estranhando a ausência do objeto.

Ela me deu aquele olhar sonso, a boca fechada, como que costurada.

Levantei bufando. Tirei a camisa, que estava úmida com meu suor, e arremessei no chão. Então fui até a escada e abri a mochila dela. Tirei de lá o estojo rosa e o caderno dela e os bati com força na mesa, mal-humorado.

O fato dela não anotar me incomodava. Ela estava tirando o meu prazer de ver televisão, então deveria estar aproveitando a porcaria do canal de culinária pelo menos!

Ela pegou uma caneta azul e começou a rabiscar uma página no meio do caderno, fazendo apenas linhas em ziguezague.

Eu fiquei observando-a fazer aquilo, enquanto a mulher na televisão, ainda com a boca cheia de bacalhau, se preparava para ensinar uma nova receita. Dessa vez seria uma sobremesa, e ela colocou uma barra de chocolate no micro-ondas. Foi quando eu peguei no sono.

Acordei com minha mãe me chamando para o café da tarde. Ela tinha feito pão com manteiga na chapa e chocolate gelado. Comi com entusiasmo e então fui para o meu quarto.

Ser criança é engraçado. Temos muito tempo ocioso, e às vezes o dia pode passar em um piscar de olhos e no fim dele você se perguntar, puxa, o que fiz hoje?, e não saber responder. Aquele tinha sido um desses dias. Apenas existi. Comi. Vi televisão. Papai chegou cansado, contou do seu dia de trabalho durante o jantar. Vimos mais televisão, agora jornal e novela — embora meu pai sempre dissesse que as novelas iriam derreter o cérebro de mamãe.

Depois eu fui para o quarto, tomei um banho rápido, pus o pijama, escovei os dentes e deitei.

No começo foi difícil pegar no sono, porque às vezes me vinha a imagem do homem de terno, mas eventualmente eu dormi, e só acordei quando mamãe começou a gritar…



— … e eu me levantei assustado — disse João. Suas mãos tremiam. Havia saliva seca no canto dos lábios

— O que era? — perguntou Julia, se inclinando para a frente.

— Fumaça — ele respondeu, e se contorceu na poltrona, como se ela estivesse quente. — Fumaça e fogo.

Julia fitou o relógio.

A sessão havia terminado.

Quando os enfermeiros vieram buscar João, tiveram de ajudá-lo a se levantar. Julia observou como os joelhos dele pareciam moles. *Ele não está apenas me contando a história da sua vida*, ela pensou, observando-o ir embora, *ele está vivendo-a de novo.*

Ela começou a transcrever suas impressões da seção em seu caderno, com apenas o *tic tac* do relógio a lhe fazer companhia.

-

Sessão 7

João entrou na sala, andando de maneira estranha. Julia apenas o observou com sua expressão serena, mas anotou sem tirar os olhos dele na sua prancheta: *conversar com enfermeiros e descobrir se João andou se metendo em alguma briga no hospício*. Parecia estar com a coxa ou a panturrilha lesionadas.

— Bom dia, João — ela disse, aquecendo as mãos no café. Estava vestindo uma calça social preta, com riscas de giz, e um blazer para combinar. As unhas estavam ficando transparentes, e ela anotou outra frase abaixo da primeira: *marcar manicure para hoje às sete.*

— Bom dia, doutora.

— Quer continuar da onde paramos?

— Sim, claro — ele disse, se sentando. Tomou fôlego, e continuou: — Eu despertei com os gritos de minha mãe…

Assim que acordei, uma imagem clara de formou na minha cabeça. Era o homem de chapéu e luvas. Ele estava em casa. Só podia ser isso.

Isso fez com que eu permanecesse onde estava, sem força para mover um músculo que fosse. Não queria encontrar com aquela criatura novamente. Meu pai vai dar um jeito, pensei. Todo pai é o super-herói do filho até certa idade.

Mas havia esse cheiro estranho. Parecia uma vez quando fizemos uma fogueira na chácara do meu tio José. E então eu vi a fumaça densa e escura invadir o meu quarto, passando pela fresta abaixo da porta em fios cinzas e

densos. Eles lambiam a minha porta e chegavam ao teto, formando uma nuvem cinza escura acima de mim.

Eu precisava sair dali o mais rápido possível, minha casa, alguma parte dela ao menos, estava pegando fogo.

Levantei-me, mas não fui em direção à porta. Rumei até a janela do meu quarto e observei a rua, na certeza de que veria o homem parado do outro lado da calçada como aquele sorriso encardido lhe cobrindo o rosto.

Mas não havia ninguém. Apenas a luz pálida dos postes de luz iluminando a rua de terra.

A porta foi escancarada e eu me virei, assustado.

— Vamos João! Está pegando fogo! — disse meu pai, aturdido. O rosto dele estava encoberto de fuligem e suor descia pelo pescoço dele. Os músculos estavam tensionados.

Acho que aquela foi a primeira vez que eu vi o medo nos olhos do meu pai. Os olhos esbugalhados e grandes como duas bolas de gude leitosas.

Ele correu até mim e me pegou no colo.

— Meus brinquedos! — eu disse, tentando em vão me abaixar para pegar a caminhonete vermelha de plástico, o meu brinquedo favorito, que utilizava para carregar pedras do quintal.

Contudo, meu pai não parou para pegar nenhum brinquedo. Nem sequer se deu ao trabalho de me responder. Apenas me arrastou dali o mais rápido que podia. Assim que chegamos ao corredor eu me assustei. Embora o andar de cima não estivesse em chamas, uma fumaça espessa e negra vinha do andar de baixo, e preenchia o corredor até a altura dos ombros do meu pai.

— Feche os olhos, João, e não respire. Me ouviu?! Não respire!

Lembro-me de olhar para cima e ver o pescoço do meu pai sendo engolido por aquela densa fumaça negra. Era como se a cabeça dele tivesse sido transportada para outro universo. Um lugar escuro. Então apertei meu rosto contra o peito de papai. Estava quente e abafado e eu sentia a minha pele repuxar. A princípio, achei que sairia deformado de tanto calor, como um mutante dos desenhos que eu via. Conforme os segundos foram se arrastando naquele inferno, passei a achar que não sairia nunca daquele lugar. O corredor que ligava os quartos até a escada parecia uma jornada eterna.

Finalmente chegamos na escada. Senti as pernas de meu pai vacilarem no meio da descida e pensei que ele fosse cair, rolando escada abaixo comigo. Abri os olhos, assustado, e a fumaça preencheu a visão, me fazendo lagrimejar.

Eu comecei a chorar e meu pai me apertou com mais força contra o seu peito.

Onde estava mamãe? Onde estava Emília? Eu pensava nelas, mas nada dizia. Só fazia chorar, por causa do medo e do ardor da fumaça.

Meu pai finalmente caiu. Depois que aquele inferno tivesse passado, eu descobriria que o terceiro degrau da escada havia se fragilizado com o calor e cedido com o nosso peso, mas naquela hora tudo que eu senti foi o corpo do meu pai rodopiando de forma desengonçada, ele me apertando com tanta força que chegava a doer.

Eu caí de costas no piso morno do térreo com meu pai em cima de mim. O peso dele fez minhas costelas estralarem. O ar faltou aos meus pulmões. Imediatamente abri os olhos novamente e puxei o ar com força. Felizmente, na altura do chão não havia tanta fumaça assim, se não poderia ter ficado com fuligem no pulmão ou alguma coisa parecida.

À minha direita havia a cozinha. Melhor dizendo, o que um dia fora a cozinha. Agora era um cômodo em chamas, vermelho e quente, como um forno gigante. As labaredas se lançavam para a sala como rajadas, e coisas explodiam lá dentro. O calor emanava em ondas e atingia meu corpo de forma implacável. Era insano.

Metade da sala já estava tomada pelo fogo também. A nossa televisão, objeto de disputas entre eu e minha irmã, estava com o plástico preto das beiradas derretido e escorrendo pela mesa de madeira que estralava, prestes a entrar em combustão.

Meu pai ainda estava no chão, e eu achei que ele havia desmaiado. Parei de observar minha casa sendo consumida pelo fogo e comecei a fazer força para empurrá-lo de cima de mim. Contudo, meu pai recobrou a consciência e se levantou sozinho, apoiando-se no corrimão na escada.

Fiquei aliviado quando ele se levantou. Agora conseguia realmente respirar bem, embora o ar não fosse da melhor qualidade.

Meu pai deu dois passos em direção à porta principal da sala, que dava para o quintal, e então tombou, dando um uivo de dor que mais parecia o som de um lobo.

Eu o encarei, tentando entender o que acontecia. Por que meu pai girava de um lado para o outro no chão e berrava como uma criança? Então eu vi. A perna direita dele parecia quebrada, um volume estranho se inclinava para a direita, forçando a barra da calça do pijama. Havia uma ripa de madeira atravessada um pouco mais acima, perfurando a panturrilha, e uma mancha escura de sangue em volta da perna, que crescia e crescia e crescia.

Não sei como eu tive forças para isso. Provavelmente foi a adrenalina. Eu peguei o meu pai pelas axilas, o erguendo um pouco, e comecei a arrastá-lo pelo corredor.

Ele gemia de dor e se debatia, mas eu via que ele tentava se controlar, para me ajudar. A ripa enfincada em sua panturrilha riscava o assoalho de madeira, deixando um traço esbranquiçado e envolto por sangue.

Eu percorria aquela distância todos os dias várias vezes. Quando chegava em casa da escola. Quando ia comer algo na cozinha e depois ia brincar no quintal ou ver televisão. Fazia aquilo em questão de segundos. Mas naquela noite, aquela caminhada pareceu levar horas, enquanto eu arrastava o corpo semiconsciente de meu pai e via o rastro de sangue que ele deixava para trás. E as chamas vinham atrás, lambendo o sangue dele e fazendo-o borbulhar, entrar em ebulição, dando um odor acre ao cheiro de madeira e plástico queimado. A madeira do assoalho explodia, lançando brasas na minha direção. Uma delas caiu na perna de meu pai e começou a queimar o tecido da calça do pijama. Felizmente, o fogo se apagou, e ele estava tão atordoado que nem sequer pareceu se dar conta do fato.

Só percebi que estava do lado de fora da casa quando a brisa fria da noite lambeu meu rosto. Olhei em torno, vi Emília sentada, com a cabeça baixa, e minha mãe abraçando-a. Ela se levantou e veio correndo na minha direção e me ajudou a arrastar papai para o gramado, abaixo da macieira do quintal, ficando longe da casa que queimava.

— Ai, meu deus! — disse mamãe ao ver a perna dilacerada de papai. — Ai, meu deus! — Ela apertava o crucifixo que tinha contra o pescoço de forma compulsiva.

— Estou bem, amor, estou bem. Cuide das crianças — disse meu pai, em uma voz pastosa. Ele parecia prestes a desmaiar.

Um homem veio correndo em nossa direção. Era Tobias, o vizinho da frente. As luzes das casas vizinhas pouco a pouco se acendiam e em breve todos estariam na rua.

— Meu senhor Jesus Cristo! — ele exclamou, nos observando. — Vocês estão bem? — E então, olhando para a casa, completou: — Há mais alguém lá dentro?

Ele estava de calças de cetim e sem camiseta. O seu peitoral peludo estava à mostra e ele estava sem os seus óculos fundo de garrafa. Parecia ter dificuldade para enxergar e mirava a casa pegando fogo com os olhos estreitos.

Minha mãe apenas meneou a cabeça negativamente. As lágrimas lavando o seu rosto sujo de fuligem. Todos estávamos sujos. A foto que sairia no jornal na manhã seguinte, no A Hora da Verdade, o mesmo jornal que noticiara a morte da família Borges, mostraria nós quatro sujos de fuligem feito trabalhadores resgatados de uma mina de carvão. O único lugar mais limpo seriam nossas bochechas, devido às lagrimas.

— A Amanda já chamou os bombeiros — disse Tobias, se referindo à sua esposa, mas nenhum de nós parecia ouvir direito. — Céus… — ele exclamou ao observar a perna do meu pai. Mesmo sem os óculos, acho que ele conseguiu estimar o tamanho do estrago. — Eu… está muito frio, vou buscar cobertores para vocês.

Tobias saiu andando em direção à sua casa do outro lado da rua.

— Mamãe, por que a nossa casa está pegando fogo? — perguntei. O medo havia dado lugar a um certo fascínio doentio. A casa inteira era um monólito feito de chamas. As labaredas lambiam as janelas e a porta como se fossem portais para o inferno.

Minha mãe me encarou, e me deu a mão. Estava fria e tremia.

— Eu não sei, filho, eu não sei.

Então ela me abraçou, e abraçou Emília, e se recostou na nossa macieira. Papai ficou do nosso lado, com a cabeça apoiada na perna de minha mãe.

Ficamos naquela posição até os bombeiros chegarem, vendo a nossa casa sendo consumida pelas chamas cômodo após cômodo. Eu tinha esperança de que o fogo pudesse ser apagado até o momento em que ele envolveu as paredes externas da casa. Eu podia ver o meu quarto em chamas. Meu armário pegando fogo como uma tora em uma lareira. E imaginei as minhas roupas ali, o dever da escola que eu precisava entregar amanhã, e a minha caminhonete vermelha de plástico derretendo até virar uma poça e então entrar em ebulição como o sangue de meu pai.

Tudo estava perdido.



— Os bombeiros chegaram vinte minutos depois — continuou João. — Não havia mais nada a ser salvo.

Julia observava João contar a história com o coração pequeno. Sentia vontade de chorar, de derramar lágrimas como a mãe de João fizera. Talvez fosse o jeito com que seu paciente contava o ocorrido, tão cheio de detalhes, que a deixasse tão emocionada. Era quase como se ela estivesse lá, no dia do incêndio.

— Nós dormimos na casa de Tobias aquela noite, embora eu ache que ninguém realmente dormiu. Como poderíamos? Havíamos perdido tudo.

— E o que causou o incêndio? — Julia perguntou.

— O laudo da polícia saiu um mês depois. Havia sido um curto-circuito no micro-ondas, eles disseram. Dá pra acreditar? Meus pais ficaram furiosos, minha mãe ligou para a empresa do micro-ondas, mas eles não fizeram nada.

— A casa não tinha seguro?

— Esse era o problema, doutora. A casa não tinha seguro, e nem o carro. Ele estava na garagem lateral, e também foi consumido pelas chamas.

Não teve uma explosão hollywoodiana, ele apenas pegou fogo, se reduzindo a uma carcaça metálica negra.

Que tipo de família não tinha seguro na casa ou no carro?, Julia se perguntou. Se bem que ela conhecia diversas pessoas que não tinham a sua casa segurada ainda hoje em dia, embora o seguro de carros fosse mais comum.

— Meu pai teve de operar a perna, e para isso gastamos uma boa quantia do dinheiro que tínhamos guardado. E ele teve de ficar de licença por dois meses. Se fosse hoje em dia, ele poderia fazer um *home office*, mas na década de noventa isso não era possível. Então ele realmente teve de deixar de trabalhar para cuidar da perna, fazer fisioterapia e descansar.

— Onde ele trabalhava?

— Em um banco. Nunca entendi muito bem o que ele fazia, a não ser que parecia incrivelmente chato.

— E como você aceitou tudo isso? Toda essa mudança na sua vida?

— Eu tinha apenas onze anos na época. Só conseguia me preocupar com os meus brinquedos perdidos e onde teria de estudar, agora que mudaríamos de cidade, ao menos temporariamente. Eu era novo demais para entender que tinham coisas maiores em jogo, o emprego do meu pai, por exemplo, e, acima de tudo, a minha família. Nós nunca mais seríamos os mesmos após o ocorrido. Nunca.

Julia fitou o relógio. Estava na hora de encerrar a sessão.

— João, nos vemos amanhã, certo?

— Sim, doutora. Nos vemos amanhã.

Os enfermeiros entraram na sala branca e levaram João embora. Ele caminhou entre os enfermeiros, arrastando os pés como um condenado a morte após sua última refeição.

Foi só quando a porta se fechou que Julia chorou. Apenas duas lágrimas. Algo rápido. Então ela limpou-as com um lenço e se preparou para atender o próximo paciente.

Sessão 8

João caminhou sala adentro com um olhar vago. Até os enfermeiros, Bruno e Antônio, pareciam sentir a dor dele, pois andavam ao seu lado calados e com expressões fechadas. João olhou para a doutora apenas um segundo, então se sentou, com a postura curvada, e ficou observando o chão de cimento queimado.

Julia o acompanhou com um olhar. O chão era cinza escuro, e tinha manchas mais claras sem nenhum padrão. Era quase como se o chão daquela sala fosse um gigantesco teste de rorschach. Havia o tapete felpudo que dava um pouco de cor ao ambiente, e que interrompia o chão cinza e manchado. Ele era feito de crochê e tinha fitas multicoloridas.

Tic. Tac.

O único som ambiente era o relógio de plástico redondo na parede.

— Bom dia, João.

Julia cruzou os dedos, o observando. Ele não parecia notar a voz dela. Continuava com o olhar pasmo para o chão de cimento queimado.

Ela o analisou com mais cuidado. Os olhos fundos e o cabelo desgrenhado. A baba seca nos lábios. Os ombros desalinhados e encurvados para dentro, a postura quebradiça dentro daquela grande camisa branca. *É como se ele fosse um passarinho quebrado, dentro de um pano branco*, Julia pensou. E o pensamento veio acompanhado de um sentimento de repulsa. Já havia sentido medo de João. Já havia sentido empatia também. Mas repulsa era algo novo. Julia não gostou disso.

Ela massageou as têmporas e se inclinou na direção de João, procurando afastar tais pensamentos.

— Você me contou, ontem, que sua família mudara de casa — ela disse em um tom de voz mais forte do que costumava usar.

Os olhos de João foram até ela. Vagarosos como duas lesmas.

— Sim — ele respondeu, após uma longa pausa. — Quando os bombeiros apagaram as chamas… — Seus olhos se perderam, fitando a parede branca do consultório e o quadro com paisagem do campo pintado a óleo. Julia captou um brilho estranho no olhar, era quase como se eles refletissem o vermelho do fogo. — Bem, não havia nada que poderia ser aproveitado na nossa casa. Meu pai foi para o hospital naquela mesma noite, mas minha mãe dormiu comigo e Emília na casa do Tobias, nosso vizinho. Assim que acordamos no outro dia fomos ver papai no hospital.

João se empertigou na cadeira, ajustando a postura.

É isso, ela pensou*, ele só precisava de um empurrãozinho, e então vai entrar dentro da própria mente novamente... e o consultório irá sumir, e seremos transportados para o passado.* Na mente de Julia, ela visualizava com clareza uma locomotiva a vapor, que demorava para se colocar em movimento, mas que se tornava imparável quando finalmente o fazia.

— Eu me lembro de ver a nossa casa pela manhã. Ela estava escura, como se fosse um sólido monolito de carvão. Ainda havia fumaça saindo em alguns pontos, embora não houvesse mais sinal de incêndio, e a estrutura de ferro estava à mostra, principalmente nas beiradas. Dava a sensação de que a casa havia sido descarnada… e que os ferros retorcidos eram os ossos. As janelas tinham derretido e estavam curvadas para baixo. Parecia o olhar de um cachorro triste, sabe? Como o olhar de Brutus, às vezes…

— E então, você foi ver seu pai? — Julia perguntou, gesticulando em direção a João. Queria retomar o rumo da história, mas não queria perder o elo empático entre eles.

— Ele estava melhor, um pouco corado até, mas haviam uns pinos grotescos atravessando a perna dele. E eu soube que aquilo não podia ser bom sinal. Nós não fomos para a escola naquele dia. O meu tio José, irmão de meu pai, veio nos visitar no hospital naquela mesma manhã.

— Você era próximo deste tio?

— Não muito. — João deu de ombros. — Ele morava longe de nós, em Santos. Tinha uma casa quase na beira da praia, e era um velho solteirão. Eu gostava mais do meu outro tio, Gustavo, porque ele era casado e tinha um filho apenas dois anos mais velho que eu, o Pedro. Sempre que Pedro ia em casa nós brincávamos.

— E seu tio Gustavo não foi visitar o seu pai?

— Não. Ele estava no exterior. Argentina, acho. Havia se mudado por causa do seu trabalho, se bem me lembro. De qualquer modo, meu tio José passou o dia conosco. Trouxe brinquedos para mim e Emília, e trouxe uma garrafa de café preto. Ele e meu pai ficavam relembrando da juventude e se atualizando das fofocas familiares. Eu estava brincando com o carrinho que José me dera, mas também ouvia a conversa de adulto deles. Achava divertido, porque eles tinham que falar por códigos algumas coisas, só pra tentar me despistar. Em algum momento, meu tio José disse que nós deveríamos ficar na casa dele, ao menos por um tempo, enquanto as coisas se acertavam, sabe? Meu pai agradeceu, e disse que precisava pensar um pouco.

João estralou o pescoço e fechou os olhos, como se procurasse pela ordem certa de contar as lembranças.

— Nós almoçamos com meu pai no quarto do hospital. Minha mãe comprara Big Macs para todos nós. Meu pai deveria comer o grude que eles serviam no hospital e por isso ela entrou com eles escondidos dentro da bolsa que pegara emprestado com Amanda.



— Será temporário — meu pai disse, mastigando o seu lanche, e eu acreditei nele. — A casa queimou, mas o terreno é nosso. Nós podemos reconstruir a nossa casa.

— Igualzinha? — perguntei.

— Até melhor, querido — disse a minha mãe, acariciando meu cabelo. E então me mandou comer de boca fechada.

— Mas eu não quero melhor… — eu disse. — Eu quero igual.

— Então será igual — disse meu pai.

Eu sorri, e dei mãos com Emília.

— Mas, em um primeiro momento, acho que devemos considerar nos mudar para a casa de José.

— Mas é tão longe — disse mamãe.

— E eu não sei disso, Márcia? — ele disse, o rosto ficando um pouco corado de raiva, mas logo retomou seu tom calmo. — Mas é de graça. Não temos dinheiro para morar em um hotel e ainda reconstruir a nossa casa.

— E o seu emprego?

Papai desviou o olhar.

— O médico disse que eu terei de ficar de repouso de dois a três meses. A fratura foi grave e, para piorar, o pedaço de madeira que entrou na minha perna aumentou a lesão.

— Mas… e o seu emprego? — A voz de mamãe beirava o pânico.

Meu pai se inclinou na cama de hospital, e pegou os dedos trêmulos de mamãe nos seus.

— Eu vou tirar uma licença. O INSS não vai cobrir todo o meu salário, mas deve pagar metade. Ficando na casa de José e economizando,

deve bastar. Depois da recuperação, eu volto para o emprego, e nossa vida volta ao normal.

Minha mãe soltou o ar das narinas de modo estranho, mas não disse mais nada. Acho que ela não gostou do plano, mas para mim ele fazia total sentido.

José havia almoçado fora, para nos dar tempo de conversar, e quando voltou meu pai disse que sim, aceitávamos o convite, mas que seria apenas até nós reconstruirmos nossa casa, ou alugar outra, quando meu pai voltasse a trabalhar.

Deixamos meu pai no hospital e rumamos para o litoral naquele mesmo dia. É muito fácil arrumar as malas quando não se tem nada para empacotar. A viagem durou quatro horas, mas na maior parte do tempo foi legal, porque meu tio tinha um carrão esportivo vermelho e eu me senti o máximo dentro dele.

A casa do meu tio José não era exatamente grande, mas ele tinha dois quartos vagos. Meus pais ficariam com um, eu e Emília com outro. Como eu já disse, era perto da praia, apenas duas quadras, e quando passamos de carro pela orla eu vi o jardim… aquilo era a definição do infinito, havia pensado.



— E como foi morar com o seu tio?

— Foi tranquilo. Acho que ele não era exatamente fã de crianças, e mamãe nunca deixava que corrêssemos pelos corredores, embora ele não aparentasse se importar. Ele tinha um problema com bebida, trazia mulheres para o seu quarto quase toda sexta, e sábado. Pensando bem, agora que cresci, acho que eram prostitutas. Meus pais não aprovavam o comportamento dele, ainda mais comigo e Emília presentes, mas eles

sabiam que estavam ali de favor e não podiam esperar que meu tio simplesmente virasse outra pessoa por causa disso.

Julia meneou a cabeça, concordando.

— É um pouco bizarro pensar assim, mas no começo acho que estávamos animados. Tinha a praia, e dava para ir a pé até ela. Minha mãe estava procurando um emprego após anos sendo dona de casa, para ajudar a segurar a barra enquanto meu pai estava de licença. E isso a revigorou de certa maneira. Era quase como se ela tivesse rejuvenescido quinze anos. E até meu pai estava animado. Mesmo com as prostitutas e os copos de uísque, ele gostava do tio José, e também estava feliz com a sua licença. Ele não tirava férias há um bom tempo, pelo que eu me lembre.

Julia tomou nota dos relatos. *Tio José poderia ter abusado sexualmente de João?,* ela sabia que grande parte dos distúrbios mentais tinha origem na infância.

— Você disse que no começo vocês ficaram animados… — Ele voltou o olhar para o paciente. — O que aconteceu depois?

— Depois? O que sempre acontece: a vida. Minha mãe percebeu que era difícil arrumar um emprego após estar mais de uma década fora do mercado de trabalho. Meu pai insistia para que ela deixasse aquilo de lado, dizia que os prédios de Santos eram todos tortos por causa do terreno, e que os imóveis só se desvalorizariam com o tempo. Se tem algo que Santos não precisava, era de mais um corretor, ele dizia, mas ela persistia. Dizia que já morávamos de graça na casa de José, o mínimo que poderíamos fazer era contribuir com algum dinheiro.

Julia notou os olhos de João revirarem de um modo estranho, parecia incomodado.

— Você não acreditava nisso? — ela perguntou.

— Não muito. Acho que minha mãe sentia saudades de trabalhar, talvez. Fazer algo que não fosse apenas torcer roupas no varal e refogar o arroz.

— E existe algo de errado nisso?

— Não. Mas ela não disse a verdade, ela inventava desculpas, entende?

Julia aquiesceu com um sinal da cabeça.

— Bem, após duas semanas de procura, ela arranjou um emprego como corretora de imóveis. Só que o emprego ficava em Praia Grande, e como não tínhamos carro, ela tinha que acordar às seis da manhã e pegar o ônibus intermunicipal.

— E como seu pai reagiu a isso?

— Ele não gostou. Acho que feria seu orgulho masculino, ver sua esposa pondo dinheiro na mesa enquanto ele estava com o pé para o alto, com pinos espetados, assistindo à televisão a maior parte do dia.

— E ele tentou fazer algo para impedi-la?

— Impedi-la? — repetiu João, como se a ideia lhe fosse absurda. — Não. Acho que ele pensava que tudo aquilo era passageiro, sabe? Que quando ele pudesse voltar a andar o emprego dele estaria o esperando, e nós reconstruiríamos a nosso lar, e minha mãe voltaria a ser dona de casa.

— Mas ele estava errado?

— Totalmente. Eu ainda me lembro do dia.

Minha mãe estava colocando a mesa de jantar, eu e Emília a ajudávamos com a louça. Meu tio tinha aqueles pratos de vidro meio marrom, sabe? Que passa a sensação de sempre estarem sujos. Enquanto isso, meu tio José foi ajudar meu pai a vir até a mesa. Ele havia retirado os

pinos há duas semanas, mas mesmo assim andava com a cadeiras de rodas. Ganhara peso também. Uns cinco ou dez quilos. Só que naquela noite José entrou de mãos vazias na cozinha, sem empurrar seu irmão mais velho. Havia um sorriso radiante em seu rosto que ninguém parecia entender. Então ele se afastou para o lado e expandiu os braços, como um mágico que revela seu grande truque, e lá estava meu pai, andando. Ele caminhou até a mesa com passos cuidadosos, parecia o primeiro homem a pisar na lua, e sentou-se vagarosamente. Ninguém conseguiu falar nada. Minha mãe, que segurava a travessa de batatas assadas com queijo, a colocou na beirada da mesa e começou a chorar. Ela foi até meu pai e o beijou repetidas vezes, e o abraçou. Eu e Emília nos levantamos e fomos até eles, e nos abraçamos também. A família com as forças reestabelecidas.

— Sete semanas, Márcia! O médico disse entre dois e três meses, mas ele conseguiu em sete semanas! — disse José, abrindo uma cerveja para ele e outra para meu pai.

— Eu sabia que ele conseguiria, eu sabia — disse mamãe, sufocando meu pai em um abraço de urso.

— Eu vou ligar para aqueles imbecis amanhã, e dizer que eu estou de volta! — disse papai, pegando a cerveja que José lhe oferecia.

O sorriso de mamãe vacilou, mas apenas um pouco. Acho que ninguém mais percebeu, mas eu notei. Eu sempre fui atento aos detalhes, acho que esse era o meu problema.

Foi uma noite eufórica. Ninguém sorria tanto desde o ano novo. Meu pai bebeu todas com o meu tio e minha mãe nem sequer reclamou. Aquilo era um fato inédito na minha família.

Então, a manhã veio.

Estava tomando o café da manhã e me preparando para ir para a escola, assim como Emília. Nós pegávamos o bonde que ia circundado a

orla. Eu gostava, principalmente porque tinha aquele cheiro salgado de mar que me dava vontade de ficar pelado e dar um mergulho. Tio José ainda estava dormindo, provavelmente de ressaca e mamãe já havia saído para pegar o ônibus intermunicipal em direção à Praia Grande.

Papai entrou na cozinha, os olhos um pouco fechados, pegou um copo de vidro e bebeu água da pia três vezes. Então nos beijou na testa e deu bom dia. Senti o bafo de cachaça dele, e aquilo me embrulhou o estômago. Ele ainda caminhava de modo estranho, como Neil Armstrong logo após deixar a Apollo 11, mas já parecia mais confiante em si mesmo. Ele foi na direção do telefone que ficava na parede, do lado da porta da cozinha que dava para o quintal. Era daqueles telefones em que você tinha que girar os números em um acrílico para discar, e que o fio era encaracolado e elástico. Eu comia uma fatia de pão com manteiga e espiava a ligação discretamente.

— Alô, Aldo? É o Ricardo.

Uma pausa curta. Meu pai deu uma risada calorosa. Parecia radiante naquela manhã, embora não apoiasse o peso na sua perna lesionada ainda.

— Sim, estou bem, e você? — Mais uma pausa. — Minha perna está curada. Sim, sim, eu sei, eu peguei licença de três meses, mas não tinha como saber que eu iria me recuperar tão rapidamente. — Outra pausa. — Sim, sim, eu sei que preciso que a perícia me libere, mas isso vai ser fácil, o médico que acompanha a fisioterapia disse…

Meu pai ficou calado. O sorriso que ele tinha evaporou. Agora, ele tinha uma expressão séria, como se tivesse dificuldade de entender o que estava ouvindo.

— Como assim realocado? — Uma pausa. — Eu nem consigo apontar isso no mapa! — Eu vi a expressão do meu pai mudar. Era uma manhã fria, então dava para ver a respiração sair das narinas dele em bolas de vapor. E a respiração aumentava de velocidade, como uma locomotiva a

vapor que se preparava para deixar a estação. — Eram apenas três meses! Três meses! — meu pai gritou, contorcendo o telefone na mão.

Eu e Emília nos olhamos, assustados. Não sabíamos exatamente o que fazer. O pedaço de pão que eu mastigava ficou parado na minha boca, derretendo aos poucos.

— Claro que eu entendo, seu bostinha! — Meu pai estava ficando vermelho como um pimentão e agarrava o telefone com força. — Vocês não podiam esperar três meses! Três malditos meses! Deram a minha vaga pra imbecil da Carol e agora querem me colocar na porra do meio do nada! Do nada!

Papai começou a bater o fone do telefone no corpo de discagem com força. Ele só parou quando o telefone se desprendeu da parede e caiu no chão. Então deu um berro alto e forte e nos encarou.

— Para a escola! — ele berrou de um modo insano, apontando para a porta com tanta força que eu achei que seu dedo indicador fosse sair voando da mão. — Anda!

Estava em pânico. Não conseguia me mover. Era como se tivessem passado cola no banco da cadeira.

— Anda, porra! Pra escola! — ele gritou novamente, e dessa vez ainda falou um *palavrão*. Eu só o ouvia falar palavrões quando espiava as conversas dele com mamãe. Nunca haviam sido dirigidos para mim.

Papai caminhou para a mesa com fúria. Achei que ele iria nos bater. O que também seria uma novidade. Porém, no meio do caminho ele caiu no chão, uivando de dor.

No ímpeto furioso em que se encontrava, acabou por descuidar da perna recém-curada e apoiara o peso com força nela. O resultado disso, o médico diria naquela tarde, era que o osso, que estava quase cicatrizado, regredira à estaca zero.

— Aaaaargh! — ele gemeu, caído no chão. Agarrava a perna machucada e rolava de um lado para o outro. — Para a escola! Anda, porra!

Eu e Emília nos entreolhamos em choque. Não tínhamos a menor ideia do que fazer. Por sorte, tio José desceu as escadas naquele instante, os olhos inchados e o cabelo desgrenhado.

— O que está acontecendo aqui?

— Papai caiu, papai caiu — disse Emília.

José correu até a cozinha e observou o corpo do irmão estatelado no chão.

— Mas que merda, Ricardo! Não falamos para você ir com calma?

Aparentemente, os palavrões estavam liberados naquela manhã.

— Eles me substituíram! — disse meu pai, misturado a um silvo de dor. — Eles colocaram outra pessoa no meu lugar.

— Do que você está falando?

— Aldo. Meu chefe… me ferrou bonito. Fodeu a minha vida! —— disse meu pai, por fim.

Julia estava terminando as anotações quando Bruno e Antônio entraram.

— Amanhã continuamos, João — ela disse, sorrindo para ele. Mas ele não sorriu de volta. Havia ajustado sua postura quebradiça, deixando de parecer um passarinho, mas não estava feliz.

Ele olhou para o relógio na parede, que marcava 10h01 da manhã.

— Amanhã — ele disse, de modo vago, e se levantou.

Sessão 9

Estava uma manhã ensolarada no Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Julia caminhava do estacionamento de carros para o prédio. Ela sempre entrava às 7 horas da manhã, embora suas consultas só começassem às 8 h. Aquela hora era parte do seu ritual diário. Onde organizava os pensamentos e se estruturava para o seu dia. O estacionamento de cascalho ficava logo atrás do lago drenado. Hoje, uma leva de pacientes, incluindo João, Raul Pinto Seixas, Rodrigo, que tinha longas conversas com o ET de varginha através do seu vaso sanitário, Clóvis, o comedor de pedras e Getúlio, aquele que sempre via a face de sua esposa em outras pessoas, estavam trabalhando na horta do manicômio. Era uma horta simples, mas que tinha alface, tomate, cenoura, batatas e repolhos. A comida ali plantada era utilizada na refeição dos pacientes, embora o volume plantado não atendesse toda a demanda e fosse necessário comprar uma parte no mercado. César, que também era o rapaz dos cães, supervisionava a horta. Com pás e rastelos de plástico, os pacientes estavam plantando as sementes na terra.

— Olha a belezoca aí, bicho — disse Raul Pinto Seixas, e sorriu para Julia.

— Bom dia, rapazes — ela disse, sorrindo de modo simpático. Getúlio a fitou de modo embasbacado, e Julia pensou se ele estava vendo o rosto da sua falecida esposa na face dela ou não. — O que estão plantando?

— Capim guiné!! — disse Raul. Então se levantou, pegou um rastelo de plástico e o utilizou como microfone, e começou a cantar. — Não planto capim guiné pra boi abanar rabo. Tô virado no diabo, eu tô retado com

vocês. — Enquanto cantava, ele requebrava o quadril seco como se estivesse tento um ataque epilético.

Céus, como canta mal, Julia pensou. *Talvez ele seja o raulzito, no fim das contas.*

Rodrigo e Clóvis começaram a bater palmas, embalando o ritmo de Raul. César olhou para ela com censura, como quem diz, *olha o que você foi me arranjar, doutora.* Apenas João permanecia atento à horta, cavando buracos e colocando as sementes dentro. Ele tinha um sorriso bobo no rosto. Parecia feliz. Em seu próprio mundo, mas feliz.



Agora, na sala em que fazia suas consultas, esperando por João e revendo as anotações do dia anterior, não havia o menor vestígio do sol quente e brilhante da manhã. Ele fora substituído pela luz branca e redonda do teto, que estava protegida por uma grade oxidada e com teias de aranha. O ambiente era frio e impessoal. Paredes brancas que não davam a menor pista do mundo lá fora. Talvez uma janela ajudasse a trazer vida para o cômodo. Mas pessoas loucas pulavam de janelas, assim como podiam se cortar com cacos de uma lâmpada.

João chegou, acompanhado pelos enfermeiros Bruno e Antônio.

— Você vai mesmo pedir pro diretor? — João perguntou, se virando para Antônio.

Antônio, que tinha um andar coxo e um aspecto de cansado, usando sempre o mesmo suéter, olhou para Julia por detrás de seus aviadores de grau e revirou os olhos.

— Não podemos prometer nada, João — disse Bruno, de modo firme.

— Eu sei que não, mas apenas pedi. — João estendeu as mãos para ele em um gesto de súplica.

Bruno deu de ombros, e disse:

— Vou ver o que consigo fazer.

Os enfermeiros deixaram o cômodo, e fecharam a porta atrás deles. Julia conseguia ver as silhuetas deles aguardando atrás da porta de acrílico.

— O que você está pedindo? — Julia perguntou.

— Bom dia para você também, doutora. — disse João, com um sorriso matreiro. Ele parecia estar um estado de espírito mais alegre naquele dia. — Sugeri alguns filmes para a nossa cinemateca. Estou particularmente interessado em *Um estranho no ninho*, mas Antônio disse que não tem a menor chance disse acontecer. Não passam filme de gente louca dentro do hospício, sabe? Que nem quando você vê um filme dentro do avião, e eles cortam se tiver alguma cena com acidente aéreo. Mas eu vi esse filme uma vez, acho que ele tem uma mensagem positiva sobre a loucura no fim das contas. Poderia ajudar o pessoal, na minha visão.

— Mas um dos pacientes comete suicídio no filme, isso não poderia ser perigoso?

— Esse é apenas mais um caso em que a arte imita a vida, doutora.

— Está bem — disse Julia, controlando um sorriso. Então pegou a prancheta e a caneta. — Vi você de manhã na horta. Você gosta de plantar, João?

Ele aquiesceu, sorrindo.

— Gosto muito. Me faz lembrar de Santos, e do jardim extenso… você sabia que ele é o maior jardim frontal de praia em extensão do mundo?

Julia fez que não com a cabeça.

— Quando eu morei lá, na casa do meu tio, tinha a vontade de correr o jardim inteiro, de uma ponta a outra. Acabou que nunca fiz isso, embora tivesse tentado. Mas eu era uma criança na época, e o percurso do jardim

era de mais de dez quilômetros. — Seus lábios se fecharam. — Você acha que eu ainda vou conseguir, doutora? Correr os jardins?

Julia pensou com cautela na sua resposta. A pergunta implícita ali era *vou sair desse manicômio jovem o suficiente? Ou vou apodrecer aqui?* E a verdade é que João poderia passar a vida inteira ali, como acontecia com outros pacientes. Talvez o mais próximo que ele chegasse novamente dos Jardins de Santos fosse a terapia assistida de César na horta.

— Eu espero que sim.

A resposta não agradou João. Ele cruzou os braços e sua postura se desajustou novamente. Os olhos se perderam no chão de cimento queimado.

Julia pigarreou, e disse:

— Continuando de onde havíamos parado ontem… O seu pai chegou a se desculpar pelo ataque de fúria que ele teve no café da manhã?

— Não.

— Mas vocês chegaram a tocar no assunto?

— Não, doutora. Meu pai apenas fingiu que nada aconteceu. — João chacoalhou as mãos, como que fazendo pouco caso.

— E a sua mãe? Alguém contou para ela o ocorrido?

João hesitou por um instante.

— Não tenho ideia. Eu não comentei nada, e acho que nem Emília. Talvez o meu tio José tenha dito algo… bem, o fato é que todos se esqueceram do ocorrido. Eu fiz treze anos uma semana depois do telefonema, e foi a minha pior festa de aniversário.

— Por quê?

— Primeiro, porque meus amigos não tinham vindo. Nem Rodolfo nem Carlos. E eu esperava por isso, estava morando do outro lado do Estado agora, mas até entre nós… o clima estava ruim na minha família. — A bochecha dele repuxou. — Meu pai teve de voltar para a fisioterapia e ele

e minha mãe não se falavam mais. Ele meio que a culpava por tudo, embora isso não fizesse o menor sentido. De novo, acho que era apenas o orgulho masculino ferido falando mais alto. Ele ligou para Aldo algumas semanas depois, para se desculpar, e entender melhor a situação. Ele fora substituído três dias após pedir licença, mas não podiam demitir ele, porque o afastamento garantia um período de estabilidade no emprego, então resolveram realocá-lo em uma cidade do interior do Mato Grosso. Mais de mil quilômetros da nossa antiga casa. Aldo não o avisara antes porque não queria interferir no processo de recuperação do meu pai. Mas acho que ele ficou com pena do meu pai nessa segunda ligação, e disse que, mesmo que aceitasse se mudar para manter o emprego, provavelmente seria desligado da empresa quando terminasse o período de estabilidade. Meu pai não o xingou nessa segunda vez, foi educado até. Agradeceu a franqueza dele e disse que iria arranjar outro emprego. Então, acho que você consegue imaginar como estava o clima familiar lá em casa.

— E você falou disso para os seus pais? — Julia perguntou, apoiando o queixo na mão, o indicador tocando a bochecha esquerda. — Da sua frustração com a festa e com o clima familiar?

— Você está louca? — Ele se inclinou para trás, fazendo as pernas da frente da cadeira e levantarem e as de trás arranharem o piso. — Meu pai estava aleijado e desempregado, minha mãe estava segurando as pontas por nós quatro, e meu tio já ansiava por nos ver fora da casa dele. Como eu poderia falar algo?

Julia analisou João, a bochecha repuxada dele indicava descontentamento, e ela pensou na melhor maneira de dizer a próxima frase.

— Você consegue pensar pelos outros João, e isso é ótimo. Mas as vezes pode ser necessário se impor. Dizer as *suas* vontades.

João se levantou da cadeira, e Julia foi para trás um pouco, deslizando pelo piso. Passou o dedo em cima do ‘botão do pânico’, que estava no bolso do seu casaco preto, mas não o apertou. João continuava de pé, mas não se moveu em direção a ela. Ficou apenas parado, os punhos cerrados.

— Você expressa as suas vontades o tempo todo, doutora?

— Não foi isso que eu quis dizer.

— Vai ver para você é fácil. Que tipo de problema deve ter tido nessa sua vidinha? Papai não te comprou um pônei quando tinha onze anos? Errou a cor do seu carro quando fez dezoito? Marido esqueceu de comprar um buquê no aniversário de casamento? Me poupe! — Ele passou as mãos pelos cabelos com fúria, e então apontou os dedos esticados em direção à Julia, como se lançasse algum feitiço em direção a ela. — Você não sabe o que é não ter um tostão no bolso e ter que jantar uma sardinha de merda com pão duro. Não sabe o que é tentar dormir e não conseguir porque seu tio, que te deixa morar de favor, está comendo duas putas até as três da manhã.

Ele parou de falar. O peito subia e descia em movimentos urgentes. O dedo de Julia estava deslizando pelo botão ainda. João ocultava a porta com a janela de acrílico do consultório, e por isso ela não sabia se Antônio e Bruno estavam lá fora ou não. Teriam saído para tomar um café?

— João — Julia disse, colocando a prancheta de lado e cruzando as mãos sobre o joelho. Seu tom era apaziguador. Havia provocado a ira de João, mas sabia que conseguiria rever a situação. Não precisaria do botão do pânico. Aquele comportamento explosivo não era do feitio dele. Era ácido com as palavras, mas apenas isso. *Acho que ele entendeu que não vai sair do manicômio com vida. Acho que ele entendeu que não vai correr os jardins de Santos.* — O que eu quis dizer, é que em alguns momentos, se

impor pode ser importante. Como com Brutus, por exemplo. Se você não queria que seu pai matasse o seu cachorro, por que não falou?

João deu um passo adiante, e Julia se encolheu na sua cadeira. Iria pedir que ele se acalmasse, mas ele disse algo antes:

— Cala essa boca, sua puta!

João girou nos calcanhares, ergueu a cadeira em que ficava sentado normalmente e a arremessou contra a parede.

Julia deu um grito abafado. O ar parecia faltar em seus pulmões. Antes mesmo que apertasse o botão do pânico, os enfermeiros entraram. O barulho da cadeira se chocando contra a parede havia sido o suficiente para alertá-los.

— O que vocês querem? — João perguntou, se virando para os enfermeiros. — Se afastem de mim! — Ele correu para trás da cadeira de Julia.

Ela se ergueu em um salto e passou pelos enfermeiros, se afastando de João, que agora estava encurralado no canto do cômodo.

Bruno pegou João pelos punhos e o arremessou contra o chão com facilidade. O enfermeiro era grande e atlético. O baque da cabeça contra o assoalho foi úmido.

— Vão com calma! — berrou Julia. Seu coração estava disparado. As pernas fraquejavam. — Se ele tiver uma concussão, vocês vão se ver comigo!

Mas os enfermeiros a ignoraram.

Antônio, mais idoso e fraco, pegou uma seringa da cintura e aplicou a injeção direto no pescoço de João, que apagou quase que imediatamente.

Julia viu seu paciente sendo arrastado com a cabeça pendendo do pescoço mole. Saliva escorria dos cantos dos lábios. Esperou que a sala se esvaziasse, então fechou a porta. Foi até a cadeira tombada e a recolocou no

lugar. Havia uma marca onde João a arremessara. A perna de metal fizera um buraco na parede. Ela sentou-se na sua cadeira. Pegou a prancheta da mesa de cabeceira e então a caneta. Tentou escrever algo, mesmo sem saber ao certo o que, mas seus dedos não respondiam aos comandos, e a caligrafia saiu trêmula.

Deixou que a caneta e a prancheta caíssem no chão, e então se curvou e chorou.

Sessão 10

— Agora ele não vai mais fazer gracinhas, doutora — disse Bruno, e deu dois tapinhas nas costas de João. O enfermeiro usava a camisa do Corinthians. Hoje era dia de jogo.

João estava com uma camisa de força que prendia seus dois braços. Dentro dela, seus ossos pareciam quebrados e fora do lugar. *É isso que você é*, pensou Julia, com rancor, *um passarinho com ossos de vidro.*

Uma corrente prendia seus dois pés, na altura dos tornozelos, fazendo com que caminhasse com passos curtos. Um pino de aço fora chumbado no chão, Bruno prendeu a corrente dos pés de João no pino com um cadeado. Agora, o paciente não conseguiria dar um passo que fosse em direção à Julia. A cadeira em que se sentava permanecia solta, mas com os braços atados pela camisa de força e com os pés presos por correntes e pelo cadeado, João não poderia utilizá-la para nada.

Ela ignorou o comentário de Bruno e só ergueu os olhos quando os enfermeiros deixaram a sala.

— Obrigado — disse João.

Ela viu o estado patético em que ele se encontrava. Um olho roxo e a testa inchada. Ele tinha um olhar opaco. Vazio. Deveria ter passado os últimos dias à base de fortes sedativos.

— Eu não pedi para que eles te amarrassem.

— Eu sei. Estou falando do fato que você se importou comigo no nosso último encontro. Você pediu para o troglodita de uniforme branco não amassar a minha cabeça contra o assoalho. E a isso eu sou grato.

— Você é meu paciente, João. Não te quero mal. Estou aqui para ajudá-lo.

— Sabe, eu não ia te machucar naquele outro dia… quando foi a última sessão mesmo?

— Terça passada.

— Isso. Eu sei que explodi. Mas eu não iria te machucar. — Ele meneou a cabeça em negativa, e seu tronco acompanhou o movimento, mesmo com os braços presos pela camisa de força.

— Por quê?

— Você é diferente, doutora… você não é uma universitária esnobe que se sente superior porque leu livros chatos o suficiente para fazer a maioria dos humanos entrar em coma.

— Vou tomar isso como um elogio.

— Deveria…

Julia vasculhou a mente, incerta de como deveria recomeçar a terapia. Definitivamente não abordaria o cachorro ou o aniversário ou o fato de João nunca falar dos seus sentimentos com a sua família.

— Você estava contando a sua história… seu pai conseguiu o emprego de volta?

— Não. Tudo que ele conseguiu foi perder mais coisas…

Nós ficamos um ano e três meses na casa do meu tio José. Dá para acreditar nisso? Nós entramos como uma família unida e tradicional na casa de meu tio, um pai trabalhador, uma mulher dona de casa, e dois filhos, um casal. E saímos de lá estilhaçados. Minha mãe pediu o divórcio para o meu pai três meses depois do meu aniversário. Não sei muito bem o que motivou o pedido, se foi apenas o fato de meu pai estar se transformando em um homem amargurado, ou se havia mais. Talvez ele batesse nela à noite. Ou talvez ela tivesse começado a trepar com algum ricaço do setor imobiliário.

Talvez os dois. Sei lá. Eu era pequeno demais para entender como funcionava o mundo dos adultos.

Meu pai recebeu um belo dinheiro do fundo de garantia, e minha mãe ficou com metade. Ela também ficou comigo e com Emília. Nós três nos mudamos mais uma vez. Minha mãe conseguiu uma outra vaga de corretora imobiliária. Dessa vez na cidade de Mogi das Cruzes. Não havia nem praia, nem cheiro de mar, nem jardim. Era apenas mais uma cidade de merda como qualquer outra.

Papai voltou para Campinas, a cidade em que eu havia crescido, com a promessa de reconstruir o nosso lar. Talvez poder restaurar o lar físico preenchesse o vazio deixado pelo lar familiar.

O fato é que finalmente deixamos a casa do tio José. Eu, agora com quinze, Emília com catorze e mamãe com quarenta e dois, mas com o entusiasmo de uma garota universitária.

A casa que minha mãe alugou era pequena, mas eu não teria mais que dividir quarto com Emília, e só isso já era um tremendo alívio. Mas o alívio terminou no primeiro dia de aula…

Quando eu me mudei para a casa de meu tio e comecei a frequentar a escola de lá eu não tinha nada com o que me preocupar. Não tinha urgência em fazer amigos, ou me mostrar um cara descolado e interessante, porque eu sabia que tudo aquilo era temporário. Mais dia menos dia, eu ia dar no pé daquele lugar.

Contudo, quando eu tive a minha primeira aula no colégio estadual Padre Anchieta, a conversa foi outra. Eu estava no primeiro ano do colegial e sabia que os amigos que faria ali deveriam durar. Agora a mudança era definitiva, ao menos até eu ter meu próprio salário e mudar de lugar, eventualmente.

Eu me lembro de abrir a porta da sala e meu sangue gelar, a temperatura cair para baixo de zero.

Os alunos estavam de pé, divididos em seus círculos sociais e conversando com entusiasmo. Quase ninguém me notou, todos entretidos com suas conversas, contando os grandes acontecimentos do fim de semana. Tive de passar perto de um grupo de garotas e uma menina loira e peituda me olhou como se eu fosse a porra de um alienígena. Passeei entre as carteiras, a procura de uma que não estivesse ocupada. Encontrei uma do lado da janela, no meio da fileira. Ia me sentar quando alguém arremessou uma mochila em cima da carteira.

— Está ocupado, otário! — disse um garoto, e as pessoas na sala riram, não todas, mas o suficiente para me fazer ter vontade de sair correndo daquele lugar.

O sinal tocou e, em poucos segundos, uma professora de meia idade e muito magra, com os cabelos presos em um coque, entrou na sala. Fiquei parado, vendo os alunos se sentarem e esperando por um lugar vago.

Só havia uma única carteira vaga, e ela estava do lado oposto da sala, encostada na parede. Caminhei até ela de cabeça baixa, ouvindo os alunos cochicharem.

Mal me sentei e ouvi a professora dizer:

— João Oliveira, está correto? — a professora perguntou, lendo um papel retangular.

— Sim, senhora — eu disse.

A professora sorriu. A sala estava silenciosa agora.

— Meu nome é Olívia, sou sua professora de história do Brasil. Eu sei que você já estava estudando o semestre em outra escola, mas acho que vai precisar se atualizar. Pode ser que estejamos dando um foco diferente para a disciplina.

Eu meneei a cabeça.

— Acho que a sala está cheia de jovens entusiasmados para te ajudar a colocar os estudos em dia — disse Olívia, com um sorriso sacana no rosto. Aquilo não combinava muito bem com uma professora.

— Eu sei que *eu* estou com os estudos em dias — disse um rapaz cabeludo e magricelo, o mesmo que arremessara a mochila na carteira em que eu ia me sentar.

— Já corrigi as primeiras provas, Anderson, e não tenho notícias animadoras para você. Contar histórias não é a mesma coisa que estudar história — disse Olivia, e a sala caiu na gargalhada.

Eu permaneci de pé, sem saber se deveria me sentar ou não.

— Está bem, seja bem-vindo, João — disse a professora, apontando para a carteira vazia.

— Obrigado — eu disse, e fiz um sinal de joia para ela. Imediatamente me arrependi. Quem diabos dava um joinha para a professora no primeiro dia de aula?

— Classe, vocês não desejam que João seja bem-vindo? — ela perguntou, abrindo os braços em direção à sala, como se estivesse pronta para conduzir uma orquestra sinfônica.

A sala respondeu em um muxoxo coletivo, que ia desde ‘bem-vindo João’, a ‘claro senhora Olívia’ e um alto e ruidoso ‘quem se importa’.

Finalmente me sentei, ficando aliviado por deixar de ser o centro das atenções.

— Vamos lá, a Guerra de Canudos não ocorrerá sozinha — disse a professora, pegando um giz e começando a preencher o quadro negro.

Eu não sabia ainda, mas quando entrasse na faculdade, seria para estudar história.

Química. Literatura. Intervalo. Assim começou meu dia no Padre Anchieta.

O sino tocou e eu saí da sala, meio deslocado. Emília também estava naquela escola, mas tudo o que eu não queria era ser visto com minha irmã mais nova. Fui até a cantina, entrei na fila e peguei um suco de laranja sem gelo. Então sentei-me perto da quadra de futebol, vendo os alunos jogarem no intervalo.

— É João, certo?

Eu quase derramei o suco no meu colo. Era uma garota. Aos quinze anos, uma garota vir falar espontaneamente com você era o mesmo que avistar o Pé-Grande. Eu havia reparado nela durante a aula — claro, havia reparado em todo mundo.

— Sim — eu disse, a voz tremendo, e tomei um gole de suco.

Podia ver Anderson e outros garotos da sala fumando cigarros atrás da quadra e rindo feito um bando de hienas. Felizmente, minha existência era ignorada por eles.

— Me chamo Patrícia.

Ela não estendeu a mão para que nos cumprimentássemos, nem tentou me dar um abraço. Simplesmente sorriu. E aquilo foi maravilhoso. Era tudo que eu precisava naquele momento.

Eu sorri de volta.

— Eu… bem, tem uma máquina de xerox na papelaria da escola — ela disse, apontando para o prédio.

— É? — perguntei. Não entendi muito bem o que ela quis dizer.

— Eu posso emprestar os meus cadernos, se você quiser tirar xerox deles. Para se atualizar da matéria, sabe?

— Sim, claro. Isso seria ótimo.

Eu mal ouvia o que ela tinha para falar. Estava concentrado em seu cabelo castanho-claro e como ele parecia brilhar sob o sol forte daquela manhã.

Ela se levantou.

— Eu preciso resolver umas coisas, mas me procure depois. No fim do dia. Para eu te emprestar o meu caderno.

— Sim, sim, claro — eu disse.

Ela foi embora, mas ainda sorria.

Eu também.



— Essa Patrícia, é A Patrícia? — perguntou Julia.

João apenas meneou a cabeça. Em seu rosto havia alegria e tristeza, ambos misturados e diluídos na saudade.

-

Sessão 11

Quando a aula acabou eu estava nervoso. Queria, mas temia falar com Patrícia. Já ouviu aquela metáfora das borboletas no estômago? As minhas não voavam, elas estavam em guerra, disparando canhões e bombas nucleares.

Fiquei sentado, mesmo após o sinal bater e os alunos começarem a arrumar as suas mochilas.

Vi Patrícia conversando com suas amigas e indo em direção à porta. Mas, antes de sair, ela olhou em minha direção. Foi apenas uma passada de olho, mas eu sabia que estava perdendo a chance. Não era apenas a oportunidade de pegar um caderno e tirar fotocópia, para o inferno com as aulas, era uma chance de me aproximar dela.

Eu a segui pelo corredor, apressando os meus passos para chegar perto dela.

— Patrícia! — chamei, meio com falta de ar, e ela se virou.

Suas amigas me olharam rapidamente e continuaram a andar. Ela ficou me observando calada. Me olhava diretamente nos olhos. Eu não conseguia sustentar aquele olhar.

— O caderno…

— Ah, sim! Já havia me esquecido — ela disse. Abriu a mochila e me entregou um caderno rosa.

— Obrigado.

— De nada — ela disse, e então tirou o caderno das minhas mãos. Ele cheirava a *tutti frutti*, acho que era a caneta que ela usava. — Os marcadores indicam o começo das matérias — ela disse, havia uma série de post-its laranja e verde limão saindo do caderno, com o nome das matérias.

— No final do caderno tem as listas de exercícios resolvidas. Eu também copio o enunciado dos problemas, então está tudo aí. Se tiver alguma dúvida, me avise.

Eu vou arranjar dúvidas, ô se vou.

— Claro. Obrigado.

Ela sorriu e se virou, foi em direção às amigas que caminhavam em ritmo lento pouco mais à frente.

Analisei o caderno mais detalhadamente. Haviam seis tipos de cores diferentes de caneta nele. Também tinham cheiro de melancia e outras coisas mais. Me embrulhou o estômago. E as páginas eram rosa também, embora em um tom mais claro. Acho que nunca tinha segurado um caderno de garota antes. O meu era simples, com folhas rasgadas e escrito inteiro com uma caneta *bic* preta. E nas últimas páginas, ao invés de lista de exercícios, eu desenhava.

Encontrei Emília na escada. Estava se despedindo de um grupo de garotas.— Se dando bem, irmã?

Ela apenas meneou a cabeça. A Emília de sempre, preenchendo os diálogos com silêncio.

— Eu só preciso xerocar este caderno antes de irmos embora — disse, agitando o caderno.

Ela deu um sorriso matreiro ao ver o caderno de menina, mas não disse nada.

E nós fomos até a máquina copiadora.

Aquelas foram boas semanas.

Eu passava a maior parte do intervalo sentado na arquibancada da quadra, vendo as pessoas praticarem esportes. Patrícia e as amigas também faziam isso e nós conversávamos em algumas ocasiões. Éramos apenas amigos, mas eu já ansiava por mais do que isso.

— Você gosta de Beatles? — ela me perguntou certa vez durante o intervalo das aulas.

— Sim, claro — respondi, embora nunca tivesse ouvido nenhuma música deles. Ao menos não conscientemente. Era impossível nunca ter ouvido uma música dos Beatles se você nasceu nos anos oitenta.

Ela esticou o fone de ouvido na minha direção e eu me aproximei. Meu joelho roçou no dela, e eu peguei um dos fones.

Nós ficamos lá, sentados na bancada, cada um com um fone de ouvido.

— He blew his mind out in a car. He didn't notice that the lights had changed — Patricia cantou. Ela não era afinada, Paul pularia de uma ponte se a ouvisse, mas tinha a voz doce.

— Achei que os Beatles compunham apenas canções de amor. — Observei, meio horrorizado com a letra.

— Para de ser mulherzinha, João — ela respondeu. Nós rimos, e ouvimos a música até o fim.

Então uma canção mais lenta entrou, e eu a ouvi cantarolá-la também.

— Here comes the sun… tú-dú-dú. Here comes the sun, and I say: it's all righ…

Ela apoiou a cabeça no meu ombro. Não sei muito bem o que me deu, mas eu peguei na mão dela. Senti seus dedos, pele, unha, calor. Foi maravilhoso. As amigas de Patrícia nos olhavam de rabo de olho. Gostei disso também.

Quando o sinal tocou foi quase que uma tortura.

Eu entreguei o fone para ela. Não falamos nada, mas nos olhamos e havia energia naquele olhar. Eletricidade. Ela me beijou na bochecha e se levantou.

Ela foi na frente, com as amigas, e eu fui atrás, fazendo questão de tomar distância.

— Ô Don Juan!

Eu me virei e vi Anderson, o cara que arremessara a mochila na carteira para marcar território, se aproximar com mais dois garotos, todos fedendo a cigarro. Um era loiro, com olhos tão azuis quanto o céu, e se chamava Kléber. O outro era um rapaz de cabelos encaracolados e ruivos, rosto coberto de espinhas, que todos chamavam de Z.

— Opa — eu disse. Incerto sobre como proceder. Eles não utilizavam uniforme da escola. No ensino médio, aquele era o código para rebeldia. Todos tinham camisas pretas de bandas de rock. Eram Ramones, The Smiths e a última era de um bando de homens com pinturas no rosto e línguas compridas que eu nunca ouvira falar.

— Cara, nós vamos jogar bilhar depois da aula, e o Z precisa de uma dupla. Topa?

— Onde?

— Aqui perto — disse Z, em um tom desinteressado, como *não dou a mínima se você vai ou não*. — Em um boteco.

— Claro, por que não? — eu disse, e subimos para a aula.

Eu me tornei amigo do Anderson. Vai entender. Quando o vi pela primeira vez achei o cara um mala, mas acabou que ele era gente fina.

Tão logo chegamos no boteco, Anderson foi até o balcão do bar e voltou com três fichas de bilhar e uma garrafa de cerveja com quatro copos americanos. Eu nunca havia bebido nada alcoólico, mas Anderson serviu os quatro copos e eu simplesmente os acompanhei. Foi maravilhoso. Era gelado, era amargo, e o melhor de tudo: era proibido.

Começamos a jogar, bebericando a cerveja, e eles começaram a fumar. Kléber me ofereceu um cigarro, e eu disse que não fumava. Temi

que eles fossem caçoar de mim, mas não disseram nada. Apenas continuamos o jogo. Eles fumavam como três malditas chaminés, três pirralhos sem pelo no meio das pernas que se achavam os cowboys da Marlboro porque dividiam um maço de vez em quando.

Eu me descobri um jogador razoável de bilhar, e aquela foi apenas a primeira de muitas tardes que passaríamos naquele boteco.

No começo eu me achava muito superior para fumar. Meu pai fumava, e minha mãe ficava doida. Achava aquilo uma perda de tempo. Mas um dia a curiosidade bateu. Sabe como é, e eu pedi um trago para Z, no final da aula, enquanto caminhávamos de volta para casa. Aquilo desceu rasgando, ardendo, mas deu uma tontura boa. Eu prometi a mim mesmo que nunca mais fumaria. Mas de que serve uma promessa, se não para ser quebrada?

Eu fumava escondido da minha irmã, dos meus pais e da Patrícia. Nós não namorávamos, nem tínhamos nos beijado ainda, mas eu achava que ela não gostaria de saber que eu andava aprontando.

João olhou para o relógio na parede. Os braços atados na camisa de força e os pés presos por correntes.

— Nosso tempo já está acabando, não é?

— Sim, João, mas daremos prosseguimento am…

— Eu… eu queria contar algo hoje.

Julia estranhou aquilo. Parecia haver um peso nas costas de João. Ele estava meio curvado.

— Não pode esperar até amanhã? Teremos mais uma hora para…

— Não. Se eu esperar até amanhã, acho que vou me esquecer… dos detalhes, entende? O que eu preciso contar é importante.

João piscou duro, como um homem louco faria.

Julia ponderou um instante sobre o assunto. Aquele era um precedente que não tinha intenção de abrir. Se não seguissem as regras, onde poderiam parar?

— Deixa para lá… — ele disse, hesitante. Como se percebesse que Julia não estava contente.

— Não, João, por favor, conte a sua história.

Julia esperou que o consentimento aliviasse a expressão severa de João, os lábios cerrados em uma linha branca, os olhos tristes, mas só fez intensificá-la.



Era uma tarde especialmente quente, e eu e minha irmã decidimos passar em uma sorveteria depois da aula. Normalmente pegávamos dois picolés e íamos para casa, mas naquela tarde, em específico, decidimos sentar um pouco em um dos bancos da praça da cidade.

— O que você está achando da escola? — ela perguntou. O nariz sujo de sorvete, assim como a saia do vestido.

— Eu estou gostando… — disse, com desinteresse. — Aposto que a Patrícia também está gostando mais da escola agora — ela disse, com um pouco de maldade. Acho que era apenas ciúme de irmã, entende?

Eu sorri. Então observei o jardim à nossa frente, com árvores e flores. Havia uma brisa suave naquela tarde infernal.

Um senhor de meia idade passou correndo, de moletom cinza e touca preta, com um cachorro preso à coleira.

O cão era bege e preto, e tinha um pelo curto. Ele corria com a língua de fora, e parecia contente de estar ali.

— Você ainda pensa nele? — Emília perguntou.

Apenas meneei a cabeça. O coração apertado.

— Ele era um bom cachorro — respondi com a voz embargada.

Emília começou a chorar. Eu não entendi de onde aquilo tinha vindo. Ela nem gostava tanto do Brutus assim.

— Calma… ele… foi merecido — eu disse, passando as mãos nas costas dela.

O sorvete estava pendendo pelo palito, entre os dedos trêmulos de Emília, derretendo gota após gota. Sua cara estava um caos. Toda suja de sorvete.

— Não é isso — disse ela, me olhando. — Tem algo… — seus olhos recaíram para o chão e sua bochecha se repuxou — algo que eu nunca te contei. Nunca contei para ninguém, aliás.

— O que é? — perguntei, colocando a mão no ombro dela.

— Nada — ela disse, curvando-se para dentro de si. Balançava os tênis all-star de cano alto, fazendo-os raspar no solo.

— Como nada? — Fiquei um pouco impaciente. — Você acabou de dizer que tem algo que não me contou.

Emília deixou o sorvete cair no chão, manchando a terra vermelha de chocolate, e passou as mãos nos cabelos, se curvando.

— Você vai ficar bravo… — ela disse com uma voz manhosa. Parecia sentir medo de mim. Me olhava de esguelha. Tudo aquilo me deixou confuso.

— Não vou não — disse, convicto. Nada em Emília me deixava bravo.

— O incêndio — ela sussurrou.

— O que tem ele?

— Fui eu…

Ela me encarou rapidamente. Então cobriu o rosto com as mãos, e voltou a chorar.

— Não fale bobagens! — disse, mas me afastei um pouco dela. — Foi um defeito no micro-ondas… — Eu hesitei. — Não foi?

— Não. Eu quis fazer um prato que tinha visto na televisão, lembra? Sei lá… eu… coloquei um pedaço de chocolate em uma embalagem de plástico no micro-ondas e simplesmente… simplesmente…

Eu me levantei. Braços cruzados.

— Para de falar bosta! — disse, apontando um dedo na cara dela.

— É a verdade! Você disse que não ia ficar bravo… — Ela abraçava a si mesma, os tênis raspando contra o chão e espalhando o sorvete. Ranho descia pelo nariz e se misturava ao sorvete nas bochechas. — Você disse que não ia…

Era verdade. Eu havia dito. Mas não estava preparado para aquilo. Tudo veio à minha mente, como um vômito. A casa em chamas. Meu pai quebrando a perna. O pino. O emprego. A casa do tio José. Dizer adeus aos amigos. Meu pai gritando com a gente porque estava sem emprego. *Anda, porra! Pra escola!* O divórcio.

Então… uma luz. Uma intuição.

— Você estava agindo estranha naqueles dias — afirmei.

— Do que você está falando? — Ela se virou para mim, deixando de encarar os tênis. Seus lábios tremiam. O medo se intensificara nela.

Eu me afastei alguns passos. Os joelhos fraquejavam.

— Eu… eu achava que era um sonho… — disse. Nunca havia mencionado o homem da sorveteria para ninguém. Em parte, por medo. Em parte, porque achava que ninguém acreditaria em mim.

Emília me fitou nos olhos, e vi suas pupilas dilatarem. Ela sabia do que eu estava falando. Não havia sido apenas um sonho…

— O homem de luva e chapéu — eu disse. — Eu o vi parado do outro lado da nossa rua. Achei que era um sonho… você o viu também, não foi? O homem da sorveteria!

— Cala a boca — ela disse, quase num sussurro. Os braços envolviam o estômago e ela se balançava para frente e para trás.

— Por isso você agiu estranho naqueles dias. O que ele disse para você? Ele que mandou você incendiar nossa casa e *foder como a nossa vida?*

— Fica quieto! — ela berrou. — Você tá mentindo! Você é mentiroso! Não tem homem nenhum. Eu só quis fazer chocolate no micro-ondas.

— Tem sim! — eu disse, a agarrando pelos ombros. Vi seu pescoço chacoalhar com o impacto e não me importei. — O mesmo homem da sorveteria dos Borges! Ele estava indo lá em casa, de noite. Eu achei que fosse sonho, mas foi de verdade.

Emília se desvencilhou do meu aperto e se levantou. Ela me deu um tapa no peito.

— Cala a boca! — ela berrou, e tapou os ouvidos com as mãos.

— Ele conversou com você, não foi? Não foi? Ele te fez tacar fogo em casa? — Eu a segurei pelos ombros novamente, agora com força. Sentia minhas unhas se cravando na pele e chegando até o osso. — Que nem fez os Borges se mataram? E Brutus… ficar louco…

— Por favor, não conte para a mãe — ela disse, chorando, e me abraçou. Seu corpo inteiro parecia soluçar.

— Me responde — eu pedi, com a voz mais calma, e a abracei de volta.

— Não sei do que você está falando. Homem de luva… não me lembro de nada disso. Simplesmente fiz algo estúpido.

— Estúpido? — Eu desfiz o abraço e me afastei. Então apontei um dedo acusador em direção a ela. — Você incendiou a minha casa! Você destruiu a vida dos nossos pais!

Emília me deu um olhar gelado, então começou a correr feito louca para fora do parque. Eu pensei em segui-la, mas notei o meu punho cerrado. Estava com raiva dela, e decidi que era melhor ficar longe da minha irmã por hora.

Sentei-me no banco, e percebi que ainda segurava o meu palito, o sorvete de chocolate derretera e manchara os meus dedos. Fiquei analisando-o por alguns instantes. Tivemos aquela conversa tomando um sorvete. Lembrei dos meus pesadelos. Do carro de sorvete da família Borges. A história dava um jeito de se repetir.

Bom dia, João. Hoje temos um sabor especial, quer provar?

Sim, claro.

— Está tudo bem?

Notei que Patrícia se aproximava, e pensei estar sonhando. O que ela fazia ali?

— O que você está fazendo aqui?

Ela estava com os braços para trás, postura hesitante.

— É um parque público, sabia? — ela disse e tentou sorrir, mas não conseguiu.

Então entendi. Ela havia ouvido a gritaria entre eu e Emília. Olhei em torno. Algumas pessoas no parque me observavam. Deveria ter sido uma cena e tanto.

— O quanto você ouviu? — perguntei.

Ela meneou a cabeça em negativa.

— Isso não importa — ela disse, e sentou-se ao meu lado.

Eu a abracei, os dedos sujos de sorvete de chocolate derretido manchando a camiseta branca dela. Então vieram as lágrimas. Não havia nada que eu quisesse menos nessa vida do que chorar na frente de Patrícia, mas foi exatamente o que eu fiz. Ela não pediu por explicações, apenas me abraçou de volta, passando as mãos em minhas costas, me mantendo quente, me mantendo seguro.

Ela me beijou no pescoço e eu me virei e a beijei.

Foi com ela que dei o meu primeiro beijo.

Seria com ela que daria o meu último.



João chorava.

Não estava com os olhos pequenos e a boca arqueada. Ele chorava com uma expressão serena, como se fosse uma máquina contando a história da sua vida.

— Depois daquele dia eu decidi que a minha irmã estava morta para mim… eu nunca contei, para os meus pais, o que ela havia me revelado. E nós dois nunca mais tocamos no assunto. Mas ele sempre esteve lá, espreitando-os, uma barreira invisível entre nós.

— E vocês chegaram a fazer as pazes?

João apenas meneou a cabeça, ainda sustentando a mesma expressão apática, os olhos ainda derramando lágrimas.

— Ela destruiu minha família — ele disse.

Julia tinha muitas coisas que poderia dizer naquele momento. Pontos de vista para defender, perspectivas para explorar, mas acabou por dar aquilo de que João mais precisava.

Apenas o silêncio.

Sessão 12

Os enfermeiros trouxeram João. Ele continuava com a camisa de força apertada a restringir seus movimentos, assim como a corrente que prendiam seus tornozelos um ao outro, e que fazia com que andasse a passos curtos e circulares. Além dessa punição visível, João fora suspenso das atividades sociais do Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Não participava mais das atividades com os cachorros — não que João fosse sentir muita falta disso em específico, Julia pensava — nem dos ensaios de peças de teatro ou do trabalho na horta. Ela havia conversado com Caio, o chefe de segurança, para perguntar até quando a punição seria necessária.

— Três meses devem bastar — ele respondeu, enquanto palitava os dentes no refeitório. Julia evitava olhar diretamente para a cena. Também evitara almoçar com ele, apenas se sentara na mesa após ele ter concluído a refeição.

— Três meses? — ela repetiu. — Não vejo necessidade de um período tão longo. Conversei com a doutora Paula… — Ela era a psiquiatra de João, e lhe prescrevia sua medicação. — E ela me disse que a medicação de João foi totalmente reajustada. Ela inclusive aumentou a dose de Clonazepam, o que sou contra — disse Julia, cruzando os braços.

Caio deu uma risadinha amarela, então colocou o seu cassetete em cima da mesa. O bastão era negro e lustroso, com cinquenta centímetros de comprimento e uma fivela de plástico negro. *Ele deve cuidar melhor desse bastão do que dele mesmo*, Julia pensou, vendo como a roupa dele possuía dobras e amarrotados na altura do peito, e como o cassetete estava limpo e impecável.

— Julia, querida, eu sou o chefe de segurança aqui. Se eu digo três meses, então é três meses.

Ela respirou fundo. Caio era o perfeito exemplo das *pequenas autoridades*. Dê um título de *chefe* da segurança e um cassetete, com um par de botas pretas para combinar, e a pessoa se achava o novo líder da humanidade.

— Não há nada que possa fazer para mudar de opinião? — Julia perguntou, tentando sorrir de modo amigável. — Poderíamos começar tirando a camisa de força apenas durante minhas sessões. Bruno e Antônio ficam com a atenção redobrada, caso eu acione o botão do pânico. Se João se comportar, e eu sei que vai, então podemos recolocá-lo nas atividades sociais. Pelo menos na horta.

Caio ouviu a proposta com genuíno desinteresse, apenas palitando seus dentes e checando de tempos em tempos se a ponta do palito tinha um pedaço de carne ou não. Julia podia imaginá-lo sorrindo para ela e perguntado *tá limpo?* Quando ela concluiu a proposta, Caio jogou o palito de dente no seu prato, junto aos restos do almoço, e seus olhos se depositaram sobre Julia, mais precisamente sobre o decote da sua blusa branca.

— Bem, se você quer realmente saber — ele disse, e acariciou de leve o cassetete em cima da mesa —, consigo pensar em uma coisa ou duas que você poderia fazer para mudar minha opinião. — E deu um sorriso sacana.

Julia cruzou os braços. Ainda vendo aquele homem com o cheiro terrível de perfume barato acariciar o cassetete e olhar para o seu decote.

— Acho que você vai ter que continuar lustrando seu cassetete sozinho, do mesmo modo que deve fazer toda noite — ela disse se levantando. Caio continuava a olhar para ela com um sorriso sacana. Aquilo lhe deu raiva. Ela teve vontade de pegar o cassetete e dar no meio dos

dentes daquele homem. — Aliás, você tem alface no vão dos dentes ainda. Está nojento.

Isso fez o sorriso de Caio sumir, e ele pegou o palito de madeira do seu prato e voltou a palitar seus dentes. Não havia sujeira nenhuma ali, mas Julia esperava que ele perdesse um bom tempo até descobrir isso.

É claro que ela poderia reportar a conduta de Caio para o diretor do Manicômio Judiciário Presidente Prudente. E é claro que aquilo não daria em nada. Julia já vira mulheres que foram assediadas fisicamente não conseguindo provar nada. O máximo que Caio fez foi acariciar o próprio cassetete e olhar para o decote dela, e tudo que ela conseguiria com aquilo seria gerar um clima de estresse no trabalho.

João se sentou na cadeira de madeira, ela estava com uma das penas de metal tortas depois que fora arremessada contra a parede. Bruno prendeu os pés dele com o cadeado e foi embora.

— Bom dia, João.

— Bom dia, doutora.

— Dormiu bem na noite passada?

— Mais ou menos.

Julia via que estava apenas para menos. Ele tinha os olhos inchados e com olheiras roxas e profundas. Se não tivesse conhecimento do contexto em que se encontrava, acharia que ele havia arrumado alguma encrenca. Mas ela sabia que ele deveria ter passado a noite chorando.

— O que veio depois, João? Depois do parque.

— Os melhores anos da minha vida — ele disse, e sorriu.

Existe algo maravilhoso no ensino médio. É a franqueza. Você vai para a aula, mesmo estando sem vontade, e não precisa esconder isso.

Todos sabem. Seus pais sabem. Sua namorada sabe. Os professores sabem. É socialmente aceito.

Isso era maravilhoso, entende?

Anos depois, quando comecei a trabalhar, percebi que a hipocrisia crescia conforme os anos se passavam. Claro, todo mundo odeia o seu emprego, ninguém tem vontade de fazer hora extra, mas todos se demonstram entusiasmados. Falsos do caralho.

Eu e Patrícia começamos a namorar. Acho que no quebra-cabeça da vida, as peças têm sabores diferentes. Alguns amargos, outros doces. E nas peças em que partilhei com a Patrícia, uma das melhores tinha gosto de tabaco e suor.

— Você já ouviu falar das Sete Cachoeiras? — Patrícia perguntou. Nós estávamos sentados, assistindo aos alunos jogando bola no intervalo, e dividindo uma Coca-Cola gelada, com dois canudos.

— Nunca. O que tem lá?

Ela revirou os olhos.

— Definitivamente não me apaixonei pela sua sagacidade.

— Claro que não, foi pelos meus músculos.

Eu a abracei na altura da barriga, fazendo-a tombar de lado. O refrigerante também caiu, e se esparramou no chão de concreto pintado de cinza.

Ela se desvencilhou, meio rindo, meio brava, porque agora estávamos sem a Coca-Cola.

— É um lugar muito bonito, pensei que poderíamos ir lá amanhã.

— Amanhã? — perguntei. Sabia que aquele era o tipo de passeio que minha mãe não gostaria que eu fizesse. — Os seus pais vão deixar, por acaso?

— Quem disse que preciso da permissão deles? — Ela retorceu os lábios, em uma expressão malandra e jovial.

— Uuui — disse em tom de zombaria. — Falou a Noviça Rebelde.

— Nós poderíamos ir durante a aula. Não vamos ter nada de muito importante mesmo. Acabamos de fazer as provas do meio do semestre.

Eu a beijei.

— Onde te encontro?

— Meus pais me deixam de carro na frente da escola… que tal atrás da escola? Assim não chamamos tanta atenção.

— Lá então — respondi.

O sinal tocou e nós nos levantamos. Andávamos de mãos dadas, quando avistei Anderson e os rapazes.

— Vai na frente, amor. Eu te encontro na sala — eu disse.

Assim que ela estava a uma distância segura, eu saquei um cigarro do bolso e comecei a fumar.

Naquela época um maço durava uma semana inteira comigo. Assim que eu entrei na faculdade, passou a durar um dia. E quando as coisas realmente ficaram complicadas… bem, ele durava algumas horas, talvez.

Arrumei a mala da escola para o dia seguinte com os itens de sempre, mas adicionei uma sunga para o mergulho. Eu achava que Patrícia daria para trás. Ela não iria mentir para os pais, era toda certinha. O máximo que havíamos feito era nos apalpar por cima das camadas de roupa no muro atrás da escola. Lembro que ele tinha ilustrações das capas de todos os livros de leitura obrigatória: Memórias Póstumas, Capitães da Areia, e por aí vai. Por cima das ilustrações, havia pichações. A cachorra Baleia, de Vidas Secas, agora tinha óculos escuro e fumava um cigarro. Os garotos de Capitães da Areia agora tinham submetralhadoras nas mãos e ativaram para todo canto. Uma das balas acertara Bentinho, e ele sangrava pela cabeça,

logo abaixo do par de chifres. Anderson, com seu quadril magro e suas camisas pretas de rock, dizia que ele e os outros rapazes haviam feito as pichações dois anos atrás. Eu duvidada. Não que eles não fossem capazes de cometer um ato vândalo como aquele, mas só colocaria um par de chifres em Bentinho quem havia lido o livro, e isso eu tinha certeza de que eles nunca fizeram.

De qualquer modo, quando chegou a manhã seguinte, para minha grata surpresa, Patrícia estava lá me esperando, atrás do muro da escola.

Eu e Emília saíamos juntos de casa para ir para a escola, mas sempre dávamos um jeito de nos separar, não nos falávamos mais, e naquela manhã não foi diferente.

Corri para Patrícia e lhe dei um beijo curto. Ela estava linda. O seu cabelo castanho claro parecia brilhar contra o sol da manhã, como se ela fosse um anjo envolto em uma auréola. Os olhos verdes, por detrás dos seus óculos roxos e sempre limpos, pareciam de um tom mais vivo naquela manhã também. Um tom mais selvagem, talvez. Usava a camisa branca de algodão do uniforme, na qual seus jovens seios já despontavam. A calça era marrom — acho que todos os alunos odiavam aquela cor de *burro quando foge* — assim como a minha. Não usar o uniforme, embora o fizéssemos em certas ocasiões, poderia levantar suspeitas desnecessárias naquele dia.

— Então isso vai realmente acontecer? — perguntei, olhando em torno para me certificar de que ninguém poderia nos ouvir.

— Claro — ela disse, e começou a andar, dobrando a esquina. — Rápido, precisamos estar de volta até o meio-dia.

Essa sim era a minha Patrícia falando. Medrosa. Metódica.

— Vamos precisar pegar um ônibus — ela disse.

Caminhávamos em direção a uma grande avenida, que ficava há cinco quadras da nossa escola.

— Qual ônibus?

Ela apontou para o veículo parado duas quadras à frente. Ele era branco e verde, e tinha uma estrela cadente na sua lateral. Um visor de papel na sua traseira lhe trazia o código: 47176.

— É aquele — ela disse, e começou a correr. — Se perdermos ele, só daqui uma hora!

Eu corri ao lado dela. Poderia ultrapassar a sua velocidade facilmente, mas não havia graça alguma nisso. Chegamos aquecidos e ofegantes até o ônibus. O motorista deve ter nos visto pelo retrovisor e fez a gentileza de esperar. As portas de vidro e borracha se abriram para nós.

— Não… é… esse… — disse Patrícia, com a respiração pesada, apoiando as mãos nos joelhos.

— Desculpa — eu disse para o motorista. Ele resmungou algo e seguiu viagem.

Eu encostei as costas no muro e sorri, a abraçando. Uma energia estranha percorria nossos corpos. Estávamos fazendo algo proibido. Essa é a beleza de se ter quinze anos, as coisas proibidas que você pode fazer são excitantes, mas não são criminosas. Éramos apenas dois adolescentes cabulando aula para tomar um banho de cachoeira.

O ônibus chegou dez minutos depois e nós subimos nele. Pagamos o cobrador, passamos pela catraca, e fomos nos sentar no fundo. Só havia uma meia dúzia de pessoas além de nós, do cobrador e do motorista.

Patrícia me deu um cutucão nas costelas, e apontou para a sua mochila.

Eu não entendi o que aquilo significava. Então ela abriu a mochila, e eu vi uma frasqueira metálica retangular.

— É do meu pai… — ela disse com excitação na voz. — É uísque.

— Nem fodendo — eu disse.

Ela girou a tampa e deu um gole, jogando a cabeça para trás com violência. Uma careta se seguiu e suas bochechas ficaram avermelhadas.

Patrícia estendeu a frasqueira para mim e eu a peguei com hesitação. Inalei próximo a tampa e senti o cheiro forte de bebida destilada. Até então, minhas aventuras se limitavam a cervejas enquanto jogava bilhar com Anderson, Z e Kléber, mas pensei: por que não?

Dei um gole e engasguei. Patrícia deu tapinhas nas minhas costas de forma satírica, o que me fez lembrar de quando minha mãe queria me ajudar a empurrar o catarro para fora dos pulmões.

Fitei o ônibus, com receio de que os outros passageiros estivessem prestando atenção em nós. Todos estavam cuidando dos seus próprios negócios. Eram pessoas de meia-idade lendo jornais. Acho que quase ninguém tinha celular na época e, se tivesse, o máximo de distração que conseguiria arranjar seria o jogo da cobra.

Demos mais dois goles cada, e Patrícia guardou a frasqueira na sua mochila.

Eu senti meu estômago aquecer e uma moleza bem mais forte que a de um Marlboro se apoderar do meu corpo.

Abracei Patrícia com força e dei-lhe um beijo intenso, de língua. Então ela apoiou a cabeça em meus ombros e deslizou a mão para o meio das minhas pernas, apertando o meu pênis. Imediatamente a minha mente se voltou para a possibilidade de sexo. Mas eu não tinha camisinha. Céus. Com apenas quinze anos, entrar em uma farmácia e comprar um pacote de camisinhas exigia mais coragem do que comprar um maço de cigarros no bar.

Deslizei a mão pelas coxas delas e cheguei ao meio de suas pernas. Mas ela afastou a minha mão, e a recolocou sobre o seu joelho.

Não tentei uma nova investida, apenas apreciei a viagem, com a mão dela no meio das minhas pernas.

O ônibus passou por lugares que eu nunca tinha visto. O centro urbano de Mogi das Cruzes com seus prédios e tráfego intenso deu lugar a casas pequenas e populares, e prédios de quatro andares. Então as casas se transformaram em sítios e chácaras e tudo que víamos eram porteiras de madeira.

— Acho que é a próxima parada.

— Você *acha*? — perguntei.

Ela deu sinal, puxando a corda.

— Você acha que eu mato aula toda semana para nadar? — ela perguntou, em um tom mal-humorado que era apenas seu. Era um pouco engraçado até.

Descemos do ônibus, e havia uma placa apontando para dentro de uma estrada de barro.

Sete Cachoeiras.
2 quilômetros.

Começamos a subida. Ela sacou o seu fraco com uísque, e nós bebemos enquanto subíamos pela rua poeirenta. O tênis branco dela estava se avermelhando com rapidez. Aquilo poderia ser uma evidência para seus pais, mas resolvi não comentar sobre o assunto. Eu calçava um par velho de all-star cano alto, que já vira mais poeira do que aquela estrada poderia oferecer. O sol da manhã era quente, e suávamos em nossas camisas de algodão do colégio.

A bebida fez os meus pés ficarem pesados, e meus joelhos amolecerem. Eu gostei. Estávamos de mãos dadas, e pude sentir a pele quente dela. Em algum momento do caminho, avistamos uma placa

apontando para a direita, onde havia uma trilha que cortava a mata fechada. Entramos nela.

Já conseguia ouvir o som da cachoeira. A água batendo contra as pedras.

— Ué? Mas não eram sete? — perguntei, observando a cachoeira que desaguava em uma pequena lagoa rodeada de pedras à nossa frente. O lugar ela lindo. Parecia o set de locação de Lagoa Azul. Natureza em seu estado bruto. Intocada.

— As outras estão na continuação da trilha — disse Patrícia. Ela colocou a mochila em uma das pedras e se sentou. — Achei que poderia ter mais alguém aqui. Fico feliz que sejamos apenas nós dois.

— Vem muita gente nesse fim de mundo?

— Olha, senhor João, pro seu governo, as Sete Cachoeiras é um ponto muito famoso da região.

— Com certeza — eu disse, e então apontei para a mata e as pedras. — Já consigo imaginar os turistas e o carrinho de pipoca.

Ela me mostrou o dedo do meio. Aquilo era algo novo, vindo de Patrícia. Mas as surpresas daquele dia estavam só começando.

Sentei-me e tirei os tênis all-star. Tirei as meias e senti a pedra áspera e morna sob os meus pés. Ela sentou-se ao meu lado.

Patrícia deu mais um gole no uísque e me esticou a garrafa.

— Está quase no fim — ela disse, com a voz meio mole, e então deu uma risada sozinha.

Eu dei um gole generoso, e matei a bebida. Ela ainda descia ardendo, mas agora meu corpo já parecia mais amortecido.

— Eu quero um — ela disse.

— Um o quê?

— João, eu te beijo há cinco meses. Acha mesmo que eu não sei o que você faz com os garotos? — ela perguntou, sorrindo um pouco torto.

A revelação me espantou.

— Por que você quer?

— Não posso experimentar, por acaso?

Eu abri a minha mochila. Tirei um maço pela metade, que já estava bem amassado, fisguei um cigarro, coloquei-o entre os meus lábios e o acendi com um isqueiro vermelho.

— Não pode experimentar não — eu disse, sorrindo de modo sacana.

Ela veio até mim, e sentou na minha cintura, com as pernas abertas. Apoiou as mãos em meu peito, fazendo-me cair para trás e bater a cabeça de leve contra a pedra.

Estiquei a minha mão, procurando afastar o cigarro dela, mas ela o pegou dos meus dedos.

— Como é que se faz, cowboy?

Meu pênis latejava. Eu sentia as pernas quentes dela em cima de mim.

— Respire! — eu disse, agarrando um seio dela. Para meu espanto, não houve resistência. — Apenas puxe o ar.

Ela o fez. Então abriu a boca para dizer algo, mas a fumaça escapou e ela engasgou.

Patrícia continuou em cima de mim, e nós dividimos o cigarro até o fim.

— Quer dar um mergulho? — ela perguntou, erguendo-se com a mão apoiada em meu peito, quando o cigarro terminou.

— Sim, claro — disse, e estiquei a minha mão para a minha mochila. Iria colocar a sunga.

Patrícia tirou a sua camisa de algodão e atirou na minha direção. Havia o gosto doce de seu suor misturado com tabaco. Ela tirou o sutiã e

também o arremessou para mim. Foi quando eu entendi que apenas eu havia trazido um traje de banho.

Nua, ela mergulhou no lago de pedra. Surgiu próxima a cachoeira, os cabelos cobrindo os seios firmes.

Eu tirei a minha roupa e mergulhei também.

— Está gelada — comentei.

— Vem aqui… eu te esquento — ela disse.

Eu fui até ela. E a beijei. Mas não foi só isso. Eu a envolvi. Senti seu corpo nu contra o meu, o nosso calor contra a agua fria. Toquei seus seios e os beijei. Então toquei a buceta dela. Deslizei os meus dedos, sentindo a textura, a pele. Ela pegou meu pênis e começou a me masturbar. Eu fiz o mesmo com ela. Nós nos beijávamos de forma descontrolada, batendo dentes, passando a língua.

— Não aqui… — ela disse, entre gemidos. — Na pedra.

Nós nadamos até a beirada. Ela teve de ficar de quatro para escalar a pedra, e quando o fez eu aproximei os meus lábios da bunda dela e a beijei, sentindo um gosto salgado.

Eu deitei na pedra, para que ela não se machucasse com a aspereza da superfície. Ela veio por cima. Mãos sobre meu peitoral. E desceu com calma, deixando-me entrar.

Patrícia me abraçou, quando tudo terminou. Nossos corpos estavam úmidos não apenas pela água do lago, mas também pelo suor.

— Eu te amo — ela me disse.

— Eu também — respondi, e a abracei de volta, envolvendo seu corpo com meu braço.

— Você acha que a gente vai casar?

Eu ri, e a beijei.

— Claro. Nada poderia nos impedir. Quer mais um cigarro?

Ela fez que sim.

Eu acendi e nós dois fumamos, sob o sol da manhã, ainda nus.



— Vocês casaram quanto tempo depois? — Julia perguntou.

— Não foi tão simples assim doutora. Tivemos pedras pelo caminho. — O sorriso bobo no rosto de João, que o fazia parecer ter quinze anos novamente, foi substituído por uma expressão triste.

Ele a amava, ele realmente a amava. Pensou Julia. Aquilo apenas a deixou confusa. Aquilo não explicava os fatos por vir. E ela sabia o que viria. A sua prancheta podia não contar todos os detalhes, mas mostrava as grandes mensagens da vida de João.

As mais sangrentas, pelo menos.

Sessão 13

— João, como os seus pais lidaram com a separação?

— Meu pai conseguiu um novo emprego, e reconstruiu a nossa antiga casa.

— É mesmo? E como isso o fez se sentir? — Julia perguntou. João estava curvado para frente na cadeira, balançando os pés e fazendo o cadeado bater contra o piso de cimento queimado. *Tack!*

— Bem… era estranho. Eu achei que ficaria feliz, por ter a antiga casa de volta. Mas a verdade é que não era a mesma casa. Era uma cópia. Uma ilusão.

— Como assim? — Julia perguntou, apoiando a mão no queixo.

João ficou calado, pensativo. *Tack! Tack!*

— Os detalhes, entende? Eles sumiram. A porta que dava para a cozinha era branca e meu pai riscava a nossa altura nela toda vez que fazíamos aniversário. Mas agora era apenas uma porta branca, lisa e nova. Ela estava no mesmo lugar que a antiga, meu pai usara a mesma planta para reconstruir a casa. E meu quarto. A cama era parecida, de madeira e azul, mas não era o mesmo modelo. Eles não fabricavam mais daquele tipo. A porta estava quebrada e não fechava direito, porque uma vez Emília me tirou do sério e eu bati a porta com força. Parte da madeira havia lascado… mas agora a porta estava nova, e a tranca funcionava. Era isso. Perda de informação. Aquela era uma casa sem as nossas vivências, e para mim isso funcionava tão bem quanto qualquer outra casa. Talvez funcionasse até menos. Era um pouco triste, se você parar para pensar.

— E você disse isso para o seu pai?

A bochecha de João deu uma repuxada. *Assunto desagradável*, pensou Julia.

— Claro que não! Acha que eu seria escroto de criticar o meu pai após ele ter se esforçado para reconstruir a nossa casa?

João e seus problemas com conflito. Sempre tendo dificuldades de expor a sua opinião, ela concluiu.

— Sim, entendo — ela disse, acenando em concordância.

— Meu pai comprou uma Harley-Davidson. Ele tinha quarenta anos e estava solteiro após duas décadas, acho que ele queria voltar a ser um garotão. O engraçado foi ver que todos os hábitos que ele criticava no tio José, ele passou a absorver.

— Quais hábitos?

— Álcool e prostitutas — João disse, com cara de nojo.

— Ele levava prostitutas enquanto vocês estavam lá?

— Não. Nada disso. Mas eu usei o computador da casa dele e vi o histórico, meio sem querer, sabe? E vi os sites de encontro lá.

— E com que frequência você visitava o seu pai?

— Ah, e ele havia dobrado a quantidade de cigarros. O homem parecia uma chaminé. — João fez uma careta. — Uma vez por mês, mais ou menos, minha mãe me colocava no ônibus, junto com Emília, e nós passávamos com ele o fim de semana, às vezes feriados também.

— E quanto a sua mãe? Como ela estava lidando com a separação? — perguntou Julia, inclinando-se na direção de João.

— Ela vivia radiante — disse João, sorrindo. — Acho que trabalhar fazia bem pra ela. Ser independente, sabe? Ela contava para todo mundo que estava criando os filhos sozinha, o que era mentira, já que meu pai pagava a nossa pensão. E ela arranjou um namorado. Não sei se ele foi o motivo da separação dos meus pais e acho que nunca vou saber. Demorou

um bom tempo para ela nos apresentar a ele, eu já estava na faculdade na época. Um homem magro e alto, bem loiro. Parecia um alemão, mas não era.

— Mas se ela não o apresentou antes, como você sabia que ela estava namorando?

João suspirou. Parecia envergonhado em falar naquele assunto.

— Ela começou a sair de noite. Dizia que ia sair com as amigas do trabalho, mas eu sabia que era uma mentira. Ela não tinha tantas amigas assim, e mesmo que tivesse, duvido que elas preferissem sair com a minha mãe em uma sexta-feira à noite ao invés de ficar com seus maridos e seus filhos. E tinha o jeito como ela se arrumava… ninguém se arrumava assim para jantar com o pessoal do trabalho. E certa vez eu a peguei ao telefone falando de um modo carinhoso. No começo fiquei feliz, achei que talvez fosse com meu pai, mas antes de desligar ela disse outro nome: André.

— E esse era o nome do homem meio alemão?

João assentiu.

O ensino médio foi uma época mágica. Mas tudo que é bom termina, assim como tudo que é ruim. Esse é o verdadeiro milagre do mundo, se quiser saber a minha opinião. Nada dura para sempre.

Perto da formatura eu e os garotos tivemos a brilhante ideia de jogar pó de suco na caixa d'água da escola. Achamos que seria engraçado. Céus, tudo é engraçado quando você tem dezessete anos e não precisa trabalhar para pagar as suas contas. Um dia, após o fim da aula, nós resolvemos ir até a caixa d'água. Precisávamos ver se ela seria fácil de abrir. No bolso do meu casaco eu trazia uma folha amassada com as contas grosseiras que havia feito. A caixa d'água da escola deveria ter em torno de vinte mil

litros, estimávamos. Um saco de suco em pó por litro, isso dava… bem, suco em pó pra caralho. Para mim já estava claro que não seguiríamos adiante com o plano, não porque ele era estúpido, embora fosse, mas porque ninguém iria arranjar mais de dez mil reais para comprar todo o estoque de sucos em pó da cidade.

Mesmo assim fomos até a caixa d'água, apenas para averiguar se seria possível abri-la, caso arranjássemos o suco em pó. Eu, Anderson, Kléber e Z. Os quatro cowboys da Marlboro. A caixa ficava depois de um corredor estreito de blocos aparentes e vermelhos, atrás da biblioteca da escola. Para chegar até ela, seria preciso subir quatro andares. O que seria possível graças a uma escada metálica pintada de azul, que dava acesso à caixa d'água.

Foi Anderson quem tomou coragem e quis subir. Eu e Z o erguemos até que ele tocasse a escada azul — ela ficava dois metros de altura acima do nível do solo, provavelmente para desencorajar as mentes brilhantes e curiosas dos alunos de tentarem algo similar — e vimos ele diminuir de tamanho enquanto subia a escada. Era segura, porque havia uma proteção circular ao longo dela, mas era alto. Quatro andares era uma queda e tanto.

Eu e Z aguardamos ansiosos enquanto Anderson terminava a escalada.

Foi quando Kléber se aproximou, ele era nosso vigia na missão. Estava branco como uma folha de sulfite e ofegante. O pescoço avermelhado e pulsante.

— O inspetor… — ele disse, as mãos nos joelhos.

Eu joguei o cigarro no chão imediatamente.

— Porra! — exclamei. — Ele está vindo para cá?

Kléber meneou a cabeça, ainda ofegante, e gesticulou com os dedos, abrindo e fechando, como quem diz *hora de picar a mula.*

— Desce daí! — gritou Z, as mãos em concha. — O inspetor tá vindo!

Não deu para saber se Anderson ouvira ou não a gente, mas nós fizemos a única coisa que podíamos naquele momento: corremos como o diabo correria da cruz. Era melhor um de nós se dar mal do que todos nós. Esse era o código secreto dos cowboys da Marlboro.

E foi exatamente isso que aconteceu.

Não estávamos lá para presenciar. Mas aparentemente o inspetor chegou quando Anderson fazia o trajeto da descida. Porém, um terceiranista escalando uma caixa d'água não foi tudo que ele encontrou.

O plano. A folha com os cálculos rabiscados. Eu devo ter deixado cair na pressa de fugir.

Inspetor. Diretoria. Reunião com os pais.

Aquilo era tão fácil quanto somar dois mais dois. Anderson estava tramando colocar suco em pó na caixa d'água. Segundo a diretoria da escola o prejuízo estimado seria de mais de cinquenta mil reais, pois provavelmente teriam de trocar a caixa.

Eles foram duros com Anderson e o expulsaram. Dá para acreditar nisso? Faltava menos de um mês para a formatura, e eles expulsaram o garoto. Na verdade, acho que o plano do suco foi apenas a gota d'água. A diretoria não gostava dele. Não gostava de nenhum de nós, para falar a verdade. Fumávamos no intervalo. Bebíamos a tarde em um bar próximo à escola. Cabulávamos aula e falávamos palavrão.

Anderson assumiu todo o rojão sozinho. Disse que não havia mais ninguém envolvido, embora o meu nome e dos rapazes tivesse sido mencionado uma vez ou outra.

Anderson era um bom garoto. Ele usou a mesma lógica que nos compeliu a fugir: Era melhor um de nós se dar mal do que todos nós. E

assim o foi.

Ele foi expulso em uma terça-feira. Na quarta, eu, Kléber e Z resolvemos visitá-lo em casa, para ver como estavam indo as coisas, e se ele já havia escolhido a escola em que iria se formar. Levamos uma garrafa de cachaça e dois maços de cigarro. Pensamos em ficar chapados lá mesmo.

Nunca havia ido na casa de Anderson. E devo confessar que sempre achei que morava mal, por estar em uma casa simples de cinco cômodos. Mas quando vi a sua casa… ele morava em uma rua sem saída, na periferia da cidade. Lembro que as casas não tinham reboco nas paredes, e que das janelas abertas era possível ouvir a gritaria dos vizinhos. Haviam bicicletas enferrujadas largadas na rua de qualquer jeito. E, acima de nossas cabeças, um varal cruzava a rua, com cuecas e bermudas a secar naquela manhã quente.

— Certeza de que é aqui? — perguntei para Z.

Ele aquiesceu. As sardas em seu rosto ruivo pareciam se intensificar com um certo medo. Algumas pessoas olhavam para a gente, com olhares fixos. Aquilo me incomodava.

Batemos na porta da casa dele. Era uma porta de alumínio enferrujada. Anderson a abriu. Ele estava um caco. O olho esquerdo estava afundado e roxo. Os lábios estavam inchados e rachados. Ele estava com um uniforme cinza que lhe caía mal. Era largo demais para o corpo magricelo dele.

— Quem está aí? — berrou uma voz masculina de dentro da casa.

Anderson, que ainda estava parado na porta, nos fitando de modo frio, como se tentasse decidir se aquilo era sonho ou realidade, tremeu ao ouvir a voz.

— Foi engano, pai — ele respondeu, a voz um pouco mole. Acho que ele deveria estar com dois ou três dentes quebrados.

Eu fiquei calado. Tudo aquilo era inesperado demais para mim.

— Então termina logo a porra do almoço, moleque! — disse a voz do pai de Anderson, e ele tremeu novamente, como se ela fosse capaz de lhe dar choques diretamente na espinha. — Temos que entregar aquele Comodoro até as três da tarde!

— Sim, senhor — disse Anderson. Agora não mais olhando para nós, mas sim através de nós, como se fôssemos os fantasmas do Natal passado.

Ele fechou a porta. Deu pra ouvir quando girou a fechadura.

Lá se ia Anderson. O garoto que arremessara a mochila para me constranger no primeiro dia de aula. O garoto das calças jeans rasgadas, das camisetas do Ramones e Dead Kennedys. Que emendava dois ou três palavrões na mesma frase, fumava e bebia. Lá se ia ele, de uniforme cinza de mecânico, dizendo *senhor, sim senhor,* e fechando a porta na nossa cara.

Eu, Kléber e Z, simplesmente fomos embora. Podíamos ir para alguma praça vazia para beber a garrafa de cachaça e dar uns tragos, mas preferimos nos separar e ir cada um para a sua casa. Podíamos ter denunciado o pai de Anderson também, por agressão, mas nunca fizemos isso.

Acho que foi quando tudo isso aconteceu que eu entendi: a festa havia acabado. As consequências do mundo adulto eram reais e estavam mordendo a nossa bunda. Depois que Anderson foi expulso, ainda precisei ouvir da minha mãe que estava andando com um bando de drogados arruaceiros que não teriam futuro na vida. Ela também disse que eu deveria me preparar para a faculdade ou arranjar um emprego.

Estava na hora de crescer.

Talvez, se eu tivesse percebido isso antes, as coisas teriam sido diferentes. Mas enquanto eu só queria fumar cigarros e fazer idiotices,

Patrícia estudava com veemência. E o prêmio dela veio algumas semanas após a formatura.

Estávamos sentados na praça, a mesma em que tomei sorvete com Emília da vez em que havíamos brigado, ouvindo os pássaros cantarem. Ela estava com a cabeça no meu peito e eu sentia o cheiro do seu cabelo. Namorávamos a dois anos e meio agora.Patrícia se ergueu e se espreguiçou. Eu levei a mão até ao bolso e tirei um cigarro, e o acendi.

Ela estendeu a mão na minha direção e eu sorri, negando-lhe o fumo.

— Achei que você não fizesse mais isso…

— Eu sei — ela disse. Por detrás dos olhos dela haviam olheiras profundas. Ela estava estudando demais e dormindo pouco. — Mas hoje eu estou precisando.

O tom sério na voz dela me alarmou, e eu entreguei o cigarro para ela sem dizer mais nenhuma palavra.

Ela deu um trago e soltou a fumaça pensativa, com os braços cruzados.

— Minha mãe só vai chegar depois das seis hoje… — eu disse, tentando melhorar o clima. Nós aproveitávamos as férias para tirar o atraso daquilo que só fazíamos quando íamos até a cachoeira.

— João, eu passei no vestibular — disse ela dando mais uma tragada, olhando de lado para mim, como se temesse a minha reação.

— Em medicina? Onde? — Então meu cérebro fez as conexões corretas. — Na USP?

— Fico feliz que lembre a data do resultado, já que perdeu a data da inscrição — ela disse, batendo as cinzas no chão.

Aquilo me fez retrair. Aquela acusação. Fiquei nervoso. Sim, havia perdido a data, mas eu estava… bem, fumando cigarros e jogando bilhar, essa é a verdade.

— Isso quer dizer que você vai passar nas outras universidades também, já que foi aprovado nessa — eu disse, cauteloso. — Era a mais difícil, não era? — Claro que era. E também era a melhor universidade do país em medicina. E Patrícia, bem, ela sempre queria o melhor.

Eu estiquei a mão para pegar o cigarro dela, mas ela não o devolveu para mim. Então acendi outro, ignorando o olhar de censura dela.

— João — ela se virou para me olhar diretamente nos olhos. Aqueles olhos cansados de quem só fazia estudar —, eu não quero outra universidade. Eu quero essa. Eu… eu já conversei com os meus pais. Vou me mudar em duas semanas.

Fiquei calado. Observando a luz através da copa das árvores. De repente o dia me pareceu cinza. Os cantos dos pássaros uma verdadeira gritaria de merda.

— Boa sorte — eu disse em tom seco. São Paulo ficava a duas horas de carro de Mogi das Cruzes, e eu nem sequer tinha um carro. Minha mente foi invadida de imagens abstratas. Ela indo para as festas da faculdade. Bebendo com os veteranos. Dividindo apartamento com duas ou três garotas que só queriam saber de homem. Caras a beijando. Caras a apalpando. E eu aqui, enfiado nessa cidade de merda, sem cursar uma universidade. Talvez o pai de Anderson me empregasse e me desse umas porradas de bônus no fim do mês.

Ela jogou a guimba no chão e colocou os joelhos no banco. Então se inclinou até mim e começou a me beijar. Eu não retribuí os beijos, nem quando percebi que ela estava chorando.

Patrícia desistiu de ficar colada ao meu corpo e simplesmente sentou-se ao meu lado.

— Eu não queria que você ficasse assim! E você vai ser aprovado em alguma outra universidade, História é…

— Fácil! — eu gritei, mesmo sem ter tido a intenção. — Eu sei, não prestei medicina, eu sei, não uso os livros da escola como a porcaria do meu travesseiro, eu…

— Para, João. — Ela disse, com a voz umedecida pelas lágrimas.

Dei mais um trago. Minha mão tremia de raiva. Se mais um passarinho piasse eu ia depenar o filho da puta com as próprias mãos. Por que havia tanta alegria nesse mundo de merda?

— Parar? — eu repeti. — Você tem ideia de que nós vamos ficar há quilômetros de distância, certo? E que só vamos conseguir nos ver nos fins de semana… quando você vai ter que dar atenção à sua família, e eu vou para a casa do meu pai às vezes…

Ela meneou a cabeça. O cabelo que eu achava belo agora parecia apenas um mato desgrenhado. Os olhos roxos e profundos de uma viciada em estudos.

— Eu sei… — ela disse me fitando. Os olhos em lágrimas. — Por isso que acho melhor se nós terminarmos.

Aquilo foi como um soco no meu estômago. Tive vontade de chorar e de vomitar, mas não fiz nenhum dos dois.

Eu a abracei e a beijei na bochecha. Ela permaneceu parada como uma estátua.

— Você está sofrendo por antecipação — eu disse.

— A Priscila tentou namorar a distância e não deu certo.

— O que a sua irmã tem a ver com a gente?

— Tudo… Olha, eu só não queria… — Ela me olhou, a boca curvada em um arco triste, os lábios tremendo. — Eu só não queria que a gente terminasse mais para a frente e acontecesse de um jeito pior.

— Mas você não é sua irmã, e eu não sou aquele idiota do Otávio, que só pensa em futebol e em fumar maconha.

— Você mesmo disse, amor. Só iríamos nos ver nos finais de semana. Você acha que daria certo?

Eu hesitei. Queria dizer sim, mas seria mentira.

Ela interpretou o meu silêncio.

— Então… se a gente terminar sem brigar… acho que ainda temos chances de sermos amigos.

Eu ri. Tive um ataque de histeria. Não pude evitar. Dei um trago no cigarro, os dentes batendo no filtro.

— Para de rir, João — ela disse, e se levantou, afastando-se de mim.

— Amigos? É sério isso? Para quê? Pra você me apresentar os caras que estão te comendo na faculdade?

De alguma forma, aquilo foi a gota d'água para ela, e Patrícia simplesmente me deu as costas e começou a caminhar.

Eu fiquei sentado no banco, terminando meu cigarro.

Havia uma certa poesia na cena. O nosso último beijo fora no mesmo lugar do primeiro, só que dessa vez era ela quem chorava, e não eu.



— Você não foi atrás dela?

— Naquele momento? — João fitou Julia como se ela estivesse louca. — Não. Mas eu liguei para ela na mesma noite. Nós marcamos de almoçar no dia seguinte, em uma lanchonete no centro.

— E como foi? — Julia perguntou, gesticulando para que João prosseguisse.

— No instante em que ela me deu oi, eu soube que não havia volta. Ela me cumprimentou com um beijo no rosto, sabe.

— Mas você pediu desculpas a ela? Disse que queria reatar?

— Mais ou menos… — João repuxou a bochecha. — Era complicado. Eu estava magoado, entende? E acho que ela também. Aquilo que eu havia dito na praça… foi rude. Entendo isso agora. Mas na época não entendia. Na época só tinha tristeza encoberta de raiva — disse João, e sua voz foi morrendo com as palavras em um muxoxo sem graça.

— Mas você também fez faculdade, certo? — perguntou Julia, fitando as páginas com o histórico de João ao seu lado.

— Isso. História. Estudava há quinhentos quilômetros de Patrícia, em Minas Gerais. Ao menos isso ajudou no término. Passamos anos sem nos falar.

— Está bem. — Julia olhou para o relógio. — Bem, encerramos por hoje.

— Até mais, doutora.

— Até logo, João — ele respondeu, enquanto Bruno e Antônio adentravam o consultório. Sob a luz pálida e elétrica, João parecia mais frágil e magro, como uma ameixa seca. Suas bochechas estavam encurvadas para dentro, e seus olhos tinham olheiras profundas. Ela tomou uma nota mental de falar com o diretor do hospital. Precisariam se certificar de que João estava se alimentado adequadamente. Ele parecia definhar aos poucos.

-

Sessão 14

Julia estava sentada na sua poltrona. Faltavam dez minutos para que João chegasse. As consultas haviam começado há quase um mês e, por mais que odiasse admitir, não estava fazendo nenhum progresso. João era um paciente difícil, ela soubera disso no instante em que a convidaram para tratá-lo.

Sim, ela tinha feito um acordo com ele, o deixaria falar, contar a sua história. Porém… onde os caçadores de sofrimento se encaixavam nela? João vivia falando sobre eles para os enfermeiros, resmungando aos quatro ventos, e agora, quando tinha a chance de realmente ser ouvido, tudo que ele fazia era contar sobre a sua relação com Patrícia, e sobre como tentara certa vez colocar suco na caixa d'água da escola.

Ele era fechado. Não permitia que Julia dissesse algo no fim das sessões. E aquilo a deixava louca. Acabava com a estrutura a que ela estava habituada a atuar. Ouvir o relato, fazer perguntas chaves e no fim da consulta dizer algo que gerasse reflexão no paciente. Normalmente uma pergunta em aberto, quase que um dever de casa, em que o paciente deveria pensar na resposta. E era com essa resposta que ela abria a próxima sessão.

Mas não com João. Para ele só serviam os seus relatos extensos e desconexos. Se a vida era um quebra-cabeça, como certa vez ele havia dito, Julia não conseguia enxergar que quadro as peças iriam formar.

Só que não era preciso esperar por João para saber onde tudo aquilo acabava. Ele poderia dar quantas voltas quisesse na sua história, o final seria apenas um: assassinato.

João entrou na sala, acompanhado pelos enfermeiros. Ainda usava a camisa de força e os calcanhares presos por algemas. Caio não voltaria atrás

em sua decisão, aparentemente.

— Está tudo bem, doutora?

A pergunta a pegou de surpresa.

— Por que não estaria?

— Eu não sei, você parece… distante.

Vai querer me analisar, senhor João?

Ela teve vontade de apertar o botão do pânico. Não porque ele oferecesse perigo, mas porque ela estava cansada dele… e de seus joguetes. Uma parte perversa da sua mente queria o ver sendo arrastado pelo consultório a seus pés novamente.

— Por que não me fala mais sobre Patrícia? Quando vocês casaram?

— Calma, doutora. Coisas aconteceram antes…

— Coisas importantes? — ela perguntou em um tom sarcástico.

— Você acha que eu estou perdendo o seu tempo? — disse João, fuzilando-a com um olhar. Não eram os olhos vagos e esbugalhados de um homem louco. Eram os olhos centrados e agudos de uma fera.

— De forma alguma, João — Julia disse, bracejando de forma cordial. — É só que, eu não sei se estamos focando no que realmente importa.

— E você sabe o que é mais importante na minha vida do que eu?

A pergunta a desconcertou.

— Me fale sobre Patrícia, João. Fale sobre o seu casamento.

— Não. — Ele meneava a cabeça em negativa de modo enfático. — Não ainda. Existem coisas antes. Coisas importantes.

Julia permaneceu em silêncio, aguardando-o.

— Olha, doutora, se você não quer ouvir a minha história não tem problema — ele disse, e começou a bater os pés contra o chão. O infame

tack do cadeado preencheu o ambiente. — Enfermeiros! — gritou, virando-se para trás.

A porta foi aberta.

João a encarou de forma desafiante. Um sorriso odioso no rosto. Os enfermeiros a fitaram, um pouco confusos, aguardando por ordens. Bruno tinha um olhar que dizia *só pedir que eu dou outro chacoalhão nele, fácil fácil.* Antônio ainda estava com os bilhetes da loteria na mão, um pouco rabugento por ter sido incomodado.

— Por favor, senhores, ignorem o João.

Bruno se aproximou. Um homenzarrão negro. E encarou João.

— Está a fim de fazer eu perder meu tempo?

João se afundou na cadeira. Os olhos um pouco arregalados. A postura arqueada.

— Se você for bonzinho, te levo para ver o jogo do Corinthians comigo hoje — João disse, e sorriu.

Bruno levou a mão até o cassetete, mas não o tirou do cinto. João se contraiu na cadeira, debatendo-se dentro da camisa de força.

— Enfermeiro! — disse Julia com impaciência. Sua voz preencheu o pequeno ambiente. Todos os olhos recaíram sobre ela. — Já disse para nos deixar a sós.

Bruno a encarou de cima a baixo, levando mais tempo nas coxas descobertas pela saia cinza chumbo.

— Controle este animal, ou eu o controlarei.

Assim que Bruno fechou a porta, João se ajeitou na cadeira. Antônio se foi também, ainda analisando os bilhetes da loteria.

— Doutora — ele disse, lambendo os lábios e se inclinando para ela. As veias do pescoço magro pulsavam. — Tudo isso que eu te contei foi

importante. Algumas coisas são importantes porque foram consequências de algo que eu ainda não entendia… já outras são causas.

Julia pegou a prancheta, e começou a tomar notas.



Eu me lembro daquele dia com clareza. É assim que funciona a memória. Podemos passar um ano sem graça e condensar todas as lembranças daquele espaço de tempo em três ou quatro fatos abstratos. Mas naquele dia… bem, eu me lembro até da roupa que estava usando.

Eu estava no terceiro semestre da faculdade, em uma aula de História das Revoluções Liberal-Burguesas. A sala não estava muito cheia, como era de praxe. Eu estava sentado em um canto, próximo à Camila, que era uma garota que eu namorava na faculdade. Usava bermuda e camisa branca, pois o dia estava quente e a sala de aula não tinha ar-condicionado. Apenas dois ventiladores que datavam da segunda guerra mundial. A universidade da Patrícia tinha ar-condicionado, é claro, mas não a pocilga que eu frequentava em Minas Gerais.

O professor estava de costas para a sala, desenhando o mapa da Europa na lousa, quando eu ouvi o barulho. A priori, pensei que havia algo de errado com o ventilador. Era um som rápido e baixo. *Tec. Tec. Tec. Tec.*

Mas então vieram os gritos ao longe, de alguma outra sala do prédio, e eu soube que não tinha nada a ver com o ventilador.

Tudo isso aconteceu em questão de segundos. Nem deu tempo de ninguém dizer nada. Nem do professor tirar o giz da lousa, que acabava de desenhar a bota que era a Itália.

Mas então uma janela explodiu e tirou a todos do marasmo.

Puxei Camila com força e a joguei no chão. Deitei ao lado dela. Eram balas. Elas vinham de algum lugar não muito distante. Agora que eu havia

decodificado o som era impossível confundi-lo com qualquer outra coisa. Como havia pensado que se tratava do ventilador?

O que é isso?

O que está acontecendo?

Eram as vozes de meus companheiros de sala. Vozes trêmulas e confusas. Todos estavam assustados.

O som de tiros cessou, deixando os gritos dominarem o ambiente. Então apenas mais um tiro, esse mais baixo, quase imperceptível, e os gritos deram lugar aos passos.

— Ajuda! Ajuda! — disse uma voz do corredor. — Ele matou todo mundo. Todo mundo — ele completou, estendendo a palavra.

Seguindo o exemplo de meus companheiros de sala, eu me ergui e fui até o corredor. Camila veio atrás de mim, junto com Otávio, o cara com quem dividia apartamento.

No corredor havia apenas este garoto, ele andava de um lado para o outro como se estivesse em transe. Dava para ver que tinha urinado nas calças. Uma poça se formava ao redor do tênis direito.

— Está tudo bem? — perguntou uma garota que saía da sala da frente a que eu estava. Ela tinha um grandioso cabelo afro. Ela o segurou pelos ombros, e insistiu: — Fala comigo! O que aconteceu?

O garoto ficou apenas parado, a encarando, como se não tivesse ideia de onde estava.

Uma fumaça esparsa saía da sala 14, que ficava ao lado da que eu estava tendo aula, e um cheiro que me lembrava fogos de artifício com alguma coisa pungente a envolvia.

Um rapaz de cabelos loiros e compridos saiu da sala 14 se arrastando como um soldado faria em uma trincheira de guerra. E atrás dele vinha um

rastro vermelho de sangue. Ele estava sangrando pelo estômago e pelas costas. A camisa verde estava enegrecida.

— Uma ambulância! Chamem a porcaria de uma ambulância! — A voz era de alguém conhecido, mas naquele estado de choque não consegui ligar a voz ao rosto. Havia sido transportado de História das Revoluções Liberal-Burguesas para a Guerra do Vietnã em um piscar de olhos.

Camila se ajoelhou ao lado do rapaz que se arrastava.

— O que aconteceu? — ela perguntou.

Ele ergueu a cabeça a muito custo. Abriu a boca para falar, mas um refluxo de saliva e sangue preencheu sua boca. Camila caiu para trás, assustada.

Eu me aproximei dela, mas não parei ao seu lado. A curiosidade. A maldita curiosidade.

Fui até a porta da sala 14 e olhei.

O chão de borracha preto estava alagado com poças escuras de sangue. A sala 14 era duas vezes maior que a minha, e tinha degraus para que os alunos do fundo pudessem enxergar a lousa, do mesmo modo que uma sala de cinema. Observei as carteiras reviradas nos mais diversos ângulos e alunos estirados no chão. Havia um rapaz sentado em uma cadeira na primeira fileira, e em sua mão havia uma pistola, no chão algo que parecia uma submetralhadora. O buraco feito na sua cabeça ainda soltava fumaça. Quente e úmido. Ele usava pesadas vestes pretas e coturnos, como se fosse das forças especiais ou alguma merda do tipo.

O lugar era silencioso como uma tumba. Apenas corpos imóveis. Deveria haver mais de setenta pessoas ali. O professor estava caído ao lado da lixeira. Três botões vermelhos brotavam do seu peito como rosas selvagens. A dentadura havia caído em cima do seu peito e só restava uma careta de medo banguela. Vi o rosto de uma garota… o nome dela era

Jeniffer. Nós havíamos ficado na minha primeira festa da faculdade. Agora, Jeniffer tinha apenas um olho, e um rombo do tamanho de uma maçã onde deveria estar o outro. Ela ainda estava sentada na cadeira, a mão direita segurando uma caneta. Reconheci dois garotos que moravam em uma república na mesma rua que eu. Um deles estava com a cabeça encostada na carteira, como se dormisse ao invés de estar morto. O nome dele era Paulo. O outro estava com os pés esticados e a cabeça pendendo para trás. Ele usava uma bermuda clara e dava para ver que cagara nas calças. O nome desse eu não lembrava. Era Carlos ou Caio. Eu toquei a parede no ponto onde uma bala havia entrado e a retirei. Vi o projétil amassado e chamuscado. Estava morno ainda. E o segurei, como que para entender se aquilo era real.

Havia uma janela quebrada na sala 14. Provavelmente era a bala que havia chegado até a minha sala.

Paulo, que estava com a cabeça enfiada na carteira de madeira, se moveu. A princípio pensei se tratar de um espasmo *post mortem*. Mas então ele se levantou. Os olhos vidrados recaíram sobre mim. Não havia medo, não havia raiva, não havia nada naquele olhar. Era apenas uma criatura oca. Vi mais movimentos, pernas se mexendo, cabeças se erguendo, e pensei que os mortos fossem se levantar, como em um filme de zumbis em preto e branco, e tentar comer meu cérebro. Mas foi então que eu percebi. A maioria das pessoas naquela sala não estavam mortas, elas só não tinham coragem de se mexer. Não acreditavam que haviam sobrevivido àquilo.

Julia conhecia aquela história. O caso ficara famoso e ganhara os jornais nacionais. O garoto, Peterson, havia executado nove alunos mais o professor de forma brutal com uma submetralhadora Uzi. Então havia tirado

a própria vida. Os familiares ficaram em choque, dizendo que Peterson nunca havia demonstrado um comportamento violento.

— Eu fiquei em choque, sabe? — disse João. — Aquilo não aconteceu comigo, mas aconteceu perto o suficiente.

— Eu conheço o caso — disse Julia, concluindo uma anotação. — Ele não cursava a faculdade, não é mesmo?

João meneou a cabeça em negativa.

— Ele simplesmente matou aqueles desconhecidos. Entrou em uma sala, aleatoriamente, e descarregou sua arma. Por acaso foi a sala 14. A minha era a 12. Você entende como isso mexe com a cabeça de uma pessoa?

Julia aquiesceu.

— Eu ajudei as pessoas em choque. A maioria recusava a se levantar, então tive de arrastá-las. Era difícil saber quem estava ferido ou não, pois todos estavam sujos de sangue. Alguns morreram por falta de atendimento médico. Como o rapaz que saiu se arrastando da sala antes de eu entrar nela. O nome dele era Jorge.

— As ambulâncias não chegaram a tempo?

— Chegaram. Mas não havia ambulâncias o suficiente na cidade. Haviam setenta e três pessoas naquela sala de aula de Cálculo Numérico. Seis morreram na hora, fora Peterson. E vinte e oito ficaram feridas. Mais três morreram a caminho do hospital e um quarto ficou aleijado para sempre.

— Foi uma tragédia e tanto, eu me lembro.

— Tragédia? Pode até ser, mas arquitetada por quem? — João perguntou, se inclinando para frente. Julia olhou para os pés dele, certificando-se de que ele estava preso e não poderia atacá-la, e fitou-o, intrigada.

— O que você quer dizer, João?

— Quando acabamos de colocar as pessoas para fora da sala, eu me sentei com Camila do lado de fora do prédio, (ela estava em choque, coitada), nós nos sentamos debaixo da janela, com as costas contra a parede. Era o fim de tarde, e o barulho constante das ambulâncias que chegavam era ensurdecedor. Foi quando em vi, caído na grama, entre as janelas da sala 14 e da sala 12.

— O que, João? O que você viu?

— Uma luva de couro, doutora, em uma plena tarde de verão.

PARTE 2
FOLIE À DEUX

Sessão 15

Julia estava conversando com Clara, a chefe de nutrição do Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Ela o lembrava um pouco de sua mãe. Tinha o rosto queimado de sol e rugas nos cantos dos lábios de tanto sorrir. Fazia algum tempo que Julia não falava com Marta, sua mãe, e decidiu que telefonaria hoje mesmo.

— Ele tem comido tudo, então? — Julia perguntou, tomando um gole de café preto. O refeitório para a equipe do manicômio, o único onde havia facas e garfos de metal e louça de porcelana, estava vazio às 7 horas da manhã.

— Sim, Julia — Clara disse. Tinha um avental branco e um pano em cima do ombro.

Mas ele parece tão magro, Julia pensou, a imagem de João curvado, com as bochechas fundas e olhos frágeis vinha até a sua mente.

— E temos como saber se ele é bulímico?

— Olha — Clara pareceu considerar a ideia por um instante —, é muito difícil descobrir isso. Seria preciso que um enfermeiro acompanhasse João toda vez que estivesse dentro do banheiro.

Julia pensou em Bruno ou Antônio, parados enquanto João se aliviava, observando-o. Não, aquilo não iria funcionar.

— Está bem — disse Julia. — Vou pensar no que fazer. Obrigado pelo seu tempo.

— Espera um segundo — disse Clara, e sumiu por detrás de uma porta. Quando ela voltou, tinha um pote de acrílico com pães de queijo. — Pega, para começar o dia com energia.

Julia comeu dois, para acompanhar o café preto. Clara era um amor de pessoa. Por que Caio não podia aprender com ela?

Ela estava na sua sala agora. Já havia encerrado a sessão com Rodrigo, o rapaz do ET de Varginha, e aguardava João.

Ele chegou acompanhado de Bruno e Antônio. Estava mais magro do que ontem, Julia tinha certeza. Sabia que era difícil alguém mudar de peso de modo perceptível em questão de dias, mas era o que estava acontecendo com João. Tinha certeza.

Corrente. Cadeado. Bruno guarda a chave no bolso.

Julia e João ficam a sós.

— O que você fez após encontrar a luva?

— Na hora? Nada. Eu apenas peguei a luva e a guardei no bolso. Camila estava em choque, e nem reparou no que eu fazia. Só tive tempo de olhar para ela com calma quando cheguei em casa…

Fui para casa com Otávio, no carro dele. Era um fusca bege claro. Camila veio junto. Ela não queria ficar sozinha, e eu a entendia. Foi uma viagem silenciosa. Ninguém falou nada. Acho que todos nós estávamos estranhos. Assimilando ainda, sabe? Tentando entender. Se não fosse o fato de que a polícia havia começado a recolher depoimentos, e de que nós não estávamos nem um pouco a fim de contar nossa impressão sobre o ocorrido, acho que estaríamos do lado de fora da sala 14 até hoje.

A gente morava em um prédio universitário, três andares, sem elevador ou porteiro. Mas cada um tinha o seu próprio chuveiro, o que foi uma benção, pois todos nós precisávamos de um banho. Havia sangue nas nossas roupas, sangue seco agora, de pessoas de quem sabíamos o apelido e com quem tomávamos cervejas. Eu e Camila entramos com roupa e tudo no

meu chuveiro. Apenas retiramos os celulares e a carteira. Até os tênis permaneceram.

Nós pedimos uma pizza e jantamos assistindo televisão. O jornal regional seguia com atualizações de tempos em tempos. Já haviam identificado que o nome do garoto era Peterson.

Minha mãe me ligou, tão logo a notícia saiu no jornal nacional. E logo em seguida veio meu pai, com a voz um pouco embargada, provavelmente por causa do uísque. Eles estavam preocupados, e confirmei que estava voltando para casa amanhã no primeiro ônibus. A universidade havia decretado uma semana de recesso, em respeito às mortes no campus.

Camila não queria ir para a casa dela naquela noite, e eu a convidei para dormir comigo. Deitamos na cama, mas sem nos tocar. Ambos encarando o teto branco. Estado de choque. Ficaríamos assim por algumas semanas ainda. Meio apáticos. Demorando para responder as pessoas e sustentando um olhar vago. Ela pegou no sono antes de mim. Eu ouvia sua respiração pesada, um quase ronco. Foi quando eu me lembrei. Como poderia ter esquecido?

Levantei-me da cama com cuidado, evitando fazer barulho, e fui até o banheiro.

Fechei a porta de madeira e só então acendi a luz. Ainda havia sangue no azulejo branco, que não conseguira escorrer até o ralo. Controlei a minha vontade de ligar o chuveiro para ver o resto do sangue escorrer, pois isso certamente acordaria Camila.

Agachei-me ao lado das nossas roupas molhadas e as revolvi à procura da minha bermuda. Quando a achei, mexi em seus bolsos. Por um breve instante, achei que havia sonhado. Que não tinha encontrado nada no chão gramado. Mas retirei a luva de couro e ela me provou o contrário.

Quem estaria usando uma luva de couro em pleno verão?

Tudo retornou até mim.

Eu havia suprimido aquelas lembranças por longos anos.

O garoto de onze anos. A sorveteria. O homem na fila, sussurrando algo para a senhora Borges. Eu e meus amigos do ensino fundamental, Tadeu, Rodolfo e Carlos nos aventurando na sorveteria. Brutus arrancando a carne do pescoço de Tadeu. O sonho com o carro de sorvete. *Bom dia, João. Hoje temos um sabor especial, quer provar?*, O homem de chapéu e terno me olhando do outro lado da rua, com seus olhos amendoados e seu sorriso perverso. A minha casa em chamas. Emília confessando que causara o incêndio, mas se recusando a dizer que vira o homem misterioso. Tudo retornou como uma erupção vulcânica. Imediata e descontrolada. E eu me perguntei como sequer havia me esquecido daquele homem. Mas a resposta era óbvia, eu o enterrara junto com o bicho-papão, e o medo de quando um amontoado de roupas na cadeira parece com um homem no escuro. Ele era apenas mais um delírio de uma criança amedrontada e foi soterrado junto com ela.

A mudança de cidade, Anderson, Kléber e Z, os cigarros e as cervejas escondidas. Patrícia e seu sorriso. Tudo aquilo fez com que eu me esquecesse dos fantasmas que um dia me assombraram.

Uma parte de mim clamou que eu estava louco. Perdendo a sanidade. Era uma luva. Apenas isso! E eu estava em choque. Deveria estar suscetível a qualquer tipo de baboseira.

Mas… deveria estar fazendo uns trinta e oito graus. Quem usaria uma luva com aquele calor todo? E com aquele círculo branco no dorso?

Eu conhecia alguém. Ele. O homem sem nome, com chapéu e terno.

Mentalizei o seu rosto, que agora não passava de um borrão disforme, graças aos anos, e o imaginei sorrindo como sorrira para mim do outro lado da rua, amedrontando uma criança. O imaginei do lado de fora da sala de

aula, olhando para o professor que ensinava Cálculo 3 através da janela de vidro, apenas esperando por Peterson entrar, e começar a disparar.

Foi ali a primeira vez que eu percebi um padrão. Aquele homem, fosse quem fosse, estava presente sempre que algo ruim acontecia. Não sabia se ele causava as coisas ruins, ou se apenas dava um jeito de observá-las, mas o fato é que ele sempre estava presente.

Estivera presente na sorveteria da família Borges, estivera presente do lado de fora da minha casa antes de ela pegar fogo e estivera presente no massacre da universidade.

Eu enxuguei a luva na minha toalha. Apaguei a luz e a guardei na mala que havia arrumado. Estava decidido: eu a levaria comigo, onde quer que fosse.

Em todos os seus anos como médica, Julia já havia visto seus pacientes desenvolverem estranhas relações com objetos inanimados. Havia uma mulher que dormia com o mesmo travesseiro há quarenta anos, e o levava para o trabalho ou aonde quer que fosse. E um homem que acreditava que uma meia era a reencarnação do seu finado gato.

— Você ainda tem? A luva?

João a encarou.

— Estava na minha casa. Ainda deve estar nela. Se é que a ingrata da minha irmã não a jogou no lixo.

— Mas você passou a andar com a luva?

— Sim. Sempre a colocava no bolso da calça.

— Então, você acabou optando por acreditar na teoria de que a luva pertencia ao mesmo homem que você havia encontrado na sua infância?

João meneou negativamente a cabeça.

— Não é tão simples assim, doutora. Uma parte de mim achava que aquilo era uma grande baboseira, e essa parte foi crescendo nos meses após o massacre, conforme eu fui superando-o. Mas havia uma outra parte, essa irracional, que não sabia, mas sim sentia… sentia que eu estava certo. Que a luva pertencia a um homem mal. Um homem que estava sempre no lugar certo para quando as coisas davam errado — João disse, com uma voz seca e baixa. Parecia a beira de um transe.

— Entendo…

— É por isso que eu guardava a luva, doutora. Achava que ela poderia ser uma espécie de amuleto. Pois só havia um jeito de eu saber se estava certo ou não.

Julia cruzou as mãos sobre os joelhos. Queria perguntar mais sobre a relação entre João e a luva, mas receava não ser o momento ideal. A pergunta poderia ofendê-lo. E ela sabia que estavam adentrando em um território delicado. Pela primeira vez João admitia que estava com a mente fragmentada entre o que era racional e o que ele sentia. Esse era o primeiro passo para que ele aceitasse os seus delírios.

— E qual jeito seria esse?

— Eu precisava encontrar aquele homem.



Julia estava deitada na sua cama. Nada de roupa social ou cabelo impecável agora. Estava com um pijama rosa, enfiada debaixo das cobertas.

Havia ligado para Marta, a sua mãe. Ela estava bem. Vivia sozinha em uma casa em Minas Gerais, há cerca de trezentos quilômetros de Presidente Prudente. A distância fazia com que se encontrassem pessoalmente a cada dois meses, mas os telefonemas eram quase que semanais. Ela dissera que visitaria Julia em breve, o que a deixou feliz.

Com a aposentadoria, sua mãe tinha mais tempo livre e passou a se dedicar à pintura de pano de prato, um hobby que Julia não achava particularmente interessante, mas era melhor que nada. *Vou ligar para ela de novo depois, quando ela vier, ela pode trazer o jantar.* Julia se viu salivar ao pensar no feijão branco com linguiça que sua mãe fazia. Seu corpo tremeu um pouco. O quarto era frio, mesmo que estivessem no outono ainda. De vez em quando ela conversava com Mathias sobre colocar uma lareira no quarto, ou apenas um aquecedor, quem sabe, e seu marido sempre negava a ideia. Dizendo ser impossível conseguir instalar uma lareira naquele cômodo.

Mathias era o seu segundo marido. O primeiro casamento havia terminado anos atrás, de um jeito que nem Julia, nem seu ex, gostariam. Mas assim era a vida. Mathias também era psicólogo, e Julia o conhecera em um congresso no Rio de Janeiro.

Ela se enrolou com força nas cobertas, sentindo os pés gelados. Deveria pegar uma meia, mas tinha preguiça de se levantar.

Sempre que Julia ficava rolando de um lado para o outro da cama, invariavelmente acabava por pensar em João. Não havia nada nos registros dele sobre o cachorro da sua infância, e Julia pensava se ele havia realmente existido. E se fosse real, teria o pai de João realmente o matado a sangue frio? Normalmente psicopatas acabam por torturar animais na infância, isso é um traço comum. E se João tivesse matado o próprio cachorro? E se João tivesse assassinado Tadeu?

Não, ele era apenas uma criança, Julia pensou.

Mas ele se tornou um assassino. Isso todos nós já sabemos. A questão é apenas determinar quando isso aconteceu.

A porta do quarto se abriu. Era Mathias. Ele jogou o jaleco branco de lado. Era um homem na casa dos quarenta, com uma barriga volumosa, mas também possuía braços fortes. Tinha uma barba amarela e comprida e

cabelos ralos. Usava óculos de grau com armação de tartaruga. Não era exatamente o perfil de homem do século, mas Julia o amava mesmo assim.

Ela ouviu os passos dele se aproximando da cama e então sentiu o colchão se mover quando ele se sentou na beirada.

— Boa noite, amor — ela disse, sorrindo para ele na escuridão do quarto.

As mãos dele deslizaram para baixo dos lençóis passando por cima da calça de Julia. Primeiro ele apertou as panturrilhas, massageando-as, e então subiu para as coxas.

— Boa noite — ele disse, e colocou os óculos na mesa de cabeceira. — Tive um longo dia hoje.

— Vamos relaxar um pouco então.

Julia se ajeitou um pouco na cama, deixando a sua bunda para cima.

Os dedos firmes de Mathias puxaram a sua calça e a sua calcinha, baixando-as até a altura dos joelhos. Então eles entraram na sua vagina úmida, movendo-se em movimentos circulares.

Ela levou a mão até as coxas dele e então sentiu seu membro duro por detrás da cueca. Deslizou a mão para dentro da cueca dele e sentiu o pênis quente e pulsante e começou a masturbá-lo.

Mathias comprimiu a vagina dela com mais força e Julia soltou um gemido baixo.

— Shh… — disse Mathias.

Julia sufocou o próximo grito de prazer mordendo a fronha do travesseiro.

Então sentiu o peso do corpo de Mathias quando ele se inclinou sobre ela e a preencheu. A cama dava estralados baixos enquanto Julia tinha os gemidos sufocados pelo travesseiro.

Mathias começou a ir com mais força e Julia tentou tirar a cara do travesseiro para pedir que ele fosse mais devagar. Mas Mathias estava agora com a mão na sua nuca, apertando o seu cabelo com força, e ela não conseguiu se mover.

Pediu que ele parasse, mas as palavras foram sufocadas pelo travesseiro fofo.

Julia teve a sensação de estar sufocando. Buscou ar, mas ele vinha em porções pequenas, insuficientes para que conseguisse respirar.

Mathias não percebia que a estava machucando?

As suas nádegas ardiam com cada compressão do corpo de seu marido, que ia sempre fundo, sempre com força.

Ela começou a bater na mão dele que a segurava pela nuca, desesperada. Iria morrer sufocada por um travesseiro.

A pegada na sua nuca afrouxou.

Julia ia pedir que ele fosse mais devagar, mas estava terminado.

Ela sentiu o esperma dele jorrando dentro dela, em golfadas quentes.

Assim que ele se ergueu, Julia ergueu as calças novamente.

Ela virou de lado e começou a chorar baixinho. Não queria que Mathias a visse naquele estado. Sabia que seu marido não a machucaria de propósito. Ele era apenas um pouco bruto às vezes. Mas era assim que ele demonstrava o seu amor. Não era?

Sessão 16

João sentou-se na cadeira. Parecia ter perdido cinco quilos desde a sessão anterior. Suas bochechas estavam finas e sua testa parecia mais proeminente, com veias saltando à vista. Até as orelhas pareciam maiores. Finalmente abordar os caçadores de sofrimento não estava lhe fazendo bem.

Ele está sofrendo, Julia pensou, *como se um câncer o devorasse de dentro para fora,* e então se lembrou de uma das maiores verdades de seu trabalho, mas que poderia esquecer, caso fosse descuidada: *pode ser que nada disso seja real, mas não muda o fato de que para ele é uma verdade. A verdade que mudou sua vida.*

Ela havia repensado a sua impaciência para com a história que ele estava contando. Não queria se tornar um 'médico de Rosenhan'. Essa era uma expressão que ela e alguns colegas utilizavam para quando um médico não dava a devida atenção ao seu paciente e o tratava com apatia ou indiferença.

David Rosenhan fora um pesquisador que resolveu se fingir de louco. Ele detalhou suas observações no artigo "Sobre ser são em locais insanos", em que tentava responder a seguinte pergunta: somos capazes de distinguir a insanidade da sanidade? Para conduzir seu experimento, ele agendou uma consulta médica e alegou ouvir vozes em sua mente que diziam as palavras "vazio" e "oco", além de ouvir uma batida. Foi internado com um quadro de esquizofrenia e em sua curta estadia em um sanatório, ele agiu normalmente, sem tentar se passar por um louco, e passou a escrever suas impressões sobre o local em um caderno. A princípio, tomava notas com cuidado para não levantar suspeitas da equipe médica. Porém, ao longo do tempo, percebeu que nenhum deles lhe dava a devida atenção.

Ironicamente, os únicos a perceberem que ele não era louco foram os próprios pacientes do hospital, que suspeitavam que ele fosse um jornalista ou algo do gênero. Ele foi liberado com o diagnóstico de esquizofrenia em redução e concluiu seu experimento afirmando que éramos incapazes de distinguir a loucura da sanidade.

Mas Julia e seus amigos discordavam da conclusão de Rosenhan. Eles achavam que os médicos não haviam lhe dado a devida atenção, e que se o tivessem feito, logo notariam o que se passava.

— Como dormiu hoje, João?

— Do mesmo modo de sempre, embalado nessa camisa de força como um maldito kebab. — Julia teve a sensação de que as bochechas dele se rasgariam se ele as abrisse demais. Toda a sua pele parecia fina e frágil.

— E você tem se alimentado?

— Sim, doutora. — Ele disse, estufando o peito por debaixo da camisa de força. — E esses olhos inchados? Bebeu noite adentro?

Julia acolheu aquelas palavras com silêncio. Ficou calada por algum tempo, apenas para deixar João desconfortável. Esse era seu jeito subjetivo de falar que não apreciava o jeito truculento dele.

— Você me disse na última sessão que queria encontrar o homem da luva…

— Sim — João respondeu rapidamente. — Exatamente. Mas… a verdade é que não havia por onde começar. Ele não deixara rastros ou pistas, apenas uma porcaria de luva.

— O que você fez, então?

João soltou o ar pelas narinas, fitando o chão de cimento queimado

— Nada. Apenas… esperei. Queria me convencer de que ansiava encontrar aquele homem, mas isso não era a verdade. Ele me dava calafrios, entende? De algum modo ele era o desconhecido, e isso me assustava. Acho

que é por isso que tememos tanto um quarto escuro. Onde há o escuro há o desconhecido, e onde há o desconhecido… há possibilidade. Mas se eu o encontrasse… temia que a certeza seria pior que o desconhecido. Não sei se isso está fazendo sentido para você, doutora.

— Sim, João, faz total sentido — disse ela, aquiescendo. — E como foi para você passar por aquele trauma?

— Acho que os traumas individuais são superáveis, mas os coletivos… esses são uns verdadeiros filhos da puta.



Se algo de ruim acontece com um indivíduo, é fácil de superar… quero dizer, aquilo fica dentro de você e, se você não pensar muito, pode até viver relativamente bem. Mas quando passamos por uma experiência dessa com outras pessoas é completamente diferente. Fica no olhar, entende? Quando você está saindo do banheiro da faculdade e encontra alguém, ou no corredor da biblioteca, ou quando passa em frente à sala 14, existe aquela tensão não verbalizada… É quase como se as pessoas que partilharam o trauma tivessem uma conexão telepática. Os olhos se cruzam e nós apenas sabemos. Sabemos que não está tudo bem, e que talvez nunca fique.

Camila era uma garota legal. Foi meu primeiro relacionamento sério depois da Patrícia. Mas não durou muito depois do massacre. Acho que era o olhar também, o medo transmitido pela telepatia. Era difícil de ficarmos à vontade juntos. Havia esse peso entre nós que nunca conseguiríamos tirar. Ela terminou comigo, mas dessa vez não sofri tanto quanto com Patrícia. Não é que eu não gostasse dela, mas assim é a vida. O tempo nos endurece, e é impossível sofrer duas vezes pela mesma coisa com a mesma intensidade.

Quanto ao Otávio, ele trancou o semestre. Disse que precisava de um tempo para repensar a vida. Eu o ajudei com as malas e o levei até a rodoviária. Nós nos abraçamos e aquela foi a última vez que nos vimos. Ele nunca mais voltou, embora enviasse dinheiro para pagar o aluguel até que eu encontrasse um novo companheiro de quarto.

E tinha o Paulo. Ele estava na sala 14 quando o massacre aconteceu. Era um bom rapaz, mas sempre que bebia chorava, e fazia relatos extensos sobre o massacre. No começo eu os ouvia, por pena ou curiosidade. Mas os detalhes eram… viscerais. Ele falava do garoto entrando. Roupa preta. Metralhadora na mão. O professor se virando para ele com superioridade, pronto para disparar alguma frase característica como 'você não pode entrar após eu fechar a porta' e então ter o peito estourado por diversos tiros da metralhadora. O sangue e os órgãos espirrando no quadro verde. Ele tombando como um boneco de pano.

Um rapaz tentou deixar a sala imediatamente, correndo pela porta adjacente à que Petterson entrara. Ele foi alvejado na altura do peito. Dançou como um bailarino com o impacto das balas. Então caiu.

A sala estava um pandemônio. Paulo dizia que ninguém tinha coragem de se mover, e que uma menina de óculos se ajoelhou, com o crucifixo na mão, e começou a rezar. Só que suas preces não foram atendidas, embora ela tenha ido de fato conhecer Jesus.

Paulo se abaixou rapidamente quando os tiros voaram pela sala. Ele falava que as balas pareciam pequenos insetos infernais. Zunindo bem perto da sua orelha. Uma garota caiu morta à frente dele, e ele viu a amiga dela usar o cadáver como escudo. Não era só para se proteger das balas, mas se o assassino quisesse averiguar se havia mais alguém vivo… Paulo não tinha onde se esconder, e simplesmente baixou a cabeça contra a carteira, rezando para que aquele inferno terminasse.

A namorada dele também estava naquela aula. Ele sobreviveu. Ela não.

Mas isso não importou muito, porque Paulo se matou três meses depois.

Essas foram as vítimas de longo prazo. Pessoas com síndrome do pânico, depressão… o jornal não falou muito delas. Já havia notícias com o sangue mais fresco para noticiar.

E teve Kátia. Ela lançou um livro, alguns anos depois, intitulado "Mil dias em que a morte sorriu para mim". Eu cheguei a comprar um exemplar, acho que ela faturou uma bela grana com tudo isso, mas joguei o livro no lixo, e digo literalmente, após ler as trinta primeiras páginas. Não é que a história não fosse bem escrita, mas é que eu não queria ficar remexendo o passado.

A faculdade passou a ser policiada, principalmente nas aulas noturnas. O que não fazia o menor sentido, já que o massacre acontecera às quatro da tarde. Mas o homem não costuma ser muito racional, embora se esforce para se convencer do contrário.

Eu arranjei um novo companheiro de quarto. O nome dele era Henrique. Foi com ele que usei drogas pela primeira vez. No começo foi maconha. Ele dizia que era para aliviar o estresse da chacina, o que não passava de uma mentira deslavada, já que nem no campus ele estava naquele dia. Mas eu aceitei a recomendação médica de Henrique, e comecei a fumar com ele. Realmente me relaxava. E então veio o haxixe e o LSD. Não me entenda mal, nunca injetei nada no meu braço — em grande parte porque me cago de agulhas — e as outras drogas só usava esporadicamente. Embora Henrique as usasse de forma quase que diária.

Um ano se passou. Sei que parece muito tempo, mas para mim foi quase que um piscar de olhos. Festas, garotas, drogas e aulas chatas.

Mas, novamente, tudo mudou em uma sala de aula. Foi ali que eu encontrei mais uma peça deste quebra-cabeça que se chama vida.

Estávamos tendo uma aula sobre o nazismo. É triste como a maioria das pessoas pensam que algumas atrocidades foram exclusividade daquela época. Como os campos de concentração, que existem até hoje.

Meu professor era arcaico, e utilizava transparências em um retroprojetor para nos mostrar as fotos da época.

— A gestapo, ou Geheime Staatspolize, era a polícia secreta do Estado — ele dizia, com toda a simpatia de uma pedra. — Ela foi criada em 1933, na Prússia, e deveria servir como uma espécie de FBI.

O professor tirou os óculos e o depositou no peito, preso pelo cordão. Então abriu uma pasta poeirenta e remexeu em suas transparências amareladas e carcomidas. Pegou uma e a ergueu contra a luz da lâmpada. Ficou parado por um instante, então a retornou ao monte. Repetiu o procedimento três vezes, até que encontrou o que procurava. Ele colocou a imagem sobre o retroprojetor e ela apareceu expandida contra a parede branca.

— Temos aqui alguns agentes da Gestapo à paisana.

A foto retratava cerca de quinze homens em uma paisagem fria, com as árvores sem folhas. Os agentes vestiam pesados casados negros por cima de seus ternos. Chapéu coco e luvas. Alguns traziam maletas à mão.

— Professor, de quando é essa foto? — eu perguntei.

Ele me encarou, um pouco surpreso com a pergunta, e recolocou os óculos.

— Não sei a data precisa, João, mas foi entre 45 e 46.

Eu observei a imagem por mais um minuto. A fotografia em preto e branco estava amarelada pela qualidade da transparência. Aqueles homens, congelados naquele momento, em uma espécie de círculo…

Levantei-me e fui até o banheiro. Ergui a tampa da privada, flexionei os joelhos, e vomitei todo o meu almoço.

Peguei a luva em meu bolso e tive vontade de arremessá-la contra a privada, mas me controlei.

Minhas mãos tremiam e meu coração doía. Pensei que fosse enfartar.

Era a foto. O quarto homem da direita para a esquerda. Ele estava de perfil e a imagem não era das melhores, mas o reconheci. Era o mesmo homem que fora até a sorveteria da família Borges. O mesmo homem que sorrira para mim do outro lado da rua.

Só que a foto era de 1945. Mais de meio século havia se passado. Aquele homem deveria estar decrépito, muito provavelmente morto. Mas não. Ele permanecia o mesmo. Não havia envelhecido um dia.

Perguntei-me se o casaco que usara nas vezes em que eu o avistara era o mesmo daquela época. Se trazia a neve da segunda guerra em seus ombros, ou o pó de judeus e tantas outras atrocidades mais na sola de suas botas.

Ali, sozinho naquele banheiro, eu chorei.



Júlia estava deitada na sua cama. O frio gelava os ossos, mas ela não se importava tanto assim. Tinha o relato de João em sua mente. Pouco a pouco a história dele ia ficando mais fantástica, mais insana. O homem da luva fora membro da gestapo na segunda guerra! Ela teve vontade de dar prosseguimento ao relato, porém a consulta precisara chegar ao fim.

Imaginava o que viria depois. Com que argumentos de João justificaria seus atos?

Se por um lado ela tentava não se tornar um ‘médico de Rosenhan’, João definitivamente não era Rosenhan. Ele não fingia sua loucura, mas a

transpirava. Ela estava por todo o seu corpo, em seu DNA. De que outra maneira ele contaria uma história tão rica em detalhes? Tão intrincada?

Será que a mãe de João ainda o ama? O pensamento a pegou de surpresa. Mas estava relacionado, e isso ela não tinha dúvida, com o fato de Julia ter falado com a própria mãe por telefone recentemente. O Manicômio Judiciário Presidente Prudente permitia visitas todas as quartas e domingos, das 8 h às 16 h, e Julia nunca vira João receber uma visita sequer. Raul Pinto recebia visitas de fãs do velho e bom rock and roll, mas infelizmente não existiam visitas íntimas no manicômio. Ela pegou a sua boneca de pano, já surrada com o passar dos anos. O cabelo multicolorido, o vestido com botões. Céus. Por que guardava aquela coisa? Mas ela sabia a reposta. Às vezes se lembrar do passado podia ser doloroso, mas esquecê-lo completamente era cruel.

Abraçou a boneca, sentindo o frio roer seus ossos, quando a porta se abriu.

— Boa noite, amor — disse Julia, vendo Mathias entrar no quarto, e sorrir.

Sessão 17

Eu não sei quanto tempo se passou desde que eu entrei naquele banheiro. Estava sentado no chão frio, sentindo o cheiro do meu próprio vômito. Os olhos embaçados vendo as piadas maldosas escritas à caneta nos azulejos brancos. Mas finalmente recobrei a coragem e me levantei. Precisava conversar com o meu professor. Descobrir de onde ele havia retirado aquela foto. Eu precisava dela! Primeiro, para vê-la com mais calma… analisar… confirmar que aquilo era real. Mas não apenas isso. Eu precisava dela como precisava da luva. Era uma pista. Uma pista de sessenta anos atrás, mas isso não mudava em nada sua importância.

Saí do banheiro e fui, às pressas, até a sala, mas a aula havia terminado, e uma turma que eu desconhecia ocupava os lugares. Minha mochila estava abandonada em cima de uma carteira. Entrei na sala, sem me preocupar muito com os olhares curiosos, peguei o meu material e saí.

Matei a minha próxima aula e fui para casa.

Chegando lá abri meu notebook. Nós não tínhamos muita comida em casa, mas Henrique nunca deixava a cerveja faltar. Peguei uma cerveja gelada, recheei duas fatias de pão com salame e requeijão, no ápice de meu conhecimento gastronômico, e me sentei em frente à minha escrivaninha.

Dei um gole na bebida. Ela desceu bem, naquela tarde quente. Me refrescou e, mais importante: me fez relaxar. A pressão baixar. Era disso que eu precisava naquele momento, para não ter um infarto do miocárdio ou outra porcaria qualquer.

Acessei alguma ferramenta de pesquisa — naquela época o Google não era tão famoso e difundido como agora — e meus dedos engordurados

de requeijão digitaram com fúria: segunda guerra mundial. Fui direto para as imagens.

Era um dos resultados da primeira página. Quase surtei. Esperava gastar horas a fio a procura da fotografia, mas ela estava lá. Em um simples acesso. Deveria ser uma foto famosa. Provavelmente deveria rechear livros de história. Eu mesmo já deveria ter passado por ela uma vez ou duas no ensino médio ou fundamental.

Cliquei para expandir a imagem. Recuei, arrastando a cadeira e depois me ergui. A cadeira caiu no chão, mas mal notei isso no momento. Minha concentração estava na foto. Queria analisá-la, porém não conseguia ficar perto dela. Estava com medo. Pavor, na realidade, de confirmar o que achava ter visto na aula de história. Fui recuando até adentrar a cozinha. *Mais uma cerveja*, pensei, e fui até a geladeira. Mas no caminho de volta mudei de rumo e fui até o quarto de Henrique. Estava vazio, como eu bem sabia. Mas não era ele quem eu procurava.

Fui até seu armário, abri a última gaveta. Bem atrás das meias, era onde ele mantinha seu estoque secreto. LSD, bala, e a boa e velha maconha. Sabia que ele não ia se importar se eu fumasse um pouco do seu estoque. Nunca fui muito bom no processo de elaboração de um baseado, e foi com alívio que percebi que haviam dois cigarros de maconha já prontos.

Peguei um deles e acendi, sentado na beirada da cama de Henrique. Dei um trago longo e demorado. Um gole na cerveja. Mais um trago.

Meu computador aberto no outro quarto, com a foto a me aguardar, pairava sobre mim como uma sombra. Era um peso que eu não conseguia aguentar. Ao menos não no meu estado sóbrio.

Comecei a me sentir tonto no meio do cigarro, e o apaguei com cuidado. Henrique fumava todos os dias, e era mais resistente à droga. Eu era fraco. Às vezes três tragadas me punham para dormir.

Ergui-me, sentindo as pernas pesadas e as bochechas quentes. Fui até a geladeira. As cervejas me encaravam, em suas garrafas vítreas geladas, uma camada de umidade fria em torno delas. Senti-me em um daqueles comerciais em que uma mulher de biquíni te traz a bebida.

Não as peguei. Fui para o armário embaixo da pia. Lá havia um uísque que meu pai me dera quando me mudei. Fora o jeito dele de celebrar a nova fase da minha vida comigo. Bebemos um copo cada, com o silêncio como convidado. Estava eufórico naquele dia. A universidade toda pela frente. Agora tudo aquilo parecia ter acontecido há milênios.

Peguei a garrafa de uísque e dei um gole generoso no gargalo mesmo. A bebida desceu como deveria, quente e forte, por isso a levei comigo para o meu quarto.

O caminho foi feito aos tropeços. Em questão de vinte minutos eu conseguira me transformar de um jovem transtornado com cheiro de vômito na camisa para um jovem alucinado, cheirando a um misto de maconha, uísque, cerveja e banheiro público.

Coloquei a garrafa de uísque em cima da mesa, mas ela tombou, derramando o líquido no meu cesto de roupa sujas. Peguei a garrafa com meus dedos amortecidos e dei mais um gole.

E então. A foto.

Eu ri. Eu chorei. Não me lembro muito bem da ordem.

Era ele. Não havia dúvidas agora. Os mesmos olhos negros e sem alma. A mesma tez lívida, como se fosse um rosto de cera. E o maldito não havia envelhecido nem um dia desde aquela foto da segunda guerra mundial. Acho que a única mudança era que ele não tinha mais o par completo de luvas.

Um viajante do tempo? A ideia era hilariante. Não possuía criatividade o suficiente para sustentar tal teoria.

Mas uma calma tomou conta de mim, e eu analisei os fatos como eles eram: havia um homem que estava presente quando coisas ruins aconteciam, e ele não havia envelhecido nem um dia sequer desde a segunda guerra mundial.

Eu procurei por mais imagens da segunda guerra, com foco em fotos de campos de concentração. Se havia algo de ruim que acontecera naquele período, fora aquilo. Passei horas pesquisando. Entrei em fóruns de discussão, acessei páginas especializadas em outras línguas.

Minha vista já estava ficando cansada, com os olhos vermelhos e o estômago avariado, quando eu o vi novamente. Era uma foto de um campo de concentração. O campo estava encoberto pela neve, e dava para ver um posto de vigília alto feito de madeira, com um homem dentro, segurando um rifle. Acho que esse era o objetivo da foto, capturar a imagem do soldado solitário naquela torre, passando frio sozinho. Mas haviam outros elementos na foto, que talvez passassem despercebidos a um primeiro olhar. Ao longe havia uma alta cerca de arame farpado que circundava o campo de concentração. E do outro lado da cerca, fora do campo, haviam duas pessoas conversando. Uma delas era o homem que eu conhecera, e como ele não estava de perfil agora, pude ver seu rosto com detalhes. A face continuava uma máscara fria, os olhos escuros e sem vida. O nariz comprido e fino. Usava um terno escuro, um chapéu simples e um par de luvas. Nenhuma parte de seu corpo era visível além do rosto.

Busquei a garrafa de uísque, tateando a mesa sem me virar para olhá-la. Peguei-a e a levei aos lábios. O homem com quem o meu misterioso algoz conversava vestia-se de modo similar. Eu sabia que muitas pessoas se vestiam daquele jeito na década de quarenta, porém havia a luva… ela tinha o mesmo detalhe, o círculo branco. E ambos eram homens de meia idade,

caucasianos, aparentemente carecas — o chapéu deixava impossível afirmar qualquer coisa com precisão — e com os olhos escuros e sem vida.

Foi quando eu entendi. Havia mais do que um deles, seja lá o que *deles* significava. E não seriam apenas dois. Eu sentia isso. Haveria mais. Muito mais.

O que são vocês? Minha mente dopada se perguntou.

Não havia resposta para aquela pergunta. Mas havia uma outra resposta, para uma outra pergunta. O que eles queriam? Supondo que o homem que eu vi na sorveteria na minha infância, fosse o mesmo homem daquelas duas fotos. Supondo que fosse realmente possível que ele não envelhecesse nem um dia sequer ao longo de mais de cinquenta anos. O que eles queriam? Por que estavam ali na segunda guerra mundial? E por que minha vida se cruzou com a de um deles? Eu rebobinei os fatos: a morte da família Borges na sorveteria, minha casa pegando fogo, o assassinato em massa na faculdade.

Morte foi a primeira palavra que me veio. Talvez eles fossem anjos da morte, que vem presenciar esses momentos aqui na terra. Porém, ninguém havia morrido no incêndio na minha casa. Não era isso. O elo era outro… era a dor, era o sofrimento. Por onde eles passavam, pessoas sofriam. Poderia não haver morte, mas haveria lágrimas pelo menos, haveria traumas.

Minha hipótese parecia razoável, mas para sustentá-la, precisava de mais fatos. Imediatamente reiniciei a minha busca. Sabia exatamente o que procurar. Fotos de momentos históricos da humanidade. Momentos em que houveram mortes, dor, sofrimento. O pior do pior. Era lá onde os encontraria. Comecei pela primeira guerra mundial. Gastei umas boas horas nela também. Tanto que o efeito da maconha já havia passado e tudo que me restava era o efeito do álcool. Poderia ter fumado o resto do cigarro,

mas não o queria mais. Já havia superado a fase da negação, e agora estava na aceitação.

Enquanto passava por aquelas fotos, teorias pipocavam na minha mente. Quem eram eles? E porque estavam onde estavam? E como não envelheciam?

Não consegui nada na primeira guerra. Mas não me abati. Com minha mente de futuro historiador fui revolvendo os grandes conflitos da humanidade e buscando por eles. Guerra do Vietnã. Guerra Irã-Iraque. Guerra da Coreia. Guerra Civil espanhola. Guerra de canudos.

Até que cheguei nas pinturas da revolução francesa. Havia uma que retratava a queda da bastilha, com muita pólvora, fumaça e fogo. Analisei figura a figura até que vi um homem com trajes vermelhos. Aproximei a imagem, dei um zoom máximo, a resolução não era das melhores, mas era ele. Não o Caçador 01, aquele que eu havia conhecido na minha infância, mas o Caçador 02, que aparecera na foto de um campo de concentração alemão onde um soldado solitário fazia a vigília.

Abri as duas imagens, a pintura da queda da bastilha e a foto da segunda guerra mundial, apenas para confirmar o que já tinha certeza.

O sol já havia se deitado há muito tempo, e o sono finalmente me alcançou. Estava completamente suado. Havia transpirado até pelo vão dos dedos. Parecia que tinha corrido uma maratona. Pensei em tomar um banho, mas apenas me arrastei até a minha cama e dormi.

Dormi um sono sem pesadelos, e quando acordei no outro dia não fui para a aula. Apenas mais um pouco de pesquisa, eu disse a mim mesmo, e acabei não saindo de casa a semana inteira.

Não contei para Henrique o motivo, pois não estava pronto para partilhar as minhas descobertas com mais ninguém.

No final de quatro dias de pesquisas eu tinha cinco imagens.

Duas fotos da segunda guerra. Uma delas com o Caçador 01 ao lado de humanos comuns da Gestapo. Outra, com os Caçadores 01 e 02 ao fundo da imagem do campo de concentração. A pintura da revolução francesa, com o Caçador 02, e uma pintura da inquisição, na qual eu batizei de Caçador 03 e 04. Eles usavam luvas marrons, que pareciam ser de couro de vaca, e tinham o mesmo círculo branco desenhado no dorso.

E a última imagem era do Brasil. Um vídeo na verdade. Do edifício Joelma, aquele que queimou na década de 70 em São Paulo, sabe? Mais de cento e oitenta mortos e trezentos feridos… O lugar era a arapuca perfeita para um incêndio desses. Acredite em mim, eu li a respeito. Móveis de madeira, pisos de carpete, cortinas de tecido, forros internos de fibra sintética… isso sem falar que não tinha escadas de emergência no prédio, apenas uma escadaria central que atendia as duas torres. Conforme o fogo foi se alastrando, e tomando conta do prédio, as vítimas subiam as escadas em desespero, procurando abrigo nos andares mais altos, na vã esperança de sobreviverem aquele inferno.

Aquelas imagens… Céus! Era como voltar a ter doze anos e ver a minha casa pegar fogo. Só que a *escala* do desastre era infinitamente maior. E as pessoas, aquelas que eu disse que subiram até o topo do prédio esperando o resgate, elas começaram a se jogar do prédio quando começou a ficar quente demais. Vinte e cinco andares de queda. Não acho que elas pensavam em sobreviver. Acho que só pensavam em fazer parar. Parar o fogo. Parar o calor. Parar as chamas que vinham em sua direção.

E em uma dessas filmagens, em que um homem se joga do telhado do prédio e cai rodando como um boneco de pano, eu vi um caçador. Não sei qual deles. Era apenas a sua silhueta escura dentro de um cômodo em chamas. Não foi apenas o chapéu que me fez reconhecê-lo. Foi a calma…

aquela criatura, parada dentro daquele cômodo pegando fogo, sabia que não iria morrer. E havia algo mais. Ele estava sorrindo, eu sabia que estava.



— E qual foi a causa do incêndio? — Julia perguntou.

— Um curto-circuito em um aparelho de ar-condicionado, eles disseram. — João fez pouco caso dessa explicação, contorcendo os lábios. — Mas os bombeiros disseram que a causa do incêndio na minha casa havia sido um curto-circuito no aparelho micro-ondas. — Ele deu uma risada seca. — Quer saber o que eu acho? Alguém foi *inspirado* por um caçador a fazer aquilo. Da mesma forma que Emília foi inspirada a fazer a maldita receita no micro-ondas da minha casa, da mesma forma que a senhora Borges foi inspirada a matar a própria família e como Peterson foi inspirado a entrar atirando na minha universidade e matar aqueles garotos. Talvez fosse apenas um pai de família que trabalhava no edifício Joelma, que resolveu não apagar o cigarro no cinzeiro, e sim no carpete. Apenas alguém que teve sonhos com um homem estranho com luvas de couro.

Julia toma nota das impressões de João.

— O que você fez, após terminar a sua pesquisa?

Agora estava claro para ela. Havia um padrão. João havia passado por três eventos traumáticos na sua vida. Enquanto criança, vira um amigo do colégio ser assassinado pelo seu cachorro. Depois, vira sua casa pegar fogo e sua família se despedaçar aos poucos. E vira colegas de faculdade serem brutalmente assassinados. A sua mente confusa e fragmentada buscou um sentido naquele caos. Alguém a quem culpar. Isso não era algo raro. Normalmente as pessoas colocavam a culpa nelas mesmas, em um complexo de sobrevivente, em que a vítima se sentia culpada apenas por ter sobrevivido a um ato em que outros morreram. Era comum em acidentes

aéreos, ou quando havia um acidente de carro e apenas um membro da família sobrevivia. Se o sobrevivente fosse o motorista, o sentimento de culpa poderia ser ainda maior. Também haviam aqueles que culpavam fatores externos. Talvez o motivo do avião cair fosse o piloto ruim e descuidado, e então a vítima buscaria fazer justiça com as próprias mãos. Se vingar do piloto, por exemplo.

Mas João havia desenvolvido um transtorno delirante do tipo persecutório. Um delírio envolto em camadas de teorias da conspiração. Ele colocara a culpa de seus eventos traumáticos em um homem misterioso e embora não soubesse explicar como o *caçador* estava sempre lá na hora errada, João acreditava nisso. Uma espécie de Deus Ex Machina do caos, que aparecia sempre para levar a culpa e então sumia.

E as fotos… João havia passado a ter delírios após o massacre da universidade. Todo o álcool e as drogas poderiam ter sido o estopim para as alucinações. Havia casos na literatura que suportavam essa hipótese. Julia se perguntou se João não começara a ver o rosto do homem misterioso em pessoas aleatórias na rua.

— Eu nunca terminei a minha pesquisa, doutora — disse João. — Apenas… diminuí o ritmo. Não podia passar dias a fio enclausurado no meu quarto. Minha mãe me ligou no sábado de manhã daquela semana. Acho que o Henrique deveria ter conversado com ela pelas minhas costas.

— É mesmo? E o que ela queria?

— O que as mães de estudantes universitários sempre querem — ele disse com mau humor. — Primeiro, saber quando eu iria voltar para casa para passar alguns dias, e segundo, o que estava acontecendo comigo. Ela disse que os professores haviam notado a minha ausência naquela semana, o que era uma mentira cabeluda, pois havia alunos que passavam muito mais tempo sem ir nas aulas, estudando em casa e indo à sala de aula

apenas para fazer a prova. Como já disse, Henrique teve alguma coisa a ver com isso. Mas não o culpo. Ele só estava querendo ser um bom amigo.

— E você contou para a sua mãe sobre a sua descoberta? Sobre as fotos?

João deu uma risada seca e virou o pescoço, como se estivesse atendendo a uma ligação em um orelhão.

— Alô, mãe? Então… lembra da família Borges? Acho que eu sei porque eles se mataram. Foi um sujeito careca. Tenho umas fotos dele, se quiser ver, lá da época da segunda guerra mundial. Mas não se importe, ele não envelheceu nem um dia. — João balançou o rosto de um lado para outro. — Sabe o que isso iria parecer? — Ele olhou para Julia, esperando que ela respondesse, mas ela não cedeu. Então João olhou para a sua roupa branca e a camisa de força, e para aquele consultório que carecia de extremidades afiadas, e riu. Uma gargalhada longa e gostosa.

— Você já tratou um homem no hospício que tinha medo de parecer louco, doutora?

— João — Julia se inclinou em direção a ele, para olhá-lo bem em seus olhos —, pessoas com síndrome do pânico podem desenvolver um medo de perseguição, mesmo tendo consciência de que o seu medo possa ser irracional e que possa levá-los à loucura. Então, sim, já tratei sujeitos que tinham medo de parecer loucos, mas isso não os impediu de agirem como tal.

Como no seu caso, pensou Julia.

Aquilo pareceu desagradar a João. Ele se retraiu, fechou o rosto, a bochecha repuxada. Olhos vagos encarando o chão.

Fui longe demais. Vou perdê-lo. Se não for rápida, irei perdê-lo.

— O que você disse para a sua mãe, afinal?

— Que estava tudo bem — João respondeu, após uma pausa — e que iria voltar a frequentar as aulas na próxima segunda. Estava apenas cansado. Muitos estudos.

— E seu pai nunca te ligava?

— Não. Nossa relação foi ficando cada vez mais distante. Não brigamos nem nada do tipo. Apenas… aconteceu, sabe?

Julia meneou a cabeça, demonstrando empatia.

— Mas respondendo a sua pergunta, eu nunca parei de pesquisar, apenas diminuí a intensidade. No começo, passei a pesquisar uma ou duas horas por noite, depois, uma vez por semana, uma vez por mês, até que se tornou algo bem esporádico.

— E você achou mais alguma foto?

— Sim, no total foram trinta e duas, e duvido que exista alguma outra. Foram anos de pesquisa.

Julia rabiscou o número em sua prancheta e o circulou diversas vezes. Trinta e duas imagens?

— E você compartilhou esse conhecimento com alguém?

Ele meneou a cabeça em negativa.

— Tive vontade, às vezes, principalmente com Emília, pois sabia que ela tinha visto algo naquela noite na nossa antiga casa. Mas eu sentia que seria julgado, como aqueles loucos de pedra com uma teoria da conspiração, sabe?

Julia controlou o impulso de perguntar sobre Emília. João simplesmente a descartara da sua narração após a briga na praça, como se ela tivesse deixado de existir, e Julia temia que abordá-la poderia fazê-lo se retrair.

— Entendo — Julia respondeu. — E falando nos "loucos de pedra com uma teoria da conspiração", você nunca se deparou com alguém com

uma teoria parecida com a sua? Afinal, todas essas fotos espalhadas pelos livros de história… ninguém além de você chegou a conectar os pontos?

João deu de ombros, mas seus olhos cintilaram.

— Talvez houvesse outra pessoa, mas talvez ela não quisesse abrir o bico, assim como eu.

Julia olhou para o relógio redondo na parede. A sessão havia chegado ao fim.

— João, nos vemos amanhã — Julia disse, guardando a prancheta em cima da mesa de cabeceira e se levantando.

— Guestapo, 1945 — ele disse subitamente.

Julia o encarou, um pouco confusa.

— Pesquise na internet. Essa é a foto que eu vi na sala de aula… da última vez que pesquisei ela estava logo ao lado da foto de um homem enforcado em um poste de luz, um membro da resistência austríaca.

— Está bem — disse Julia, mas sua voz vacilou. Havia um sorriso contido no rosto de João, como se ele soubesse que ela iria procurar a foto, e soubesse o que ela iria encontrar.



Julia estava deitada na cama. Fitava sua boneca de pano em silêncio. Embora nem um som fosse audível, sua mente estava pulsando. Pensava em João. Era a teoria dele. Os caçadores de sofrimento. Nunca havia se deparado com algo parecido. A maioria das teorias dos loucos em manicômios era previsível. E quase todas eram falhas. “Não fui eu”, eles diziam aos berros, ou “alguém me forçou a fazer, eu não estava no controle de meu corpo”. Mas os caçadores… eles eram intrigantes. Havia um mistério denso que os rodeava. Era algo que não surgiria apenas de uma mente perturbada, era fruto de outros estímulos. Ela achava que João

realmente vira um homem de terno na sorveteria naquele dia. Talvez aquela figura tivesse impressionado uma simples criança, e João sonhara com ela. Quando o incêndio aconteceu, ele conectou o sonho com a realidade, e o sonho deixou de ser apenas um sonho… e a luva no dia do massacre. Qualquer um poderia ser dono daquela luva, mesmo em um dia quente como ele afirmara — será que estava tão quente assim, afinal? — e era mais do que compreensível que deixassem a luva para trás quando os disparos aconteceram. Aliás, a luva não deveria ser a única coisa a ter sido deixada para trás. Julia apostava que se estivesse lá naquele dia veria mochilas, estojos e cadernos abandonados. E uma luva não seria nada mais do que uma luva, menos para a mente em deterioração de João. Para ele, a luva significava tudo.

E após esse estresse traumático, somado às drogas que João estava ingerindo com seu companheiro de quarto, mais a tensão do término de um namoro com Camila… não era de se espantar que ele havia visto o rosto do homem de sua infância em uma foto amarelada da segunda guerra mundial, onde todos usavam ternos, casacos e luvas.Julia se virou na cama, tentando dormir. Mathias não viera ainda. Deveria estar enrolado com algum paciente, e nem fizera questão de avisá-la.

Meia-hora se passou e o sono não veio. Sua mente teimava em deslizar para João. Ele era duro na queda e Julia sentia que não estava conseguindo tratá-lo como deveria. Claro, ouvia a sua história. Mas isso não era o suficiente. Ela não estava fazendo com que ele enxergasse a verdade.

Levantou-se sem saber o que iria fazer. Por um instante teve vontade de largar o caso de João. Ele era intenso demais, complexo demais. Camadas sobre camadas. *Guestapo, 1945*. O pensamento veio na voz de João, e ela imediatamente projetou aquela figura na sua mente. Cabelos

desgrenhados, postura tortuosa, camisa de força, olhos fundos e rosto macilento. O seu passarinho quebrado.

Pegou seu notebook, que estava na escrivaninha, e ligou, depois deitou na cama novamente. A máquina dissipou o calor pelas saídas de ar, aquecendo as suas coxas e o pijama por cima delas.

A luz branca da tela iluminou seu quarto escuro, e ela diminuiu a luminosidade. Abriu o Google, agora sim, a ferramenta de busca mais utilizada no mundo.

Hesitou.

Iria realmente procurar por aquela foto? Cairia nos joguetes de João? Quem é que dava as cartas naquela relação? Porque se ela digitasse as palavras, seria ele, e não ela.

Não se iluda. Você só está com medo de achar a foto. Essa é a verdade. Discussões filosóficas sobre quem controla quem não significa nada. João nunca saberá se você procurou a foto ou não.

Julia digitou as palavras. A foto do homem enforcado em um poste foi o primeiro resultado. Duas fotos para o lado, e lá estava.

Foi fácil reconhecer a foto, porque João havia dado detalhes.

Ali estavam os doze homens parados em uma estrada, com árvores desfolhadas e dois carros ao fundo. Todos se vestiam de forma parecida. Terno. Casacos pesados. Alguns de chapéu, outros de boina, alguns sem nada.

O quarto homem da direita para a esquerda — sussurrou a voz de João na mente de Julia. Lá estava ele, careca, de perfil, olhando para baixo. Haviam duas grandes rodas de conversa, e o tal homem não parecia pertencer a nenhuma delas. Olhava para baixo, pensativo. Não era possível ver se vestia luvas ou não. Seu corpo do pescoço para baixo estava ocultado por outro homem. Quase que uma cabeça flutuante, com chapéu coco.

Isso não quer dizer nada, Julia pensou. *João viu a foto e a encaixou na descrição de sua mente.* Era apenas uma foto. Mas João falara sobre outras. Fora mais vago na descrição dessas. Como dos caçadores 01 e 02 em um campo de concentração.

Julia digitou "campo de concentração" no teclado e esperou pelos resultados. Não havia nada similar à descrição de João na primeira ou na segunda página. Ela pensou em colocar o computador de lado e tentar dormir, mas uma força invisível a compelia a continuar. Precisava ver com os seus próprios olhos.

Talvez eu pudesse perguntar para o João amanhã uma forma mais eficiente de achar as outras fotos.

Não, ela pensou, com censura. *Quem dá as cartas e quem as recebe?*

Na quinta página Julia encontrou a foto e um estranho arrepio percorreu o seu corpo. Um soldado tocava gaita em um dia frio, e mais ao fundo haviam os dois homens de terno, luvas e chapéu. Julia ampliou as imagens. Um deles era o mesmo homem da foto da Guestapo, 1945. Então desceu a imagem até as luvas e reconheceu os círculos brancos nelas.

Isso não prova nada. É apenas o mesmo homem, no mesmo período, sendo fotografado duas vezes.

Quais eram os outros períodos que João havia citado? Revolução francesa… porcaria, não se lembrava dos outros e as suas anotações estavam no consultório. Tinha o edifício Joelma, mas não estava disposta a ver filmagens de pessoas se jogando de um prédio em direção à morte certa.

Ela pesquisou sobre a revolução francesa, queda da bastilha. Mas as pinturas continham dezenas de rostos retratados com carência de detalhes. Seria impossível achar algo ali.

É melhor eu ir dormir, amanhã tenho um dia cheio. Pensou, após observar algumas pinturas.

Fechou o notebook e suspirou.

Queria que Mathias estivesse ali agora. Precisava de alguém com quem conversar. Mas talvez fosse melhor daquele jeito, pois nunca contara sobre João para Mathias, e não queria ter essa conversa hoje. Era uma das regras deles — uma regra universal entre os psicólogos e qualquer outra pessoa, na realidade — de não discutir os pacientes um do outro.

Seus olhos já estavam pesados, quando uma ideia surgiu e ela reabriu o computador.

As pinturas da queda da bastilha ainda estavam lá, mas ela digitou uma outra frase, ignorando-as.

O massacre universitário de 2003.

A primeira imagem era a foto de uma repórter com o retrato de Peterson ao lado da frase "massacre choca o país". A segunda imagem era a capa do livro "Mil dias em que a morte sorriu para mim" em que se via a nuca de diversos alunos, voltados para o quadro negro, e uma sombra deformada atrás da porta entreaberta. A próxima foto era de uma mulher loira, segurando um dos exemplares do livro. Deveria ser Kátia Ávora, a autora. A próxima imagem era de inúmeros sacos pretos estendidos no gramado em frente a um prédio de tijolos. Havia uma faixa amarela de polícia interditando o local. Inúmeras ambulâncias e viaturas policiais. Do lado esquerdo, era possível ver jovens ajoelhados e chorando, com as mãos no rosto, e, bem ao fundo, uma senhora que deveria ter mais de sessenta anos segurando uma mochila cor de rosa ao lado de um dos sacos pretos. O rosto curvado em uma careta de dor e sofrimento.Realmente era uma tarde quente naquela foto, pois as pessoas usavam shorts e camisas curtas e o sol refletia em tudo.

Reflexos.

Julia ampliou a foto. Havia algo refletido no vidro com insulfilm da viatura policial. Ela ampliou o zoom até que a foto quase estourasse.

As costas de um policial ocupavam metade do reflexo do vidro, com sua farda cinza-chumbo. Mas na outra metade era possível ver as árvores mais ao longe, e um homem entre elas. Ele usava chapéu coco e terno completo. Julia tentou aumentar o zoom, na esperança de que pudesse decifrar aquele rosto, mas perdeu o detalhamento da imagem, deixando-a embaçada.

Mas não era preciso ver o rosto do homem. O mais importante estava um pouco abaixo. Ele estava com uma mão enfiada no bolso do casaco, escondendo-a, e a outra estava de luva.

-

Sessão 18

Julia sentia a cabeça latejar. Dormira mal a noite passada. Não. A verdade é que dormira pouco. Passara horas a fio, de olhos fechados, remoendo a imagem do homem refletida no vidro da viatura.

— Então, o aluno de kung fu vira pro mestre e pergunta: — Julia ouviu a voz de Antônio no corredor, deveria estar com Bruno, trazendo João. — "Mestre, por que eu sempre sou derrotado nas batalhas?"

A porta se abriu. João entrou, com Bruno de um lado e Antônio do outro. Bruno estava com a camisa do Corinthians por cima do uniforme, o que era o melhor indicador temporal que Julia já presenciaria em sua vida. Era uma quarta-feira.

— E o mestre vira para o aprendiz, e pergunta: "Meu jovem aluno. Você já observou o vento a balançar suavemente as folhas ao alvorecer?". "Sim, mestre." Responde o aluno.

Julia sorri de forma educada para eles. Não quer falar e atrapalhar a piada. Além do mais, é a terceira vez que ela se depara com eles hoje.

— Então o mestre continua: "Meu jovem aluno. Você já observou como a lua se reflete na água silenciosa de um lago, mesmo sem nunca tocá-la?". "Sim, mestre." Responde o aluno.

— Vai durar pra sempre essa piada? — pergunta Bruno, bufando. E começa a prender os pés de João com o cadeado. — Eu não tenho paciência para essa lenga-lenga *zen* não.

Antônio faz uma careta para Bruno, respira de forma paciente, e continua:

— E o mestre continua. — Julia acha divertido como Antônio afina a voz, em uma tentativa de transformá-la na de um sábio chinês. — "E a

cachoeira, meu jovem aluno, já observou como as águas sempre fluem, mas sem nunca perder sua essência?" "Claro, mestre", responde o jovem aprendiz.

Agora Bruno está parado de pé, esperando impaciente para que Antônio termine a piada e eles possam ir embora. João mal parece notar o diálogo entre eles. Sua mente parece divagar para outras dimensões.

— "Tá explicado, meu jovem aluno" — continua Antônio, no mesmo timbre forçado de um sábio chinês. — "Fica vendo essas porcaria e não treina".

O primeiro a rir é João. É uma gargalhada estranha. Parece uma gralha. Julia cerra os lábios, tentando conter um sorriso.

— Essa é boa. Essa é boa! — diz Bruno, batendo as mãos nas cochas. E Antônio sorri, realizado por ter arrancado algumas risadas.

— Vou parar de importuná-la, doutora — diz Antônio, ajeitando o óculos de grau que, às vezes, escorria pelo seu nariz fino.

Bruno dá dois tapas no ombro de João, e o paciente pula na cadeira, como se tivesse levado um choque.

— Todo seu, doutora. Todo seu — diz Bruno, e sai com Antônio, deixando-os a sós.

Julia imagina que a piada tenha melhorado o seu cansaço, e por isso se surpreende quando João pergunta:

— Dormiu mal esta noite, doutora? — ele pergunta com uma expressão séria. O que a faz se perguntar se João riu da piada apenas para gerar um vínculo emocional com Antônio e Bruno. Traços de sociopatia?

— Sim. Os vizinhos fizeram muito barulho — responde Julia, e sorve um gole do cappuccino, que comprara na máquina de café no final do corredor.

Os olhos dela estavam profundos e cansados, agora bem parecidos com os de João. Tivera dificuldade de dormir à noite inteira. Foram as fotos. Ela não conseguia se desvencilhar delas. Sempre que o cansaço vinha, a foto do homem refletido no espelho a açoitava e expurgava o sono de seu corpo.

— Você chegou a pesquisar sobre a foto? — ele perguntou em um tom despretensioso, mas Julia viu como seus olhos se depositaram sobre ela, faiscando com interesse.

Ela sabia que a pergunta iria acontecer em algum momento, só não esperava que viesse de imediato. Já tinha a resposta na ponta da língua, e a disse:

— Não, João — respondeu, olhando com firmeza. — Não pesquisei. — Então voltou-se para as suas anotações, como quem diz "assunto encerrado".

Não podia falar outra coisa. Se dissesse que havia pesquisado, seria um sinal de que ela dava credito à história que ele estava contando. Julia queria gerar empatia na sua relação com João, e não alimentar seus devaneios.

João não escondeu o seu descontentamento, se afundando na cadeira e cerrando os lábios.

— Você não acredita em mim, não é mesmo?

Eu preciso ser cuidadosa, ela pensou, notando a raiva na voz dele. *Não posso diminuir o que meu paciente pensa e sente.*

— Eu acredito que você acredita, João, e isso me basta.

— Uau. — Ele deu uma risada seca, que se transformou em uma tosse. João parecia mais magro do que nunca. Deveria estar ficando doente por se alimentar tão mal. — Aprendeu essa desculpa esfarrapada na sua

faculdade? Por acaso vocês têm alguma matéria chamada *Como não ofender o louco que eu estou tratando?*

Julia cruzou as pernas, e depositou as mãos acima do joelho. Usava uma saia cinza chumbo e uma blusa preta de botão.

— Você considera uma ofensa pessoal eu não ter procurado pelas fotos?

— Não tente inverter o jogo como se eu fosse a merda de um bebê chorão.

— Eu não estou tentando inverter nada, João. Se é tão importante para você, eu posso pesquisar sobre a foto.

Ele permaneceu em silêncio, mas tinha uma expressão dura. Carrancuda. Estava profundamente ofendido.

— Diga-me, João. Você chegou a procurar pelo misterioso homem nas fotos do massacre da universidade também?

— Claro que sim. Mas ele foi cuidadoso desta vez. Não deixou nenhum rastro. Acho que deve ter ficado com medo, após ter perdido a maldita luva.

Deveria ter olhado com mais cuidado, João. No reflexo dos objetos, por exemplo, Julia pensou, e sentiu-se mal por ter tal pensamento. Agora ela acreditava no homem misterioso? No tal caçador?

— Não acha que ele deveria ter aparecido na cena do crime? — ela insistiu, mais aguda do que gostaria de soar. — Já que ele gosta de ser fotografado?

João bufou, soltando o ar pelas narinas.

Julia sentiu-se um pouco mal por fazer aquela pergunta. Estava jogando sujo. Provocando o seu paciente de forma gratuita.

— Não sei se ele *gosta* de ser fotografado. Sei que ele já foi fotografado. Ele deve ter se tornado mais cuidadoso ao longo do tempo.

Acredito que publicidade não é algo que ele aprecie.

— Entendi… — ela respondeu com um certo desdém na voz.

João lhe presenteou com silêncio pela segunda vez naquele dia, e ela percebeu que precisaria conduzir esta sessão, algo que raramente ele permitia.

— E qual é a próxima peça, João? A que vem a seguir no quebra-cabeça da sua vida?

— Rodolfo — disse ele, e suspirou, como se estivesse cansado. — Eu o reencontrei após 13 anos.



Foi cerca de um ano após eu ter terminado a faculdade. Eu não me formei exatamente com louvor, mas se tem uma coisa que aprendi foi que mais importante que as notas que você leva no seu histórico escolar é onde arranja o seu primeiro emprego. E o meu primeiro emprego foi excelente. Consegui uma vaga como professor em uma escola particular. Pagava bem, o que era ótimo para quem passou a faculdade à base de hambúrguer congelado e miojo, mas eu iria voltar a morar em Mogi das Cruzes, onde minha mãe ainda residia e trabalhava.

Ainda me lembro da expressão radiante quando lhe dei a notícia, e da expressão magoada quando disse que não estava voltando para a casa dela. Eu tinha vinte e três anos, pelo amor de deus! Tudo que um homem recém-saído da faculdade e com o futuro pela frente não quer é voltar para a casa da mãe.

Aluguei um apartamento pequeno de três cômodos: banheiro, quarto e sala com cozinha. Para mim era mais do que o suficiente, mesmo que pudesse pagar por algo melhor, não queria gastar grande parte do meu

salário com moradia e tinha planos de viajar, conhecer algum campo de concentração nazista, quem sabe.

As aulas eram tranquilas no Miguel Arcanjo. Lecionava no período da manhã para moleques sonsos — do mesmo modo que eu era naquela época, apenas pensava em sexo, cerveja e quantos sacos de suco em pó seriam necessários para tingir a água da escola toda — e de tarde dava aulas de reforço e corrigia exercícios e provas.

Claro, ainda teria férias duas vezes no ano, o que é mais do que a maioria das pessoas em outras profissões poderia sequer sonhar.

Morar sozinho era solitário. Mas um solitário bom. Não tinha a menor vontade de chegar em casa e ter de conversar com alguém apenas pela obrigação social de fazê-lo. Se fosse um verdadeiro amigo, ou uma mulher que eu amasse, poderia ser diferente, porque não me sentiria obrigado a fazê-lo. Estar longe da influência de Henrique fez com que eu diminuísse o consumo das drogas — embora continuasse um fumante inveterado —, mas não parasse totalmente.

Eu fumava maconha uma vez por semana, mais ou menos, e a maioria das vezes não via muita graça. Eu o fazia e depois comia pizza e bebia cerveja vendo algum programa na televisão.

Entretanto, na época de correção de provas, fumar era algo especialmente bom. Falando assim, em voz alta, pode parecer algo idiota, mas eu gostava de chegar em casa, tirar o meu sapato social, a calça e a camisa, ficar de cueca e me sentar na mesa da cozinha. Então eu bolava um cigarro de maconha e abria o pacote pardo com as provas dos alunos. As melhores eram as dos garotos. As das meninas estudiosas, que respondiam a prova com canetas com cheiro de tutti frutti me davam vontade de vomitar o almoço. Talvez fosse porque o cheiro me lembrava de Patrícia, agora que parei para pensar… ou talvez fosse apenas o capricho exagerado delas

mesmo. As provas das meninas eu corrigia de forma rápida, mas as provas dos garotos que sentavam no fundo da sala… ah, essas eram geniais. Ler as coisas absurdas que eles escreviam apenas para não deixar uma folha em branco era simplesmente hilário. Explicações sobre as guerras e as revoluções, fatos inventados e distorcidos… céus, como eu me divertia. Um aluno havia alegado que o verão era o acontecimento que marcava a guerra fria. Outro dizia que o nome de Lampião era Ariano Suassuna. E por aí vai…

Aos vinte e quatro anos eu finalmente encontrara um hobbie para chamar de meu.

Eu usava a internet também, embora tivesse parado de pesquisar as fotos com tanta frequência, e guardasse a luva em uma caixa de sapato embaixo da minha cama. Usava redes sociais também. Na época, o Facebook não existia ainda, ou se existisse não era famoso, e eu utilizava o Orkut.

Foi através do Orkut que o Rodolfo me encontrou. Treze anos depois, e lá estava ele, em uma foto quadrada, com um generoso bigode e cheio de energia, me chamando para conversar. Eu não sei quando foi a última vez que nós havíamos tido contato, mas acho que foi pouco depois da morte de Tadeu. Logo em seguida meus pais me mudaram de escola e então teve o incêndio… você sabe o resto.

Ele perguntou onde eu morava e o que estava fazendo da vida, e, quando eu respondi que lecionava história em Mogi das Cruzes, Rodolfo ficou animado. Disse que tinha uma viagem a trabalho marcada para dali algumas semanas, e que passaria próximo aonde estava morando, sugeriu tomarmos um café.

Eu aceitei, mesmo achando tudo aquilo meio estranho. Não morria de saudades de Rodolfo, mas parte de mim estava curiosa para saber se ele

ainda usava óculos fundo de garrafa e se permanecia tão desbocado quanto na infância.

Eu cheguei dez minutos antes do combinado e pedi uma água com gás. Era um café pequeno com mesas de madeira dispostas na rua. Parte de mim estava esperando que Rodolfo não fosse aparecer. Mas outra parte queria muito vê-lo novamente. Acho que eu temia que ele fosse abordar a morte de Tadeu, acusar o meu falecido cão ou eu, quem sabe.

— João!

A voz que me chamou era diferente, mas não totalmente estranha, e meu cérebro teve um curto-circuito ao tentar ligá-la a um garoto de voz fina. Rodolfo se aproximou a passos lentos. Ele vestia uma bata de padre, com o colarinho curto e abotoado. Não tinha mais óculos de grau, que viviam ensebados por causa dos salgadinhos. Deveria ter feito uma cirurgia. Perdera a expressão sacana também. Nada de provocativo e agudo parecia sair daquela boca nos dias atuais. Havia ganhado peso e seu cabelo era loiro-escuro e estava penteado de lado com zelo.

Deveria ter pesquisado mais sobre ele, pensei. Aquilo era um preconceito bobo, Rodolfo é um homem de Deus, mas de algum modo me assustava.

Eu me ergui e ele me abraçou como se fôssemos velhos companheiros. Mas a fase de velhos companheiros havia passado quando eu completei doze anos, e agora éramos completamente estranhos.

— Como está indo? — ele perguntou, as mãos depositadas em meus ombros. Conseguia sentir o calor que aquelas palmas emanavam.

Eu moro sozinho e fumo baseados rindo da prova de adolescentes sobre acontecimentos históricos, mas estou ótimo, pensei. Só que aquela era uma lei do Universo. Quando um estranho te pergunta como você está, você

não simplesmente senta em um banco e abre o seu coração, você distribui um sorriso amarelo e diz *melhor impossível, meu chapa.*

— Bem — respondi. — E você?

— Bem também — ele respondeu, e nós sentamos.

O garçom chegou e tirou nossos pedidos. Por um instante eu pensei em pedir um café escocês, com uísque, mas isso seria pura provocação com o padre Rodolfo, e, embora eu fosse muitas coisas, babaca não era uma delas.

Foram dois expressos e uma água com gás.

— Padre… — eu disse, e a palavra saiu toda enrolada, como se nunca a tivesse dito em voz alta na minha vida.

— Sim, João, quem diria, hein? — Rodolfo disse, com um sorriso simples no rosto. — Estou na cidade para um encontro da Igreja, e veja só que coincidência.

— Sim… — Observei vagamente. O jeito como ele me chamara de João me incomodou. Parecia que ele era o adulto e eu continuava uma criança de onze anos.

— E você, João, professor, hein!? Quem diria. Você não era dos mais estudiosos, que eu me lembre — ele disse, balançando os ombros de um lado para o outro.

O gesto me irritou um pouco. Parecia que ele estava tendo a porra de um ataque epiléptico enquanto falava.

Eu falei um pouco sobre o meu trabalho e onde havia me formado. Felizmente ele não parecia ter consciência do massacre na universidade, e, se teve, foi gentil o bastante para não comentar sobre.

Era o mínimo que eu esperava, afinal, não tinha pedido o meu café escocês.

Mas havia uma questão que me incomodava, e assim que surgiu uma brecha eu disse:

— Pois é… e de onde surgiu a ideia de me procurar?

Rodolfo ganhou uma expressão séria. O sorriso apaziguador abandonando a sua face.

— Estou em uma jornada pessoal para reencontrar as pessoas que fizeram parte da minha vida, João.

Boa sorte reencontrando Tadeu.

— É mesmo? Por quê?

— Eu… — Ele hesitou, olhou em torno, como se temesse estar sendo espionado. — Eu estive desconectado do mundo por alguns anos, velho amigo — disse, inclinando-se para perto de mim.

— Não vai me dizer que era budista antes de virar padre.

A piada não foi muito bem recebida, e o padre Rodolfo riu por educação, chacoalhando os ombros apenas um pouco.

— Eu passei por sérios problemas, velho amigo. Eu perdi os meus pais. Foi o câncer. Primeiro a minha mãe, e sete meses depois, o meu pai.

— Caralho, Rodolfo. Eu sinto muito.

A empatia era verdadeira. Conhecia os pais dele. A mãe fazia sanduiches com salame e manteiga quando jogávamos bola na rua dele.

— Obrigado — disse ele. Os olhos secos como o deserto.

Eu sorvi mais um gole do meu café, que já estava de morno para frio, aguardando que ele dissesse mais alguma coisa, se assim quisesse.

— Eu tive problemas com o álcool, João. Passei dois anos da minha vida bêbado. Mal consigo me lembrar dessa época, ela é um borrão disforme nas minhas lembranças.

Eu juntei A mais B.

— E a religião te salvou? — perguntei.

— Não… a religião só veio depois, quando já estava curado. Me inscrevi nos Alcoólatras Anônimos. Sei que isso parece brega, mas foi o que fiz, e deu certo. Acho que as pessoas com vício em álcool passaram por maus bocados, e conversar sobre os problemas me ajudou a não só curar o meu vício, como a me tornar uma pessoa melhor — ele disse, e eu fiquei assustado com a rapidez em que paramos de falar sobre aulas de história e passamos a falar de câncer e vícios. — E depois, aí sim, veio a religião. — Rodolfo acrescentou com um sorriso no rosto.

— Há quanto tempo você é padre?

Ele bateu os nós dos dedos no tampo da mesa de madeira, matutando uma resposta.

— Quase dois anos, velho amigo. E eu percebi que ainda não estava completo, que precisava reencontrar meus velhos conhecidos. Ver como estavam indo.

— Você chegou a falar com o Carlos?

Rodolfo hesitou. Olhou para a xícara de café dele. Então para um casal que andava de mãos dadas na calçada, e de volta para mim.

— O Carlos morreu em uma batida de carro, João. Desculpe, eu pensei que você sabia.

Aquilo me pegou de surpresa. E o jeito como ele hesitou para me responder… senti que havia algo que ele estava escondendo.

— Como assim batida de carro?

Rodolfo deu um gole no café. Quando depositou a xícara na mesa, eu vi como seus dedos tremiam um pouco.

— Foi em São Paulo. Ele estava dirigindo na contramão na Marginal Pinheiros. Um caminhão colidiu de frente com ele.

— Ele estava sozinho no carro?

Rodolfo meneou a cabeça em negativa.

— Estava com a mulher e os dois filhos. Só o filho mais novo sobreviveu. Mas está em coma.

Eu me calei. Tomando o meu momento para digerir o fato. A vida é um troço estranho. Qualquer despedida pode ser a última, não é mesmo? Eu pensei na minha mãe e no meu pai, e meu estômago deu um nó. Assim que saísse daquele café ligaria para os dois, apenas para ter certeza de que estavam bem.

Haviam outros amigos de infância de quem eu gostaria de saber o paradeiro, mas havia perdido totalmente a vontade de perguntar sobre isso para Rodolfo.

Eu e ele conversamos por mais dez minutos. Ele me convidou para visitar a igreja em que disseminava a Palavra. Eu disse que sim, embora não tivesse marcado uma data específica.

— João — o padre que um dia vira revistas pornográficas no banheiro da escola disse, e eu temi que ele fosse abordar o dia em que entramos na sorveteria abandonada dos Borges —, você está precisando de alguma coisa?

— Como assim? — Aquilo foi inesperado. — Dinheiro?

— Qualquer coisa, velho amigo, qualquer coisa — ele disse, e então depositou as mãos sobre as minhas com um carinho paternal.

— Não… e você? — Eu temi a resposta. Estava com vontade de retirar as minhas mãos do casulo de carne que eram as mãos dele sobre as minhas, mas não queria ser mal-educado. Apenas na sociedade moderna, a educação pode vencer o medo.

— Não, João. Eu estou sereno. Tome, um cartão meu. — Ele o tirou do bolso da veste preta. — Liga se precisar de algo, ou se quiser escutar a Palavra.

— Obrigado — respondi, aliviado por ter as minhas mãos livres.

E então ele se foi. Assim. Do nada. Simplesmente se levantou, caminhou até a porta e foi embora.

Eu fiquei remoendo tudo aquilo naquela mesa de café. Contar tudo que pensei seria enfadonho, mas eis a minha conclusão: Rodolfo não estava bem. Por debaixo daquele sorriso sereno e da fala mansa, eu sabia que ele estava quebrado. E acho que era por isso que ele estava tentando encontrar as pessoas que conhecera antigamente. Era um grito mudo por ajuda. Ele perdera os pais, e buscara por respostas no fundo da garrafa e então na religião, mas não as encontrara. Então tinha esperança que alguma pessoa tivesse a resposta. Mas o padre Rodolfo não sabia nem a pergunta.

Embora muita coisa estranha já tivesse acontecido na minha vida, e muita ainda fosse acontecer, aquele encontro tinha um lugar de destaque nas bizarrices da minha vida.

Guardei o cartão de Rodolfo dentro da minha carteira. Pensei que poderia ligar para ele algum dia no futuro. Marcar mais um café, quem sabe. Mas só iria ligar para ele anos depois, após ter me decidido a falar com alguém sobre os caçadores de sofrimento. Quando liguei, ninguém atendeu. E levei dois dias para descobrir que ele já estava morto. Aparentemente, Rodolfo fizera uma caipirinha caprichada para sua despedida. Álcool etílico 70%, veneno de rato e desinfetante.

Porém, naquela tarde de sábado eu não sabia disso. Ali, naquela cafeteria, sentindo o calor do sol contra a minha pele, eu ainda pensava que a morte de Carlos não estava conectada com a morte de Tadeu. Ainda não havia ligado os pontos.

O garçom veio perguntar se eu queria mais alguma coisa, e eu pedi um café escocês.

Assim que dei o primeiro gole, uma ideia me veio à mente. Algo que o padre Rodolfo havia dito.

Não era sobre como encontrar os caçadores de sofrimento, mas sobre encontrar quem eles já haviam encontrado.

-

Sessão 19

Julia estava sentada na sua poltrona, repassando as anotações do caso João. Vestia um conjunto social cinza de lã, blazer e saia, com grossas meias, que a mantinha aquecida naquela manhã fria. Tomava um cappuccino da máquina no final do corredor e usava o copo de isopor para aquecer suas mãos. À sua frente estava a cadeira vazia onde João se sentaria. Ela tratava outros cinco pacientes por dia, e todos eles se sentavam naquela mesma cadeira, em conversas de uma hora cada. Por que era apenas em João que ela pensava quando olhava para o objeto?

Porque eu passei duas horas ontem procurando por fotos históricas com os caçadores de sofrimento, ela respondeu para si mesma. Julia nunca procurara pelo marido da senhora Bruder — ela era uma dos outros cinco pacientes, uma senhora de sessenta anos que tinha tendências suicidas e tentara se cortar algumas vezes antes de ser internada pelos filhos — que a abandonara vinte anos atrás, quando saíra para uma viagem de trabalho.

Bruno abriu a porta, e João adentrou o consultório, caminhando a passos curtos, devido às correntes que prendiam seus pés. Largou-se na cadeira, os cabelos caindo entre seus olhos e aguardou pacientemente que Bruno prendesse seus pés.

— Vamos fazer isso para sempre? — João perguntou, olhando para o enfermeiro e depois para Julia. Então balançou os pés contra as correntes que o prendiam.

— Ordens do Caio — disse Bruno, dando de ombros. Antônio, o outro enfermeiro, aquiesceu. Ele conferia os bilhetes da loteria. Dizia estar fazendo um estudo de caso para a Mega da Virada, cujo prêmio seria cerca de vinte milhões de reais.

— Doutora? Não pode mandar esses enfermeiros me soltarem?

Julia suspirou, enquanto João chacoalhava os pés, fazendo a corrente bater contra o cadeado.

— Me deixe pensar sobre o assunto, está bem? — ela respondeu, tentando se esquivar do tópico. Sua última conversa com Caio não fora das melhores, e a imagem dele acariciando o próprio cassetete fazia seu estômago se revirar.

Bruno meneou a cabeça em direção a ela, como quem diz *não entre na desse maluco*, e foi em direção a porta do consultório. Antônio junto.

— Ouviram só?! — disse João, um pouco exaltado. — A doutora vai pensar. Vai pensar — ele cantarolou.

Julia esperou que João se acalmasse um pouco para iniciar a sessão, o que só aconteceu quando os enfermeiros fecharam a porta e o silêncio pairou sobre eles.

— Na última sessão, você estava me dizendo que tinha tido uma ideia.

— Exatamente! — Ele sorriu para ela de modo perturbado, uma bochecha se repuxando mais que a outra. — O padre Rodolfo me deu uma ideia. Ele me disse que teve problemas com o álcool após a experiência traumática de perder os pais. E então eu entendi que estava procurando pelos caçadores de sofrimento no lugar errado esse tempo todo. Achá-los era algo difícil. Quase impossível. Mas isso porque eu estava pulando um elo da cadeia. O quanto eu sabia a respeito deles além das fotos que reuni ao longo da minha vida?

Julia não respondeu, afinal, era uma pergunta retórica.

— Eu decidi que iria a uma reunião dos alcoólicos anônimos, para ver se algum deles havia começado a beber graças a algum evento traumático, e se em um desses eventos não havia uma figura misteriosa, de terno e luvas.

— Você fingiu ter problemas com álcool para entrar neste grupo?

João meneou a cabeça, sem demonstrar um pingo de remorso.



Eu pesquisei na internet — desta vez usando o Google — e descobri que os A.A. eram maiores do que pensava. Eles estavam em mais de 150 países e tinham mais de 12 mil unidades.

Achei um endereço que ficava próximo à minha casa, cerca de quinze minutos de carro, e fui até lá.

Chegando no lugar quase dei meia volta. Era uma casa antiga, que tinha um lampião aceso na varanda e um cheiro de incenso forte. Parecia mais uma casa mal-assombrada, e o fato de já ser noite só piorava a imagem. Mesmo assim eu entrei no lugar.

Assim que cruzei a porta de entrada dei de cara com a recepção. O balcão era um móvel comprido de madeira escura, e tinha uma daquelas campainhas de mesa. Parecia a mobília de um hotel da virada do século. Uma mulher muito magra e de olhos cansados estava atrás do balcão, e atrás dela havia uma pintura horrível de um galo em uma moldura pesada e dourada.

— Olá — eu disse.

Ela sorriu para mim de forma carinhosa, e seus olhos me varreram, não com recriminação, mas com curiosidade.

— Olá, seja bem-vindo.

— É aqui a reunião dos alcoólatras anônimos? — perguntei. Pelo silêncio na casa, éramos os únicos ali.

Ela torceu o nariz um pouco e disse:

— O termo que utilizamos é alcoólicos, e não alcoólatras.

— Me desculpe, eu…

— Sem problemas — disse ela, levantando as mãos e dando uma risada curta. — Se tem uma coisa que não fazemos aqui é julgar. Pode me chamar de Rebeca.

Ela apontou para o crachá de papel fixado no suéter dela, que tinha o nome escrito. A folha estava amassada e um pouco carcomida, e percebi que ela era uma marinheira de longa data.

— Você pode utilizar o seu nome de verdade se quiser, ou inventar um. Não temos uma regra sobre isso, embora nos intitulemos anônimos.

Rebeca sumiu por detrás do balcão e reapareceu segundos depois, com uma caneta e um crachá. Ela os depositou no tampo de madeira.

— A única regra que temos é que seu nome deve estar escrito e fixado em local de fácil visão. Fique à vontade — ela disse, deslizando o crachá de papel na minha direção.

Eu encarei a folha em branco. Como não havia pensado em um nome falso para mim? Porque eles se chamavam de anônimos, é claro.

Finalmente empunhei a caneta e escrevi meu nome falso. Peterson. Porque o primeiro nome a surgir na minha mente foi o do maluco que metralhou uma sala de aula, nunca vou saber.

— Pode me chamar de Peterson.

— Seja bem-vindo, Peterson — Rebeca disse. — A reunião vai começar em breve. Você chegou cedo! Espere um segundo…

Ela desapareceu atrás do balcão novamente e dessa vez retornou com um panfleto.

— Tome. Caso queira matar o tempo com alguma leitura.

Eu segurei o panfleto. Era em preto e branco e estava impresso em baixa qualidade. O título era OS DOZE PASSOS.

— A reunião vai ser no salão ao lado, caso queira se sentar — ela disse, e apontou para uma porta entreaberta.

Eu adentrei o cômodo, e a sensação não era muito diferente do resto da casa. Tudo ali fedia a mofo e tinha um ar decadente. Talvez fossem as paredes de madeira, ou os quadros de animais e suas molduras pesadas, ou a iluminação ruim, ou um pouco de cada.

Haviam cadeiras de plástico dispostas em um círculo no meio da sala e um sofá no canto. Eu fui até o sofá e me sentei.

Logo abaixo do título do panfleto havia uma gravura. Era uma garrafa enorme, fazendo sombra em um homem pequeno. O homem era apenas uma silhueta negra, mas dava para perceber que ele estava em pânico, pois levava as mãos até a cabeça e estava curvado como se sentisse dor.

E abaixo disso vinham os doze passos.

PASSO 1:

Admitimos que éramos impotentes perante o álcool — que tínhamos perdido o domínio sobre nossas vidas.

PASSO 2:

Viemos a acreditar que um Poder superior a nós mesmos poderia devolver-nos à sanidade.

O segundo passo me pegou de surpresa. Não esperava que houvesse um caráter religioso nos alcoólicos anônimos. Os próximos passos confirmaram a minha suspeita e então eu entendi como poderia ter sido um passo natural para Rodolfo aspirar a ser um padre após ter passado por um daqueles grupos.

— Olá — disse um homem, adentrando a sala.

Eu me ergui para cumprimentar um rapaz magro que usava um moletom vermelho e solto cobrindo o seu corpo.

— Prazer, meu nome é Jo… — Eu hesitei por um instante. — Peterson.

— Prazer, sou Fábio.

Eu era apenas um garotão recém-saído da faculdade, mas Fábio era realmente jovem. Tive vontade de perguntar se ele era menor de idade, mas sabia que a pergunta seria indiscreta.

Alguns minutos depois e eu já havia me apresentado para todos os membros do AA. Eram cinco, contando Rebeca, que também era dona da casa. Havia Jair, um senhor de quase sessenta anos, que estava totalmente recuperado, mas que vinha nas reuniões para ajudar os novatos. Lucas, um homem com ar arrogante que vestia um terno que deveria ser feito sobre medida. E Clarisse, uma mulher que fumava cigarros com a mesma frequência que um neném sujava as fraldas. E tinha o Fábio, que já comentei. Ah, sim, e Peterson, meu codinome. Comigo éramos seis.

Sentamos nas cadeiras de plástico. A minha quase cedeu com o meu peso e eu temi me estabanar no chão.

Rebeca introduziu o grupo formalmente e depois perguntou se eu gostaria de me apresentar.

— Bem… eu não sei… — Estava com medo de ter que mentir para aquelas pessoas. Pior do que apenas mentir. Poderia não ser convincente e ser desmascarado imediatamente. Todos me observavam com calma e paciência. Era uma sensação boa, sabe? De não estar sendo julgado por cada palavra que você diz.

— Sem pressão, Peterson — disse Jair, com seus cabelos grisalhos e sua pele da cor de ébano.

— Bem, é minha primeira vez nos alcoólicos anônimos. E tudo o que eu sei é o que li neste panfleto — disse, e mostrei o panfleto para eles. Claro, todos deveriam saber os doze passos de cor e salteado, mas ninguém me disse isso.

— E como ficou sabendo de nós, Peterson? — Jair continuou.

— Um amigo meu… ele é padre agora. Ele também teve problemas com… ele também fez parte de um grupo de alcoólicos anônimos, mas não este.

— Bem-vindo, Peterson — disse Clarisse.

— Bem-vindo — disseram os outros.

— Nós funcionamos de um modo muito simples — disse Rebeca, me fitando. — As reuniões são em terças e quintas às sete, não são obrigatórias e são de graça. Mas aceitamos doações. Se quiser fazer alguma, é só depositar na caixinha.

Ela apontou para o sofá que eu estivera e só agora notei que havia uma caixa de madeira no chão. Não deveria caber muito dinheiro nela, mas algo me dizia que eles não recebiam dinheiro com frequência.

— Alguém está com vontade de partilhar algo nesta noite? — Rebeca perguntou.

— Eu quero — disse Lucas, afrouxando o nó da gravata. — Ontem eu quase tive uma recaída. Saí para jantar com o pessoal do trabalho, e eles começaram a beber…

— A história deve ter durado uns vinte minutos — disse João, se ajustando na poltrona —, e eu morri de tédio na maior parte do tempo. Mas todo mundo prestava atenção, com uma concentração sublime, como se o Steve Jobs estivesse dando uma palestra sobre tecnologia.

— Mas você ficou até o fim? — Julia perguntou. O copo de cappuccino na sua mão estava frio agora.

João aquiesceu com um movimento da cabeça.

— Naquela e em muitas outras reuniões, doutora. Eu tinha uma missão, afinal de contas, e não seriam histórias enfadonhas sobre como a

cerveja estava gelada e como meus companheiros de trabalho insensíveis beberam na minha frente que me faria desistir dela.

— E você descobriu algo de útil naquela noite?

— Não. Na verdade, nunca descobri nada de útil naquelas reuniões. Mas, mesmo assim, aquele lugar me fez chegar mais perto dos caçadores de sofrimento.

Julia meneou a cabeça.

— Me diga, doutora. Você chegou a pesquisar sobre a foto?

A pergunta a pegou de surpresa. Tinha a tola esperança de que João tivesse esquecido aquele assunto.

— Sim — Julia respondeu sem pestanejar.

— E…? — ele perguntou, com um sorriso presunçoso nos cantos dos lábios.

— É apenas uma foto, João. Um homem de terno como todos os outros.

Houve um silêncio curto em que o sorriso no rosto de João esmaeceu e o coração de Julia pareceu parar. Ela levou o dedo até o botão do pânico, João notou o movimento com um olhar fugaz.

— Eu poderia dizer que não acredito em você, doutora, mas isso seria desnecessário. Nem você acredita em si mesma.

Então João aguardou em silêncio, até que os enfermeiros chegassem.

-

Sessão 20

Julia aguardava pacientemente por João aparecer. Ele estava cinco minutos atrasado. Ela dormira mal essa noite, embora não tivesse passado horas a fio buscando por fotos dos caçadores de sofrimento. Eram os vizinhos do condomínio novamente. Haviam dado uma festa e tanto ontem, e o barulho fora até altas horas. Às vezes ela pensava que deveria se mudar logo de lá, mas mudanças davam trabalho, e eram mais fáceis na teoria.

Ela havia repassado os documentos de João. Em nenhum lugar constava que ele havia passado pelos Alcoólicos Anônimos. A ideia do grupo era manter o anonimato de seus membros, então isso não era uma grande surpresa. O problema é que ela não tinha outra fonte de informação sobre aquele caso, e isso a deixava desconfortável. Tudo que possuía sobre a passagem de João pelos AAs seria o relato dele.

João dissera que entrara nos alcoólicos anônimos apenas para ver se descobriria algo sobre os caçadores de sofrimento, mas ela desconfiava que poderia haver outros motivos.

No dia em que João fora detido, ele estava com vestígios de LSD e maconha em seu organismo, além de ter vinte vezes mais álcool no sangue do que o permitido. E havia indícios de que ele consumiu bebidas energéticas.

Julia sabia que eles chegariam naquela parte da história, e que talvez ele fosse honesto com ela e admitisse que estava sob a influência de drogas no dia fatídico — inclusive, essa havia sido a abordagem inicial do advogado de defesa no caso, mas João insistira em descartar essa linha de defesa. Quando ele quis dar a explicação que julgava verdadeira para o júri,

citara os caçadores de sofrimento pelo menos uma dúzia de vezes e fora imediatamente internado no hospício.

Talvez ele estivesse tendo problemas com álcool e por isso havia se juntado ao AA. Ou talvez ele nem sequer tivesse ido a uma reunião dos alcoólicos anônimos na vida. Poderia estar simplesmente mentindo.

Mas ele não havia mentido sobre a foto, disso Julia tinha certeza, por que mentiria agora?

A foto. Aquilo lhe deu um calafrio.

Ela evitava utilizar o computador quando chegava em casa à noite. Não porque quisesse evitar a foto da Guestapo, ou a do massacre na universidade, mas porque tinha medo de seus dedos ágeis lhe traírem, e descobrirem mais fotos.

Julia tinha medo do que poderia encontrar.

João entrou, vestindo a camisa de força amarrotada e suja e os tornozelos presos por algemas. O olho direito, na verdade toda a parte daquele lado do rosto, estava roxo e machucado, com hematomas pulsantes e vivos.

Ele se sentou na cadeira.

Julia encarou Bruno com um olhar de reprovação, mas tudo que ele fez foi sorrir para ela de forma cínica e satisfeita.

— O que aconteceu com o seu rosto, João?

Ele se afundou na cadeira, com uma postura arqueada e cansada. Esperou que Bruno prendesse suas pernas com o cadeado, e só começou a falar quando estava a sós com Julia.

— O que aconteceu é fácil, doutora. — Ele olhou para trás, como que para se certificar de que estavam realmente sozinhos. — Qualquer um pode ver. Tomei uma bela de uma surra. A questão é por que aconteceu.

— Por que aconteceu, João?

— Eu estou sendo caçado, doutora.

Ela poderia perguntar *por quem*, mas a resposta era óbvia.

— Por quê?

— Eu sei demais doutora. Sei muito sobre *eles*. E eles não podem tolerar isso. Qualquer cretino normal faria o arroz com feijão. Um tiro na nuca. Limpo. Eficiente. Mas eles não são todo mundo. Eles gostam do sofrimento.

— João, se você acredita que está sofrendo abusos físicos de algum dos enfermeiros precisamos preencher imediatamente um formulário relatando o ocorrido.

— Para quê? — ele disse, as veias do pescoço pulsando. — Para que eu seja transferido? — Riu de deboche. — Você acha que isso vai mudar alguma coisa?

Julia ficou em silêncio, observando o chão de cimento queimado do consultório. Teria que falar com Caio novamente. Não havia outro jeito. Aquele cretino conduzia a segurança do Manicômio Judiciário Presidente Prudente como um açougueiro.

— Eu sei que você pensa que eu vim parar aqui pelo crime que cometi. E isso pode ser a verdade, mas não é toda a verdade. Eu também vim parar aqui porque eu quis.

A afirmação a pegou de surpresa.

— Você quis cometer o crime, João?

— Não. Não seja ridícula. Mas foi após tudo ter passado que eu entendi, doutora. Que não há como ganhar. Os caçadores são muitos e eles se escondem nas sombras. Passam despercebidos. E eles… eles são os senhores da situação, sempre. Isso é uma verdade absoluta, embora eu tenha dificuldades em admitir. E foi por isso que eu quis ficar aqui. Que lugar poderia ser mais seguro que uma sala sem objetos cortantes? Veja… quando

eu encontrei Rodolfo e ele me disse que Carlos havia morrido em um acidente de carro, eu ainda não havia conectado os pontos. Foi só depois do próprio Rodolfo ter morrido que eu entendi. Tudo remetia ao dia em que entramos na sorveteria abandonada da família Borges. Acho que vimos algo que não deveríamos ter sido visto, entende? Nós cruzamos o caminho deles naquela tarde, nós, quatro crianças, e isso eles não podiam tolerar. Tadeu foi o primeiro a morrer, ainda dentro da sorveteria, mas eles vieram atrás dos outros. Até que só sobrasse eu. E só entendi isso no dia em que estava com sangue nas minhas mãos. Foi quando tudo fez sentido, minha casa incendiada, o massacre na faculdade… Eram eles tentando me eliminar.

Julia deu um suspiro profundo.

Não existem caçadores, sua mente gritou, mas ela se manteve calada.

— João. Não vamos ter a sessão hoje. Levarei você para a enfermagem, e depois iremos preencher um formulário…

— Não! — Ele deu um salto na poltrona. — Não seja estúpida, porra! Em quem eles irão acreditar? Em um enfermeiro ou em um louco de pedra?

— Eu acredito em você — Julia disse com firmeza.

— Porra nenhuma! Pode acreditar que bateram em mim com mais força do que deveriam. Mas você não acredita que exista alguém por detrás disso. Você considera os caçadores de sofrimento tão reais quanto a mula sem cabeça.

— Está bem, João. Mas se eu voltar a ver você nesse estado — ela apontou um dedo acusatório para ele —, vou eu mesma preencher a porra do formulário.

A voz de Julia saiu estridente, e um pouco histérica. Ela havia usado um palavrão na frente de um paciente e isso não fazia parte da sua postura profissional.

João notou a emoção na voz dela e conteve um sorriso.

Houve uma longa pausa, para que os ânimos esfriassem.

— Me diga, João, por quanto tempo você frequentou as reuniões dos alcoólicos anônimos?

— Sete meses, doutora.

— E como você se sentia?

— Como assim?

— Digo, você estava enganando aquelas pessoas, por assim dizer, não é mesmo? Como isso o fez se sentir?

— Como qualquer mentira que contamos, doutora. É como andar de bicicleta, um pouco difícil no começo, podendo dar um pouco de medo, disparar a adrenalina e esfriar o estômago, mas vai se tornando natural com o passar do tempo. E, assim como a bicicleta, quando vemos que a mentira nos ajuda a chegar mais rápido onde desejamos, é difícil largar.

— Você mentiu muito na sua vida, João?

— Não — ele respondeu de forma categórica. — A grande mentira foi nesse período dos alcoólicos anônimos. Antes disso eram mentiras pequenas, como esconder um maço de cigarro na cueca quando chegava na casa da minha mãe e não queria ser pego, ou colar em alguma prova. As mentiras socialmente aceitas, sabe? — Julia não respondeu a pergunta.

— No começo da mentira, como disse, eu me sentia pior. Mas sempre me lembrava de que eu não estava fazendo aquilo por motivos egoístas. Eu queria juntar pistas para encontrar os caçadores. Não existe nada menos egoísta do que isso. Afinal, encontrá-los não poderia trazer nada de bom. Mesmo assim, eu queria. Era uma atração tão forte e invisível como a gravidade. Além disso, percebi que estava ajudando outras pessoas ao participar das reuniões. Muitos dizem que vão aos alcoólicos anônimos porque é um grupo com histórico de sucesso, que tem membros que passaram por situações parecidas com a sua. Acho que as pessoas vão lá

simplesmente porque podem contar as suas histórias sem serem julgadas. Como a Clarisse. Acredita que ela fora apresentadora de um programa infantil quando criança? Os pais só queriam saber de sugar o dinheiro dela, e pouco se importaram com a exposição que ela sofreu a drogas e sexo tão jovem. A coitada cresceu desmiolada, os pais torraram toda a grana que ela fez quando jovem sem um pingo de remorso. Ela perdeu o primeiro filho por ter bebido durante a gravidez. O marido largou dela no dia seguinte. Imagine ela tentando contar essa história para as amigas do trabalho. Ela não seria apenas julgada. Seria massacrada. Rechaçada. E então mandada para o olho da rua. Mas não no AA. Lá você poderia ter vendido a sua mãe para comprar uma dose de uísque e tudo estaria bem, todos te entenderiam, e, se não o fizessem, ao menos ficariam com a boca fechada. E era assim que eu ajudava lá. Ouvia e ficava com minha boca fechada.

— E você mesmo nunca teve problemas com o álcool ou outras drogas? — Julia perguntou, atenta para algum dos trejeitos que denunciassem o desconforto de João, como o repuxar da bochecha. Nenhum deles veio à tona.

— Não. Existe uma diferença entre consumir uma droga e ser um drogado. O Henrique, por exemplo, fumava maconha todos os dias da faculdade e se não o fizesse tinha uns tremeliques, embora eu achasse que eram psicológicos e não físicos. E já eu, apenas fumava um baseado de vez em quando. Acho que essa é uma diferença importante. Eu usava drogas, mas não era um drogado. Assim como bebia algo mais forte de vez em quando, mas poderia passar semanas sem ingerir uma gota de álcool tranquilamente. Mas algo engraçado começou a acontecer comigo, doutora, mais ou menos um mês depois que eu me juntei aos alcoólicos anônimos, comecei a beber mais. Acho que era o jeito com que eles descreviam o álcool. Alguns usavam mais adjetivos do que uma propaganda do

McDonald's. E isso me dava mais vontade de beber. Tanto que chegava a secar uma garrafa de uísque em uma tacada só, quando não tinha nada para fazer em uma tarde chuvosa de sábado. Você que é entendida doutora, isso é possível?

Aqui está o homem que acredita em uma seita secreta de caçadores de sofrimento que viveram através das eras da humanidade me perguntando se é possível passar a beber mais álcool após conviver com alcoólatras.

— Quase um Folie à deux… — disse Julia, pensativa.

— O quê?

— Nada, João — disse Julia, dando de ombros. — É apenas uma expressão pomposa que aprendi na faculdade.

João ficou encarando-a de forma penetrante, com seu rosto deformado e pulsante, como se esperasse por uma explicação melhor.

Ela olhou para o relógio. Ainda faltavam quinze minutos para o fim da sessão.

— Acho que já podemos encerrar por hoje, João. Cuide dos seus ferimentos. Tome seus remédios. E esteja melhor amanhã.

— Posso te pedir um favor, doutora?

— Depende, João, o que seria?

— Você tem me tratado bem. Mais do que a maioria das pessoas faria. Mas se eu não aparecer mais para uma das nossas sessões, eu quero que você não vá atrás de explicações.

— Está bem — disse Julia, sem entender muito bem porque João desistiria das sessões. Será que elas estavam sendo improdutivas para ele?

Ela pensou em questioná-lo, mas os enfermeiros abriram a porta.

A sessão estava encerrada.

-

Sessão 21

João entrou na sala de Julia, e ela notou que o hematoma agora estava esverdeado e inchado. Ela tivera uma conversa com Caio, sobre a agressão que seu paciente sofrera. Dessa vez o diálogo aconteceu enquanto o refeitório estava cheio, o que deveria, ao menos em tese, impedir as insinuações desagradáveis do chefe da segurança.

— Ora, ora — dissera Caio, vendo-a se sentar na cadeira de frente a ele. Um grupo de três enfermeiras almoçava em uma mesa à direita, e Bruno comia com dois outros seguranças em uma mesa ao fundo. Ele nunca almoçava com Antônio.

Julia deu um sorriso amarelo para ele.

— Acho que sabe por que me sentei.

Caio baixou o olhar em direção ao seu cassetete. E então sorriu para ela com seus dentinhos pequenos.

Julia arrastou a cadeira para trás, para se levantar, quando Caio se inclinou para ela.

— Calma, calma, doutora — ele disse. As três enfermeiras da mesa ao lado lançavam olhares curiosos em direção a eles. — Não quis ofender.

Julia apoiou as mãos no tampo da mesa e arrastou a sua cadeira para perto novamente, enquanto Caio cortava um pedaço de bife, espetava três batatas fritas, e enfiava tudo na boca.

— Já almoçou? — ele perguntou, enquanto comia com a boca aberta.

— Já — ela respondeu. As três enfermeiras voltaram a tomar conta das próprias vidas, o que Julia apreciou. A mais velha, Odete, era uma fofoqueira de carteirinha. — Por que meu paciente foi agredido?

— Qual deles? — Caio perguntou. Havia um sorriso zombeteiro em seus lábios.

Eu não preciso te analisar para saber que você é um narcisista sociopata filho da puta, Julia pensou, embora mantivesse uma expressão profissional em seu rosto, as bochechas duras como rochas, *e que tem pau pequeno também. Só pode ser.*

— João. Paciente número 307.

— Ah, sim. Claro — ele disse, tomando um gole de suco de laranja. — Ele foi pego se masturbando no corredor durante a madrugada.

Julia cerrou os punhos. Eram raros os momentos em que sentia vontade de agredir alguém. Esse era um desses momentos.

Ela respirou fundo.

— Ele usa camisa de força.

Os olhos de Caio recaíram sobre ela. Tinha um olhar superior, como quem diz *por que você veio estragar o meu almoço?*

Julia deu uma risada seca. Agora tudo fazia sentido.

— Você não sabe, não é? Não sabe quem bateu em João, nem o porquê, nem o como, nem o onde. — Ela se inclinou na direção dele, apoiando os cotovelos na mesa. Caio recuou para trás, os olhos estavam amedrontados agora. Julia gostou daquilo. Era um indício de que ele sabia aonde ela iria chegar. Talvez não fosse tão burro quanto aparentava, afinal. — Eu falei com João ontem. Ele disse que não vai preencher uma reclamação formal. Agora, o que João não sabe, é que toda agressão física no Manicômio Judiciário Presidente Prudente precisa ser registrada até vinte e quatro horas após o ocorrido pelo segurança ou enfermeiro de plantão, seja uma agressão paciente-paciente ou uma agressão paciente-funcionário. O que João não sabe também, é que faz parte dos papéis e responsabilidades do diretor de segurança avaliar esses registros e

interrogar os envolvidos, dependendo da intensidade da agressão. E que o não cumprimento desse processo pelo diretor de segurança pode ser considerado uma falha grave no…

— O que você quer? — Caio perguntou. Os lábios cerrados, os dentinhos à mostra.

Ele está com medo, Julia pensou, *sabe que não vai ser demitido por uma coisa dessas, mas está com medo da dor de cabeça que posso lhe arranjar.*

— Tire a camisa de força de João.

— Impossível — disse Caio, afastando o seu prato de si, como se tivesse perdido a fome. — Minha recomendação foram três meses, e três meses serão.

— As terapias assistidas ao ar livre então. João participa delas.

— Está bem.

Julia levantou um dedo em direção a ele, como quem diz: *ainda não terminei com você.*

— E sem camisa de força durante as aulas.

Caio comprimiu os lábios, os olhos giraram na órbita. Ele pegou a faca de metal e Julia pensou que ele a agrediria, ou pelo menos a ameaçaria.

— Fechado — ele disse, e então se levantou.

Julia permaneceu sentada. Viu que as três enfermeiras olhavam para ela novamente, e Julia sorriu para elas.



— Bom dia, João.

— Bom dia, doutora.

— Como estamos hoje?

— Como sempre — ele disse —, um dia atrás do outro, um dia pior que o outro.Ela censurou o sorriso, mas os cantos de seus lábios tremeram um pouco.

— Ontem você estava me contando sobre os alcoólicos anônimos. E sobre como isso te fez ter vontade de beber mais.



Sim, claro. Tudo girava em torno do álcool naquelas reuniões. O álcool como vilão. O álcool como droga. O álcool como desejo. O álcool como a única bebida capaz de saciar a sede que só os alcoólatras sentem. Vinho. Cerveja. Uísque. Vodka. Cachaça. Misturada. Pura. Só com gelo. Com energético, por que não? Aceita uma azeitona nesse Martini? Gelo de água de coco? E por aí vai. Algumas pessoas ficavam violentas após beber, outras ficavam depressivas, algumas filosóficas, e então havia o Fábio. Os porres daquele moleque eram épicos, e as histórias tão boas quanto.

Ter recaídas era algo comum. *Nós caímos para nos levantar*, dissera Jair certa vez. Acho que era fácil para ele falar. Já estava com sessenta anos, e sóbrio há quinze. Só frequentava as reuniões para ajudar os demais e dar suas pérolas de sabedoria que deveriam sair de um desses livros de autoajuda de beira de estrada.

Depois de Fábio, era Clarisse quem mais tinha recaídas. Uma vez ela passara a tarde inteira bebendo só porque entrou em uma loja de CDs e a música que estava tocando era do álbum que ela gravara quando era uma apresentadora *teen* de televisão. Sabe aquela música? *Essa é a dança do cachorro amigo. Mexe o umbigo. Mexe o umbigo. Uuuuh.* Não? Bem, a sua infância foi melhor que a minha então, doutora.

Nunca me tornei amigo verdadeiro de ninguém no AA, embora sentisse uma certa empatia por Fábio, e certa pena por Clarisse. E isso

acontecia com a maioria dos outros membros também. Era como se fazer amizade com outro membro do grupo fosse o fim do poço. *Claro, vou ouvir a sua história e não vou te julgar. Serei simpático e pegarei café para você quando for abastecer o meu copo. Mas não me convide para ir ao cinema ou jantar. Não quer ser visto em público com um perdedor como você.*

A pessoa de quem acabei ficando mais próximo foi da garota na recepção, e líder daquela unidade, a Rebeca, além dela e dos demais que já citei, restava apenas Lucas, um banqueiro cheio de si que me dava preguiça só de ouvir a voz. Às vezes eu ficava após a reunião para ajudá-la a arrumar a sala.

— Você pode ir juntando as cadeiras? — ela me perguntou um dia após a reunião. Só havia nós dois na sala agora. Quero dizer, nós dois e um quadro de um buldogue inglês de saia, e outro quadro de um canguru de boné. Todos pintados em estilo renascentista.

— Sim, claro — eu disse, e comecei a empilhar as cadeiras de plástico para então colocá-las do lado do sofá, ao lado da caixinha onde fazíamos os depósitos espontâneos para manter o grupo funcionando.

— Você é forte.

Eu a fitei, sem entender muito bem, e dei uma risada. Forte não era um adjetivo que estava acostumado a ouvir.

— As cadeiras — ela continuou. — Carregou todas de uma vez só. Eu nunca consigo carregar mais do que duas.

Nunca falávamos muito quando eu ficava até mais tarde para ajudá-la. Evitávamos perguntas pessoais, devido ao fato de sermos anônimos. Uma vez ela perguntara se eu tinha uma namorada, e eu disse que não. Ela também era solteira. Aquilo fora o máximo de terreno pessoal que havíamos chegado. Nada de profissões, ou o que iríamos fazer no fim de

semana. Às vezes comentávamos sobre um filme que estava passando no cinema, ou um livro e só.

Terminei de ajeitar as cadeiras e vi que ela me encarava de modo pensativo. Os braços cruzados.

Eu inspirei, sentindo o cheiro de mofo e de óleo das lamparinas daquele lugar. Sentia-me transportado para o século XXVII naquela casa.

— Você acha que poderia me ajudar em algo?

— Sim, claro — eu respondi, sem nem ao menos perguntar o que era.

— Maravilha! É só me seguir — ela disse e começou a andar. Eu a segui. — É que eu tenho dificuldade às vezes, e o Jair se oferece para me ajudar. Mas, coitado, ele já está velhinho… não quero que ele faça esforço.

Nós passamos pela recepção, com aquele grandioso móvel de madeira de hotel colonial servindo de balcão, e entramos em um corredor que tinha uma cortina de miçangas como separação dos cômodos. Nunca havia estado lá antes. Ali era a casa de Rebeca — embora tudo o fosse na verdade, mas ali eram seus aposentos particulares. Só conhecia a recepção e a sala de reuniões.

— E eu já liguei no SAC da empresa, mas eles mandaram eu ir me catar! Acredita? — ela falava enquanto andava, e tudo que eu via era seu cabelo preso por um rabo de cavalo.

— Nossa! — exclamei, sem saber muito bem o que dizer. O que exatamente ela estava esperando que eu conseguisse fazer?

Chegamos em uma cozinha apertada. Havia uma mesa de jantar modesta, com a madeira já descascando e duas cadeiras. A luz estava apagada e ela não fez menção de acender. Na hora pensei que talvez estivesse queimada, mas pensando agora, acho que ela já estava com segundas intenções comigo.

Rebeca abriu a geladeira, aquela iluminação branca e asséptica iluminou o ambiente um pouco.

— Aqui está. Seja meu salvador, Petterson — ela disse, estendendo uma garrafa de vidro de suco de tomate na minha direção. — Acha que consegue? Jair não conseguiu, e o pessoal do SAC realmente mandou eu ir me catar.

— Não sei o que me surpreendeu mais. O favor ser abrir uma tampa de suco, ou o fato de você tomar suco de tomate.

— Não ria de mim, senhor Petterson! — Ela deu um peteleco no meu ombro. O cheiro dela era de rosas. — Primeiro que você ainda não abriu a garrafa para poder se vangloriar, e segundo que eu faço um *Bloody Mary sem álcool* que fica maravilhoso.

Eu girei a tampa branca de plástico. É verdade, estava um pouco duro. Precisei usar um pano de prato para ajudar na tração, mas finalmente a tampa cedeu.

— Oh, meu salvador — disse ela, em tom alegre, elevando as mãos para o céu e me abraçou —, tem planos para hoje à noite? — ela perguntou, se afastando com a garrafa de vidro na mão.

Eu disse que não.

— Quer me acompanhar em um drink? Sem álcool, claro — acrescentou com uma risada seca.

— Claro. Quer ajuda?

Ele meneou a cabeça em negativa.

— Pode ficar à vontade, eu preparo Bloody Mary's de olhos fechados.

Eu me sentei em uma das cadeiras. Agora que não havia a luminosidade da geladeira, com seu brilho branco e pálido, tudo que poderíamos chamar de luz vinha de um poste do outro lado da rua. A expressão *fazer de olhos fechados* foi quase que levada ao pé da letra por

Rebeca. Com destreza, ela pegou dois copos em um armário acima da pia. Então pegou um limão em uma fruteira na mesa de madeira, uma faca na segunda gaveta do armário, e o fatiou com rapidez no meio daquela penumbra.

— Era minha bebida favorita — ela disse, enquanto tirava o gelo de uma fôrma.

Eu apenas a observava se mover com destreza pela cozinha sem luz. Sempre achara seu corpo magro, mas agora o achava esguio. Sua cintura era fina e suas pernas eram compridas. O cabelo caía sobre os ombros de forma embaraçada. Mas não parecia desleixo. Parecia algo não domesticado. Selvagem. O seu cheiro de rosas parecia se intensificar naquela penumbra.

— É mesmo? — perguntei, para não deixar a conversar morrer.

— Sim. Meus maiores porres foram com Bloody Mary — ela disse, enquanto pegava condimentos nos armários. — Acho que perdi metade das minhas roupas tendo esses porres.

— Como assim?

Ela me fitou como se eu fosse um alienígena.

— Limpar gorfo de suco de tomate da roupa pode ser algo muito difícil.

Eu ri. Ela se virou para trás, o cabelo bagunçado caindo sobre o rosto, e riu para mim também.

Tive vontade de perguntar coisas para ela. Coisas pessoais. De quem era aquela casa? Ela tinha um emprego? Estava precisando de dinheiro? Há quanto tempo não trocava a lâmpada da cozinha? Mas eu sabia que essas perguntas poderiam não ser bem recebidas. Éramos anônimos. Contávamos as histórias que julgávamos cabíveis nas reuniões, mas ninguém ficava indagando sobre a nossa vida.

— Alguma restrição alimentar, Petterson?

— Não sei. Quais os ingredientes do Bloody Mary?

Ela se virou para mim, e apontou para os condimentos sobre a pia de mármore.

— Tabasco, molho inglês, pimenta do reino, sal, limão, e um talo de salsão.

— Parece nutritivo — eu disse, tamborilando os dedos contra a mesa de madeira. — Acho que passo o tabasco.

— Certeza? Ele dá um toque especial à bebida.

— Sim.

Rebeca abriu os condimentos e os jogou nos copos com gelo. Então colocou o suco de tomate, e por último o talo de salsão, que utilizou para mexer as bebidas.

— Aqui está — ela disse, passando um dos copos para mim, e sentando-se ao meu lado.

Eu dei um gole na bebida. Fiquei feliz de estarmos na penumbra, pois devo ter feito uma careta. Talvez com vodca aquilo ficasse melhor.

— E você? — ela perguntou. Rebeca já estava na metade do copo, enquanto eu mal arranhara a superfície da minha bebida. — Tinha algum drink favorito?

— Gim. Gim com tônica.

Aquilo era uma mentira deslavada. Gostava de cerveja e de uísque. A mentira pegou a mim mesmo de surpresa. Havia inventado a história do gim com tônica porque queria impressionar Rebeca. Achava a bebida requintada.

— E qual é a dos quadros? — perguntei.

— Como assim?

— Ora. O buldogue com roupa de balé, ou o canguru de boné. Foi você quem os pintou?

— Por quê? Você não gosta deles?

Fiquei um pouco ressabiado com a pergunta dela, mas achei melhor falar a verdade.

— Acho um pouco, bem… peculiar.

— Acha eles feios? — ela perguntou, apoiando o rosto no queixo. Os cabelos ainda caíam em cima do rosto, mas dava para ver seus olhos refletidos pela luz do poste da lua.

Eu disse que os achava um pouco feios sim.

— Minha vozinha que pintou. Ela estava cega na época. Foi a única memória que me deixou.

— Sério? — perguntei, constrangido.

Rebeca riu, apoiando as palmas das mãos na mesa.

— Não. Eu comprei eles em um brechó.

Eu ri também. Não dava para ver muito do senso se humor de Rebeca nas reuniões do AA, mas agora eu o percebia. Estranho como a penumbra pode trazer clareza para certas coisas.

— Gostou da bebida? — ela perguntou. O copo dela já estava vazio. O meu tinha mais da metade ainda.

— Depende, foi sua bisavó quem inventou a receita no leito de morte?

— Isso mudaria a sua resposta?

— Não. Mas o jeito como a diria sim.

— Eu gosto de você, Pet — ela disse, passando as unhas no meu antebraço —, mas manda a real. Gostou do meu Bloody Mary ou não?

— Não muito.

— É que faltou o Tabasco. Fica melhor com ele.

— Aposto que fica.

— Quer experimentar para ver como é melhor?

Eu olhei para o copo vazio dela, e para a garrafa de vidro que eu abrira, também vazia, e disse:

— Sim.

Ela se levantou da cadeira e foi até mim, me dando um beijo. Eu a ergui, a colocando em cima da mesa de jantar. A fruteira caiu de lado e maçãs, pêssegos e limões rolaram pelo chão. Nós não nos importamos. Eu senti como o corpo dela era quente. Passei a mão pela sua cintura, e subi, sentindo suas costelas e então seu seio direito. Nós fizemos sexo na mesa mesmo. Acho que desde a vez da cachoeira, em que perdera a minha virgindade, nunca me sentira tão selvagem assim.

Ela me levou para o quarto, e lá repetimos a dose. Quando terminamos, seus cabelos ficaram grudados no meu peito suado. Perguntei se ela se importava que eu fumasse.

— De forma alguma. Só não bata as cinzas no lençol.

Eu acendi o cigarro e me deitei, afundando a cabeça no travesseiro. Ela ficou encarando o luar da janela do quarto.

— O que você faz da vida, senhor Petterson?

Eu dei uma tragada especialmente longa, encarando a parede do quarto.

— Me desculpe, não precisa dizer — ela disse. — Somos anônimos, afinal.

— Não é isso… é que…

A expressão dela mudou imediatamente. Era como se tivesse tido uma epifania repentina.

— Você é casado, não é?

— Não. Não. Não — eu respondi. — Nada disso.

Ela se inclinou e me beijou.

— Pro inferno com tudo isso. Você não tem que ficar respondendo as minhas perguntas. Fique à vontade para me ajudar a arrumar o salão mais vezes, adorei o nosso sexo anônimo.

Todas as terças e quintas eu ficava para ajudar na arrumação das cadeiras. Todas as terças e quintas tomávamos um Bloody Mary e fazíamos nosso sexo anônimo. Virara nosso ritual. E ela estava certa, ficava melhor com Tabasco.

Até que teve uma quinta-feira em que as coisas fugiram da normalidade.

Fábio estava contando uma história sobre a recaída que tivera na semana passada:

— O pessoal do meu apê resolveu dar uma festa no sábado. E eu caí nessa armadilha… porra! — Fábio ergue as mãos para o teto da sala mal iluminada, como quem diz *como pude fazer isso?* — Eu estava sóbrio há nove meses. Pensei que tinha tudo sob controle, entendem?

— Nunca temos o álcool sob controle — disse Jair, com sua voz antiga e sábia.

— Mas eu achei que tinha… pensei, que mal pode fazer uma cerveja? — disse Fábio, dando de ombros. — Só que uma cerveja virou duas, três, quatro, então comecei a beber vodca com energético.

Eu reparei nos lábios de Clarisse. Ela parecia prestes a salivar.

— E quando percebi estava fora de mim. E tem essa garota, que mora no apartamento da frente… — Fábio ruborizou um pouco nas bochechas. — Eu bati na porta dela, para ver se estava em casa. Um cara atendeu, deveria ser o namorado ou algum amigo, e disse que ela não estava. Mas isso… isso… — Era difícil para ele encontrar as palavras. Sempre é, quando temos de dizer a verdade. — Me enfureceu, não sei. E assim que ele

fechou a porta eu comecei a bater com mais força e a gritar: Bruna! Bruna! Meus amigos vieram e me levaram de lá. Disseram que o cara queria me bater, mas eles não deixaram. Honestamente, eu não me lembro. A festa já tinha acabado. Só haviam meus colegas de apartamento e um casal amigo nosso. Eles iam me dar banho, mas não deixei. Me tranquei no banheiro sozinho e liguei a água quente. Devo ter ficado lá mais de uma hora, sentindo a água cair na minha nuca… estava tão arrependido! E quando terminei o banho, vi que estava sem toalha, então simplesmente saí nu e fui caminhando pelo corredor. A namorada do nosso amigo me viu daquele jeito, assim como todos os outros. E eu fui para o meu quarto e dormi, nu e molhado. E ontem… ontem eu recebi uma intimação. A Raquel e o namorado vão me processar por assédio. — Os olhos de Fábio estavam úmidos. — Dá para acreditar nessa merda? Dá para acreditar? E isso… isso nem é tudo…

Impossível você ter feito mais merda, garoto. Pensei.

Mas nunca cheguei a descobrir o que mais havia.

Jair levantou a mão, como se estivesse prestes a fazer mais uma observação, e em seguida tombou para frente da sua cadeira de plástico. Houve um momento de surpresa estática, seguida por pânico dinâmico. Jair caiu com as mãos na altura do peito. Os dedos curvados e se retorcendo. Uma expressão de genuína dor.

— Meu deus, ele está enfartando! — gritou Rebeca, a mão cobrindo a boca em pânico.

— Chamem uma ambulância — pediu Clarisse, cravando as unhas na cadeira de plástico. — Uma ambulância. — A palavra saiu alongada, em um uivo desesperado. Jair permanecia tombado no chão. Ainda estava consciente, mas sua expressão era de angústia. Eu encarei isso como um bom sinal. Significava que ele ainda estava vivo.

— Não há tempo! — eu disse. — Vamos. Levo ele no meu carro!

Eu o ergui, com a ajuda de Fábio. Os outros foram nos acompanhando como uma procissão.

— Calma, Jair. Calma! — berrava Clarisse, em pleno descontrole. *Você deveria ouvir o próprio conselho*, pensei.

Entramos no meu carro. Fábio era o meu copiloto. Rebeca foi no banco de trás com a cabeça de Jair em seu colo. Deixamos Clarisse e Lucas para trás.

Eu estava em estado de torpor. Parecia que havia ingerido um novo tipo de droga. O tempo não era exatamente uma constante. Ele não passava, e ao mesmo tempo corria feito louco.

Eu dirigi o mais rápido que pude, tomando o cuidado para não capotar o carro, nem bater em um poste ou causar um acidente. Passava no vermelho quando era possível. Quando não era, simplesmente aguardava, ignorando os gritos desesperados de Rebeca. Dava para ouvir ela chorando no banco de trás e Jair murmurando algo inaudível.

Do meu lado, estava um Fábio assustado, branco como uma nuvem de verão.

E aí, Fábio, o que mais aconteceu depois de você fazer um pirocóptero com a própria rola, exibindo-a para todos os convidados da festa? Eu imaginei como seria se eu perguntasse isso para ele. Mas o sarcasmo era uma casca fina. Por debaixo dela havia o pânico real.

Fomos para o Hospital Matarazzo, que era da rede pública e ficava no centro, sendo a opção mais próxima da casa de Rebeca. Eu quase atropelei um homem que estava fumando na entrada do hospital. Estacionei de modo brusco e desci, tombando. O sol não havia se posto ainda, e o crepúsculo deixava tudo meio avermelhado. Me sentia em um pesadelo vermelho.

— Ajuda! — eu berrava. — Ajuda!

Quase que *eu* tive um ataque do coração quando vi meu carro descendo a rampa. Havia deixado o freio de mão abaixado.

Felizmente, Fábio era um bom copiloto e corrigiu meu erro antes que o carro entrasse na rua movimentada e se chocasse com um Palio Azul.

Um guarda veio em minha direção. Passos calmos de quem estava passando apenas mais um dia no inferno.

— Ele está enfartando — eu disse, apontando para o meu carro. — Enfartando!

O guarda foi correndo para dentro do hospital, segurando o chapéu na cabeça.

— Chamem o doutor Carlos! — ele disse.

Dois enfermeiros colocaram o Jair em uma maca em questão de segundos e o levaram para dentro do Hospital Matarazzo.

Ele realmente tivera um enfarto, mas sobrevivera. Fato engraçado, o nome dele não era Jair. Mesmo após anos no AA, ele continuara a usar um nome falso. O seu nome de verdade era Rivaldo. Nós descobrimos quando abrimos sua carteira para ver se ele tinha convênio médico. Clarisse apareceu no hospital não muito tempo depois, ainda descabelada e aflita. Lucas mandara ela nos avisar que tinha um compromisso naquela noite, mas que nos veria na próxima reunião do AA.

Acho que não existe um lugar onde o tempo passa mais devagar do que em um hospital.

— Eu estou com fome — disse Rebeca. Nós estávamos na sala de espera, aguardando notícias do Jair/Rivaldo, sem saber se deveríamos comprar um cartão de melhoras ou uma coroa de flores.

— Eu também.

— Vão lá, tem uma máquina de snacks no final do corredor — disse Fábio. Ele e Clarisse estavam atentos à televisão, vendo a novela das oito.

— Eu fico aqui, se tiver alguma novidade, conto para vocês.

Nós fomos. No meio do caminho, quando Fábio já não poderia mais nos ver, Rebeca segurou a minha mão. Estava fria e sem vida.

— Você acha que ele vai sobreviver? — ela perguntou. A voz não era mais que um sussurro.

— Sim, eu acho.

Não fazia a mínima ideia. Mas o que mais se pode dizer em uma situação como aquela?

— Eu não tenho o telefone de ninguém da família dele — ela disse, mordendo o lábio inferior com nervosismo, mas ainda segurando a minha mão. — Como iremos avisá-los?

— Será que conseguimos descobrir a senha do celular dele? — eu perguntei.

Continuamos a caminhar até a máquina de salgadinhos, pensando em maneiras de contatar a família de Jair/Rivaldo. Quando chegamos na máquina, ela estava ocupada. Uma mulher de jaleco branco estava meio que curvada sobre ela, como se estivesse na dúvida do que escolher para comer.

— Será que encontramos o endereço residencial dele em uma lista telefônica? — Rebeca perguntou. — Sabemos o nome completo dele, pelo menos.

— João?!

Eu me virei em direção a voz. Era a mulher que estivera agachada escolhendo o que comer na máquina de salgadinhos. Era Patrícia. *A Patrícia*. Estava linda. Vestida toda de branco, com o cabelo preso em um coque. Tinha óculos de armação vermelha e pesada.

— Você conseguiu! — eu disse, ainda meio embasbacado por aquela repentina aparição. — Virou médica!

— Sim… — Os olhos dela pareciam brilhar. Acho que os meus também. Você pode amar muitas pessoas na vida, mas amor de adolescência é um só.

— Tem alguém hospitalizado? — Patrícia perguntou.

— Sim — eu disse, e então escolhi as próximas palavras com cautela. — Um amigo do trabalho.

— O que aconteceu?

— Infarto.

— Nossa, João. — Ela me olhou com pesar. — Céus! Onde estão meus modos? — ela disse, sorrindo para Rebeca. — Me chamo Patrícia.

Elas se cumprimentaram. Foi só então que eu percebi que Rebeca soltara minha mão em algum momento desde que reencontrara Patrícia.

— Prazer, Rebeca. Também trabalho com João — ela disse a última palavra com desdém. Havia um sorriso desbotado em seu rosto que dizia *nós fomos para a cama e você não teve nem a decência de me contar seu verdadeiro nome.*

— Vocês aceitam um café? — Patrícia perguntou. — Tem uma cafeteria na ala leste do hospital. — Ela apontou na direção de um corredor.

Eu olhei rapidamente para Rebeca. Não que fôssemos namorados nem nada do tipo, éramos apenas o sexo anônimo, mas a situação me deixou um pouco desconfortável.

— Eu tenho uma ligação a fazer — disse Rebeca, pegando o celular do bolso. — Vão os dois. Eu te encontro na sala de espera, senhor João.

Não vou mentir. Fiquei aliviado porque Rebeca não quis tomar um café conosco.

Rebeca era meu sexo anônimo.

Mas Patrícia era minha paixão da juventude.

-

Sessão 22

Eu fui com Patrícia até o café do hospital. Eu nunca me senti muito bem naquele tipo de ambiente. Não era apenas o fato de que havia pessoas morrendo em alguns daqueles quartos.

Eram os familiares.

Os rostos esperançosos e cansados. A angústia muda que cada um deles parecia sentir.

Naquela noite havia um casal sentado em uma mesa afastada da cafeteria. Eles mal conversavam. Estavam apenas de mão dadas, esperando por algo acontecer. Nunca troquei uma palavra com eles, mas senti parte da sua tristeza, como se ela fosse transmitida pelo ar.

Patrícia conhecia os funcionários do local, pegou dois expressos e dois donuts usando um cartão laranja com sua foto, que parecia ser sua identificação profissional.

No fim do ensino médio, quando nós terminamos, meu mundo pareceu desmoronar e achei que a odiaria para sempre. Mas era apenas um garoto de dezessete anos na época. Durante a faculdade, a mágoa que sentia dela foi pouco a pouco desaparecendo, e no fim sobrou apenas uma lembrança saudosista. Claro, nem tudo haviam sido flores no nosso namoro. Houveram momentos ruins, mas os momentos bons se sobressaíam, e foram eles que guardei na memória. É assim que a vida funciona.

Dizem que é por isso que os velhos sentem saudade da sua juventude. A mente humana esquece os momentos ruins com facilidade. Com o tempo, tudo que sobra são as coisas boas.

— Me conta tudo, João — Patrícia disse, sorrindo para mim, e se inclinando em minha direção. Ela sorria e sorria. Acho que nunca vi alguém

ficar tão feliz em me ver. Por mim ótimo. Também estava muito feliz em vê-la. — O que você tem feito?

— Bem, eu me formei em história e agora sou professor.

— Sério!? Que legal! Onde você dá aula?

— No Miguel Arcanjo. É uma escola particular.

Ela ergueu as sobrancelhas por detrás da armação vermelha dos óculos.

— Uau. É uma excelente escola.

Eu concordei.

— E você virou médica mesmo, hein?

— Siiim. Otorrinolaringologista. Parece meio brega, mas é bem legal.

Eu me imaginei vasculhando os ouvidos e os narizes de outras pessoas a maior parte do dia, e tive de discordar mentalmente.

Ela contou um pouco sobre a faculdade. Disse que entrara para a bateria de lá. Me contou sobre os seus pais também. Eles haviam se separado — isso parecia quase que uma obrigação para os pais de qualquer criança nascida nos 90, não sei por que — e ela morava com a mãe. Ela jogava tênis às terças e fazia natação aos sábados.

Eu contei mais sobre mim também, omitindo a parte das drogas pesadas, até que finalmente chegamos ao tópico que todo mundo invariavelmente me perguntava: o massacre. Ela perguntou se eu estivera lá. Eu disse que sim, mas ela foi gentil ao não pedir por muitos detalhes. Outras pessoas pediam.

— O Anderson foi preso recentemente, acredita? Estava traficando drogas.

Isso fez com que eu deixasse o resto do meu donut intocado. Tive uma onda de mau humor repentino. Meus antigos amigos estavam morrendo ou virando criminosos, ou padres.

— Nossa… você ainda mantém contato com o pessoal?

— Não. Só com a Carla. Ela abriu uma livraria de livros espíritas no centro da cidade.

Eu sorri. Era a cara dela fazer aquilo. Ela sempre fora um pouco esotérica.

— Você ainda fuma? — Patrícia perguntou de modo súbito.

Bati no bolso da minha camisa social, onde havia o relevo de uma caixa de cigarros. Pensei que Patrícia fosse me dar O Discurso. *Você sabia que isso mata? Por que maltrata o seu corpo? Blá-blá-blá.*

Uma vez uma aluna do terceiro ano virou para mim em um intervalo e disse:

— Professor João, se você continuar fumando assim, você vai morrer.

— E você planeja viver para sempre, por acaso? — eu respondi.

Ela foi embora. Eu nunca tive muita paciência para O Discurso. Porra! Até parece que toda a porcaria que as pessoas comiam, ou dormir quatro horas por noite para conseguir uma promoção eram hábitos saudáveis.

Ao longo dos anos, O Discurso foi evoluindo, ainda mais com o aumento da taxação do tabaco. É mais ou menos como aquela piada: um cara vira para o amigo e diz: "você fuma um maço por dia. Isso dá cinco paus. Vezes trinta dias, vezes doze meses, vezes vinte anos… você poderia ter comprado uma Ferrari!" "Você fuma?", o amigo pergunta. "Não", o primeiro responde. "Então onde está a *sua* Ferrari?".

Moral da história: não encha a porra do meu saco.

Patrícia mirou o volume em meu peito.

— Ótimo. Estava mesmo precisando de um trago — ela diz e sorri para mim. E eu pensei, *vou levar ela para a cama*. E eu levo, mas não naquela noite.

Ela me levou para fumar na parte de trás do prédio, onde havia uma espécie de jardim. O lugar estava vazio e escuro, agora que o sol se pusera totalmente.

Eu dei um cigarro para ela e o acendi. Nossas mãos se tocaram por um momento. A primeira vez que sinto a pele dela em anos.

— Você guarda mágoas de mim? — ela perguntou. Pela primeira vez desde o instante em que a encontrara, o sorriso sumiu. Patrícia está séria, braços cruzados, cigarro entre os dedos.

A pergunta me pegou de surpresa. Como responder a isso de forma direta, clara e objetiva?

— Não… as mágoas acabaram uma semana antes da minha última espinha.

Ela caiu na gargalhada. É uma risada gostosa, cheia de energia.

Para mim, nada mais existe naquele momento. Nem Jair, entre a vida e a morte, nem Rebeca, meu sexo anônimo, nem os meus alunos ou meus hábitos solitários, nem ao menos os caçadores.

Tudo que existe é Patrícia, se inclinando para frente e rindo, e então dizendo:

— Esqueci de como você me fazia rir.

Acho que ela disse aquilo sem pensar, mas o clima muda entre nós. Há uma espécie de peso. Um peso bom. Que nos aproxima. Uma gravidade só nossa, como se pudéssemos orbitar um ao outro.

Eu me aproximo dela. Ela se afasta, colocando a mão em meu peito.

— Eu tenho namorado, João.

Eu a beijo mesmo assim. E ela me beija de volta. Sinto suas unhas passando pela minha nuca. Nossos corpos se aproximam. Calor na noite fria.

Ela se afasta. Braços cruzados. O olhar vagueia pelo chão. Ela joga o cigarro no asfalto.

— Eu não deveria ter feito isso… eu… eu sinto muito.

Patrícia se vira para sair, mas eu a pego pela mão, não com força, mas com gentileza. Ela se vira.

— Pode parecer absurdo, mas mesmo após todos esses anos, você ainda mexe comigo — eu digo.

Ela me beija de novo. Dessa vez foi um beijo longo e desinibido. Um beijo com saudade e afeto.

Ela deposita a cabeça no meu ombro e pede que eu a abrace.

Meus braços a envolvem. Eu não sei muito bem o que dizer. O que fazer. Tudo aconteceu rápido demais.

— Eu gostaria de te ver de novo — eu digo.

Sim, ela já havia me dito que tinha um namorado, mas eu não estava nem aí para isso.

— Eu também — ela diz, e me abraça mais forte.

Acho que eu e ela concordávamos em uma coisa:

Não se faz amor como no ensino médio.



João se inclina na direção de Julia. A última frase que ele disse, *não se faz amor como no ensino médio*, ainda paira no ar, como se ele e Julia a saboreassem. Os olhos dele, que parecem opacos e distantes sempre que entravam a fundo na narrativa do seu passado — Julia considerava que João entrava em uma espécie de transe, acessando o seu próprio universo — estavam pouco a pouco retornando. Ele fitou primeiro o chão de cimento do consultório, então o relógio de plástico na parede, e por último Julia.

Ele sorria para ela.

— Obrigado, doutora.

O agradecimento a pegou desprevenida.

— Pelo quê?

— Antônio e Bruno falaram comigo hoje pela manhã. Aparentemente, a direção decidiu que estou apto para retomar as atividades ao ar livre. — O sorriso no rosto de João se amplificou. — E digo todas elas, incluindo jardinagem.

Os olhos de João pareciam brilhar com essa possibilidade. Mesmo ali, sentado naquela cadeira de madeira, todo magro e torto, ele não parecia mais um *passarinho de ossos quebrados*, ele parecia algo mais vivo, mais pulsante, mais alegre.

Julia pensou em negar que tivesse envolvimento com a decisão da direção, mas achava que aquilo não era realmente importante. O que importava era o sorriso de João.

— Obrigado — ele disse novamente. Os olhos estavam cheios de lágrimas contidas.

— De nada João — Julia disse. — Espero que aproveite as sessões ao ar livre.

— Eu vou, doutora. Com certeza, eu vou.

Julia estava deitada na sua cama com o computador aberto em seu colo. As coxas já estavam quentes, devido a saída de ar do aparelho. Ela estava pesquisando novamente. Seus dedos a haviam traído.

Analisava uma pintura da queda da bastilha. Havia um rosto em meio a tantos outros que parecia diference. Era um homem careca, algo raro para a época, e com um sorriso no rosto. Não apenas uma expressão de felicidade, mas sim de regozijo.

Será que é um deles?

Claro, tudo seria mais fácil se ela simplesmente perguntasse para João detalhes que ajudassem a encontrar as outras fotos. O nome do pintor, por exemplo, ou em qual site ele havia encontrado a imagem. Mas pedir isso era um atestado de loucura. Era dizer para o seu paciente que seus delírios eram reais. E isso ia contra tudo que ela acreditava. Abalava os alicerces da sua profissão.

Mas e se ele não for louco? E se ele estiver certo?

Claro, ele é um assassino condenado, e também admitiu inúmeras vezes para mim que usara LSD e outras drogas, mas e se…

Se. Se…

Julia apertou a beirada plástica do notebook com força, ouvindo-o estalar.

O mundo não é feito de se's. O mundo é feito de "por isso" e "por aquilo". De lógica. Não de possibilidades.

Ela se lembrou do sorriso de João, do brilho sonhador no olhar, quando ele descreveu como beijara Patrícia pela primeira vez novamente, no estacionamento do hospital. A ficha dele o descrevia como um monstro. Mas seria um monstro capaz de amar?

Julia encarou a foto por mais um tempo, vendo as pessoas com armas na mão, os rostos agitados, nuvens de pólvora a cruzar o céu… homens e mais homens usando perucas loiras com cachos, e um único homem careca. Seria ele um caçador?

Céus! Ela bateu a tela do notebook com força, fechando-o. *Caçador*, ela já estava utilizando o nome que João usava.

Eu preciso deixar esse caso. Preciso pedir que aloquem outra médica.

Mas uma parte dela discordava desse pensamento. Em partes porque ela estava avançando na relação com João, fazendo-o se abrir, e sabia que a

mudança de terapeuta poderia fazer o tratamento regredir. Mas isso não era exatamente a verdade. Não em sua totalidade, pelo menos. Julia queria saber mais. Queria saber se João ficou cara a cara com algum daqueles caçadores, se conversou com eles, se descobriu o que eles eram.

Ela se levantou, para deixar o notebook sobre a escrivaninha. As coxas voltaram a respirar, sentindo o frio do seu quarto. Ela usava um shorts curto e uma camisa leve rosa.

No meio do caminho até a escrivaninha, um relâmpago rasgou a noite. Só então Julia percebeu que chovia. Era uma chuva forte, mas até então silenciosa.

Ela se aproximou da janela.

A janela do seu quarto dava diretamente para a estrada — a mesma que ela pegava todo dia para ir até o Manicômio Judiciário Presidente Prudente — e do outro lado dela, havia um bosque denso, onde os galhos mais altos chacoalhavam ao sabor do vento. Os postes de iluminação eram precários, ninguém caminhava na beira daquela estrada, principalmente à noite, e o ambiente só era iluminado de fato quando um relâmpago cruzava o céu escuro como chumbo.

Ela pensou em voltar para a cama, mas algo a impelia a ficar ali, observando o estacionamento descoberto de seu prédio, a grade que o separava da estrada vazia, e o bosque do outro lado.

Eu vi algo. Ela pensou, e o seu estômago pareceu se revirar. Agora o som da chuva parecia ensurdecedor. Gotas pesadas e gordas batendo contra o vidro da sua janela. *Ploc. Ploc.*

Outro relâmpago iluminou a noite momentaneamente, e seus olhos doeram com o clarão.

Impossível, ela pensou. O notebook caiu da sua mão, mas ela não fez menção de pegá-lo. Julia não estava mais ali, em seu quarto escuro, se preparando para dormir. Ela fora transportada para outro lugar. Estava em uma espécie de transe.

Do outro lado da rua, em meio ao matagal alto que antecedia o bosque e que lambia a estrada asfaltada, havia um homem.

Julia se aproximou da janela. Colando o nariz contra o vidro e sentindo-o tão gelado quanto um iceberg. Ela não conseguia divisar os detalhes do homem. Era apenas um vulto com a parte abaixo da cintura encoberta pelo matagal, tomando chuva do outro lado da rua. Mas um detalhe não lhe escapou despercebido.

Havia um chapéu na sua cabeça.

Seria o mesmo chapéu da foto da Guestapo? Sua pele se contraiu, como se eletrodos descarregassem uma potente carga elétrica nela. Seu nariz parecia uma bola de sorvete devido ao contato com o vidro frio, e sua respiração embaçava sua vista, deixando tudo branco.

Ela se afastou um pouco. Agora seus sentidos estavam completamente alertas. Tão alertas que Julia podia ouvir a própria casa estalar sozinha.

Virou crime usar um chapéu agora?, ela pensou. Mas quando o vapor deixou o vidro, relevando pouco a pouco o vulto do outro lado da estrada, ela viu que era o mesmo chapéu. Só podia ser. Preto e simples. O chapéu de um mafioso italiano. Ninguém se vestia assim hoje em dia.

O que fazia um homem parado, no meio de uma noite chuvosa, na beira de uma estrada?

Vai ver ele estava esperando por sua carona… vai ver foi só isso.

Mas ele não estava olhando para a estrada. Se estivesse estaria de perfil para o quarto de Julia. O vulto estava de frente para ela, como se observasse o prédio em que Julia morava.

Ela ficou calada, esperando pelo próximo relâmpago clarear a noite e suas dúvidas. Se fosse um deles… um dos caçadores, o que faria? Ligaria para a polícia? Contaria para João sobre isso amanhã na terapia?

Uma mão tocou seu ombro.

Os dedos macios e fortes envolveram a sua carne e Julia gritou. Então outra mão envolveu a sua boca com rapidez. Os dedos frios anunciavam que não vestia uma luva e isso a tranquilizou um pouco.

— Shhh… — Era Mathias. — Quer acordar o prédio inteiro?

Julia estava tremendo, e o abraçou imediatamente.

— Tem alguém me observando — ela disse, a voz falhando. — Do outro lado da rua. Melhor chamar a polícia.

Mathias se desfez do abraço dela, e se aproximou da janela do quarto imediatamente. Ele ainda usava a roupa de trabalho. Julia se aproximou também, apoiando o seu queixo no ombro dele.

— Onde? — ele perguntou. E como Julia não respondeu, ele se virou para ela e insistiu, a segurando pelos ombros. — Onde você viu o homem, Julia?

Mas não seria necessário dar continuidade àquele diálogo, Julia concluiu. O vulto, quem quer que fosse, havia desaparecido.

Sessão 23

Julia estava sentada na sua cadeira de madeira, esperando João entrar. Ela sentia a madeira fria e dura, como se fosse aço. A sala inteira parecia congelada, como se estivesse dentro de um frigorífico. Tinha o 'botão do pânico' entre seus dedos. Uma coisa de plástico, redonda e pintada de vermelho, com a pintura descascando. Embora estivesse sozinha naquela sala, ela tinha vontade de apertar aquele botão.

Ontem à noite, ela experimentara o pânico de verdade.

E não fora um louco em seu consultório, como na vez em que Lúcio, um paciente que já ganhara alta dois anos atrás, decidira baixar as calças e bater punheta na sua frente. Aquilo fora asqueroso, é claro, e um pouco deprimente, mas, acima de tudo, era *real*. Era o tipo de coisa esperado em sua profissão. Sempre que Julia adentrava os portões do Manicômio Judiciário Presidente Prudente, ela se preparava para algo como aquilo acontecer.

Mas a figura espreitando do outro lado da rua em que morava, parada em meio ao mato alto em plena chuva… Julia sentia um arrepio apenas de pensar no assunto. Não passava de um vulto preto, um homem feito de sombras, algo que um olhar distraído sequer notaria.

Claro que Mathias a tranquilizara. Os dois haviam olhados juntos pela janela, e não havia ninguém lá, parado sob a chuva. Mesmo assim, enquanto eles faziam sexo, era na misteriosa figura que Julia pensava, e quando Mathias saíra para beber água, ela se levantou e foi até a janela novamente. Ficou esperando por um relâmpago e quando ele veio, constatou que não havia ninguém do outro lado da rua.

Não havia mais. Ela pensara.

Sua primeira vontade foi de ir até o outro lado da rua e verificar se havia marcas de sapato social no mato alto. Mas sabia que isso era impossível.

E se cruzasse a estrada no meio da noite até o bosque, e o homem ainda estivesse esperando por ela?

Havia uma linha tênue entre o que havia visto e o que sua mente extrapolara. Sim, poderia ter havido um homem, parado de pé misteriosamente do outro lado da rua, mas isso não implicava necessariamente — nem deveria — de que se tratava de um Caçador de Sofrimento. Afinal, nem sequer existiam provas de que eles eram reais.

Mas existe a foto. A da Guestapo e a do massacre na universidade. Não consegui comparar o rosto das duas, mas os dois homens se vestiam de forma parecida.

Mas o que havia de tão parecido? Um terno e um casaco? Um chapéu? Eram roupas comuns. Nada mais que isso. Nada menos que isso. Qualquer um poderia se vestir daquele jeito. Se ela olhasse os porta-retratos na casa da sua mãe, com certeza teria fotos de homens vestidos de forma similar. Seriam seus avós e tios mais velhos. Até no Brasil, que faz muito mais calor que na Europa, as pessoas se vestiam desse jeito, principalmente as gerações mais antigas.

Ela rabiscou uma frase em seu caderno, entre o nome de João e a frase Os Caçadores de Sofrimento.

Folie à deux.

Algumas sessões atrás, quando João perguntara o significado daquela frase, Julia fora honesta e dissera que aquilo não passava de uma expressão pomposa. Mas não disse toda a verdade. Havia um motivo dessa frase ter surgido em sua mente, mesmo tendo se passado tantos anos desde a última vez que a ouvira.

Loucura a dois, ou Folie à deux, é um termo para designar quando duas pessoas passam a desenvolver os mesmos sintomas psicóticos. Também chamada de Transtorno psicótico compartilhado ou induzido. Os exemplos mais claros eram os de histeria coletiva, em que a loucura se propagava por diversas pessoas, como foi o caso do Cine Oberdan, um cinema luxuoso que ficava no bairro do Brás, em São Paulo. O cinema foi inaugurado em 1927, mas apenas em 1938 a tragédia aconteceu.

O cinema estava exibindo Criminosos do Ar, um filme de ação americano, quando uma das mil e seiscentas pessoas na sessão resolver gritar "fogo!" e todo mundo surtou.

As pessoas se levantaram, afoitas, e correram para a saída. O grande salão com mais de 1600 lugares, não fora projetado para casos de pânico generalizado e só haviam duas escadas de acesso para fora do prédio. Em pânico, as pessoas começaram a se empurrar, e então a se pisotear.

Trinta e uma pessoas morreram. Destas, trinta eram crianças.

Porém, nunca houvera uma grande ameaça de incêndio que justificasse o pânico generalizado. O fogo que despertara os gritos e a tragédia era o fósforo que uma criança usara para iluminar o banheiro, por não encontrar o interruptor.

Pensando nisso, Julia se perguntou se não fora um caçador que gritara fogo no meio da sessão, e ficou em sua poltrona confortável vendo pessoas se pisotearem feito animais irracionais.

Talvez eu devesse pesquisar pelas fotos…

Julia quase deu um grito. Era isso. Exatamente isso. Pesquisar sobre fotos, ver homens do outro lado da rua, a folie à deux. João havia gritado fogo, e ela saíra correndo, pisoteando a todos para sobreviver de uma ameaça que não existia.

Haviam sempre dois elementos no folie à deux.

João era o *indutor*, Julia era a *induzida*. Ela se influenciava pelas palavras, pelas histórias, pelos medos e angústias de João como uma esponja seca absorveria a água.

Mas eu tenho uma vantagem. Eu percebo o que está acontecendo, e não serei enganada. Não vou deixar que meu paciente me arraste para a sua loucura. Isso não. Isso nunca.

— Está tudo bem, doutora?

Julia se virou para João, que estava parado de frente à porta aberta. Ela havia se levantado e encarava a parede branca no fundo da sala, mas nem havia se dado conta disso. João estava escoltado por Bruno e Antônio, e o trio a observava com curiosidade.

— Sim, João, por que não se senta?

— Noite difícil?

Ela sentiu prazer ao ver Bruno prendendo-o pelos calcanhares. Não estava com paciência para as provocações de João naquela manhã.

Julia se sentou. Pegou papel e caneta, mesmo sem saber o que pretendia fazer com eles, e disse:

— Prossiga, João. Ontem nós paramos no beijo.

Ele pareceu não gostar do tom ríspido e direto dela, mas Julia não se importou. Ela era a doutora e ele o paciente.

Eu dito as cartas aqui, pensou*, não você. Você nunca.*

Nós saímos no sábado para jantar. Para mim foi um espanto a rapidez com que nos reconectamos. Sabe quando você tem aquele velho amigo que pode passar meses sem vê-lo, mas no minuto que se encontram parece que tudo continua o mesmo? A relação intocada. Quase como se você tivesse apenas saído para comprar um maço de cigarros na padaria e voltado.

Com Patrícia foi simples assim.

— Lembra como a gente ouvia música no meu mp3? Cada um com um fone?

Eu coloquei a taça de vinho na mesa e concordei.

— Sim, claro! Beatles… — Deixei a palavra morrer, com sabor de saudade.

— Jesus Cristo, como aquilo era brega.

— Sim, sim — eu disse, embora não achasse aquilo nem um pouco brega. Era romântico, o que posso dizer?

Os nossos pratos chegaram. Ela pediu uma Ceasar Salad, e eu, uma costela de carneiro. O restaurante era o Vila Romini. Eu passava por ele no caminho de casa, quando voltava do ensino médio. Lembro de pensar que apenas pessoas ricas comiam lá. Os garçons tinham ternos melhores que os do meu pai, e os carros que paravam lá nas noites de sexta e sábado eram sempre novos, com bancos de couro e calotas brilhando de tão limpas.

Quem diria que, anos depois, o restaurante ainda estaria funcionando? E que eu voltaria para trabalhar em Mogi das Cruzes e reencontraria Patrícia? Minha mãe sempre dizia que o "mundo dá voltas", mas sempre com uma conotação negativa, parecia com "aqui se faz, aqui se paga", mas as vezes é bom o mundo dar voltas. É bom andar e andar e parar no mesmo lugar novamente. Não há nada de errado nisso.

— Você tem ido à cachoeira? — eu perguntei, enquanto cortava um pedaço de costela.

— Eu nunca mais fui lá, depois que nós terminamos — ela disse.

Havia uma certa tristeza naquela voz, e isso me deixou com um pouco de raiva. Tive vontade de dizer: *você não tem o direito de fazer cara de triste. Você terminou comigo.* Mas não disse nada disso.

Ao invés disso, disse algo quase igualmente maldoso.

— Nem com o seu novo namorado?

Patrícia deixou o garfo bater no prato e fazer barulho, e então revirou os olhos com impaciência.

Tive medo de que ela fosse dar um daqueles discursos de *apenas amigos*, para cima de mim, o que seria um balde de água fria na nossa potencial relação.

— João, eu terminei com o…

Nem me lembro do nome dele. Quem se importa?

— Por quê? — perguntei. Estava um pouco alarmado. Pular de um potencial *apenas amigos* para um potencial *namorando* era assustador.

Ela levou o garfo à boca e mastigou a alface com calma, como se o suspense lhe desse prazer.

— Calminha, João. Eu não terminei por causa de você. Não quero nada sério no momento. Eu terminei porque precisava… — Ela suspirou. — Bem, dê um tempo para mim.

Em nome de todos os santos, o que aquilo significava?

Ela pegou a minha mão, e isso me tranquilizou um pouco.

— Nós poderíamos ir na cachoeira qualquer dia desses — eu disse.

— Sim — ela respondeu. — Você leva o cigarro? Posso ver se tem algum uísque do meu pai em casa também.

Eu dei uma risada, e fiz um carinho na palma da mão dela. Os dedos dela tremiam um pouco. Os meus também.

Quando terminamos o jantar, eu a convidei para conhecer o meu apartamento. Não sabia se isso era querer apressar as coisas, afinal não era como se fôssemos fazer sexo pela primeira vez. Embora fosse a primeira vez em muito tempo.

— Para quê? — ela perguntou.

— Eu sou conhecido por fazer um ótimo café — respondi.

Na verdade, eu nunca havia comprado um coador na vida, mas ela aceitou.

Cada um foi em seu carro. Eu morava a menos de quinze minutos do restaurante.

O vinho havia subido a cabeça e nós começamos a nos beijar no elevador. Caminhamos embolados, como um único organismo, até o meu apartamento.

Eu a tomei em meus braços e nós matamos a saudade do corpo do outro. Ela havia aprendido uma ou duas coisas novas ao longo da vida, mas tudo bem, eu também tinha os meus truques.

Ao longo da minha vida eu desenvolvi uma teoria particular sobre o que é o amor de verdade. A paixão, ou vontade de puro e simples sexo pode ser confundida com amor, mas existe uma diferença fundamental. A paixão acabava com a conclusão do ato sexual. Logo em seguida vinha aquela vontade de que a pessoa vá embora. Mas se for amor, quando o sexo acaba, tudo que você tem vontade é de abraçar a pessoa, cheirar o seu cabelo, e conversar até dormir.

— Acho que eu vou embora, João. Amanhã entro cedo.

— Não, por favor — eu disse, e a abracei com todo o meu corpo, como um polvo, meus braços e pernas se entrelaçaram nela.

Ela sorriu. Eu não vi o sorriso, mas ouvi o ar escapando pelas narinas.

Ela não disse nada, nem fez menção de se levantar, mas mesmo assim eu continuei:

— Quando namorávamos, eu sempre tinha vontade de dormir com você, após o sexo, e nunca consegui.

Ela se ajeitou na cama, esfregando a coxa contra a minha virilha por debaixo dos cobertores.

— O que você tem lido ultimamente? — ela perguntou. — Lembro que você adorava romances policiais na escola.

Eu disse que estava lendo o Romance da Pedra do Reino e o Príncipe do Sangue do Vai-e-volta. Ela nunca tinha lido nada do Ariano Suassuna, mas adorava a adaptação do Auto da Compadecida. Eu disse que gostava de literatura de cordel também, e mostrei a minha coleção para ela. Pequenos livros com as capas coloridas: rosa, azul, verde, amarelo e branco. Eu recitei alguns dos poemas contidos nos cordéis. E então ela me recitou outros.

Acabou que não dormimos juntos. Passamos a noite em claro.

Em um mês nós estávamos namorando.

Em menos de dois anos, estávamos casados.

Porém, nunca voltamos à cachoeira. Acho que existem lugares que só pertencem a memória, a um específico momento da sua vida. Voltar lá depois é apenas fazer com que a magia se dissolva. O mundo havia dado a sua volta, e nós havíamos nos reencontrado, mas eu não era mais o mesmo, Patrícia não era mais a mesma, e nem a cachoeira seria a mesma.

Mas naquele dia em que passamos a noite em claro eu não sabia o que o futuro me reservava. Nem das partes doces, e nem das amargas. E um outro assunto orbitava a minha mente: o meu estranho e peculiar grupo do AA. Eu poderia simplesmente nunca mais voltar aos alcoólicos anônimos, mas não me sentiria bem fazendo isso. Jair enfartou na quinta. Saí com Patrícia no sábado. Na terça eu estava presente na reunião novamente.

Eu me sentia um pouco criminoso. E se Patrícia me visse ali? Que tipo de perguntas poderia fazer?

Estacionei meu carro no lugar habitual, em frente a uma casa decadente com uma placa de *vende-se*, enferrujada, e caminhei até a casa de Rebeca. Naquele horário a reunião já deveria estar cheia, com as vozes

saindo da sala ao lado do balcão, pessoas sentadas em suas cadeiras de plástico, sentido o cheiro do mofo e sonhando com o gosto do álcool.

Mas tudo que havia era Rebeca. Ela estava atrás do balcão, como no dia em que nos conhecemos, parecendo a recepcionista de um hotel colonial mal-assombrado.

Ela abriu um sorriso ao me ver, mas era uma alegria forjada. Pensando bem, talvez houvesse alegria, mas a tristeza a havia encoberto.

— Boa noite, Petterson.

Ela teve a delicadeza de não dizer o meu nome verdadeiro, embora tivesse pronunciado o meu nome falso com certo desprezo.

— Boa noite. Onde estão todos?

— Eles vieram, mas os dispensei. Não havia clima para hoje, mesmo que Jair não tenha morrido. Fábio não veio, mas me ligou, ele largou o programa.

Soldado abatido, pensei. Era assim que nos referíamos àqueles que haviam desistido.

— Eu… acho que hoje é minha última noite também — eu disse, meio incerto. Nunca havia descoberto nada me juntando aquele grupo, e agora que Rebeca sabia o meu verdadeiro nome, e eu estava vendo Patrícia… tudo ficaria complicado demais.

— Você não é, nem nunca foi um alcoólico, Petterson — de novo a pronúncia desleixada do meu nome —, o que você veio buscar aqui?

Meu queixo caiu. Como assim ela sabia? Pensei em perguntar, mas seria o equivalente e remexer esterco de porco em um dia quente.

Eu fiquei em silêncio, confuso.

— Tudo bem, relaxe — ela disse, ajeitando o cabelo. Ele ainda caía em seus ombros de modo selvagem. — Não é como se eu fosse chamar a

polícia ou algo do gênero. Você contribuía com a caixinha, e salvou a vida de Jair. É mais do que muitos já fizeram aqui. — Ela deu de ombros.

— E abri a sua garrafa de suco… — Observei.

— É. Teve isso também. — Ela sorriu por um instante, e então seu rosto fechou. — Me diga, você encontrou o que procurava aqui?

— Não. Mas tudo bem, eu não achava que seria tão fácil.

— O que era? — Os olhos dela cintilavam de curiosidade.

— Se eu te dissesse, você não acreditaria, e me chamaria de louco. E se você acreditasse, eu te chamaria de louca.

Ela se deu por vencida, mas pegou na minha mão.

— Espero que sua decisão não tenha nada a ver com o que aconteceu entre nós.

— Não. Longe disso — eu disse.

— Você… quer entrar e fazer um último sexo anônimo?

O convite era tentador. Mas havia Patrícia, nós havíamos ido para a cama no sábado, e ela já havia terminado com o namorado. E embora ela não admitisse, eu sentia que eu era parte daquela decisão.

— Me desculpe… mas eu, eu acho que não posso.

Rebeca retraiu a mão. Ela parecia ofendida.

— Tudo bem, não seria um sexo anônimo, de qualquer jeito, não é mesmo, João?

Eu não disse mais nada.

Apenas fui embora, passando por aquela porta pela última vez, com a sensação de que nunca deveria ter passado a primeira.

Sessão 24

Julia observou João entrar, escoltado pelos enfermeiros. Ela se perguntou se ele nunca mais teria a sua camisa de força retirada, ou a algema dos calcanhares. Ontem fora dia da terapia assistida com cachorros, o primeiro em que João participava, e ele havia se comportado de forma exemplar. Ela conversava com César, o enfermeiro responsável pelas terapias assistidas do grupo, enquanto pegava um café no refeitório. *Ele até fez carinho em Pingo*, ele dissera. Pingo era um Pastor-australiano malhado. *João nunca acariciara um dos cachorros antes.*

— Bom dia, João.

— Bom dia, doutora.

Ele parecia melhor hoje. O machucado em seu rosto estava menor. O hematoma recuava para pequenos pontos roxos. Parecia ter ganhado um certo peso também. As bochechas não estavam mais tão fundas, embora ainda estivessem marcadas.

Ela também estava melhor. Agora, dois dias depois, a possível aparição na sua janela parecia apenas um sonho ruim. Um delírio.

Foi isso que João pensou também, até que sua casa pegasse fogo.

O pensamento a amedrontou, mas o fogo a lembrou de outras coisas, do caso do Cine Oberdan, da histeria coletiva. Da loucura a dois.

Eu sou a médica, não o paciente, pelo amor de deus.

— Como estamos hoje, João?

— Bem — ele disse, sorrindo. — Ontem tive a terapia assistida. Foi bom tirar a camisa de força. Mexer os braços, sabe?

Julia aquiesceu.

— E como foi com Pingo e Bethoven? — Bethoven era um Boiadeiro de Berna de pelo majoritariamente preto, mas que tinha o peito branco e as patas num tom castanho-claro.

— Eu… — João olhou para o chão, como se estivesse confuso, ou talvez com vergonha. — Eles são legais, doutora. São cachorros, como o Brutus, mas não *são* o Brutus. Entende o que quero dizer?

— Entendo — Julia disse, sorrindo. Aquele era um importante passo para João vencer o medo associativo. Ele não ficara traumatizado apenas com Brutus após o incidente na sorveteria Spumoni. Ele ficara com medo de todos os cachorros.

Julia resolveu guardar a explanação para outro momento, e disse:

— Ontem você me contou sobre Patrícia, e disse que em menos de dois anos haviam se casado.

— Isso mesmo. Mas antes de nos casarmos ela veio morar comigo. Foi uns quatro meses depois que começamos a namorar de fato. Como eu disse, ela morava com a mãe dela… e eu morava sozinho. E bem, ela já acabava passando a maior parte das noites na minha casa mesmo. Sabe? Foi tudo bem aos poucos. Primeiro, quando ela dormia ela trazia uma muda de roupa em uma mochila e uma escova de dentes. E então ela comprou uma escova para deixar na minha casa. E então começou a deixar algumas roupas também. E xampus. Céus, acho que ela deveria gastar um terço da renda dela com essas porcarias.

Havia um sorriso saudosista nos lábios de João, mas também havia tristeza em seu olhar.

— E então um dia eu perguntei se ela não queria se mudar, e ela disse que sim. Na prática, a única coisa que ela trouxe de novo foram milhares de livros de medicina da grossura de uma viga de aço.

— E como foi esse convívio com Patrícia?

— Bem — João deu uma fisgada na bochecha —, tive de abrir algumas exceções. Mas é assim que funciona um relacionamento maduro, não é mesmo? Abrindo mão de certas coisas.

— Você acha que é preciso abrir mão de algo para ter um relacionamento, João?

— Claro. Para começar, eu tive de abrir mão de Rebeca, e Patrícia teve de abrir mão do namoradinho dela.

Julia anotou as suas impressões no caderno. Tudo importava agora. Estavam chegando perto do grande acontecimento. Do dia em que João se transformava em um assassino. Ela anotou: *João pode ter se sentido anulado por Patrícia. Aprofundar hipótese. Ele tem ciúmes do ex dela, sua fala deixa claro.*

— E do que mais você abriu mão?

— Das drogas. Primeiro, do meu ritual pós provas. Não dava para eu fumar maconha e gargalhar das provas dos alunos com Patrícia do meu lado. Então eu passei a corrigir as provas na mesa da cozinha enquanto ela preparava o jantar, e o que eu fazia era compartilhar as pérolas de merda dos meus alunos com ela. E nós ríamos juntos. Era legal. Mas não era a mesma coisa.

— Patrícia nunca soube das drogas, João?

— Eu nunca contei para ela, embora ela tenha descoberto algum tempo depois. Como você vira para a pessoa que é a sua namorada e diz: então, eu uso LSD às vezes, mas não se preocupe, isso é bem raro, a maconha é mais comum, mas hein, ninguém nunca morreu de overdose disso.

E Julia anotou: *as drogas podem ter um papel mais importante do que havia pensado anteriormente. João estava cheio de drogas quando a matou.*

— Mas um dia ela descobriu, então?

— Sim, é até engraçado, se você parar para pensar…



Naquele dia, eu cheguei em casa depois dela. Tinha reunião de pais na escola, onde basicamente eu tinha que explicar o mau desempenho dos alunos com palavras mentirosas. Por exemplo, *o seu filho não sabe calar a droga da boca* virava *o seu filho tem muita energia, mas isso pode atrapalhar o andamento da aula.* Ou, *o seu filho é burro como uma porta, ele não acharia a Itália em um mapa nem se eu pedir para ele apontar a bota do Papai Noel* virava *o seu filho tem dificuldade em assimilar o conteúdo das minhas aulas, mas ouvi que ele é excelente em matemática.*

Bem, assim que cheguei em casa encontrei Patrícia sentada na cadeira da cozinha, fitando meus objetos pessoais sobre a mesa.

— Eu os encontrei embaixo da cama, enquanto procurava por um sapato — ela disse, os olhos estavam fundos e cansados. Ela havia chorado muito, mas agora tudo que restara era raiva.

Na mesa havia o meu dichavador com o rosto de Bob Marley, ele tinha um sorriso bobo e as cores da Jamaica de pano de fundo. Também haviam umas cinco gramas de maconha em um saco zip-lock, várias sedas, uma caixa de fósforo e alguns papelões de LSD com metade do rosto do Chapeleiro Maluco neles.

Me fodi, pensei.

— Quando você planejava me contar? — ela perguntou.

Nunca. Never. Nie.

— Eu… eu não sei — disse, acuado. — Por que você mexeu nas minhas coisas? — Agora havia raiva na minha voz. Ela não era exatamente genuína. Estava mais querendo virar o jogo mesmo.

— Eu já disse, estava procurando por um sapato — ela respondeu, e então pegou a minha cartela de LSD na mão. Por um instante, pensei que ela fosse rasgar a minha droga, mas não o fez. — Com que frequência você usa?

Eu tentei falar algo, mas gaguejei. A Patrícia, que fumava de dois a quatro cigarros por dia, havia sumido, e o que restava na minha frente era uma versão mais amedrontadora da garota que conheci no ensino médio e usava canetas com cheiro de morango no caderno.

— Não minta para mim, João!

Eu vi a minha mãe naquele tom de voz, e isso me assustou. Onde havia ido parar a garota divertida que roubava uísque do pai e fumava Marlboros comigo após um longo sexo na cachoeira?

— A frequência que eu uso? Você quer saber como era antes de você se mudar, ou depois? — perguntei. Realmente, não havia porque mentir. — Antes, eu usava LSD uma ou duas vezes por semana, e maconha uma cinco. Depois…

— Por isso que você chegava à noite e às vezes ia direto para a cama, não é? Sabia que havia alguma coisa errada, porque nem me comer você queria. — Agora ela picotava o meu LSD com a eficiência daquelas Fragmentadoras 10 Folhas Supercorte. — Você estava doidão.

— Paty… — Eu encostei a mão no ombro dela, mas ela a afastou com um tapa indelicado.

— Não me venha com Paty. — Ela apontou o dedo para o meu nariz. — Você mentiu para mim. Mentiu. Mentiu. Como eu posso me casar com um cara que não me fala a verdade?

— Casar? — eu perguntei.

Ela desviou o olhar. Mirou o LSD picotado em cima da mesa e afastou as mãos, como se tivesse tocado em um lixo radioativo.

— Você já pensa em casar…? — Aquilo parecia loucura para mim.

Ela ficou vermelha do pescoço para cima, e foi quando tive certeza de que era o que ela pensava.

Tomei uma decisão. Às vezes, para dar certo, a vida precisa ser dramática, como nos filmes de Hollywood. Eu peguei todo o LSD e o pacote com a maconha e fui até o banheiro. Levantei a tampa do vaso, joguei o LSD, abri o saco da maconha e joguei a erva — meu coração ficou apertado, era uma erva da boa, afinal — e então joguei o zip-lock no lixo.

Patrícia não estava ao meu lado, mas estava na entrada do quarto, observando-me a uma distância cautelosa. Os olhos frios de Robocop registravam todos os meus movimentos.

A raiva havia diminuído, embora ela não quisesse demonstrar. Eu conseguia saber, porque as sobrancelhas dela não estavam mais unidas, e haviam relaxado. Ela pegou a minha mão.

— Eu não acabei ainda — eu disse.

Voltei até a cozinha, peguei o restante do material, pisei na alavanca do lixo de chão. Joguei os papéis que usava para enrolar meus cigarros e a caixa de fósforo. Então mirei meu dichavador. Bob Marley sorria para mim. Um sorriso bobo e puro que dizia *vou sentir a sua falta, amigão. Foi uma viagem e tanto.*

Eu também vou, Bob, pensei, e então o acomodei ao lado de três cascas de banana e um pote de iogurte.

É claro que eu nunca parei. Não existe isso de parar. Podem haver longos períodos sem o uso, mas parar para sempre… há! Ninguém faz isso.

Mas eu nunca mais cheguei doidão em casa com a Patrícia lá.

O curioso é. Naquele dia eu percebi algo. Ela queria casar comigo. Pode parecer bobo, mas era algo grande para mim.

Seis meses depois eu a pedi em casamento. E um ano depois nós nos casamos.

Acho que cada um tem um pensamento muito particular no dia do casamento, o meu foi: será que quando os carros estiverem voando e existirem androides no planeta, o casamento ainda se preservará como hoje? Eu acho incrível como a ritualística do casamento continua a mesma ao longo das gerações. Claro, agora as pessoas se separam, e a noiva dificilmente se guardou para a noite de núpcias, mas ela vai casar de véu e grinalda, toda de branco. Claro, existem casamentos homossexuais hoje em dia, mas alguns noivos vão querer se casar em uma *igreja*. Tudo muda, menos o vestido branco, o terno escuro, e a caminhada com os familiares à sua volta.

Minha mãe me levou até o altar. Lembro como ela estava linda. É claro, ela não era mais uma mulher jovem, o tempo já havia cravado as garras nela, mas naquele dia ela estava radiante. Lembro de caminhar sorrindo para os convidados. Meu pai estava ao lado de José, e ele chorava como nunca tinha visto em toda a minha vida.

Minha mãe me deixou no altar e me deu um beijo na bochecha.

— Seja feliz, filho. Eu te amo — ela disse.

Ela era a segunda mulher mais linda naquela noite.

A primeira entrou logo depois. Vestida de branco.

Patrícia era linda. Mas, naquela noite, era como se ela brilhasse, ofuscando a tudo e a todos. Acho que aquele foi um dos dias mais felizes da minha vida.

— E me diga, João. Durante todo esse tempo, você parou de procurar pelos caçadores?

— Sim — ele disse, ajustando a postura na cadeira. — Acho que era mais ou menos como foi com as drogas… eu simplesmente não conseguiria contar para Patrícia. Tinha receio do que ela iria pensar de mim… pensando bem, acho que esse foi o meu maior erro. Nunca ter contado a ninguém. Se Patrícia soubesse, as coisas poderiam ter sido diferentes, não é mesmo? Mas agora não há como voltar atrás.

E Julia anotou: *os caçadores de sofrimento sumiram junto com as drogas.*

Julia fitou o relógio na parede, faltavam dois minutos para encerrar a sessão. Ela ia concluir a sessão, mas João falou primeiro.

— Nós fomos passar as férias nas cataratas de Iguaçu. Era um lugar lindo.

— Imagino, João. Bem, que tal continuarmos amanhã?

— Foi lá que eu vi um caçador, doutora — ele disse. Os olhos de João pareciam mortos. Sua pele ficou mais branca. — Pus meus olhos em um deles pela primeira vez desde que era um garoto. Desde que o vira do lado de fora da minha casa antes de ela pegar fogo.

A porta foi aberta, e os enfermeiros vieram.

Julia controlou o impulso de mandá-los esperar, de pedir que João continuasse a história.

— Até amanhã, João.

— Até, doutora — disse ele, e foi embora, levando junto as respostas para as perguntas de Julia.

Sessão 25

Julia estava sentada dentro do consultório, vestindo um conjunto social xadrez de blazer e saia. Fora um presente de Natal da sua mãe, três anos atrás. Ela dissera que era para Julia usar em reuniões importantes.

Apenas um detalhe escapara à sua mãe. Não haviam reuniões importantes no Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Havia a reunião mensal dos psicólogos, para discutir a evolução dos pacientes e pontos de atenção, e reuniões *ad hoc* com o diretor do manicômio, mas nada que exigisse uma vestimenta muito formal.

De qualquer modo, Julia usava o conjunto às vezes. Embora fosse de lã e um pouco quente, a roupa lhe caía bem. Tão bem, que Julia conseguia usá-la como um indicador de seu peso. Era fácil saber que ganhara um ou dois quilos ao colocar aquela roupa. Se fossem mais de dois quilos, o botão da saia nem sequer fecharia.

Hoje, quando ela vestiu a saia para sair de casa, um fato inédito aconteceu. A peça de roupa deslizou um pouco pelos seus quadris, ameaçando cair no chão. Então Julia baixou a saia, ficando apenas de calcinha e sutiã, e foi até o seu banheiro. Ela subiu na balança analógica, sentindo a borracha azul contra seus pés e viu os números rodarem contra a seta vermelha. Era sempre assim. Os primeiros quilos passavam voando no visor: 10, 20, 30, 40… e então a balança reduzia o ritmo, 50, 60… até chegar a um valor entre 67 e 70 quilos. Mas a balança parou antes hoje. Julia desceu e subiu de novo, como se dando uma chance do aparelho se redimir e calcular de forma correta o seu peso, mas o resultado foi o mesmo: sessenta e dois quilos.

Julia foi imediatamente até o espelho, e ficou analisando o seu rosto, procurando indícios de que estava realmente cinco ou oito quilos mais magra. Não encontrou nada, mas baixou a mão até a barriga e a apertou. Sim, havia menos gordura ali. Viu os peitos contra o sutiã. Eles também pareciam menores, e não encostavam mais direito no bojo.

Oito quilos mais magra, ela pensou*, talvez cinco. Talvez cinco.*

Quando chegou no Manicômio Judiciário Presidente Prudente, Julia não tomou apenas o habitual café preto, mas pegou também cinco bolachas recheadas. Não que emagrecer fosse ruim, mas emagrecer de mais era.

Ela estava elencando as últimas refeições que fizera, procurando por um padrão que justificasse o seu emagrecimento, quando Antônio e Bruno entraram na sala, trazendo João com eles. Com toda essa história de perder peso, Julia tinha até esquecido da última afirmação de João, na seção de ontem. Assim que Bruno terminou de prendê-lo com a corrente entre os tornozelos, Julia se virou para João e disse:

— João, ontem você havia me dito que encontrara um dos caçadores pessoalmente.

— Sim, doutora — ele respondeu. — A vida é engraçada…

Em uma das conversas de banheiro que tinha com Carlos, Tadeu e Rodolfo, Carlos — que tinha um irmão mais velho — profetizara que deixaríamos nossos brinquedos de lado quando fizéssemos quatorze anos. Quinze, no máximo. E que só pensaríamos em rock e meninas. Aquilo me deixou realmente preocupado. Não que rock e meninas fosse um mal negócio, mas precisaria deixar meus brinquedos de lado para isso?

A profecia de Carlos realmente me deixou preocupado, então eu perguntei para o meu pai — quando se tem onze anos, um pai é a mesma

coisa que um Deus bom, com todas as respostas e toda a experiência de mundo — se eu iria parar de brincar com meus bonecos quando crescesse.

Ele me disse que provavelmente sim, mas que eu não precisava parar de brincar, se não quisesse. Na época eu pensei, *ok, sou uma criança, mas nunca vou parar de brincar, porque eu adoro meus bonecos. Ninguém vai me forçar a parar.* Só que um dia parei, e a verdade é que ninguém me forçou. E embora eu achasse — quando ainda era uma criança — que o dia em que eu parasse de brincar seria um dia triste, eu estava errado. Sabe por quê? Porque eu não me importava mais. Simplesmente deixei de lado. Ninguém me forçou. Ninguém me impediu.

Apenas deixei para lá.

Com os caçadores foi mais ou menos igual. Na faculdade, anos atrás, eu achava que nunca desistiria de encontrar os caçadores. Ninguém me forçaria a deixar minha pequena caçada de lado. Só que, mais uma vez, eu parei.

As pistas esfriaram. Tudo que eu tinha era um bando de fotos de décadas, ou séculos, atrás. Mas nada de novo. Toda a minha aventura nos alcoólicos anônimos não havia resultado em nada também. Nenhum deles começara a beber porque cruzara o caminho do misterioso homem de terno.

Mas a maior contribuição foi de Patrícia. Com ela, eu havia deixado de ser um homem solitário que se drogava nas horas vagas e navegava pela internet atrás de notícias de desastre a procura de fotos reveladoras.

Por isso, quando eu embarquei naquele avião para a minha lua de mel, a última coisa que passava pela minha mente eram os caçadores.

Eu havia apenas deixado para lá.

A lua de mel foi ótima. Após o episódio com as drogas, Patrícia havia recobrado a confiança em mim. Nós nos hospedamos em um hotel cinco

estrelas em estilo colonial, que ficava a menos de vinte minutos de carro das Cataratas do Iguaçu, no lado brasileiro.

Tem muito brasileiro que acha que só existe turismo fora do Brasil. Paris, Londres, Nova York, Buenos Aires… e embora eu nunca tivesse viajado para o exterior, conhecia-os dos livros de história. Esses lugares têm todos os mesmos elementos básicos da Europa ocidental: pelo menos um obelisco, uma igreja de mais de trezentos anos, um parlamento, uma estátua com um fulano em cima de um cavalo... Eu acho tudo isso enfadonho, para ser honesto, como se todas a grandes cidades fossem construídas a partir dos mesmos elementos básicos. Não me leve a mal. Sou formado em história, e valorizo a herança deixada pelas antigas gerações. Mas tudo isso que citei são obras do homem, é a *história do homem*. E no Brasil, em lugares com Foz do Iguaçu, ou Chapada dos Veadeiros, ali existe a *história antes do homem*. Existe a beleza intocada. Aquilo que foi construído pela própria natureza.

Patrícia achava tudo isso uma grande bobagem.

Foi ela quem me levou para conhecer a cachoeira quando tínhamos apenas quinze anos — o rock e ela haviam tomado o lugar dos meus brinquedos —, mas, conforme ela envelheceu, foi se desconectando do seu lado mais natureza.

O roteiro da viagem era extenso: primeiro dia, visitar o lado brasileiro das cataratas, segundo dia: lado argentino. Terceiro dia: parque das aves, bar de gelo, passear pelo centro argentino. Quarto dia: visitar a tríplice fronteira, e o Paraguai.

Para circular dentro do parque nacional das cataratas, é preciso pegar um ônibus que faz o circuito interno. O veículo tem dois andares, eu e Patrícia resolvemos ir no andar de cima, que não possui telhado nem janelas.

Patrícia cravou as unhas contra o meu braço. O ônibus deveria estar a mais de cinquenta por hora e um vento gelado perpassava nossos rostos. O cabelo dela, tão dourado quanto a juba de um leão, oscilava para trás.

Então ela abriu os braços e sorriu.

— Estou voando, amor. Estou voando.

Ela oscilava os braços enquanto falava. Os olhos semicerrados, um sorriso jovem nos lábios. Havia outras pessoas conosco no ônibus. Em especial, duas velhinhas japonesas que pareciam especialmente dispostas a julgar o comportamento de Patrícia.

Eu fechei meus olhos e abri os braços. O vento também balançava o meu cabelo e agredia a minha pele. Inspirei, sentindo o ar gelado invadir os meus pulmões, trazendo todos os cheiros da natureza.

— Eu também — disse para Patrícia. — Eu também estou voando.

Aquele foi apenas um dos pequenos momentos mágicos que tivemos naquela viagem. Mais tarde naquele dia, por exemplo, um grupo de quatis abriu a mochila de Patrícia, levaram dois sanduiches de presunto e um pacote de bolacha. Patrícia batizou aquele momento com O Ataque Dos Quatis Radioativos. Era um nome cumprido e brega, para um pequeno acontecimento. Eu amei.

Quase toda a trilha das cataratas do lado brasileiro é no meio do mato, você pode ver as quedas d'água do lado da trilha, mas há uma distância de talvez cinquenta metros. Pode parecer longe, mas já dá para sentir a magnitude daquele lugar.

Quase no final da trilha se encontra a garganta do diabo. É basicamente um píer, que te insere no meio das quedas d'água.

— É lindo, não é?

Ela estava com os braços apoiados no parapeito, eu cheguei até ela, abraçando-a.

O cabelo dela estava úmido, assim como o meu. Aquele lugar era o equivalente a entrar debaixo de um chuveiro de magnitudes titânicas.

— É tão — eu procurei pela palavra certa — vasto.

E era isso mesmo. Você pode ver fotos das cataratas na internet e ver como elas são bonitas, como a água cai em ondas limpas, como existem pedras e vistas de tirar o fôlego. Eu mesmo já havia visto tudo isso enquanto eu e Patrícia pesquisávamos o destino da lua de mel deitados na nossa cama tarde da noite. Só que quando você olha as fotos no computador, em uma tela de dezessete polegadas, está tudo errado. Porque você é grande e a imagem é pequena. Não estou falando que as pessoas são estúpidas, e não imaginam o tamanho das cataratas. Mas estar lá. Ver a imensidão daquelas águas perto de você, apenas uma criatura frágil de menos de cem quilos, versus as toneladas de água a fluir… é apenas assim que você consegue ter a verdadeira imensidão do lugar.

— Sim! E lindo! — Patrícia disse.

Então ela me estendeu um fone de ouvido. Eu levei alguns instantes para entender.

— Não é tão cafona assim… — ela disse.

Nós dividimos os fones, e ficamos ali, vendo as águas caírem, ouvindo John Lennon e Paul McCartney cantando uma doce melodia.

Foi como eu disse. Os caçadores eram a última coisa que se passava pela minha cabeça.

Os outros dias de viagem foram ótimos também. Embora estivéssemos ficando cada vez mais cansados. Acho que caminhávamos uma média de dez quilômetros todo dia e haviam bolhas, em nossos pés, maiores que moedas.

O nosso voo de volta para São Paulo saía às 20 horas, e resolvemos tomar um café antes de fazer check-out.

Ainda me lembro do lugar. Se chamava Kaffé, e tinha uns croissants maravilhosos de chocolate. Também tinha café do coador “à vontade”, por cinco reais. Era um ótimo lugar para se passar o tempo.

— Preparado para voltar a vida normal? — perguntei para Patrícia.

Ela estava com o cabelo meio desgrenhado e a pele corada de tanto tomar sol.

— Vida normal… — Ela bufou. — Bem que isso aqui poderia ser a vida normal.

— Achei que você não gostasse mais tanto de natureza.

— Eu também achava — ela disse, dando de ombros.

— E qual será a nossa próxima viagem, então?

Ela comeu mais um pedaço do croissant de chocolate.

— Algum lugar com praia? Estava pensando em…

Ela começou a explicar, mas eu não ouvi.

O mundo era um filme mudo para mim agora, e tudo o que eu via era o homem a caminhar do outro lado da rua, através da vitrine da cafeteria. Ele usava terno, luvas, e chapéu.

— Paty, preciso ir em um lugar. Você paga a conta e faz o check-out?

Ela me olhou, confusa, mas eu já estava me levantando.

— Como assim? O que foi? — Ela tentou segurar o meu braço, mas eu me desvencilhei.

— Eu volto logo. Faz o check-out. Te encontro na recepção.

Acho que se não houvesse a conta para pagar, ela teria me seguido. Sorte a minha que havia.

— As malas, João! Elas são pesadas.

Eu me virei antes de deixar a mesa completamente.

— Dê uma bela gorjeta ao carregador.

— Volta aqui — ela disse, quase berrou na realidade, mas eu nem me importei. Os olhos dela estavam esbugalhados. Havia raiva, mas era uma fina casca, na profundidade havia apreensão.

Eu deixei o Kaffé, respirando o ar úmido do dia, e estreitei a vista.

Sim. Lá estava ele. Um deles. Casaco. Luvas. Chapéu. Ele estava de costas, descendo a avenida, e por isso não me via. Todas as demais pessoas usavam bermudas e camisas leves, com estampas coloridas. Menos aquele homem.

Os pelos da minha nuca se eriçaram imediatamente. Um gosto de ferro preencheu a minha boca.

Cruzei a rua, quase sendo atropelado, e comecei a segui-lo.

Um milhão de coisas se passavam na minha mente. A primeira e mais óbvia era: ele era realmente um caçador? Qual era a chance de eu simplesmente avistar um deles enquanto tomava um café e comia um croissant?

Nós não encontramos pessoas ao acaso o tempo todo? Não foi assim que eu reencontrei Patrícia também?

Só que havia um segundo temor. E se eu o abordasse, e ele não fosse um caçador de sofrimento?

Não, João, você não está vendo o quadro completo, sussurrou uma voz alienígena em minha mente, *e se você abordá-lo e ele for um caçador de sofrimento.*

O que vai fazer então?

A pergunta fez meu sangue gelar.

Eu continuei a segui-lo.

O filho da puta caminhava com tranquilidade, como se estivesse passeando no bairro em que vivia, e talvez estivesse mesmo.

Ele dobrou uma esquina e eu fui atrás, deixando a avenida movimentada e adentrando uma rua mais residencial.

Perguntava-me para onde ele caminhava. Ia fazer um ônibus cair de uma ponte? Dar uma arma para que uma criança matasse os pais enquanto dormiam?

Ele entrou em uma casa. A casa dele, eu percebi, pela tranquilidade com que abriu o portão. Ela era bege, se bem me lembro. Rua Tordesilha, número 11. Disso eu nunca vou me esquecer.

O muro era baixo, batendo na altura da minha cintura. Eu fiquei atrás de um telefone público, com o rosto meio oculto, vendo-o fisgar as chaves do bolso do casaco e colocá-las na fechadura.

Pensei em ir embora. O que mais eu poderia fazer? Invadir aquela casa? *Sim, porra, invadir aquela casa,* eu pensei. Meus joelhos fraquejaram. Estava tudo acontecendo rápido demais. Olhei o meu relógio de pulso: eram quatro da tarde. Às cinco horas, chegaria o táxi que Patrícia havia agendado, para nos levar do hotel para o aeroporto.

Eu tinha uma hora.

Uma hora para resolver o mistério que me assolava toda a minha vida.

Claro, poderia simplesmente ir embora e me preparar melhor, e voltar para aquela casa algumas semanas depois, sem Patrícia. Diria a ela que estava indo visitar meu pai em Campinas. Ela nem desconfiaria da verdade. Mas uma única palavra fez meu estômago se revirar:

Se.

E *se* quando eu voltar o caçador não estiver mais nessa casa?

E *se* essa for a única chance que eu tiver de afrontar uma dessas criaturas?

Eu deixei o orelhão, e fui em direção à casa. Saltei o pequeno muro com naturalidade, ganhando o quintal. Não me importei se algum

transeunte estava me observando ou não. Naquele momento, quase nada me preocupava mais. Eu me lembrava da senhora Borges, e de Tadeu sendo mastigado pelo meu cachorro, e dos pesadelos com Brutus e da minha casa pegando fogo, e do massacre na universidade, e da figura na filmagem do prédio Joelma a queimar…

É bom você ter respostas, eu pensei, *se não tiver, eu vou te matar. Talvez eu te mate de qualquer jeito.*

A porta da frente deveria estar trancada, e girar a maçaneta em falso poderia alarmar o caçador lá dentro. Por isso decidi ir até os fundos da casa, na esperança de encontrar uma outra porta lá, ou uma janela aberta. A casa só tinha um andar, mas era larga e cumprida. Grande demais para apenas um homem viver sozinho. Lembro-me de tocar a parede e senti-la gelada, mesmo naquele dia quente. *É uma tumba, e não uma casa*, eu pensei. *É um abatedouro. Um lugar de morte.*

O fundo da casa possuía um muro alto, para fazer a divisa com os demais terrenos. Havia um pequeno jardim malcuidado e uma árvore, que era alta, seca, e com galhos pelados parecendo dedos de velha.

Não havia uma porta no fundo da casa, mas havia uma grande janela de correr. Eu me aproximei dela com cautela, procurando não entrar no campo de visão de quem quer que estivesse dentro da casa.

Quando estava próximo, com as costas coladas contra a parede, olhei rapidamente dentro da janela com cautela e vi que o cômodo estava vazio. Era uma cozinha. A janela de correr era de madeira, e fiz força para puxá-la. A princípio, pensei que estivesse trancada, mas só estava um pouco emperrada. Ela deslizou, fazendo um som baixo.

Eu saltei para dentro. A janela dava para uma pia de mármore, e eu a utilizei como apoio para adentrar o cômodo.

Apurei a audição, na esperança de ouvi-lo em algum outro lugar da casa. Nada. A casa era tão silenciosa quanto fria. Eu olhei a minha respiração, e vi que havia vapor nela, como quando a temperatura está próxima de zero.

Caminhei pela cozinha. Ela estava limpa e parecia intocada. Pensei em abrir a geladeira, para ver do que aquele homem se alimentava. Fetos humanos? Olhos de crianças? Seria alguma coisa assim, minha mente delirante especulava.

Não abri a geladeira. Ao invés disso, caminhei pelo corredor. Havia uma dúzia de portas ali. Mas só uma estava aberta. Eu me aproximei dela. Ela dava para uma escada que descia em direção ao que só poderia ser um porão.

Fiquei parado diante da porta, tentando divisar as sombras lá embaixo. Não parecia haver movimento. Meus dedos tatearam em busca de um interruptor. Descer naquela escuridão não fazia parte de meus planos.

Foi quando ouvi uma outra porta se abrindo.

Lá estava ele, o caçador, saindo da primeira porta do corredor, a mais próxima à entrada da casa, com um caderno de couro em uma das mãos, uma caneta a fazer anotações na outra.

Ele não me notou a princípio, estava caminhando e escrevendo ao mesmo tempo, toda a atenção voltada para o caderno. Mas ele caminhava em minha direção.

Daquela distância eu já sabia que ele não era o mesmo homem que eu avistara na sorveteria dos Borges. Nem tão pouco era alguns dos outros homens presentes nas fotos que eu havia encontrado. Mas ele era um deles. Isso eu sabia também.

Por algum tempo — segundos? minutos? — tudo o que havia era o som da caneta riscando o papel, e dos sapatos dele contra o chão de madeira

cor de caramelo. E então ele me viu. Na verdade, pareceu que ele me *farejou* primeiro. O nariz se comprimiu, e ele fez uma careta, como se sentisse um odor azedo no ar.

O rosto dele não parecia ser feito de pele, mas sim de alguma espécie de cera. Era oleoso e denso. E seus olhos eram pretos e foscos, sem brilho, *como os olhos de um tubarão*, pensei. Os dedos se contorceram dentro das luvas, para frente e para trás, como se fossem minhocas, ou vermes muito gordos. Ele empunhou a caneta como se ela fosse uma faca, e deu mais um passo em minha direção.

— A polícia está chegando — eu disse com a voz trêmula. Em algum lugar do meu subconsciente, aquela frase garantiria a minha sobrevivência. — Se você responder algumas perguntas, eu te deixo fugir.

Ele sequer hesitou. Abriu uma porta à sua esquerda, empurrando-a com o ombro, e adentrou o cômodo. Seus movimentos eram rápidos e fluidos, não condizentes com seu aspecto velho e decrépito.

Eu não fui tão rápido. Tudo aquilo parecia um sonho extremamente lúcido, e, como nos sonhos, meus pés se moviam de modo vagaroso, como se meus músculos fossem geleia e meus sapatos feitos de chumbo.

Não sei quanto tempo se passou até que eu cruzasse o corredor e adentrasse o cômodo em que o caçador havia se escondido, mas quando meus pés de chumbo pisaram dentro do cômodo notei imediatamente que o havia perdido. Uma brisa úmida e quente balançava as pesadas cortinas negras da janela aberta. Fora isso, a sala era decorada de modo espartano. Uma lareira apagada, seis poltronas de couro e uma mesa de centro de madeira, com o mesmo símbolo do círculo que eles usavam na luva.

Ele havia escapado. Fugido por entre os meus dedos.

— Eu vou te encontrar — eu sussurrei para a sala vazia. — Um dia. Em outra cidade. Em outra vida. Não importa. Eu vou te encontrar.

E então eu me lembro de ter tido esse pensamento: *ele se moveu muito rápido. Assim que me viu… era a fluidez de um atleta. Como um homem velho poderia se mover daquele jeito?*

Mas ele não era um reles homem. Se fosse como os outros caçadores, deveria ter visto a segunda e a primeira guerra mundial, a queda da Bastilha, a inquisição e deus sabe lá quantas coisas mais. Ele teria registrado a história da humanidade. Não seus grandes feitos. Não seus heróis e vilões. Apenas seu sofrimento. Isso era tudo que importava para eles.

Virei-me para trás. Uma parte da minha mente me dizia que deveria explorar aquela casa. Abrir todas aquelas portas, como o convidado de um programa de televisão que abre portas misteriosas atrás de um carro zero quilômetro. Não haveria dinheiro atrás daquelas portas, eu desconfiava, mas haveria algo único, algo inumano. Entretanto, outra parte da minha mente me dizia para dar o fora daquela casa. Não eram só as paredes que eram frias. O interior da casa era gélido como uma gaveta do IML. Além disso, eu pegara o caçador de surpresa, o transformara em *caça*, mas o medo que lhe infligi não duraria para sempre. Ele iria voltar. E talvez não regressasse sozinho. *E eles são rápidos*, a mesma voz alienígena sussurrou em minha mente.

Decidi sair daquela casa o quando antes e voltar para Patrícia. Precisava dela. Ela era meu porto seguro. Minha sanidade. Perto dela os caçadores perdiam a importância, eram apenas uma história para assustar crianças.

Caminhava para a porta quando pisei em algo. Meu coração quase parou. Tive a sensação de pisar em uma mina terrestre no Vietnã. Perdi o equilíbrio momentaneamente. Fitei o objeto no chão. Tinha as dimensões aproximadas de vinte centímetros por sete. Envolto em couro marrom. Era

o caderno em que o homem escrevia. Esqueci a urgência de sair daquela casa. Peguei o caderno, sentindo-o tão frio quando um bloco de gelo, ou um sorvete, e o folheei rapidamente.

O que vi foi a coisa mais estranha em toda a minha vida.

A princípio em pensei se tratar de desenhos abstratos, como quando eu ficava com tédio no ensino médio e rabiscava círculos no caderno, mas percebi que havia um padrão naquela caligrafia de símbolos miúdos e circulares. Era uma língua.

A bíblia de satã.

Eu enfiei o caderno no bolso da calça jeans, sentindo a coxa gelar, e me apressei para a cozinha. Não precisava abrir aquelas portas atrás do meu prêmio, estava levando-o no bolso. A prova irrefutável de que eles existiam. Saltei pela janela ainda aberta, e caí no jardim da casa. Contornei a lateral e abri o pequeno portão que dava para a rua. Três garotas caminhavam tranquilamente pela rua Clovis, mas elas me ignoraram, como se não tivesse nada de suspeito na minha presença naquela casa. Aquilo me tranquilizou um pouco.

Voltei pela rua até o hotel, onde uma Patrícia zangada me aguardava.

— O que diabos deu em você? — ela perguntou.

— Eu… eu pensei ter visto alguém — respondi com um sorriso amarelo.

Em outra situação, aquilo poderia ter estragado a nossa viagem, mas estávamos em lua de mel.

— Você ainda o tem? — Julia perguntou. Quando João lhe dissera, algumas sessões atrás, que possuíra uma das luvas dos caçadores, aquilo lhe despertara interesse. Entretanto, uma luva era apenas uma luva. Agora, um

caderno, escrito em uma língua codificada por círculos… aquilo elevaria o delírio persecutório de João a um outro nível.

— O livro? — João perguntou, emergindo do seu devaneio.

— Sim, o livro.

— Não. — Ele repuxou a bochecha. — Eles pegaram de volta de mim.

Quão conveniente, João. Julia pensou. Embora uma parte dela tivesse ficado aliviada por João não ter o livro em posse. E se ele entregasse o livro para ela? E se ele realmente estivesse escrito em uma língua estranha?

— Como eles pegaram?

— Essa, doutora, é a última peça do quebra-cabeças e estamos quase chegando nela.

Sessão 26

Eu tentei decodificar o livro.

Na hora do intervalo das aulas eu não me sentava mais com os professores esnobes para discutir política ou aturar piadas sobre futebol. Eu pegava um café preto, um cigarro, e me sentava em um banco próximo à quadra poliesportiva — onde os garotos estavam sempre jogando futebol e alguns fumavam escondidos entre as árvores — com um caderno em branco e uma caneta à minha frente, o caderno de couro marrom do meu lado e um livro sobre decodificação. Comprei vários desses livros, comecei com o Livro dos Códigos, que tinha uma leitura mais simples, e logo mergulhei em livros técnicos para estudantes de faculdade. Aquela era minha nova obsessão. Aprendi como historiadores decifraram os hieróglifos no antigo Egito e escritas cuneiformes.

Haviam páginas e mais páginas preenchidas com estranhos símbolos. Eles eram circulares e fluidos, como se um artista cuidadoso tivesse preenchido aquelas páginas. Eu imaginava o caçador de sofrimento, voltando para casa após ter observado alguma atrocidade, deslizando sua caneta tinteiro com calma sobre a superfície daquele papel. Se deliciando com as memórias recentes… embora o conteúdo daquela caligrafia ainda permanecesse um mistério, eu tinha uma certeza retumbante acerca de seu propósito. Era um diário. Alguém que vivera tanto quanto aqueles caçadores, precisaria de um lugar para guardar suas memórias.

Todas as folhas eram preenchidas por aqueles símbolos sem sinal de espaçamento ou vírgula. Lembrei-me um pouco dos contos de Lovecraft, aquele filho da mãe parecia desconhecer o poder de um parágrafo. Mas havia uma folha que se diferenciava das outras, a primeira. Nela, havia um

único símbolo centralizado no meio da página com a precisão de uma impressora. Desse eu me lembro com detalhes, porque achava que se tratava do nome daquele homem, fosse em qual língua fosse. Era como um número oito, mas no centro dele havia um círculo menor, e no topo e na parte inferior do símbolo saía uma espiral encaracolada, como se fosse um rabo de gato se curvando. Já havia identificado mais de dez mil cento e noventa símbolos únicos. Eram círculos, que diferiam de diâmetro. Às vezes um único círculo. Às vezes dois, como um oito de pé, ou o símbolo do infinito, às vezes três, quatro, cinco, seis, sete círculos… e todos com adornos específicos, os que eu chamava de caudas de gato. Quase onze mil símbolos era um número e tanto, se compararmos com o alfabeto que usamos, que possui apenas 23 letras. O alfabeto russo possui 33, e o mandarim 7 mil. Em certo grau, o mandarim era a língua que mais se assemelhava com aquela caligrafia. Não em sua caligrafia, pois os contornos do caçador eram mais rebuscados e limpos, mas no sentido de que cada um deles parecia conter o seu próprio significado, como se fosse um universo em si mesmo.

Em uma daquelas infindáveis manhãs, em que fitava o diário do caçador, um copo de café em uma mão, um cigarro em outra, e olheiras em meus olhos, o meu telefone tocou.

Eu atendi e percebi se tratar de um especialista em linguística que eu havia contatado um mês atrás, buscando por ajuda. Ele era um professor aposentado de uma universidade no Mato Grosso.

— João, eu fiz alguns avanços sobre aqueles símbolos esquisitos que você me enviou — o professor Queiroz disse. Ele tinha uma voz anasalada, como se nunca assoasse o nariz. Nunca havíamos nos encontrado pessoalmente. Apenas trocas de e-mails e telefones. Ele normalmente tinha um tom monótono daqueles que te colocava em um estado de torpor

próximo ao coma. Naquela manhã, ele parecia animado, com uma vida em sua voz que não era comum.

— É mesmo? — Eu joguei a guimba de cigarro para longe, e torci para não ser flagrado cometendo tamanho pecado capital na escola Miguel Arcanjo para meninos esnobes do caralho. — O que eles significam?

O homem deu uma risada alta do outro lado da linha, como se eu tivesse contado a melhor piada do mundo.

— Vamos com calma, campeão. Eu ainda não consegui encontrar um padrão nesse código. É a falta de espaços, entende. O que diabos separa uma palavra da outra?

Eu sorvi um gole do meu café e peguei mais um cigarro. Por acaso era eu quem deveria ter a respostas para aquela pergunta?

— Se eu soubesse, eu seria o especialista, não é mesmo?

Houve um curto silêncio do outro lado da linha, e eu pensei que meu especialista fosse desligar.

— Você me disse que os desenhos foram feitos à mão, não era?

— Sim — respondi. Embora os símbolos fossem muito bem feitos, eu havia visto o caçador fazê-los eu mesmo.

— Nem aqui nem na China, campeão. Você está me sacaneando ou algo do tipo?

Esperei um instante para falar. Os garotos na quadra berravam como um grupo de hienas chapadas porque alguém caíra no chão e se ralara todo.

Espremi o celular contra o ouvido para ouvir melhor.

— Não estou entendendo.

— João, eu não tenho tempo a perder — disse o professor. Havia impaciência na sua voz. — Sei que pagou pelos meus serviços, mas não sou obrigado a…

— Fala logo! — O meu grito atraiu a atenção de algumas crianças, mas logo o jogo se demonstrou mais interessante novamente.

De novo um curto período de silêncio, e de novo ele não desligou.

— Os símbolos estão todos na divina proporção, João. Só podem ter sido feitos em algum software, como o AutoCad, sei lá. Ninguém teria tamanha precisão a mão. Não em tantos símbolos.

— De quão preciso estamos falando?

Eu ouvi o ar saindo dos pulmões dele do outro lado da linha. Parecia estar fazendo as contas. Ouvi um barulho de teclado.

— Eu coloquei as imagens para rodar no meu computador, e a precisão é da ordem de noventa e nove vírgula nove nove nove nove por cento.

Meu cérebro de historiador deu solavancos com tantos nove's reunidos.

— Onde a divina proporção foi utilizada?

Mas eu sabia a resposta para aquela pergunta.

— Nas curvas que saem dos círculos — ele disse. *As caudas de gato*, pensei. — Aliás, os círculos em si beiram à perfeição. Eu não faria melhor se tivesse um compasso em mãos.

Então, o professor Queiroz começou um monólogo, naquela voz entediante e anasalada, sobre como era um professor respeitado, premiado por instituições como PUC e Unesp, que já estava com setenta anos, e velho demais para esse tipo de chacota. Tudo que ele disse entrou por um ouvido meu e saiu pelo outro. Eu fitava a caligrafia no caderno. Era mesmo perfeito. Os círculos. As caudas que se enrolavam na divina proporção, da mesma forma que a casca de um caramujo. Da Vinci usava a divina proporção em seus quadros, mas para isso existia o rascunho. Ele não desenhava objetos na divina proporção enquanto caminhava pelo corredor.

— João?

A voz do professor Queiroz me despertou do transe.

— Sim?

Eu o ouvi batucar a mesa, do outro lado da linha, e então bufar.

— Você não está inventando tudo isso, está?

— Não.

De novo a hesitação.

— Eu não acredito em você — ele respondeu, e então desligou. Não podia culpá-lo. Ele achava que estava sendo enganado. Eu aparecera com um código impossível de quebrar, feito de símbolos com base na divina proporção. E, não nos deixemos esquecer, os símbolos eram feitos à mão.

É claro que eu mesmo não acreditaria naquilo tudo se não tivesse visto o caçador a fazer anotações em seu caderno, no corredor da casa dele, instantes antes de perceber que eu estava lá a observá-lo.

O cigarro já estava acabando e eu nem sequer me lembrava de tê-lo acendido. Fechei o caderno de couro marrom. A aula já deveria estar prestes a começar.

No caminho para a sala de aula, minha mente divagou para o assunto que eu vinha tentando evitar nos dois últimos meses, desde que colocara as minhas mãos naquele caderno.

Eu precisava voltar. Precisava confrontar o caçador de sofrimento, para descobrir o que ele sabia.

Mas, assim que pensava nisso, me lembrava da rapidez dos movimentos que aquele homem de aparência senil possuía. Rápido como uma bala. E então minha mente recuava e se escondia atrás da hipótese mais confortável: ele não viveria mais lá. Já teria ido embora, assustado.

Só havia um fato que minha mente evitava mais ainda, e se o caçador de sofrimento estivesse me caçando? Talvez, apenas talvez, roubar o

caderno dele não tivesse sido a coisa mais inteligente que eu já fizera.

Eu me lembro com muita clareza daquele momento, em que caminhava imerso em meus pensamentos. Os garotos gritavam gol e outras coisas mais, alguns disparavam palavrões que nem sabiam o significado ainda. *Filho da puta. Arrombado.*

No meio do caminho eu avistei Patrícia.

Aquilo foi um choque para mim. Ela estava com as roupas brancas de médica e tinha os olhos esbugalhados e vermelhos.

Alguém morreu, eu pensei. Soube na hora. Sensação mesmo, entende?

Ela veio correndo até mim e me abraçou.

— Você precisa ser forte, João, você precisa ser forte.

— O que aconteceu? — perguntei, com a voz desbotada. O mundo parecia um borrão. Na minha mente, uma roleta girava com nomes de problemas, esperando para ver onde a agulha iria parar. Pai morto. Casa pegou fogo. Mãe morta. Sogra morta. Patrícia despedida.

— Seu pai faleceu, João. Ele se foi.

Eu me sentei no cascalho, em meio a alunos suados que corriam para as salas de aula, e chorei.

O velório foi na manhã seguinte.

Eu e Patrícia fomos em um carro com minha mãe e André, meu padrasto. O carro era o meu, mas ele foi dirigindo. Eu não estava em condições. A viagem de Mogi das Cruzes até Campinas durava cerca de duas horas e meia, mas levou uma eternidade naquela tarde. Era tudo muito complicado, entende? Eu ficava remoendo pensamentos. Eu não via meu pai direito há anos. Fomos nos afastando mais e mais. A admiração que eu tinha por ele foi se convertendo em asco, conforme ele sucumbia ao uísque e às prostitutas, se tornando uma caricatura do meu tio José. Mas o fato é

que ele era meu pai e o amava. Eu não *gostava* dele, mas o amava. Não sei se é possível entender isso, sem ter experimentado o sentimento.

Eu me lembro da última vez que falamos ao telefone. Foi há três semanas. Ele convidara eu e Patrícia para um churrasco. Nem sequer comentei com a minha esposa da ligação, embora tivesse lhe dito que veria uma data com ela.

Já a última vez em que o vi fisicamente foi no dia do meu casamento. Ele estava com um bafo azedo de álcool e me abraçou e disse: *espero que tenha casado com separação universal de bens, filho. Elas são todas iguais. Levam a casa e o carro, e os filhos, claro. Mas aproveite enquanto ela é jovem. Você vai se divertir à beça.* Eu apenas sorri, e o abracei de volta. Eu o odiava às vezes também.

O câncer o levara. Mas o câncer fora apenas o fim para um meio, que foram os anos de tabagismo desenfreado. Eu não derramei uma única lágrima no velório, fiquei apenas parado, as lágrimas de minha mãe umedecendo o meu ombro, e vendo meu pai sendo engolido pela terra em um caixão de madeira.

Após o velório eu disse que precisava caminhar. Andei sozinho pelo cemitério, subi até o alto de uma colina, tateei o meu bolso e peguei um cigarro. O acendi e fumei, vendo todas as lápides cinzas do cemitério, como pequenos dominós em pé.

Existe uma cor mais triste que o cinza?

Quando terminei o cigarro, joguei o resto do maço e o isqueiro fora. Não queria morrer como o meu pai, o que, parando para pensar, é um pouco fútil, uma vez que vamos todos morrer de qualquer jeito.

Mas naquele momento me pareceu uma boa ideia.

Acho que a questão não era exatamente morrer como o meu pai, mas sim viver como o meu pai.

No bolso da minha jaqueta jeans estava o caderno de couro marrom. Mesmo naquele dia eu o trouxe comigo. Ele era a minha nova luva, e nós éramos inseparáveis.



Julia estava deitada na sua cama. Os olhos estavam cheios de lágrimas. Havia algo em como João contava a sua história que era comovente. Algo que a conectava com tudo aquilo. Talvez fossem os olhos tristes dele ao falar do enterro do pai e da relação que eles tinham, ou a hesitação das palavras, capengas, se desencontrando.

Existe uma cor mais triste que o cinza?

A frase a fez pensar, enquanto mexia nos cabelos vermelhos de sua boneca de pano. Os cabelos estavam enegrecidos nas pontas e tortuosos. Com pontas duras. Um olho de botão estava faltando, perdido em algum lugar da sua infância.

De fato, cinza era a cor mais triste que havia.

Por que Mathias estava demorando tanto? Ultimamente, ela sentia um enorme desprazer em ficar sozinha no seu apartamento. Às vezes haviam sons. O pingar da água em uma pia. Um móvel de madeira que estalava. Antes, tudo aquilo lhe passava despercebido, mas agora qualquer som lhe deixava em estado de alerta. E era como se Julia tivesse desenvolvido uma superaudição. Nada lhe passava despercebido.

Ela pensou em pegar o celular para ligar para Mathias, mas desistiu. Ele deveria estar enrolado em alguma consulta. Apenas isso.

Ainda sentada na cama, ela se virou para fitar o estacionamento cinza que ladeava o seu prédio. Havia alguns poucos carros ali, cobertos pelo véu noturno. A noite era calma e não chovia. Os trovões das últimas noites davam lugar ao silêncio pleno.

Julia se lembrou da aparição no meio da chuva dois dias atrás e sentiu seus pés ficarem gelados. Aonde ela havia avistado o homem?

Seus olhos deslizaram pelo estacionamento, subiram a mureta, passaram pela estrada e foram até o acostamento do outro lado da rua, em que haviam arbustos altos e grossos.

Julia sentiu seu coração bombear sangue com força e suas mãos tremerem. Os dedos se fincaram contra a colcha. Havia um homem parado, do outro lado da rua.

Não, ela disse para si mesma, *não existe ninguém ali. Você só estava vendo o que deseja. Está sugestionável.*

Se fosse uma noite de chuva, como da outra vez, Julia poderia dar corda ao seu ceticismo. Entretanto, era uma noite limpa, sem uma nuvem no céu, e mesmo com a baixa iluminação, era impossível não ter certeza de que havia um homem lá.

Estava parado entre os arbustos, que cobriam o corpo da cintura para baixo. Ele trajava um pesado casaco cinza que parecia ser de lã, um terno escuro de camisa branca, um par de luvas marrom e um chapéu coco. Parecia um mafioso saído de um filme dos anos 50. O porte físico era de um homem esguio. Os detalhes da face se perdiam naquela distância, Julia comprimiu os olhos — mesmo estando de óculos — para tentar enxergar melhor. A tez era clara, de um branco amarelado, como leite azedo. Os olhos pareciam dois besouros negros e sem vida. Julia não sabia ao certo para onde ele estava olhando. O nariz era fino e comprido, como se tivesse sido modelado. Os lábios eram desprovidos do rubor característico e possuíam o mesmo tom pálido do resto. *É o rosto de um homem morto*, ela pensou.

Um sedã prateado cruzou a estrada, ignorando o homem parado próximo a ela.

Devo chamar a polícia?

E dizer o quê? Que tem um homem parado na estrada? Ele não está me incomodando nem nada parecido. Ele só está… parado.

Sim, o homem só estava parado, mas mesmo assim incomodava Julia.

Ela fechou as cortinas, ouvindo-as deslizar na treliça com fúria e deixou apenas uma fresta aberta, por onde observava o mundo lá fora como em um olho-mágico.

Será que ele me viu?, Julia se perguntou, e então se arrependeu de ter fechado a cortina. Isso denunciaria que ela sabia estar sendo vigiada. *O que ele está fazendo aqui? O que ele quer de mim?*

Pela postura, o homem não estava olhando diretamente para a janela dela, mas ele de fato observava o prédio. *Com seus olhos pretos e foscos, sem brilho, como os olhos de um tubarão*, a voz de João sussurrou em sua mente.

É apenas um homem. A voz de Julia rebateu. *Apenas um homem esquisito. Nada de mais.*

A casa inteira parecia estalar agora, como se a presença do homem a concedesse vida. Torceu para Mathias não estar chegando em casa naquele momento, pois não sabia como reagiria se ouvisse o som de passos no hall de entrada.

O homem remexeu nos bolsos do casaco. Houve um momento de pânico em que Julia achou que ele fosse tirar uma arma de fogo ou uma faca. É claro que ele não podia lhe oferecer nenhum mal físico àquela distância, mas sua mente não conseguia racionalizar isso agora. A mente de Julia havia sido transportada para o limiar da sanidade. Apenas o mais leve empurrão seria capaz de levá-la à loucura.

E o empurrão veio.

O que o homem tirou do bolso era ainda mais aterrador que uma arma de fogo ou uma faca.

Foi um caderno de couro marrom e uma caneta, onde ele começou a fazer anotações.

Ela fechou a cortina imediatamente. Se enfiou embaixo das cobertas, abraçando a sua boneca de pano, a mente um turbilhão de pensamentos. Seu corpo tremia. Ela desconfiava que podia ter urinado nas calças, mas não tinha certeza.

Eu preciso olhar de novo.

Ele já deve ter ido embora, seja quem for.

A quem eu quero enganar? Ele tinha um caderno marrom e luvas! Era um deles.

Marrom? Eu não consegui enxergar a cor a essa distância, não com essa iluminação. Poderia ser até um celular, pelo amor a deus.

Os dedos trêmulos de Julia tatearam a cortina e ela a abriu um pouco, apenas o suficiente para ela aproximar um olho. Os cílios grudaram contra o vidro.

O homem — *o caçador*, disse a voz de João em sua mente, *já passamos da fase da negação, não concorda?* — não estava mais lá. Ele havia atravessado a estrada, seus dedos enluvados tocavam a grade de metal que circundava o estacionamento do prédio de Julia. Ela podia ouvir o tilintar da grade. O chacoalhar do ferro na noite fria, sendo forçado para frente e para trás. Fitou a guarita de segurança. Estava apagada. Onde estariam os guardas do prédio?

O caçador olhava diretamente para a janela dela, mesmo a cortina estando cerrada, enquanto chacoalhava a grade com violência. E então, ele parou, e sorriu.

Era um sorriso de escárnio. Como se houvesse algo que lhe desse prazer.

Julia teve vontade de gritar, porque pensava que o homem iria pular a cerca, ou talvez cortá-la, e só permaneceu calada porque ele se virou de costas e começou a caminhar pelo caminho de que viera.

Assim que um caminhão vermelho passou pela estrada, o homem cruzou a via, chegando ao acostamento do outro lado. Quando os arbustos finalmente o encobriram da cintura para baixo, ele se virou novamente, e fitou a janela de Julia. Então tirou o chapéu, revelando a sua careca ao brilho do luar. A ossatura parecia errada, como se o crânio fosse muito estreito e comprido, uma versão humanoide do Alien, o 8º passageiro. Ele fez uma pequena mesura e recolocou o chapéu. Continuou a sua caminhada, até que o mato encobrisse o seu corpo totalmente e ele não passasse de uma lembrança ruim na mente de Julia.

O que significava tudo aquilo? Aquela mensura?

Significa que ele não acabou com você doutora, não ainda, disse a voz de João em sua mente.

Sessão 27

Julia estacionou o seu carro na área de funcionários do Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Fazia um dia ensolarado e fresco. O sol fazia o telhado de barro do prédio principal cintilar, como se as telhas de barro pintadas de branco fossem feitas de marfim. Em algum lugar um passarinho cantava, como se saudasse o dia por vir.

Nada daquilo combinava com Julia no atual momento. Ela sentia-se um pedaço de merda. Não. Sentia-se como se ela fosse o pano utilizado para limpar a merda e então retorcido, e lavado com água sanitária.

Mal podia dizer que havia dormido. Sempre que fechava os olhos, o caçador de sofrimento se desfraldava diante dela. Nesses sonhos, ele aparecia com um sorvete preto na mão. Não marrom-escuro como um sorvete de chocolate amargo, mas preto como piche. O sorvete derretia, sujando sua luva de couro marrom, mas ele não se importava. O sorriso em seu rosto dizia que nada abalaria seu bom humor. E o sonho era apenas isso. Essa imagem estática do caçador. Ele não falava com Julia — ela acreditava que nem sua mente febril poderia colocar uma voz na criatura — e se limitava a olhar para ela, com o sorriso de escárnio nos lábios finos e sem vida.

Mathias percebera que ela estava estranha — até sugerira um remédio para acalmar os nervos —, mas Julia recusara o remédio, assim como se negara a contar-lhe sobre a visão que tivera horas antes. Enquanto ela guardasse a visão para si, imaginava que não estaria cedendo à loucura totalmente. Talvez, apenas talvez, se ela ignorasse a noite passada, aquilo cairia no esquecimento. A visão vívida logo desbotaria e viraria uma reles memória ruim. E então, nem isso.

Quando ela se levantou pela manhã, a primeira coisa que fez foi abrir as persianas do quarto, fitar a estrada e a floresta atrás dela. Agora, com o sol pálido das seis da manhã, a noite de ontem realmente parecia apenas um pesadelo. Uma experiência alucinatória devido ao estresse. O tráfego constante de carros, com eventuais buzinas, não deixava espaço para uma figura mística.

Ela se banhou, pensando na agenda do dia — todas as sessões que teria, mas procurava evitar a de João em sua mente — e então se secou, com os pés descalços contra o porcelanato frio. Enquanto secava o cabelo, penteando-o em seu corte chanel perfeccionista, Julia fitou a balança. Fazia alguns dias que não se pesava. Ainda nua, secando o cabelo, analisou os seios. Eles pareciam menores. Apenas um pouco, mas menores. Ela também conseguia contar as costelas.

Deixou o secador de lado e subiu na balança analógica. A borracha azul era mais quente que o chão de porcelanato. Da última vez que se pesara, estava com 62 quilos. Cinco abaixo do seu peso ideal. *Devo ter perdido mais um ou dois quilos*, ela pensou, um pouco aflita. Nunca imaginara que perder peso fosse se tornar uma preocupação. Normalmente o problema era *ganhar*. Ela olhou incrédula para o resultado, no display da balança, entre as unhas pintadas de vermelho dos seus pés. 57 quilos.

Cinco quilos a menos? E quando fora a última vez que se pesara? Julia sabia que não fazia tanto tempo assim. Fora na semana passada. Isso dava quase um quilo a menos por dia.

— Que merda! — ela exclamou para o banheiro vazio, e então se censurou. Não costumava falar palavrões, nem quando não havia ninguém por perto para julgá-la.

Agora, enquanto caminhava na direção do prédio principal do Manicômio Judiciário Presidente Prudente, Julia elencava o que tomaria de

café da manhã. Ovos mexidos? Com certeza. Pão de queijo? Claro, e o rechearia com requeijão ou cream cheese. E comeria uma fatia de bolo. E se o bolo do dia fosse de cenoura com cobertura de chocolate, comeria dois pedaços ou três.

— Raul! Cuidado, você pode se machucar!

A voz de César atraiu sua atenção. O enfermeiro responsável pelas intervenções assistidas estava dando uma bronca em Raul Pinto, que se dependurava de uma árvore, com os pés presos em um galho, ficando de ponta cabeça.

César o circundava, mas não o puxava, provavelmente com medo que o paciente caísse de cabeça no chão e fraturasse a coluna vertebral.

Era uma aula de jardinagem. João estava lá, sem usar a sua camisa de força — graças a conversa que Julia tivera com Caio —, assim como Rodrigo, o rapaz que dizia se comunicar com o ET de varginha pelo vaso sanitário, Clóvis, o comedor de pedras, e Getúlio, que não superara a morte da própria esposa e vivia projetando a face dela em pessoas desconhecidas.

— Calma aí, *bicho* — disse Raul Pinto, arrastando a palavra com o sotaque baiano de Raul Seixas, embora Raul Pinto fosse do Capão Redondo. — O rock tem que respirar!

— Ficar de ponta cabeça é perigoso — disse César, beirando a súplica.

— Mas eu não tô de ponta cabeça — disse Raul. — Tô na cidade de cabeça pra baixo. — E então ele começou a balançar os braços, ensaiando uma pirueta. — É na cidade de cabeça pra baixo. A gente usa o teto como capacho.

— Ninguém precisa morrer, pra conseguir o paraíso no alto, o céu já está no asfalto — cantarolaram Clóvis, João e Rodrigo.

Getúlio foi o único que não acompanhou a música. Parecia ter reconhecido o rosto da falecida esposa em um pé de alface ou algo que o valha.

— É na cidade de cabeça para baixo, dinheiro é fruta que apodrece nos cachos — cantou Raul, subindo duas notas e então deu uma pirueta de fato. Ele caiu de pé, por mais improvável que fosse.

César se aproximou dele, a passos firmes. Estava visivelmente furioso.

— Ninguém precisa correr — disse Raul, correndo para longe de César, e então bracejou com a graça de um boneco de posto. — Nem tem ideia do que é calendário. Não tem problema de horário.

César desistiu de tentar alcançá-lo. E acabou por abrir um sorriso. Assim era o enfermeiro, sempre com um grande coração e com humor.

— Na cidade de cabeça pra baixo. É tão bonito ver o sorriso do povo. Que habita o lugar — continuou Raul, e apontou para seus companheiros. Todos sorriram, inclusive João, e quando Raul começou a cantar *Let me Sing* e a requebrar como se estivesse tendo um ataque epilético, todos dançaram, exceto César, que apenas observava o grupo.

João parece feliz, Julia pensou. E então, enquanto ele dançava, percebeu que havia ganhado peso. A camisa de força que usava nas sessões havia encoberto o fato. *Feliz demais*, ela corrigiu. João nunca interagia com os demais. Sempre ficava sentado e calado, sustentando aquele olhar sonso e vazio.

Julia adentrou o prédio, mas não passou no refeitório para tomar café da manhã. Havia perdido a fome.

Julia estava sentada na sua cadeira, à espera de João. O seu pescoço estava pesado e a cabeça latejava. Na sua mão havia um copo de café fumegante.

Ela decidira revisitar os fatos e analisá-los friamente. Precisava colocar a cabeça nos eixos novamente. Sim, avistara um homem do outro lado da estrada em que ficava o seu prédio, e ele se encaixava perfeitamente na descrição de João de um dos caçadores de sofrimento. Terno com casaco. Luvas. Chapéu. Um rosto velho e cansado. E um caderno.

Após diversas especulações, Julia aceitou que só haviam dois caminhos para a verdade:

O primeiro, era que os caçadores eram reais. João não era um homem louco. Apenas havia descoberto algo que a maioria das pessoas não estavam preparadas a aceitar. E se isso fosse verdade, Julia estava com problemas. Talvez os caçadores haviam se contentado em deixar João apodrecendo em uma prisão para o resto da vida. Sabiam que ele contaria a sua história, só não imaginavam que ele seria ouvido.

E Julia o escutara.

Desde a primeira sessão, decidira deixar a corda correr solta, por assim dizer. Fizera menos perguntas e mais anotações. Ouvira a história não apenas dos caçadores, mas da vida de João. Sua infância. Seus amigos. A morte de um deles pelo seu próprio cachorro. A casa que pegou foco. A época em que vivera com o tio José em Santos. A separação dos pais. A primeira vez que João bebeu cerveja, fumou cigarro e trepou. Os problemas com drogas. A vida universitária. O massacre. As fotos na internet. O grupo do AA. As aulas que lecionava no ensino médio. O romance curto com Rebecca e o reencontro com Patrícia. Céus, ela sabia até de detalhes de Foz do Iguaçu, embora nunca tivesse viajado para lá, e imaginava a caligrafia

dos caçadores com precisão, embora nunca tivesse depositado os olhos em uma das anotações.

Mas Julia não apenas escutara. Ela fora atrás. Pesquisara pelas imagens na internet — passara horas a fio de suas noites visitando sites e usando ferramentas de busca — e encontrou as imagens que João havia citado.

Julia se recusava a acreditar na primeira opção. Seres que vivem mais de um século? Que envelhecem muito devagar e fazer anotações com a divina proporção em seus cadernos de couro marrom?

Não. Aquilo era insano demais.

Foi isso que a levou até a segunda opção.

João tinha um plano.

Ele estava preso, mas tinha acesso ao telefone, e com certeza deveria ter amigos do lado de fora. E se ele tivesse pedido a algum deles que assustasse Julia? Ele mesmo havia dito que Anderson tivera problemas com drogas. Talvez ele estivesse precisando de um dinheiro extra, não é mesmo? Talvez fosse apenas isso. Alguém estava tentando intimidá-la. Ou pior, enlouquecê-la. Mas com que intuito?

Ela deu um gole no café, pensativa. Os olhos estavam pesados de sono.

Será que João esperava que Julia reavaliasse o seu quadro mental? Recomendasse ao diretor do Manicômio que ele recebesse alta? Era possível, mas isso faria com que João fosse para uma prisão assim que deixasse o hospício, não lhe garantiria a liberdade.

Ou talvez… ou talvez ele tenha esperanças de que eu testemunhe a favor dele. Diga que estou recebendo visitas do verdadeiro assassino. João quer que eu o torne inocente.

A ideia foi como o estalar de um galho seco na sua mente. *Crack!* Era isso. Por isso ele estava tão feliz na sessão de jardinagem hoje e por isso estava ganhando peso. João, aquele assassino a sangue frio que usara uma faca para cometer seu ato hediondo, estava usando Julia. Enquanto gastava o tempo das sessões contando as histórias da sua vida, por debaixo dos panos arquitetava seu plano de liberdade. João sabia que Julia não aceitaria toda a história sobre os caçadores. Nunca testemunharia aquela insanidade perante um tribunal. Mas dizer que havia um homem de carne e osso tentando amedrontá-la, e que se encaixava na descrição que João havia dado? Que João desenvolvera suas teorias da conspiração após a morte da própria esposa, em uma espécie de síndrome persecutória? Aquilo Julia poderia fazer. Nem seria preciso achar o homem que ficava parado a encará-la do outro lado da rua. João sairia livre se ela desse o testemunho e a polícia atolada em casos, muitos deles outros assassinatos mais cruéis que o que João tinha nas mãos, nunca empenharia esforços de verdade em encontrar o "verdadeiro assassino". *Foi por isso que João atacou o doutor Souza. Ele deve ter percebido que não conseguiria desempenhar seu plano mirabolante com ele.*

João entrou na sala. Um sorriso bobo no canto dos lábios. As bochechas rosadas e sadias. Caminhava um passo leve. Até parecia um homem a passear em um parque, tamanha a tranquilidade, se não fosse por Bruno e Antônio a escoltá-lo, com seus uniformes branco-encardidos de enfermeiros, ou pela camisa de força que limitava os movimentos dele, Julia até poderia acreditar que estava observando um homem livre.

Hoje isso acaba, ela pensou, *cansei dessa palhaçada. Essa merda vai ter fim.*

Julia deu um último gole no café, e deixou o copo de isopor do lado do pé da sua cadeira.

— Bom dia, João — ela disse, com seu sorriso profissional nos lábios. Não afugentaria a presa, não por hora, ao menos. João seria caçado hoje, a primeira vez em toda a sua vida, Julia desconfiava.

— Bom dia, doutora.

— Sobre o que falaremos hoje?

João sentou-se na cadeira de madeira em frente a ela. Agora, assumia um ar mais sério, enquanto Bruno prendia seus tornozelos com algemas.

— Sobre como eu vim parar aqui, doutora. Sobre a última peça do quebra-cabeça.

Ótimo, ela pensou, *estamos alinhados.*



Como eu havia dito na nossa última sessão, eu demorei para assimilar a morte de meu pai. Acho que foi porque nós não nos víamos mais com tanta frequência. É meio estranho entender que você nunca mais irá ver alguém que já quase não vê. É quase como se ficasse algo não dito no ar. Embora, no meu caso em específico, não houvesse nada em especial que eu gostaria de dizer para ele.

Meu pai se foi em uma terça-feira, mas só na sexta-feira senti o golpe.

Não havia trabalhado na quarta nem na quinta, mas na quinta à noite o telefone tocou e a senhora Darci perguntou, com toda a educação do mundo, se eu estava melhor e se me considerava apto a voltar ao trabalho. *Se não der, João, não há problema. Estamos procurando um professor substituto, para que os alunos não fiquem com a matéria atrasada*, ela disse.

Claro que ela deu uma ênfase à palavra substituto, e eu entendi o recado. Ou eu voltava ao jogo, ou estava eliminado. Na mesma hora que aquela velha enrugada terminou sua ameaça eu disse que estaria pronto para

a aula das oito da manhã de sexta e, acredite ou não, eu pensei que voltar a trabalhar seria uma boa. Como já disse, não estava realmente de luto, não ainda, e ficar sozinho em casa enquanto Patrícia trabalhava era realmente entediante. Sentia-me afogando na minha própria miséria.

E nesses dois dias que fiquei sozinho… bem, é como dizem por aí: mente vazia é oficina do diabo. Eu sabia que o meu primeiro encontro com um caçador, na sorveteria Spumoni, fora completamente ao acaso. Apenas o velho e bom Caos e Consequência. Naquele dia, eu apenas observara o homem estranho de terno completo, chapéu e luva, mas duvido que ele tenha me notado. Era apenas mais um pirralho tomando sorvete. Essa é a primeira peça do nosso quebra-cabeça. Mas então, eu adentrei a sorveteria, mesmo após a horrível morte da família Borges. Era apenas um garoto de onze anos em busca de aventura, assim como Carlos, Tadeu e Rodolfo. Nós quatro adentramos naquele prédio, mas apenas três de nós saíram de lá. Brutus estava apenas fuçando as latas de refrigerante e encontrou alguma gosma preta que o deixou louco. Então a primeira morte veio: Tadeu. Logo em seguida, a segunda: Brutus.

Acho que foi nesse dia que eu entrei no radar dos caçadores. Não apenas eu, mas meu grupo de amigos. Nós fuçamos em algo que não deveria ser mexido naquele dia, e os caçadores não iriam nos poupar. Minha casa pegou fogo porque minha irmã Emília estava tentando fazer uma receita no micro-ondas, mas embora ela nunca tenha admitido para mim, eu acredito que o impulso para fazer aquilo não veio dela. Veio do caçador. Talvez ele tenha colocado uma ou duas gotas daquele líquido preto na boca dela, e inspirado ela a cometer aquele delito.

Ninguém morreu naquele incêndio, a não ser a estrutura da minha família. Meus pais se separaram, o resto você já sabe.

Acho que você deve estar se perguntando porque estou fazendo essa digressão, revisando fatos passados. Quando passei aqueles dois dias em casa, com Patrícia trabalhando, eu gastava boa parte do tempo analisando a luva de couro marrom e o caderno. Se antes eu tinha uma fixação por aqueles dois objetos, naqueles dois dias minha dedicação foi elevada à décima potência. Foi quando decidi que precisava falar com alguém. Contar sobre os caçadores. Patrícia estava fora de cogitação. Não podia me dar ao luxo de ela me achar louco. Então pensei em Rodolfo. Poderia ser Carlos também, se ele não tivesse dirigido o carro na contramão e se matado, levando a família junto. Quando eu tomei o café com Rodolfo, ele me deixara um cartão. Na época achei aquilo uma bobagem. A vontade de rever o meu amigo de infância, que se transformara em padre, era mínima.

Eu tinha o cartão guardado em uma caixa de sapatos, liguei para o número de celular. Quem atendeu era uma mulher. Rodolfo havia mudado de número. Mas no cartão também havia o número da Igreja em que ele trabalhava.

Liguei para esse número também.

— Igreja Nossa Santa Fé, em que posso ajudar? — A voz era de uma mulher idosa.

— Eu, ham… — Hesitei por um instante, pensando em desistir de tudo aquilo. — Eu gostaria de falar com o Padre Rodolfo.

Silêncio do outro lado da linha. *Ela foi chamá-lo*, pensei, apertando o meu celular com tanta força que achei que ele iria explodir.

— O Padre Rodolfo faleceu.

— Como? — perguntei de supetão.

Um novo silêncio do outro lado da linha.

— Você é repórter?

— Não. Me chamo João. Sou um amigo de infância de Rodolfo. Ele me passou um cartão com o número de celular e da igreja.

— O Padre Rodolfo pecou, meu filho. Sinto muito. Ele atentou contra a vontade de Deus.

Ela desligou.

Eu imediatamente abri o notebook, sentando no sofá da sala e acendendo um baseado. Ainda era de manhã e o cheiro sairia dos cômodos até Patrícia voltar do trabalho.

O Padre Rodolfo tinha se matado. Havia ingerido uma mistura de álcool etílico, desinfetante e veneno de rato. Agora o círculo estava encerrado, ou quase. Carlos, Rodolfo, Tadeu e Brutus mortos. Só faltava eu.

Pensei em fechar o notebook e tomar um banho. Mesmo na manhã fresca eu suava bicas. Era o estresse. Mas meus dedos foram mais rápidos que meu pensamento, e digitaram no novo nome na barra de pesquisa: Anderson Batista, o meu melhor amigo no ensino médio.

Anderson havia sido assassinado pelo próprio pai com uma chave de rodas após uma discussão sobre as prestações de um Chevette 71.

Meus dedos não paravam.

Kléber havia morrido em um acidente aéreo. Z, o último dos meus grandes amigos do ensino médio, morrera engasgado no próprio vômito após uma noite de bebedeiras. Eu expandi a busca para demais pessoas do ensino médio. Tinha o Caio, com quem conversava sobre filmes às vezes, e o Roberto, que me emprestava uns CDs legais de rock internacional. Os dois estavam vivos e bem, constatei através das redes sociais. Caio morava no Canadá. Roberto tinha esposa, quatro filhos e se tornara advogado.

Havia um círculo, doutora. Tudo que eu tocava morria. Todos aqueles que eram mais próximos a mim, pelo menos. Os caçadores podiam ter acabado com Carlos, Rodolfo e Tadeu, mas comigo eles não seriam tão

diretos. Eles estavam me circundando, como um tubarão faz com a presa antes de devorá-la.

Eu pesquisei um último nome: Rebecca. Ela havia postado uma foto no Facebook dois dias atrás, com um namorado todo musculoso e com cabelo em coque samurai. Não a adicionei. Apenas fiquei feliz por ela estar bem. Mas a perguntava que não calava em minha mente era: até quando?

Quando Rebecca morreria? E como? Acidente de carro? Um tiro na cara? Sua casa pegaria fogo e mataria não apenas ela, mas todos os membros do A.A.? E, claro, a pergunta final: e quanto a Patrícia? Quando seria a vez dela? Aquela pergunta me causa ânsias de vomito. Não que eu morrer fosse fácil, mas ver Patrícia morrer seria pior.

Eu precisava voltar lá.

Na casa daquele caçador.

E matar o filho da puta.

Foi enquanto pensava nisso tudo que a senhora Darci me ligou, sugerindo que eu voltasse a lecionar. Como já disse, pensei que seria uma boa ideia. Claro, eu estava errado. Mas achava que ar fresco me faria bem. Precisava colocar a cabeça nos eixos.

Eu fui trabalhar, e dei a aula das oito. A das nove. Então veio o intervalo. Foi quando eu notei que não tinha trazido o livro de couro marrom. Também não me importei muito com o fato. Não estava com a energia necessária para tentar decifrar um código estranho e ter que discutir com um professor tão velho quanto a porra do Nosferatu pela porcaria do telefone.

Peguei um café e me sentei no meu banco habitual. Sem livro. Sem cigarro. Minhas mãos pareciam tristemente vazias e meus dedos se moviam, ansiosos por algo em que tocar, manipular. Contentei-me com o

café apenas, embora soubesse que Mtsuku, uma japonesa que ensinava biologia, me daria um cigarro de bom grado se eu o pedisse.

Fiquei apenas lá, os olhos na direção da quadra em que os garotos jogavam bola e pulavam como macacos de circo, mas eu não os enxergava realmente. Minha mente divagava para mil lugares, mas não ia a lugar algum. Era estranho. Quase como se eu tivesse perdido a habilidade de formar um raciocínio coerente. Todas as novas mortes que havia descoberto pesavam sobre mim como bigorna.

E então veio a aula das nove e meia. Tudo estava bem. Eu fingia que queria dar aula e os alunos fingiam que se importavam. Era uma turma da sétima série.

Eu estava escrevendo na lousa, desenhando o mapa da Europa, quando notei uma agitação no fundo da sala.

Claro, os rapazes no fundo da sala não conseguiam ficar parados. Se achavam as pessoas mais engraçadas e descoladas do universo e o mundo inteiro precisava parar se eles tivessem algo a dizer.

A risada radioativa de um pivete chamado Vinícius atingiu meus tímpanos. Eu me virei e, pela expressão no rosto dos alunos, deveria estar com uma cara de poucos amigos, pois uma garota ranhenta que fazia anotações com uma caneta de pompom rosa se afundou na cadeira.

Os garotos do fundo demoraram alguns segundos a mais para perceber que eu havia me virado, e quando finalmente notaram que o mundo não terminava a dois passos do próprio umbigo, eles se empertigaram nas cadeiras. Eu vi Vinícius colocar algo no meio do caderno com um movimento bruto e urgente.

Não sei o que deu em mim. Lembre-se, eu não estava conseguindo formular uma linha de raciocínio que prestasse naquele dia. E eu comecei a andar em direção ao fundo da sala.

Todos os olhos estavam em mim. Claro, eu era o professor. Os alunos poderiam rir por dentro quando algum professor dava um chilique ou passava um sermão, mas eu não estava prestes a dar um sermão, eu estava prestes a explodir e acho que todos sabiam.

Caminhei a passos largos, meus movimentos eram grandiosos e violentos. Vinícius me encarou com os olhos esbugalhados quando eu parei em frente a carteira dele.

Eu não disse nada, apenas estendi a mão.

Ele ficou parado, me analisando, o corpo tremendo, esperando que eu mudasse de ideia.

Eu dobrei os dedos, encostando minhas digitais nas palmas.

Me dê essa porra, fedelho.

— O que você quer, senhor João? — Ele tinha um sorriso nos cantos dos lábios. Era um sorriso sacana, de quem achava que podia me enganar. — Não tem nada aqui.

Eu peguei o caderno dele, que tinha um homem surfando na capa e caminhei de volta até a minha mesa.

— Nada? — indaguei, quase berrando.

Chacoalhei o caderno e, como esperado, algo deslizou por entre as páginas e caiu em cima da minha mesa. Era um bilhete. Eu o peguei.

— Quem escreveu esse bilhete? — perguntei, após lê-lo. — Foi você, Vinícius?

Agora a turma do fundão estava em pânico, os rostos vermelhos como pimentões.

Eu pigarreei, como um grande ator faria antes de começar o monólogo em sua peça, e disse:

— *Vocês viram a cor da calcinha da Camila no intervalo? É verde-limão, que nem os picolés que eu costumo chupar* — eu disse em uma voz

infantilizada, então reassumi meu tom adulto. — Aliás, chupar é com ch e não com x. Acho que uma prova de português pode determinar o culpado.

Camila se levantou, apenas uma criança de treze anos com os cabelos castanhos presos em formato de trança, e foi correndo até o banheiro.

Eu vi a amiga dela, uma gorducha que mais parecia um saco de batatas, me olhar com ódio.

— Vou contar para o meu pai isso que o senhor fez! — disse Pedro, um dos amigos de Vinícius.

Bingo, temos um culpado.

Eu me aproximei dele, amassando o bilhete com tanta força que minha mão estralava.

— Pedro, preste muita atenção no que eu vou dizer agora, seu merdinha imprestável. Eu quero que seu pai se foda.

A sala era uma tumba. Nem em dias de prova havia tanto silêncio.

E então veio um barulho úmido. Parece insano, mas a primeira coisa que eu me lembrei foi de mim e de Patrícia perdendo a virgindade na cachoeira. Mas na verdade era Rafael quem estava se mijando nas calças e a urina escorria pela barra e caía no chão formando uma poça.

Aquilo me trouxe de volta à realidade.

O que eu estava fazendo ali? Fazendo crianças chorarem, lendo bilhetes sexuais de moleques que mal haviam entrado na puberdade. O Rafael, o pobre Rafael que não fazia mal a uma mosca, estava se mijando.

Como eu iria explicar tudo aquilo para os pais daquelas crianças? Ou para a senhora Darci? Como justificar o quão escroto pra caralho estava sendo?

Eu entendi a profundidade de meus atos. Havia dado um passo sem volta.

O sinal tocou, e os alunos se levantaram. Era na troca de professores que os alunos podiam usar o banheiro. Normalmente dois ou três alunos saíam da sala, mas naquele dia houve uma debandada geral. Todos saíram, como uma manada de zebras fugindo de um leão.

Eu fiquei sozinho na sala, apenas com a urina morna de Rafael a me fazer companhia. Em questão de minutos alguém viria até mim. Um professor, ou pior, um segurança, por isso decidi não esperar.

Peguei a minha pasta e fui até o meu carro.

Quando dei a partida meus olhos estavam úmidos. Sentia-me a pior pessoa do universo, como se tivesse cometido um assassinato ou pior.

O lógico seria eu ir para a minha casa, ou talvez parar no hospital e conversar com Patrícia. Mas assim que o sinal ficou vermelho e eu parei, abri o meu porta-luvas e lá estava: um cigarro de maconha pronto para ser fumado. Precisava acalmar os nervos.

Eu dirigi até a praça. Estava vazia antes do almoço, apenas com alguns entusiastas que corriam.

Fui até o meu banco. Aquele em que conheci Patrícia, aquele em que descobri que Emília tacara fogo na minha casa. Sentei-me e acendi o cigarro. O mundo dá voltas, as pessoas dizem. Bem, para o inferno com elas.

Assim que senti a onda bater eu pensei nas crianças que havia deixado amedrontadas. Por um lado, o que eu tinha feito era horrível. Por outro lado, elas iriam sobreviver, porra. Na idade-média garotos com dez anos eram reis. Crianças com doze anos casavam e aos treze já tinham membros mutilados. Será que um bando de ranhentos do século vinte e um não aguentava um leve esporro?

E uma ideia se formou em minha mente. Talvez o primeiro e único grande pensamento que eu tive naquele dia. Eu havia sido um monstro com

aquelas crianças, mas elas tinham permanecido sentadas até que o intervalo tocasse. Será que se eu repetisse o massacre da universidade com aqueles fedelhos eles iram esperar o sinal tocar também?

Provavelmente sim. O Miguel Arcanjo forma alunos disciplinados. Eu disse essa última frase na voz da desprezível senhora Darci.

É muito errado se eu disser que comecei a gargalhar?

Mas logo vieram as lágrimas de novo. A culpa… e meu pai. Agora eu entendia. Ele se fora. Adeus. Até nunca mais.

Eu não sei por quanto tempo fiquei lá. O sol já estava a pino quando meus olhos estavam vermelhos e minha cabeça estava latejando. Eu pensei que precisava de um almoço, que provavelmente já se passava do meio-dia, quando percebi que havia alguém sentado ao meu lado.

Isso é um sonho. Só pode ser isso, ou uma alucinação.

Era um caçador.

João olhou para o relógio. Os tics e os tacs monótonos eram o único som na sala naquele momento. Julia acompanhou o olhar dele.

— Acho que nosso tempo acabou por hoje, doutora.

— Não — disse Julia, cruzando os braços. — Continue.

João abriu a boca, para dizer algo. Parecia consternado. A porta do consultório foi aberta, Bruno e Antônio vieram por detrás dela, pontuais como um relógio suíço.

Hoje isso acaba, ela pensou novamente.

— Olá, rapazes. Podem cancelar o resto das consultas de hoje. Vou precisar continuar a sessão com João.

Antônio olhou para Bruno por detrás dos seus óculos gordurosos de armação de aviador. Bruno retribuiu o mesmo olhar intrigado.

Julia sabia o que eles estavam pensando. Aquele tipo de quebra de protocolo não existia no Manicômio Judiciário Presidente Prudente.

— Eu não sou seu secretário — disse Bruno, mal-humorado, enquanto coçava o nariz.

Julia olhou para Antônio, e viu o senhor de meia ideia se encolher um pouco, desconfortável com o tom afrontoso que a situação ganhava.

— Está bem, dona Julia — ele disse, limpando os óculos na camisa branca —, mas a senhora sabe como o diretor é, vai ficar uma fera se descobrir.

Ela deu de ombros, e então um sorriso se ampliou em seus lábios pintados de batom bege. Antônio suspirou, e voltou por onde veio. Bruno deu um tapa no ombro de João e disse:

— Acho que você está encrencado.

João reagiu ao tapa, dando um pulo na cadeira e só relaxou a postura quando Bruno saiu e fechando a porta atrás dele. Mas os olhos de João continuavam nervosos, vagueando de um lado para o outro da sala.

— Doutora, eu não sei se posso ficar aqui. Tenho uma rotina a seguir.

Qual o problema, João? Não conseguiu bolar o resto da sua história ainda? Ou vai perder o telefonema marcado com o homem que contratou para me amedrontar?

— É mesmo? — ela disse, mordendo a ponta da caneta. — Vai perder o chá com a Rainha da Inglaterra, por acaso?

João riu. Não era um riso de diversão, mas sim um misto de nervosismo e puro medo. Estava fora do livrinho de boas práticas diminuir os pacientes, Julia sabia disso, assim como sabia que quebrar a rotina de pacientes mentalmente instáveis poderia gerar resultados catastróficos. Ela ponderou tudo isso, e então um único pensamento tomou conta de sua mente.

Foda-se.

— Estou aguardando, João — ela disse, cruzando as pernas.

A bochecha de João repuxou. Os olhos finalmente se depositaram nela.

— Está bem, vou continuar doutora, só me avise quando devo parar.

— Não vou pedir, João. Eu quero ouvir tudo. Até o final.

João a encarou, como se perguntasse se ela tinha certeza de que queria ir até o final.

Ela retribuiu o olhar.

Vamos logo com isso, pensou Julia.

João inspirou, como se tomasse um longo fôlego antes de submergir uma última vez no seu oceano particular de memórias.

E então continuou a história de sua vida. Até a última peça do quebra-cabeça.



Como eu havia dito. Estava no banco da praça, remoendo as memórias recentes, quando alguém se sentou ao meu lado no banco.

Um caçador.

— Não faça nada estúpido, João.

A voz dele era antiga, pacífica e quase sem energia, como se ele não passasse de um velho cansado.

Não se esqueça da velocidade com que ele se moveu, eu disse para mim mesmo, observando-o. Meu coração começou a galopar em meu peito. Minhas pernas ficaram tão moles quanto geleia. Naquele momento de pânico, eu não conseguia afirmar se ele era o caçador que eu vira na minha infância, ou o que me deparara em Foz do Iguaçu. De repente, todos eles pareciam iguais. Clones de um homem velho e careca, com olhos negros

cheio de morte. E o rosto… ele não era feito de pele e carne. Agora eu tinha certeza. Parecia feito de cera orgânica, nem sei se isso existe de fato, mas era a sensação. Como uma máscara muito avançada, mas que se você olhasse muito de perto saberia que era apenas isso. Um disfarce para outra coisa.

Eu observei o casaco de lã cinza dele. Estava um dia quente, mas o homem não parecia transpirar. Sua pele não tinha poros.

Ele sabia o meu nome, mas isso não me surpreendeu. Eu sabia muitas coisas sobre eles, nada mais natural que eles pesquisassem sobre mim também.

A droga ainda fazia efeito em meu organismo, tinha certeza de que meus olhos estariam vermelhos e vidrados, mas a adrenalina começou a expurgá-la do meu sistema. Logo eu estava tão sóbrio quando um padre católico.

O homem se virou para mim e me analisou com seus frios olhos negros. Tirou o chapéu coco e o girou com as pontas dos dedos pela aba. Eu vi os dedos dele se moverem em ângulos impossíveis, como se fossem vermes se debatendo, tentando escapar daquele enclausuramento.

O sol vinha em pequenos fragmentos, passando pelos vãos entre galhos e folhas, iluminando-nos em pontos específicos. Eu olhei para o restante do parque, vi pessoas caminhando e fazendo piqueniques. Mas todas elas pareciam distantes, como se pertencessem a um mundo de ficção.

Ele permaneceu calado por algum tempo, quando percebeu que eu não fazia menção de dizer uma palavra que fosse — mas também não fazia menção de levantar — ele disse:

— Sabe, naquele dia que você apareceu na minha casa… você me assustou, garoto. Devo admitir isso.

Eu sorri ao ouvir aquela frase. Pode parecer tolice, mas saber que eu o havia assustado me deu um certo prazer.

— Você tem um nome? — perguntei, finalmente rompendo o silêncio. A minha voz saiu trêmula. De repente, tudo que eu queria era fumar um cigarro.

O caçador olhou a copa das árvores se moverem ao sabor do vento e então me respondeu sem olhar diretamente para mim.

— Sim. Mas o meu nome não significa nada. Ricardo, Carlos, Rodolfo, Tadeu… tanto faz.

Eu registrei a ameaça sutil naquela frase. Ele poderia ter citado quaisquer nomes para provar o seu ponto, mas ele citara o nome do meu pai e dos meus amigos do ensino fundamental, todos mortos.

— Me diga, João, como você me chamava? — ele perguntou com aquela voz velha e cansada, como a de um doente em estado terminal, e olhou diretamente para mim. Os olhos, feito dos buracos negros gêmeos fizeram meu sangue congelar.

— Caçador de sofrimento número três — respondi.

O nome arrancou um sorriso fraco do rosto do homem. Talvez uma pessoa normal gargalhasse, batendo a palma da mão na coxa com força, mas tudo que aquele homem se permitia fazer era um sorriso blasé.

— Eu achava que você só havia se encontrado com outro de nós. Não com dois.

— Não pessoalmente — eu disse, incomodado por saber o quanto ele sabia sobre mim. — Foi pelas fotos. Vocês aparecem em algumas. Pinturas também.

Sua expressão desabou e seus olhos negros se esbugalharam, espantados. Pensei que ele fosse me agredir. Mas havia um pai com dois

filhos jogando futebol a alguns metros de nós, pensei que isso poderia garantir minha segurança. Ao menos por enquanto.

— Por que, João?

Eu não havia entendido a pergunta, embora tivesse detectado raiva nela.

— Não entendi a pergunta.

— Por que você não nos ignorou simplesmente? Por que nos seguiu? Por que toda essa fixação?

— É para isso que você veio conversar comigo? — perguntei, fitando as luvas de couro dele. Que mistérios haviam por debaixo delas? Como que notando o olhar, os dedos de verme se agitaram.

— Não banque o tolo tentando adivinhar os meus atos — ele disse.

Eu fiquei em silêncio. Parte de mim queria levantar e sair correndo. Meu coração batia forte, a droga saía do meu corpo pelo suor a escorrer dos meus poros. Porém, eu sabia que aquela era uma chance única.

— Responda a minha pergunta! — ele disse. A voz não parecia mais cansada, havia um vigor nela, uma energia misteriosa.

— Vocês mataram a família Borges. Mataram Tadeu, mataram o meu cachorro — enquanto enumerava aqueles atos eu me enchia de raiva no seu estado mais bruto —, incendiaram a minha casa, causaram um massacre na minha universidade. Que tal tudo isso, seu velho de merda?

— Nós nunca puxamos o gatilho, João. Quem faz isso são vocês — ele pronunciou *vocês* de modo estranho, como se referisse a toda a raça humana e se excluísse dela.

— O que é você? — perguntei.

— Não existe nenhum bom motivo para eu te contar algo, garoto.

Ah, mas existe, pensei. Eu tinha algo que ele queria.

— Se você quiser o seu caderno de volta, terá de…

— Você não o tem — ele disse, e o mesmo sorriso blasé voltou para aquele rosto. — Não nesse momento, pelo menos.

Eu vasculhei os bolsos da calça jeans instintivamente. Não. Não estava lá. Teria ele pegado o caderno de couro marrom enquanto conversávamos? Então eu me lembrei… não tinha levado ele para a escola hoje, por isso não fizera nada no intervalo. Ele estava em casa ainda.

— Deve estar na rua Jacinto Pereira, número cento e oitenta e nove, apartamento 211. Não é mesmo?

— Você nunca vai chegar na minha casa antes de mim! — exclamei, estarrecido, sem ideia se aquela afirmação era ou não verdadeira.

— Eu não preciso chegar lá antes de você, garoto. Eu trouxe um amigo, aquele que você conheceu na infância, e ele já está na sua casa. A única dúvida que tenho é: será que Patrícia também estará lá?

O sorriso blasé se transformou em algo mais, os dentes se mostraram em um contrair perverso de lábios. Eu olhava para o rosto de um tubarão.

Levantei-me e fiquei de pé de frente a ele. Queria que o gesto o amedrontasse. Mas o caçador permaneceu sentado. Inabalável.

— Você tem uma dessas também, não tem? — ele perguntou, observando a própria luva. A mão estava com os dedos espalmados, como se esperasse um *high five* meu. Então os dedos oscilaram. Podiam ser feitos de carne. Mas não havia ossos ali. Disso eu tinha certeza.

— Tivemos uma boa confabulação, João. Quer ver o que existe por debaixo da luva?

De repente, a ameaça anterior que o caçador fizera, de que havia um deles invadindo o meu apartamento naquele exato momento, foi soterrada no fundo da minha mente. Toda a minha atenção estava na mão envolta pela luva de couro marrom e pelos dedos estranhos que balançavam dentro dela.

Com a outra mão, o caçador puxou a luva pelo dedo médio. Ela saiu com facilidade.

Eu observava tudo aquilo, calado. Entrara em uma espécie de transe, e o caçador era meu encantador.

Assim que ele retirou a luva, eu observei o que havia dentro dela. Eram dedos gordos e anelados, como o corpo de verme. E os dedos, se é que poderia chamá-los assim, estavam envoltos em uma substância preta e viscosa como piche. *Foi isso que Brutus encontrou na sorveteria naquele dia*, pensei.

Os dedos foram para frente, dobrando-se até o centro da mão, e então se envergaram para trás, tocando o dorso dela.

Os olhos negros me observavam sem vida, mas o sorriso blasé se ampliara, como se ele tirasse prazer daquele momento.

O que há por detrás? eu pensei, observando aquela mão. *O que há por detrás da máscara que você sustenta, caçador?*

Ele foi rápido. Levantou-se do banco sem nem ao menos pegar impulso ou firmar os joelhos. E então encostou a mão dele no meu rosto. Eu senti os dedos gordos e anelados passarem pelas minhas bochechas, debatendo-se como criaturas selvagens, e o dedo médio entrar na minha boca. E então minha língua, dentes e tudo o mais foi preenchido por aquele líquido pestilento e negro como petróleo.

Foi uma espécie de conexão. Acho que no mundo real não durou mais que um segundo, mas na minha mente aquele momento perdurou por *éons*.

O mundo escureceu à minha volta, mas não me importei. Só queria que tudo aquilo acabasse. Que o caçador colocasse sua luva e fosse embora.

A escuridão me envolveu em seus braços.

Eu acordei com um cão vira-lata lambendo a minha cara. O dono dele era um mendigo que parecia se divertir com a cena.

— Você está bem? — o mendigo perguntou. Usava uma camisa amarela de um vereador da cidade e possuía apenas cinco dentes na boca. Ele fedia a mijo. — Você tá muito arrumadinho pra ser morador de rua.

Minha mente latejava. Eu rebobinei os últimos fatos em pequenos fragmentos: *o caçador que viera ao meu encontro… o surto que tive na sala de aula… os dedos… céus, os dedos de verme tocando meus lábios e injetando aquele líquido escuro dentro de mim… e o gosto do líquido… azedo e vil.*

— O homem — eu disse, sentando no chão. — O homem que estava aqui, para onde ele foi?

— Não vi ninguém com você. Quando cheguei você tava todo estatelado — ele disse, acariciando o cachorro preto e magro.

Eu me levantei de forma abrupta, meus joelhos fraquejaram e quase caí novamente. Apoiei-me no banco. A minha testa suava e minha camisa estava úmida e molhada.

A família jogando futebol não estava mais lá. Por quanto tempo eu havia ficado desacordado?

Saí em disparada na direção do meu carro, ignorando o mendigo que dizia para eu convidá-lo para a próxima vez que fosse beber daquele jeito.

Entrei no carro e dirigi na direção da minha casa. Agora todos os fatos recentes estavam em seu devido lugar na minha mente. Será que os caçadores tinham pegado o caderno de volta? Agora estava claro para mim, era esse o motivo da conversa. Ele queria analisar se eu estava com o caderno ali ou não. Se estivesse, provavelmente me mataria — e nada me garantia que ele não tentara, com aquele truque da luva.

Esmurrei o volante, furioso. Como pude ser tão ingênuo? Deveria ter saído correndo no momento em que ele me abordou.

Cheguei em casa vinte minutos depois. Nem sequer estacionei o meu carro em uma das vagas, simplesmente o deixei no meio fio.

Peguei o elevador e apertei o botão com fúria. Enquanto ele fazia sua subida, me observei no espelho. Meu cabelo estava um caos, parecendo um ninho de passarinho. Meus olhos estavam com apenas um resquício da vermelhidão da maconha. E meus lábios… eles estavam escuros, como se finalmente tivesse tomado o sorvete do meu pesadelo com a família Borges.

As portas deslizaram, e me vi no hall do meu apartamento. Haviam dois apartamentos por andar e o meu era o da esquerda. Fui até a porta e toquei a maçaneta. Estava destrancado.

Ele ainda está aqui.

Meu coração bateu mais forte. Os músculos rígidos como cabos de aço. Tirei os meus sapatos para não fazer barulho e entrei em casa.

Caminhei a passos leves. Havia um barulho na cozinha. Louça, atrito, vidro se chocando. Ele estava lá. O filho da puta estava vasculhando a minha casa atrás do caderno de couro marrom.

Assim que entrei na cozinha, eu o vi de cócoras, mexendo em um armário embaixo da pia. Tudo que eu via era o chapéu e o casaco, que se espalhava pelo chão.

Sem confabulações dessa vez, pensei, e então: *você vai pagar por Tadeu e Rodolfo e Carlos e Brutus e todos os demais.*

Em cima da pia havia um jogo de facas que eu e Patrícia ganhamos de casamento. Elas ficavam fincadas em um móvel de plástico negro. Dava para reconhecer cada uma das facas pelo cabo. Eu peguei a maior. O metal reluziu na luz da cozinha. Meus dedos apertavam o cabo de madeira com tanta força que os nós dos meus dedos estavam brancos.

Eu poderia dizer que todo o meu ímpeto em assassiná-lo residia no fato de que eu buscava vingança. Mas isso não seria totalmente verdade. Quando o caçador me tocou no parque, depositando seu veneno em mim, uma espécie de conexão se formou em nós — uma via de mão dupla — e eu entendi o que *eles* eram de fato. E aquilo não merecia viver. Não tinha o direito de caminhar entre nós, fingindo ser algo humano.

Eu enfiei a faca no pescoço, um pouco abaixo da orelha, mirando a veia que saltava. A arma entrou com facilidade, e sangue jorrou da ferida. Ele tentou se erguer, mas caiu de lado, pego de surpresa pelo golpe.

Eu não hesitei.

Cravei a faca novamente, desta vez no estômago. Ali era mais fácil. Mais macio.

E a faca desceu mais uma vez. E outra. E outra.

Foi a quarta facada que foi a fatal, o legista diria depois, pois acertara o pulmão, mas levaram onze facadas para que eu percebesse que era Patrícia quem estivera lá o tempo todo.

Ela tombou no chão, a camisa branca tinha buracos pelos quais seu sangue escorria. Não houve sequer um olhar de adeus, ou um pedido de desculpas da minha parte. Ela já não estava mais lá.

Como aquilo era possível? Eu havia visto um caçador ali, o casaco escuro, o chapéu… seria impossível confundir aquilo com a minha esposa.

Eu olhei em volta, transtornado. Procurando me afastar. Haviam ingredientes em cima da pia, do lado do faqueiro onde havia pegado a arma fatal. Carne moída, queijo, pimentões e massa de lasanha. Por isso Patrícia estava agachada embaixo da pia. Ia pegar a vasilha para fazer lasanha. Como eu não tinha visto tudo aquilo?

Eles me enfeitiçaram, pensei. *Foi quando ele me tocou. Era isso que ele queria… não a porra do livro, mas isso. Ele queria o meu sofrimento.*

Levantei a faca novamente, dessa vez mirando a minha própria garganta. Eu matara Patrícia. Agora merecia morrer. Essa lógica era simples e cruel.

Ainda segurava a faca na mão quando ouvi o som da porta da escada de emergência se fechar no corredor do prédio. *Eles estavam aqui o tempo todo, vendo eu matar Patrícia.*

Saí em disparada pelo corredor e alcancei o hall. Abri a porta da saída de emergência. A luz levou alguns segundos para se acender.

— Aconteceu algo?

A voz me pegou de surpresa. Eu me virei, empunhando a faca, e vi Jonas. Um senhor de cabelos grisalhos, com sacolas de mercado em mãos, que vivia no apartamento ao lado.

Pensei em matá-lo e fugir. Pensei em me matar também. Minha mente se afogava em um mar de sangue.

Meus joelhos cederam e eu comecei a chorar, ainda segurando a faca. Só a soltei quando um policial a tirou da minha mão, quinze minutos depois.



— E o caderno de couro marrom tinha realmente sumido. Sei disso porque pedi para que minha mãe o pegasse para mim, depois que fui preso. Eles realmente estiveram no meu apartamento — disse João, com lágrimas nos olhos. — Foi assim que eu vim parar aqui, doutora. Eles me enganaram direitinho.

As falsas lágrimas não ludibriariam Julia.

— Isso não é tudo — disse ela, em um tom de voz firme.

João a encarou, surpreso.

— Claro que é, eu…

— O que você viu, João? Quando tocou o caçador.

— Você não quer saber — ele disse. A voz subindo de tom. Com as mãos presas na camisa de força, as lágrimas desciam pelo rosto como gotas de orvalho.

— Sim, eu quero, João. — Ela se inclinou para frente. — O que você viu?

— Se eu dissesse, você ficaria apertando seu botão vermelho do pânico até o dia do Juízo final, doutora.

Julia encarou o botão depositado no seu colo e o arremessou contra a parede. Queria que o aparelho se espatifasse, mas ele apenas se chocou, abrindo uma lasca, e caiu no chão, quicou e foi parar atrás da cadeira dela.

— Acho que você precisa de uma dessas — disse João, balançando-se dentro da camisa de força, provocativo.

— Me conte, João — ela disse, aproximando-se dele. Os saltos dos sapatos estalavam contra o piso de cimento queimado.

— Não me faça voltar a essas memórias doutora. — Ele assumiu um aspecto manhoso, curvando-se para dentro de si. — Eu já te contei tudo que podia. Essa é minha história. É esse o motivo de ter sido internado aqui.

Cansei de joguinhos mentais.

— Quem você contratou, João? — Julia perguntou. Não havia mais razão de fazer rodeios. Ela ouvira tudo. Como ele havia perdido o imbecil do cachorro, como perdera o cabaço, como tinha se drogado, como sobrevivera a merda de um massacre e como matara a própria esposa. Agora, ela precisa ouvir porque ele estava tentando enlouquecê-la.

Ele a encarou, franzindo o cenho.

Você não ganharia um Oscar por essa atuação, ela pensou.

— Quem você contratou para me assustar, João?

— Do que você está falando?

Teve vontade de arremessar a sua prancheta contra a testa de João, mas ela deixara o objeto na sua cadeira.

— O homem que vem me importunar à noite. — Ela apontou um dedo acusatório para ele. — Quem é? Quem é o homem que fica parado em frente à minha casa me observando dormir?

Então João pareceu compreender tudo. Os olhos molhados em lágrimas pareceram faiscar. A boca se abriu e fechou duas vezes antes que ele conseguisse falar.

— Eles voltaram, doutora. Eles estão… — Os olhos de João vaguearam de um lado para o outro. Ele se levantou da cadeira, fazendo-a cair para trás. A corrente que prendia seus tornozelos se chocou contra o pino de ferro fazendo um som alto. — Eles querem te pegar. Droga, eu falei demais. Deveria ter ficado quieto. Deveria ter ficado quieto.

— Parece com os joguinhos mentais, João — Julia disse, cruzando os braços. Não recuaria. Tinha que acabar com aquela palhaçada. — Quem é? Eu vou chamar a polícia se for preciso!

— Não seja estúpida! — ele explodiu. Daquela distância, Julia podia sentir seu bafo. — Eles estão atrás de você, doutora. Eu falei demais. — Ele meneava a cabeça de um lado para o outro, como se estivesse em negação. — Falei demais.

Julia não estava engolindo todo aquele terror psicológico. Sim, quando via um homem no meio da madrugada aquilo a assustava e ela poderia chegar a cogitar sobre os caçadores serem reais. Mas ali, na sala do seu consultório, vestida de social e com o seu diploma de doutorado pendurado na parede, a história era outra.

Ela já sentira muita coisa sobre os seus pacientes. Pena, medo, asco. Mas naquele momento foi a primeira vez que ela sentiu raiva.

Julia empurrou João pelos ombros com as palmas das mãos. Como ele tinha a corrente a limitar os tornozelos, ele caiu para trás, batendo a nuca contra o chão.

— Me mate… eu não quero mais sofrer… — disse João, gemendo. — Não quero mais…

— Está tudo bem, doutora? — perguntou Antônio, entrando acompanhado por Bruno. Os dois observavam a cena com visível espanto.

Julia recuou. Estava agredindo um paciente. Meu deus do céu. Aquilo podia arruinar a sua carreira.

— Sim — disse Julia, se encolhendo no canto da sala. — Só o levem embora.

Bruno abriu o cadeado que prendia João pelos pés e tentou fazê-lo se levantar, mas ele se debateu como um peixe fora d'água.

— Do jeito difícil então — Bruno disse, e tirou a seringa do bolso.

Ainda caído no chão, João fitou Julia por detrás dos olhos marejados e disse:

— Eles voltaram, doutora. Minha vida está em suas mãos.

Bruno aplicou a injeção e João desvaneceu.

Julia estava deitada na sua cama. As lágrimas haviam cessado agora, contudo, as bochechas permaneciam úmidas e os olhos ardiam um pouco. Queria que Mathias estivesse ali com ela. Precisava conversar com alguém. Estava confusa. Por que havia agredido João? Não que ele não merecesse, afinal, ele havia contratado alguém para assustá-la, havia assassinado a própria esposa a facadas brutais, e Julia desconfiava que ele mesmo havia ateado fogo na própria casa quando era apenas uma criança. Mas a questão não era *ele*, mas sim *ela*. Ela era uma psiquiatra, não podia sair por aí

batendo em seus pacientes. Poderia perder a sua licença por causa disso. Sua profissão!

Amanhã eu vou prestar queixa. Ela pensou, enfiando a cabeça no travesseiro e tentando dormir. *Vou até a delegacia fazer um boletim… é o único jeito que eu tenho de me resguardar.*

Julia teria uma tarefa no fim de semana. Pesquisaria se todos os amigos de João estavam de fato mortos. Apenas o nome não seria o suficiente, mas João dera especificidades sobre as mortes. Aquilo deveria ajudar.

O sono não vinha. Ela pensava em várias coisas ao mesmo tempo. Pensava em se pesar para ver se continuava a perder peso, pensava porque Mathias estava demorando tanto naquele dia, pensava no que Caio, o chefe da segurança, faria se soubesse que ela agredira um paciente. E, acima de tudo, ela pensava na janela do seu quarto. Mais especificamente, no que poderia haver do outro lado da rua.

Era uma noite fria e chuvosa, muito parecida com a primeira vez que ela avistara o caçador. *Não, me recuso a usar essa palavra. Algum amigo de João, provavelmente alguém do ensino médio.*

Ela se levantou e se arrastou por sobre a cama até ficar bem próxima da janela. Puxou a corda da persiana, abrindo-a, e olhou para o estacionamento descoberto abaixo do prédio.

Seus olhos avermelhados varreram o estacionamento, passaram pela grade e foram até a estrada e a floresta além dela.

Não havia ninguém lá. Apenas pingos de chuva que batiam contra os capôs dos carros no estacionamento e contra as copas dar árvores mais além.

Claro que não há ninguém. João deve ter ligado para quem quer que fosse e avisado que o seu plano não estava funcionando. Eu não estava

acreditando nessa ladainha de caçadores de sofrimento.

Ela ficou com orgulho de si mesma. Sim, a atitude que tivera era lastimável e cruzava a linha entre médico e paciente, porém, João a cruzara primeiro.

Voltou para a cama, deixando a persiana aberta. As gotas se chocando contra o vidro de modo preguiçoso. Havia uma questão que estava ignorando durante todo esse tempo. Talvez, para João, tudo estivesse acertado. Ele contara a história da sua vida para ela. Porém, para o hospital, não havia nada concluído. João não tinha regredido no seu caso de esquizofrenia e, enquanto não estivesse apto para deixar o hospício, ele continuaria sendo seu paciente.

Julia e João estavam ligados, por mais que ela odiasse admitir isso.

O boletim dará conta disso… assim que eu disser que João está tentando me assustar, o hospital me liberará de minhas obrigações para com ele. E talvez… bem, talvez ele saia de lá e vá para uma prisão de verdade, apodrecer pelo resto da sua vida.

Julia sorriu com a ideia. E então enxugou as lágrimas de seu rosto. Não havia por que continuar chorando. João não merecia as suas lágrimas.

O telefone celular dela tocou.

Julia quase saltou da cama com o susto. Ali, no escuro do seu quarto, o toque do celular parecia a sirene de um abrigo antibombas sendo disparado. Levantou-se e pegou o aparelho na mesa de cabeceira. A primeira coisa que notou foi a hora. A segunda foi que o número era desconhecido. Quem ligava para ela às 23 horas?

— Pois não? — ela disse.

— Olá.

Julia estranhou a voz do outro lado da linha. Ela parecia velha, mas não apenas isso, parecia sem energia, cansada.

— Quem está falando?

— É com a doutora Julia que eu estou falando? — perguntou o homem, ignorando a pergunta dela.

Aquilo a irritou um pouco, mas estava tarde demais para fazer joguinhos.

— Isso. Com quem eu estou falando?

— Aqui é do Manicômio Judiciário Presidente Prudente — disse o homem, com seu timbre inabalável.

— Aconteceu algo? — perguntou Julia, um pouco abalada.

O manicômio nunca ligava. Muito menos no meio da noite. Ela lidava com loucos e não com uma usina nuclear.

— Estou ligando para avisar que o seu compromisso das nove está desmarcado — disse o homem.

Aquela voz… o que havia de errado com ela?

Com quem eu estou falando? O homem disse que era do manicômio, mas não se identificou. E eu tenho o número do manicômio salvo no meu celular. A não ser que ele esteja ligando de um dos orelhões na sala de convivência.

Julia conhecia pouco dos profissionais do turno da noite. Havia Jaime, um enfermeiro que às vezes trabalhava no turno da manhã, mas era apenas isso que ela tinha de informação. O resto era uma caixa preta.

— Por quê? Estão realocando João? — Julia perguntou, sem se esforçar para esconder o alívio na sua voz. Ele apertava o celular com mais força agora.

Talvez a notícia de que ela tivera um momento ruim com João já tivesse chegado aos ouvidos certos, e a diretoria havia resolvido designar um novo psiquiatra para ele. Não seria algo extremamente chocante, dado

que Julia só estava com ele a cerca de dois meses e o psiquiatra antes dela havia sido enviado para o hospital após ser agredido.

Será que era o diretor adjunto que ligava para ela? Ela o conhecera na semana de treinamento, anos atrás. Era um homem calvo e que não sorria muito. Seu nome é Rogério. Julia nunca mais o vira desde então.

Com certeza aquela voz pertencia a alguém velho o bastante para ocupar tal cargo, e a falta de preocupação em se identificar assinalava que estava conversando com alguém importante. *Mas por que o diretor adjunto me ligaria às 23 horas para dizer que não terei uma sessão amanhã com João?*, ela pensou.

— Sim, João foi transferido… — Julia sorriu ao ouvir o homem dizer aquilo. — Para o necrotério.

Aquilo a atingiu como uma pedrada no estômago. João estava morto? Se sim, aquilo só poderia ser um serviço de Caio e sua equipe de segurança. Ele deveria estar buscando vingança desde a vez que Julia o ameaçara no refeitório.

— Como assim?! — Sua voz estava estridente e incrédula agora. O sorriso em seu rosto desapareceu. — Eu exijo saber exatamente o que aconteceu.

— Ele quebrou o vaso sanitário e cortou os pulsos com um pedaço da porcelana — disse o homem com uma frieza inabalável.

— Que horas? Como?

— Eu não tenho os detalhes, doutora.

— E quem tem os detalhes?! — ela berrou, inconformada.

— Eu não sou policial, doutora, durma bem.

— Quem… — Julia hesitou, estava claro para ela que um diretor adjunto não ligaria para passar uma nota de óbito. — Quem é você?

Houve silêncio do outro lado da linha. Julia podia ouvir a eletricidade estática e o som da própria respiração. Sentia seu coração batendo forte contra o peito e o abdômen se contraindo conforme respirava cada vez mais rápido. Cada gota contra a janela parecia tão forte quanto uma pedra arremessada. Ela desejou acender a luz do quarto, mas não conseguia se mover.

— Doutora — começou ele, vagaroso, com o mesmo tom blasé —, eu quero a minha luva de volta.

A ligação foi encerrada.

Julia deixou que o celular caísse por entre suas coxas nuas. Levantou-se de um salto e foi até a janela. Nem sequer pensou no que estava fazendo. Puro instinto.

Do outro lado da rua, em meio a floresta densa e escura, ela pôde divisar uma luz branca e fraca. Ela era quadrada e pequena, do tamanho da tela de um celular.

Então a luz se apagou.

Julia caiu no chão, com as nádegas encostando no piso frio. Sua respiração acelerou e seu peito começou a doer. Ela levou os dedos trêmulos até os lábios e conteve um grito de pânico.

Não fora possível ver muito com aquela escuridão, mas tinha certeza. Era ele, o caçador, que ligara para ela do outro lado da rua. Ele a observava enquanto falava com ela ao telefone.

Não é um amigo de João me pregando peças. Aquela voz… não é a voz de um homem de trinta e poucos anos. É uma voz antiga.

Só havia um jeito de ter certeza, e era ligando para o hospital. Seus dedos trêmulos tatearam pelo display do celular, mas ele acabou caindo das suas mãos no chão. *Perfeito*, ela pensou, ao notar que a tela trincara um pouco.

Enquanto ela selecionava o número do Manicômio Judiciário Presidente Prudente no celular com a tela trincada, a porta do quarto se abriu. Uma silhueta pairou por um instante no umbral, iluminada apenas pela luz do corredor atrás dela.

Julia gritou.

A porta foi fechada com rapidez, mas sem força. E então Mathias surgiu diante dela com um olhar cansado, os óculos de grau um pouco sujos e a camisa de trabalho amarrotada.

— Mas por que toda essa gritaria?

Só agora Julia notou que havia fincado as unhas contra as palmas das mãos e que elas sangravam. Ela relaxou os dedos, vendo as meias-luas de sangue que se formavam contra a sua carne.

Mathias se aproximou mais dela, oferecendo-lhe a mão para que ela levantasse.

— Julia? — ele insistiu.

— O homem… — ela disse, sem nem ao menos pensar no que falava. Seu pescoço se contraía em movimentos espasmódicos. Estava à beira de um ataque de pânico. — Ele estava do lado de fora…

— Que homem, Julia? — Mathias perguntou, e se ajoelhou no chão.

Ali, apenas com a luz do luar a iluminar o rosto do seu marido, Julia notou ângulos estranhos e impossíveis naquelas feições. A barba amarela e comprida parecia encardida, como se fosse feita de galhos secos e mortos. A cabeça com os cabelos ralos lhe dava o mesmo aspecto de repulsa. O nariz era torto e repuxado. Os lábios pareciam estranhamente úmidos, como se ele tivesse passado batom. E os olhos por detrás dos óculos de armação tartaruga pareciam frios e distantes.

— Os caçadores de sofrimento — Julia disse. E então, em um lampejo de lucidez, acrescentou: — Preciso ligar para o Manicômio

Judiciário Presidente Prudente. Falar com o chefe de segurança.

A mão de Mathias a atingiu no rosto em um tapa.

— De novo essa história de caçadores de sofrimento? — ele perguntou com fúria. — Essa história do João de novo? Já falei para tirar ele da sua cabeça.

Julia se encolheu contra a parede. A bofetada fazia sua bochecha arder em chamas. A pele pulsava em uma explosão de sensações. Mathias nunca a agredira antes em sua vida. O que estava acontecendo?

— Tem um homem do outro lado da rua.

— Onde? — Mathias se aproximou da janela, até que a sua virilha ficasse na frente do rosto de Julia. Ela comprimiu a nuca contra a parede. Mathias a estava assustando. — Está vazio, Julia. Não tem uma viva alma do lado de fora.

— Acho… acho que estou sob muito estresse ultimamente — disse ela, hesitante. — O meu paciente João está tentando me enganar. Só preciso ligar para o Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Me certificar de que tudo não passa de uma mentira.

Ele acariciou os cabelos de Julia, comprimindo a virilha contra a face dela, ela sentiu o pênis dele se endurecer por detrás da calça.

— Vamos para a cama, você só está cansada — ele disse, agora em um tom amoroso. Ele se afastou um pouco, dando espaço para ela respirar.

Mathias sorriu para ela, por detrás dos óculos de armação tartaruga, e Julia sentiu algo pingar em seu ombro. Ela olhou em direção à sua pele e viu um ponto preto e escuro como piche.

— Vem — disse ele, sentando-se na beirada da cama.

Agora Julia entendia. Os lábios dele não estavam apenas úmidos. Se a luz estivesse acesa ela teria entendido antes. Os lábios estavam preenchidos

por gosma preta. *Por isso a agressão. Por isso ele está impaciente. Ele foi… tocado.*

Ele vai me matar.

Era isso. Ela concluiu. Queima de arquivo. João já estava morto. Ela se juntaria a ele em breve.

Julia se levantou. Estava apenas de calcinha e com uma blusa branca. O rosto ainda doía do tapa recebido.

— Tira a roupa — ela disse, sorrindo para ele.

Mathias ampliou o sorriso. Mais gosma preta escorreu pelas beiradas, pingando contra sua camisa branca. Ele não parecia se dar conta disso.

— Você primeiro — ele disse.

Julia não hesitou. Sabia que se Mathias soubesse que ela notava que havia algo errado, estaria morta. Para escapar daquela situação, precisaria encontrar o momento certo, embora não soubesse exatamente qual seria ainda.

Ela tirou a blusa, revelando os seios. Sorriu para ele, mordendo o lábio inferior. E então tirou a calcinha, arremessando contra o rosto dele. Ela via o volume do pênis crescer cada vez mais contra a calça jeans.

Mathias era maior que ela. Mais forte. Mais pesado.

— Sua vez — ela disse, de pé próxima à cama.

Mathias tirou o cinto e o colocou sobre uma cadeira. Então tirou a calça e a colocou ao lado. Agora Julia tinha uma bela visão do pênis dele. Estava duro e pulsante. Aquele era o calcanhar de Aquiles de todo homem. Se acertasse algum golpe ali, poderia ter tempo de fugir e buscar ajuda, até que seu marido voltasse a si.

Enquanto se despia, Mathias não tirava os olhos dela. Julia sabia que não poderia agir naquele momento. Precisava do elemento surpresa.

Ele desabotoou a camisa social com calma. Mal parecia notar a gosma que se avolumava na altura do peito e ia escorrendo até a barriga. E então a colocou na cadeira, junto aos seus óculos de grau.

Por último, a camiseta branca, que Mathias sempre usava por debaixo das roupas sociais. Essa era a única peça de roupa que forçaria Mathias a perder o contato visual com Julia, e ela entendeu que esse seria o momento.

Enquanto ele puxava a camisa por cima da cabeça, Julia observou a escrivaninha a procura de um objeto para se defender. Haviam livros e seu notebook. Nada com peso suficiente para dar conta do recado. Então fitou o cinto em cima da cadeira. Pensou se conseguiria usar o objeto para imobilizar seu marido. Impossível, ela concluiu. Mathias era mais forte que ela. Perderia facilmente em um embate corpo a corpo.

E então… a ideia. Não o cinto em cima da cadeira, mas a cadeira em si.

Levantou o objeto, derramando no chão as roupas de Mathias. Julia registrou o olhar de surpresa dele enquanto baixava a perna da cadeira em direção ao seu rosto. O golpe acertou em cheio a testa dele, abrindo a pele e fazendo sangue jorrar. Ele tombou para trás, batendo na parede. Um uivo de dor preencheu o ar.

Ai meu deus, que ele não esteja morto. Por favor, que não esteja morto.

Julia se aproximou para ver melhor. A testa estava inchada e o melaço escorria, sujando a barba dele de sangue. Os olhos estavam vidrados, como se perdidos entre a vida e a morte.

Ela perdeu o equilíbrio quando uma mão firme pegou seu tornozelo. Mathias não estava morto. Estava bem vivo, e furioso.

— Sua putinha… — ele disse. As palavras saíam um pouco enroladas, como se tivesse tomado meia garrafa de uísque sozinho. — Você

vai morrer. Você vai morrer, que nem aquele merda do João. — E então, assumindo um tom de voz mais eufórico: — Você deveria ter visto o que eu vi. O plano dos caçadores… é lindo. Lindo.

Mathias ainda segurava seu tornozelo, quando Julia procurou rastejar para longe dele. Embora ainda tivesse a sua força, o marido parecia lento e desnorteado.

Dessa vez foi Julia quem uivou de dor quando Mathias cravou suas unhas contra a panturrilha dela. Ela se virou para trás, e viu que ele rastejava em sua direção, se apoiando nos cotovelos.

Seguindo nada mais que o instinto, Julia deu um coice. O calcanhar atingiu o olho esquerdo do seu marido. Ele soltou a pegada no calcanhar dela, e se debateu de lado.

Ela se levantou, sentindo o tornozelo luxar e o lugar onde ele cravara as unhas nas panturrilhas sangrar.

Mathias parecia um touro ferido agora. A testa continuava a sangrar, e o olho esquerdo estava fechado e começando a inchar. Ele se apoiou nos cotovelos, prestes a se levantar. Babava sangue e líquido preto no assoalho de madeira. O cabelo estava desgrenhado como o de uma fera. As veias em seu pescoço estavam verdes e pulsantes.

Julia ergueu a cadeira uma segunda vez, e antes que Mathias se levantasse, acertou-o na nuca. Ele caiu imediatamente no chão.

Ela pensou em verificar se estava vivo ou morto. Não cometeria o mesmo erro duas vezes.

Não havia tempo a perder.

Os caçadores estavam atrás dela. Isso era uma certeza. Haviam *inspirado* Mathias para assassiná-la, da mesma forma que fizeram com João e Patrícia. A teoria de que João estava tentando enganá-la caíra por terra. Ele poderia contratar alguém para amedrontá-la do outro lado da rua,

vestindo terno e luvas, mas nunca convenceria Mathias, seu marido, a agredi-la daquele jeito.

O que a levava a outra certeza. João estava morto. Não seria necessário ligar para o hospital para obter a confirmação.

O que eu faço agora?

Por quanto tempo duraria o efeito dos caçadores sobre Mathias? Será que ele acordaria com uma dor de cabeça e sem se lembraria do que havia feito? Ou será que se levantaria e tentaria matar Julia uma vez mais?

Eu não posso ficar esperando para descobrir. Devo chamar a polícia?

Mas a ideia foi descartada tão logo ela a teve. Se os caçadores haviam alterado Mathias, como ela poderia saber se não tinham feito o mesmo com outras pessoas? Poderia ser sua mãe, ou o policial que ela chamasse… qualquer pessoa era uma ameaça. Um assassino potencial.

Mathias deu uma fungada leve, e Julia temeu que ele estivesse acordando.

Ela colocou as calças do seu pijama e então procurou pela sua carteira. Onde havia deixado ela? *Inferno!* Estava difícil raciocinar naquele momento.

Houve um barulho em algum lugar do prédio. E em seguida ela ouviu vozes abafadas. Poderia ser apenas um casal voltando do jantar, ou poderiam ser caçadores de sofrimento, vindo verificar se Mathias fizera o seu desígnio de forma adequada.

Julia se agachou e pegou a carteira e o celular de Mathias, colocando-os nos bolsos da sua calça. Vasculhou mais um pouco, no fundo do bolso esquerdo, e encontrou a chave do carro.

Ela deu uma última olhada em Mathias, tombado de lado, os olhos abertos e vagos. E então saiu do quarto.

Precisava fugir.
Estava sendo caçada.

PARTE 3
JULIA

Dia 1

Julia acordou, mas não abriu os olhos. As pálpebras pareciam pesadas demais. A primeira coisa que sentiu foi dor. Seu rosto latejava, especialmente na parte direita, na região entre o olho e o lábio. Os fatos da noite anterior explodiam na memória como *flashs* de câmera. O tapa de Mathias em seu rosto, o olhar mórbido que ele sustentava, e a gosma preta e viscosa como piche que pingava de seus lábios.

Um som de atrito preenchia o ambiente de forma monótona. *Vup. Vup.* A primeira impressão dela foi que esquecera a máquina de lavar ligada. *Preciso levantar da cama*, ela pensou. Mas a possibilidade de encontrar Mathias caído no quarto, ainda desacordado, e possivelmente morto, fazia seus ossos gelarem. Ela fez uma imagem mental dele. A testa aberta, o sangue que de lá escorrera manchando o carpete. Os olhos esbugalhados como bolas de vidro. A gosma seca ainda nos cantos dos lábios como uma criança que acabara de tomar sorvete.

Então algo fez o ambiente à sua volta tremer, e ela abriu os olhos.

Não estava deitada na sua cama. Ela estava em um carro. Só agora notava a pressão do cinto de segurança contra o seu peito. Ela enrijeceu a postura, assustada, e olhou em torno. Estava parada no acostamento de uma estrada. Céus, sua coluna estava em frangalhos. Também pudera, havia dormido sentada, com a postura arqueada e a face enfiada no volante.

Vup. Vup.

O som dos limpadores contra o para-brisa seco fez sua pele se arrepiar. Ela desligou-os imediatamente. Embora estivesse chovendo quando ela escapara das garras do marido, agora fazia uma agradável manhã ensolarada.

Não estava no seu carro, mas sim no de Mathias.

Sua cabeça também doía, embora ela não tivesse sido agredida ali especificamente. Provavelmente era oriundo do estresse da noite anterior. Ela se observou no espelho retrovisor, ajustando o ângulo do objeto. Seu cabelo preto e liso, costumeiramente alinhado em um corte chanel impecável, estava desgrenhado como um ninho de passarinhos. A dor do lado esquerdo do rosto se desdobrava em um hematoma verde pulsante, com matizes de amarelo e roxo. Julia sentiu outras dores também. Uma no tornozelo e outra na panturrilha, onde Mathias cravara suas unhas, em uma tentativa desesperada de capturá-la.

Um caminhão passou na estrada, bem próximo do carro dela, fazendo-o tremer com o deslocamento de vento.

Ela não se lembrava de ter estacionado ali para dormir. Ela se lembrava de ter escapado das garras de Mathias, pouco depois de descobrir que João fora assassinado. Então pegara a carteira, o celular e as chaves dele, tanto de casa quanto do carro, e escapara.

Ela se lembrou do pânico que a dominara ao caminhar pelos corredores do prédio. Toda voz era uma ameaça. Todo som de passos, um prenúncio do seu fim. Em sua mente, todas as pessoas ou eram caçadores de sofrimento, ou lacaios deles, dobrados a sua vontade por aquele misterioso líquido preto e pútrido. Quando já estava no térreo, ela escutou vozes se aproximando. Felizmente, encontrou um quarto de limpeza e se escondeu atrás das vassouras.

Assim que as vozes se afastaram, Julia saiu do armário de limpeza fedendo a cândida. Encaminhou-se para o estacionamento descoberto — fazia muito frio naquela madrugada e chovia forte — e olhou com receio para o guarda na portaria. Ele roncava como um bebê. Em um dia comum,

Julia teria feito um escândalo sobre aquela falta de profissionalismo, mas hoje recebeu o fato com alívio.

Ela apertou o botão do alarme do carro de Mathias e, quando as luzes do farol se acenderam, ela entrou. Era um C3 preto. Um carro de mulherzinha, na opinião dela. Claro que ela poderia pegar o próprio carro, mas não fazia ideia de onde deixara a porcaria da chave.

Disso tudo ela se lembrava, mas não havia recordação alguma de estacionar no acostamento e dormir. *Mas eu dirigi até tarde... quando saí de casa já deveria passar da meia-noite.* Ela encarou o hodômetro, tentando desvendar quantos quilômetros havia rodado, mas não se recordava em quanto estava a quilometragem quando pegou o carro.

Vou precisar usar o GPS do celular para saber onde estou.

Ela pegou o celular, e viu que a tela estava acesa, embora ele estivesse no modo silencioso. Era uma ligação. Na verdade, a vigésima segunda ligação.

Julia atendeu.

— Alô? — ela disse, ainda com a voz sonolenta e enferrujada.

— Julia? — Ela reconheceu a voz de Mathias. Ele parecia um pouco ansioso e um pouco aliviado ao mesmo tempo.

— Sim — ela disse, sem acrescentar mais nada.

— Onde você está?

— Você tentou me matar, seu filho da puta. — Foi a resposta de Julia. Ontem ela sentira medo do marido, só os dois naquele quarto escuro, mas agora, distante dele, conversando apenas pelo telefone, ela foi inflada por uma coragem que desconhecia ter.

— Julia, do que você está falando? — Mathias parecia sem jeito. Envergonhado.

Será que ele se esqueceu de ontem? Talvez o efeito dos caçadores tenha passado, ela pensou. Ou talvez ele estivesse apenas fingindo. Se ele queria atraí-la de volta, o melhor a se fazer era fingir amnésia.

Houve um curto silêncio, em que Julia pensou se deveria ou não voltar para casa. Mas então ela ouviu uma voz ao fundo. Era masculina, e ela não a conhecia.

— Com quem você está aí? — Julia perguntou.

Mathias não respondeu de imediato. Parecia estar recebendo ordens da outra voz.

— Julia, me fale onde você está! Não há motivo para as coisas piorarem — Mathias respondeu, mas parecia alarmado.

Ele está com os caçadores, ela pensou, e sentiu sua espinha gelar. Ele estava armando para ela.

— Mathias, com quem você está? — Julia insistiu.

— Não importa! — ele gritou. — Só quero que você volte.

Julia encerrou a ligação. Não havia mais nada a ser dito. Ela não iria revelar onde estava, embora nem ela soubesse naquele momento.

A tela se iluminou novamente, com uma nova ligação do mesmo número. Julia ignorou-a e abriu o GPS.

Por isso não reconheci onde estava, ela concluiu, vendo que o mapa apontava para uma estrada em São José do Rio Preto. Julia nunca estivera naquela cidade. Colocou Presidente Prudente no mapa, e viu que dirigira mais de 250 km noite adentro. *É um milagre não ter causado um acidente. Ou que algum policial não tenha vindo me verificar.*

Eram sete e meia da manhã. Se Julia pegasse a estrada pela Rod. Assis Chateaubriand, conseguiria chegar de volta a sua casa em menos de quatro horas, se o trânsito ajudasse. Conseguiria almoçar em casa, e… Não.

Ela estava realmente cogitando essa possibilidade? Voltar para Mathias e para os caçadores?

— Eles são reais, Julia — ela disse para si mesma, fitando-se no espelho. — Rodrigo não conversava com um ET pelo vaso sanitário, e Raul Pinto não compôs Ouro de Tolo, mas João realmente se deparou em momentos da sua vida com seres perigosos. Seres que fogem à compreensão humana.

E, por isso, ele está morto.

Isso Julia não conseguiu dizer em voz alta.

Ela deu partida no motor. Ficar parada naquela estrada só chamaria atenção para si.

Enquanto dirigia, Julia fitava o celular no banco do carona. Entre uma tentativa e outra de Mathias em obter contato, ela observava o mapa. Uberlândia deveria estar a cerca de quatro horas dirigindo dali. E em Uberlândia ficava talvez a única pessoa em que Julia poderia confiar plenamente.

Dona Marta. A melhor pintora de panos de prato que Julia conhecia. Sua mãe.

Julia pensou em ligar para ela agora, mas não saberia o que dizer a ela se não a verdade. E a verdade era uma filha da mãe amarga demais para ser dito por telefone.

Dirigindo pela estrada, na manhã ensolarada, Julia sentia a dor em seu corpo amenizar. O seu estômago roncou, faminto. Ela fitou as roupas que estava usando, um pijama branco, os pés descalços e encardidos. Não podia ir a lugar nenhum assim.

Ainda com uma mão no volante — Julia estava contrariando mais leis de trânsito hoje do que em toda a sua vida acumulada — abriu a carteira de Mathias. Havia a carteira de motorista dele, com uma foto muito mais

jovem, e sem bigode. Dois cartões de crédito — os quais ela não sabia a senha — um talão de cheque — *Mathias, bem-vindo ao século vinte e um* — e algumas notas. Ela contou o dinheiro. Havia cento e oitenta reais. Não era muito. Abriu o porta-luvas e viu que ele guardava moedas ali. Agora tinha mais dois reais e vinte e cinco centavos.

Primeiro as roupas, depois o café da manhã, e então eu descubro o que diabos irei fazer da minha vida.

Ela baixou os vidros. A brisa fria da manhã entrou, fazendo seus ossos gelarem, e Julia pegou a alça de acesso para o centro da cidade.



Embora Julia não se recordasse do quanto havia dirigido à noite, fora o suficiente para fazer o tanque de gasolina se aproximar da reserva. O centro da cidade de São José do Rio Preto era amplo e movimentado, dois fatores que desagradavam Julia no atual momento. Ela rodou com os vidros levantados, à procura de uma loja de roupas que só tivesse um funcionário, de preferência uma mulher de meia idade. Quando ela viu uma loja de pintura descuidada, de nome Bazar da Elisabeth, e que não parecia ter uma vivalma dentro, ela estacionou o carro no meio fio e desceu.

Entrou na loja de roupas. Havia uma senhora gorducha e baixinha na recepção que lia uma revista, sentada atrás do balcão.

— Bom dia — ela disse. Havia um sorriso simpático em seus lábios que logo desapareceu. No seu lugar havia uma expressão de curiosidade para entender porque Julia estava de pijamas, além do hematoma em seu rosto. — Está tudo bem? — a mulher perguntou, fitando os pés descalços de Julia.

— Minha casa pegou fogo — respondeu Julia. A mentira veio com facilidade.

Ao menos as sessões com João me serviram de algo, pensou, tentando não ruborizar.

— Meu deus do céu — disse a mulher, fechando a revista e colocando a mão no peito. — Onde você mora?

Julia a observou, incerta.

— Sou de outra cidade. De Bauru — disse ela, sem fazer a menor ideia de quantos quilômetros existiam entre Bauru e São José do Rio Preto, e começou a ver as blusas que estavam expostas em cabides de madeira.

— Você aceita cheque? — perguntou, antes que a mulher fizesse mais alguma pergunta inconveniente.

— Cheques? Sim, sim, claro — ela respondeu, prontamente. — Aceita um café?

Julia meneou a cabeça. O dia começara com sorte. Achara uma loja vazia e uma vendedora que não perguntava muito.

Fazia muito tempo que ela não saía para fazer compras, e a maioria das roupas que haviam ali não a agradavam muito. Tinham estampas cafonas, que garotas de quinze anos deveriam usar, com gatos ilustrados e cores berrantes.

Ela encontrou uma camisa listrada de azul-marinho e cinza. Essa tinha uma estrela cadente estampada nas costas. Era mais discreta que a maioria, e Julia a pegou pelo cabide para analisá-la melhor.

— Está procurando por algo específico, anjo? — perguntou a mulher, trazendo uma xícara de café.

— Muito obrigada — disse Julia, aceitando a xícara, a blusa dobrada sob seu antebraço. — Na verdade, sim. Queria umas duas calças jeans. E você tem blusas básicas também?

Julia deu um gole no café. Estava frio e fraco. Seu estômago se revirou. Talvez devesse ter comido antes de comprar roupas.

— Claro que tenho. Chegou uma coleção linda, cheia de cores! — disse a mulher, apontando para uma arara ao lado do caixa.

Só de olhar para aquelas cores, Julia teve enxaqueca. A maioria delas parecia inspirada em alguma linha de marca-texto, com verde, amarelo e laranja berrantes.

Mas havia uma blusinha branca, e Julia a pegou também. O seu tamanho usual era M, mas dado os recentes quilos perdidos, ela optou por uma blusa P.

— Já percebi que você gosta de cores mais discretas — disse a mulher.

Julia assentiu, e adentrou o provador.

Era para ter sido uma compra rápida. Mas Julia se empolgara. Vestira todas as peças e agora que dona Célia fechava o pedido, ela se dava conta de que poderia ter exagerado. Cinco blusas, duas calças, um vestido, um casaco, cinco calcinhas, cinco meias, e duas sapatilhas.

— Deu quinhentos e trinta, anjo — disse a mulher. — Qual será a forma de pagamento?

Julia sacou o talão de Mathias e começou a preencher uma folha. Quando o estendeu para dona Célia, ela olhou desconfiada.

— Está no nome de…

— É o meu marido — disse Julia, sorrindo de modo simpático, e tentando não parecer completamente desesperada. Provavelmente o hematoma em seu rosto dificultava a tentativa. — Ele ficou lidando com os bombeiros, mas já me deu alguns cheques assinados e em branco para eu ir comprando as coisas para a nossa casa. — Julia havia forjado a assinatura de Mathias nos cheques minutos antes, dentro do carro. — Aliás, a senhora sabe onde tem uma loja de roupas masculinas?

— No final da rua, você dobra a esquerda, e vai encontrar uma loja na próxima esquina — disse dona Célia, pegando o cheque, embora parecesse um pouco contrariada.

Julia saiu de lá vestida. Usando uma calça jeans e a blusa listrada com a estrela cadente, e com um casaco pesado por cima.

Entrou no carro, agora notando que o dia estava um pouco mais quente, e deu partida. Iria tomar um belo café da manhã.



No caminho para o café da manhã o carro entrara na reserva e ela tivera que parar para abastecer. No primeiro posto, o frentista disse que não aceitava cheques. Já no segundo, o outro frentista — um senhor de setenta anos — disse que aceitava cheques, mas recusou ao ver que era um cheque de terceiro. Julia tinha insistido, dizendo que era o cheque de seu esposo, e que ele já havia assinado, mas como ela estava sem nenhum documento de identificação, ele negou o pedido dela. Foi só no terceiro posto de gasolina que ela conseguiu abastecer, quando suas esperanças já estavam se esvaindo.

Ela não tomou um café da manhã como queria, pois estava com medo do dinheiro acabar rapidamente. Tomou um café puro de coador e um pão com manteiga na chapa. Agora estava seis reais mais pobre.

Sua cabeça continuava a doer mesmo após o café da manhã.

Eu preciso dormir de forma decente, concluiu. As horas dormidas dentro do carro não tinham contado muito. Ela perguntou para a balconista da padaria se havia algum hotel por perto, e ela respondeu que havia um hotel muito simples na beira de estrada, mas que havia um hotel melhor no centro.

O simples servirá. Eles devem ser mais propensos a aceitar cheque de terceiros, e a fazer check-in sem nenhum documento.

Ela jogou o nome do hotel no GPS. Pousada Montes Verdes. Teria que dirigir meia hora para chegar até lá.

Conforme o dia se aproximava da hora do almoço, tudo ia ficando quente. O carro parecia uma estufa, e mesmo com o ar-condicionado ligado no máximo, ela suava, sentindo-se melada na nuca e com as coxas grudando contra o banco de couro.

A Pousada Montes Verdes não ficava em um ambiente bucólico, com montanhas e vales ao fundo, como o nome sugeria. Ficava literalmente na beira da estrada, uma simples construção com dois prédios, o menor parecia ser uma lanchonete, e o maior, o hotel, com uma vasta plantação de milho atrás dele.

Julia estacionou o carro de frente para a porta principal. Exceto por um Gol verde-musgo, o seu era o único carro no estacionamento. Ela desceu do carro, trancou-o, sentindo-se como uma lasanha que saía do freezer direto para o forno, e se encaminhou para a recepção do prédio. As paredes eram brancas e encardidas, como se não fossem limpas há muito tempo. O carpete na entrada, que deveria dizer BEM-VINDO, estava desgastado por anos de solas maltratando-o e agora só era possível ler BE de um lado e NDO do outro.

O rapaz na recepção era um garoto de talvez quinze anos, a julgar pela quantidade de espinhas em seu rosto e pelo corte estranho de cabelo. Ele estava com os olhos grudados em um livro e só notou Julia quando o alarme de entrada soou: *ding dong*.

— Bom dia — ela disse, sorrindo para ele. O garoto analisou o hematoma em seu rosto, como se nem tentasse esconder a curiosidade.

— Bem-vinda ao hotel Montes Verdes — ele respondeu em um tom baixo, como se fosse um robô programado a repetir aquilo a todos que entrassem. — A senhora tem reserva?

Ao perguntar, o garoto pegou um livro de capa preta, com as bordas puídas e abriu-o na última página. Julia leu o nome dele em um crachá plastificado.

— Não fiz reserva, Jorge — ela disse, sorrindo de modo simpático.

— Sem problemas — ele respondeu, pegando uma caneta e uma folha de papel sulfite. — Diárias custam noventa e cinco reais. Refeições não inclusas. Quantos dias pretende ficar conosco, senhora...?

— Julia — ela respondeu, apoiando-se no balcão de pedra e sentindo-o frio. — Apenas hoje.

— Está bem. Só preciso de um documento. Como será a forma de pagamento?

— Cheque.

O garoto torceu os lábios, como se aquela fosse uma resposta inadequada, e parou no meio do movimento para dar a ela a folha e a caneta. *Ele tem quinze anos, não deve nem saber como se preenche um cheque.*

— Cheque? — Ele olhou para o telefone na mesa, como se estivesse pensando se deveria ligar para os seus pais — que deveriam ser os donos daquele lugar — para se certificar se eles ainda aceitavam aquela antiguidade como pagamento.

— Sim, cheque — Julia respondeu, sorrindo para ele, como se aquilo não fosse nada demais.

— Claro, claro — ela respondeu por fim. — Só preciso de um documento seu. RG ou CNH irão servir.

— Ai, Jorge. Só tenho um problema com isso. — O garoto voltou a sua atenção para ela. Daquela distância, Julia podia ver como sua testa era oleosa. — Fiz uma confusão com o meu marido, e eu acabei ficando com os documentos dele e ele com os meus. Mas ele está vindo me encontrar aqui hoje à noite, vocês têm quartos com cama de casal, certo?

— Claro, dona.

— Ótimo! Seria muito incômodo se eu fizesse o check-in no nome dele?

Novamente, Jorge olhou para o telefone na mesa. Julia quase podia ouvir seus pensamentos. *Tem algo estranho com essa mulher.*

— Ele vem hoje também?

— Isso.

— Bem, nesse caso, o quarto com cama de casal custa um pouco mais. Cento e vinte a diária.

— Sem problemas — Julia disse, estendendo a CNH de Mathias e começando a preencher o cheque. Ela teve medo de que o rapaz fosse encrencar com o fato do cheque também estar no nome de Mathias, mas então se lembrou de uma grata verdade. Aquele garoto provavelmente nunca vira um cheque antes na vida.

Dito e feito. Quando Julia lhe entregou o cheque, o garoto o olhou por apenas um segundo, como um arqueólogo olharia para uma pilha de fezes fossilizada — com um pouco de interesse e certa repulsa — e então guardou-o no caixa da recepção.

— Quarto oito — Jorge disse, estendendo-lhe uma chave que tinha um pesado chaveiro de madeira com o número do quarto entalhado. — Tenha uma ótima estadia.

Julia temeu que Mathias pudesse rastreá-la através do cheque, mas lembrou-se de que levaria de um a dois dias para o valor ser compensando

depois que o depósito fosse feito. Quando o valor caísse na conta de seu esposo, Julia já teria partido.

— Obrigada.

Julia caminhou pelo lado externo do prédio, as sapatilhas estalando contra o cascalho, até chegar ao seu quarto. O número oito na parede era uma pintura descascada, e o restante era do mesmo branco encardido. *Talvez seja melhor do lado de dentro.*

Não era.

A sensação foi de entrar em uma caixa de sapatos, o odor era algo próximo a suor seco. Era abafado. Claustrofóbico.

Trancou a porta da entrada, checou o banheiro, que tinha lodo nos rejuntes, e voltou-se para o quarto. Tocou o colchão com a mão. Era duro e áspero. Ela imaginou o que uma luz negra poderia revelar sobre o local, e ficou feliz que não tinha uma.

Ela se esparramou na cama, os braços e pernas esticados como a pintura do homem vitruviano, fitando o teto, que tinha um forro branco de isopor.

Eu nunca vou pegar no sono nessa pocilga.

No próximo instante, Julia estava dormindo.

Quando ela acordou a dor de cabeça estava melhor. As cortinas estavam com uma cor avermelhada sangrenta, proveniente do lusco-fusco. Ela olhou o relógio eletrônico mesa de cabeceira. Eram seis e meia da tarde. Seu estômago roncava novamente, afinal, só havia tomado o café da manhã e pulara o almoço.

Pegou o telefone e perguntou se eles serviam comida no quarto.

— Só a partir das sete, dona — disse o mesmo rapaz que fizera o check-in dela. — Mas o restaurante funciona o dia todo, até a meia-noite, caso queira dar uma passada lá.

— Está bem. Muito obrigada — respondeu Julia.

Só agora ela notou que não havia nem sequer descalçado as sapatilhas.

Se levantou e foi lavar o rosto na pia do banheiro. O suor grudava em seu corpo como uma espécie de camisa de força. Ela se observou no pequeno espelho de bordas laranja. O hematoma em seu rosto estava escurecendo, perdendo os matizes de amarelo e verde. Pelo menos a pele parecia menos inchada. Ela tocou o machucado e gemeu de dor.

A dor no tornozelo e na panturrilha quase não existiam mais. Julia só as notaria se pensasse nelas.

Ela abriu a cortina de plástico e fitou o chuveiro. *Um banho me fará bem*, ela pensou. Tirar o suor do corpo. E foi o que ela fez.

Depois do banho ela foi em direção ao restaurante, que ficava no prédio menor da Pousada Montes Verdes. O local era espartano, para escolher uma palavra bem gentil. Tinha cinco mesas redondas com cadeiras metálicas de pintura branca desgastada, mostrando a ferrugem por debaixo dela em alguns pontos.

Havia uma estufa com salgados que pareciam estar lá há um bom tempo, uma geladeira de bebidas e uma chapa. O homem, provavelmente o cozinheiro, estava ignorando a presença dela e mexendo no celular.

Quando ela se aproximou ele deslizou o menu para ela, sem nem ao menos olhá-la nos olhos.

Julia pegou o cardápio plastificado, sentindo a oleosidade nele. Estava à procura de uma refeição pesada e gordurenta, que acalentasse o seu estômago.

— Eu vou querer um parmegiana — ela disse.

— Frango ou boi? — o homem perguntou com uma voz monótona, ainda encarando o celular. Ele tinha uma barba comprida, que Julia não

achava particularmente higiênica para alguém que trabalhava em um restaurante.

— Boi — ela respondeu.

— Sai um parmegiana de boi! — o homem berrou em direção à cozinha.

Julia foi até a geladeira e pegou uma Sprite. Então sentou-se a uma mesa. Sacou o celular do bolso. Vinte ligações perdidas de Mathias.

Ela estava decidida. Não voltaria para seu marido. Não por enquanto, pelo menos. Esperaria as coisas acalmarem. Enquanto isso, iria para a casa da sua mãe, em Uberlândia. Julia controlava a vontade de ligar para ela. Não que não confiasse na própria mãe, mas por temer que Mathias ligasse para ela. Dona Marta não era uma boa mentirosa. Poderia deixar transparecer que sabia de algo.

Ali, sozinha no restaurante, sentindo o cheiro de gordura velha e alvejante, Julia mergulhou em suas memórias. Se imaginou chegando amanhã, ou no máximo no dia depois de amanhã, na casa da sua mãe. Dona Marta era uma mulher baixa e magra, que sempre usava panos na cabeça — só revelava o cabelo quando tinha algum evento importante, e esses não existiam muito mais em sua agenda — e passava o dia pintando panos de prato. Quando o pai de Julia os abandonou, foi sua mãe quem colocou dinheiro na mesa da família.

Ela nunca deixou que Julia a ajudasse. Dizia que ela deveria focar nos estudos, e Julia passou em uma universidade pública para estudar Psicologia. Foram os panos de prato que pagaram os estudos de Julia.

Você fala como se tivesse orgulho disso. Ela disse para si mesma e sorveu um gole da Sprite. Uma das verdades que Julia aprendera assim que entrara na faculdade, foi que, embora não houvesse mensalidade, isso não significava que as pessoas de origem mais humilde entrassem nela. Já no

primeiro ano, alguns de seus companheiros de classe tinham carros. Não necessariamente zero quilômetros, mas mesmo assim eram carros. Os pais deles eram médicos e advogados e engenheiros. *E os seus pais, Julia, o que fazem?*

O pai estava morto, é o que ela sempre dizia. E a mãe? Era corretora de imóveis, claro. Muito bem-sucedida. E essa mentira que ela contou em um reles ímpeto e se perpetuou. Em um ano específico, os amigos da faculdade de São Paulo sugeriram de passar o carnaval na casa dela, em Uberlândia. Julia negou, dizendo que tinha uma viagem planejada com a mãe. O que faria se seus amigos chegassem na sua casa e vissem todos aqueles panos de prato dependurados? Já não bastava morar em uma pequena casa. Pensariam que ela morava em uma *favela.*

O problema das mentiras é que elas são como bolas de neve. Nunca param de crescer. E às vezes se transformam em uma avalanche.

Julia pediu que sua mãe não fosse em sua formatura. Ela nunca explicou o motivo, e sua mãe nunca pediu uma explicação. Julia não se importou na época, mesmo sabendo que a relação entre elas esfriara. Pensando bem, Julia achava que as coisas nunca mais foram as mesmas.

Ela afastou aqueles pensamentos. Aquilo era apenas automutilação. Era ela querendo se fazer sofrer. O episódio eram águas passadas. Focou em outras memórias. As alegres. Como quando conseguiu juntar um bom dinheiro e viajar com a mãe até a Ilha de Páscoa. Dona Marta gostava de pintar as estátuas em seus panos, mas os dava um estilo cúbico e colorido que lembrava Romero Britto.

— As minhas são mais bonitas — ela dissera, após depositar os olhos nos moais enfileirados. — Assim só parece cimento. Muito sem vida.

Julia havia rido na hora, e ria agora, com o canudo entre os lábios. Queria ver sua mãe. Queria abraçá-la. Queria pedir perdão por ser tão

egoísta quando mais nova. Queria, acima de tudo, dizer que a amava.

Não em um telefonema. Mas no olho no olho, sentindo a textura da pele dela, e seu cheiro.

A parmegiana de Julia chegou, e para sua infelicidade estava mais gordurenta do que desejava. Mas acabou comendo tudo mesmo assim.

Enquanto comia, ela pensava em qual seria o seu próximo movimento. Ainda havia algumas folhas de cheque, mas o dinheiro mesmo não iria durar muito. Seis reais no café da manhã. Agora vinte e sete reais na janta. Os seus cento e trinta reais estavam se aproximando de zero a uma velocidade alarmante.

Pela janela embaçada do restaurante, ela viu um carro preto se aproximando. As janelas estavam escuras por causa do *insulfilm*. Ele estacionou em frente ao hotel. Entre o carro dela e um Gol verde-musgo.

Seu coração palpitou e a dor de cabeça voltou instantaneamente. Ela desejou ter aspirinas consigo. Largou os talheres e massageou as têmporas.

Mathias vai sair daquele carro. Ele dirigirá. E no banco de carona estará um caçador, com suas luvas e seu chapéu, fazendo anotações em um caderno de couro marrom.

Quem saiu do carro foi uma mulher de cabelo azul, que deveria ter mais ou menos a mesma idade de Julia.

Ela respirou, aliviada. Pegou um canudo e deu um gole na sua Sprite.

A mulher de cabelo azul entrou e se dirigiu ao caixa.

O homem que não tirava os olhos do celular abriu um sorriso para ela, deixando o balcão do restaurante e indo para o caixa. A mulher de cabelo azul comprou um maço de cigarros, e saiu do restaurante.

Talvez eu devesse começar a fumar, Julia pensou. *Isso poderia acalmar os meus nervos.*

Claro, e depois eu compro LSD e maconha, e me torno João.

João. Tanta coisa acontecera nas últimas vinte e quatro horas que ela mal tivera tempo de lamentar a sua morte. Como ele havia morrido de verdade? Será que Bruno o assassinara, inspirado pelos caçadores? Ou talvez o próprio Caio dera conta do recado?

Ela observou a mulher de cabelos azuis fumando do lado de fora. Seus lábios se moviam entre um trago e outro, como se cantasse uma música que reverberava em sua mente. De repente Julia teve inveja dela — não porque o homem a atendera de forma muito mais atenciosa — mas porque ela parecia tranquila. Fumando o seu cigarro e vendo a noite a se aproximar. Ela não parecia estar correndo de ninguém, ou para ninguém. Apenas existia.

Julia deu um último gole na sua Sprite. O seu estômago pesava como se tivesse engolido um tijolo de obra. A mulher do cabelo azul não estava mais lá. Entrara em seu carro preto e sumira na estrada.

Ela se levantou e foi até o caixa. O homem de barba levou um tempo considerável para tirar os olhos do celular e ir atendê-la.

— Vinte e sete reais.

— Hmm… — Julia disse, pensativa. — Quero um maço de cigarros e um isqueiro também.

— Qual marca?

— A mesma que a mulher de cabelos azuis levou — ela disse.

O homem pareceu achar graça nisso, e lhe entregou o maço.

Julia pagou a conta. Estava indo embora, quando algo lhe chamou a atenção.

Havia um pequeno móvel de madeira ao lado do caixa, que ofertava uma mistura de livros de autoajuda e revistas de palavras cruzadas e sudoku. Uma revista em específico captou o seu interesse. Se chamava *Pé*

Na Estrada, e a capa estampava um casal na praia, tomando água de coco, com a frase: O SEU BRONZEADO ESTÁ EM DIA?

Essa era a matéria principal da revista, mas no lado direito havia três imagens menores.

A primeira imagem era de uma garotinha de cabelos negros e encaracolados fazendo rapel com os dizeres COMO ANDA O SEU ESPIRITO AVENTUREIRO?

Julia se agachou e pegou a revista. Custava 9,90 mas valeria o investimento.

— O total deu quarenta e seis e oitenta — o homem disse.

Julia tirou as notas amassadas do bolso e pagou o homem. Colocou a revista embaixo do braço. Agora que a noite se aproximava, uma brisa fresca corria pela estrada. Ela observou as nuvens vermelhas no céu, ocultando o crepúsculo, como se sangrassem e abriu o seu maço de cigarros. Pegou um deles e então o acendeu.

A fumaça desceu pela garganta e se expandiu em seus pulmões como um velho amigo.

Ela fitou a segunda imagem da revista, que anunciava outra matéria menos importante. Era um casal com duas crianças ordenhando uma vaca, e a frase era: OS DEZ MELHORES HOTEIS-FAZENDA PARA LEVAR A FAMILIA.

Mas essa chamada não era importante. Era a última que chamara a atenção de Julia. A foto mostrava uma imensa queda d'água.

Sinto muito mãe, o meu pedido de desculpas terá que esperar, ela pensou, lendo aquelas palavras em letras garrafais pintadas de verde:

VOCÊ JÁ CONHECEU AS CATARATAS?

Dia 2

Julia acordou cedo. Tomou um café rápido no restaurante do hotel e rumou em direção ao sul. Havia tido pesadelos à noite. O telefone de Mathias tocava e ela o atendia. Eles começavam a falar, e ele pedia perdão. Ela chorava e ele também. Ela dizia que ia voltar para casa. E então a voz de Mathias mudava. Se tornava antiga e seca, e ele perguntava a mesma pergunta que Julia ouvira dois dias atrás. *Onde está a minha luva?*

Nessa parte do pesadelo, Julia sentiu algo umedecendo a sua bochecha direita, onde o celular tocava a pele. Era frio e pegajoso. Ela afastou o rosto do celular, tocou a bochecha úmida e viu um líquido preto como piche em seus dedos. Virou sua atenção para o celular e notou que o aparelho expelia o líquido em movimentos pulsantes, saindo das beiradas da tela e da saída de som.

E Mathias diz, com a voz que não era exatamente a sua:

— Nós vamos te encontrar, Julia. — E a voz dele sai abafada pelo líquido, mas ainda assim perversa. — E vamos nos divertir muito. — A última palavra saiu com um som líquido, como se ele se afogasse nela.

Ela arremessa o telefone no carpete, mas isso só pareceu enfurecer o objeto que começou a despejar o líquido com mais velocidade. O carpete do quarto de hotel, que era cor de vinho, estava se enegrecendo a uma velocidade alarmante.

Ela pensou em sair da cama e deixar o quarto. Contudo, tinha medo de pisar naquela estranha substância. Não queria ter contato com ela.

Esfregou o rosto no travesseiro, tentando limpar a bochecha, mas o líquido preto parecia ter aderido à sua pele. Ela começou a arranhar a própria face, em um ato de desespero, e sentiu a bochecha arder e começar

a escorrer sangue. As unhas se fincavam na sua carne macia e arrancavam pedaços.

O líquido não saía. Ela olhou em torno, transtornada, e viu que não havia mais sinal do carpete vermelho. A cama era uma ilha no meio de um lago preto e viscoso, que soltava bolhas de gás fedorentas. Metade da porta estava submersa agora, e a mesa de cabeceira, navegando sem rumo pelo quarto. De vez em quando, algo com o corpo anelado e rosado emergia em meio ao líquido. Julia pensou em um verme gigante, mas se esforçou para afastar a imagem da sua mente.

Eu preciso sair daqui. Preciso escapar.

Uma música tocava do lado de fora. Ela se virou para observar um caminhão de sorvete se aproximar. Embora ela nunca tivesse visto a face de nenhum membro da família Borges, sabia que eram eles que começavam a distribuir sorvetes pretos para as pessoas do lado de fora de seu quarto.

A sua cama começou a boiar, levantada pelo empuxo do líquido viscoso, enquanto Julia caminhava de um lado para o outro de gatinhas, à procura de uma possível saída.

Havia a janela do banheiro. Se ela conseguisse impelir a cama para próximo daquele cômodo, poderia escapar por lá. Claro, teria de nadar um pouco no fluído, mas aquilo seria melhor do que se afogar nele. *Os vermes vão me pegar*, ela pensou, *vão me arrastar para as profundezas desse líquido maldito.*

Mas não houve tempo de colocar o plano em prática. A cama se aproximou do teto, e comprimiu o seu corpo, esmagando-a de ambos os lados. Ela começou a se arrastar para fora da cama, o ar lhe faltando aos pulmões, as unhas quebradas buscando por apoio, porém, o líquido finalmente subiu pelo colchão, manchando os lençóis. Julia fechou os lábios imediatamente. Mas não conseguiu tapar as narinas, e foi invadida por

aquele odor pungente que lembrava sangue e metal, feito uma sopa radioativa.

Fechou os olhos, ainda se arrastando pela cama, à procura da beirada. Contudo, a pressão em seu corpo era mais do que poderia aguentar, e agora que não podia respirar, suas forças estavam indo embora.

Finalmente o instinto venceu o seu asco, e ela tentou respirar. O líquido viscoso invadiu seus pulmões, preenchendo-os completamente.

Tudo era escuridão fétida.

Ela sentiu um dos vermes entrar pelos seus lábios, expandindo sua garganta com violência e invadir seu estômago. *Ele tem dentes*, ela pensou, ao ser devorada de dentro para fora.

Então Julia acordou.

O pesadelo havia causado uma impressão e tanto em Julia, e agora, dirigindo o carro na estrada, ela ainda o remoía.

Agora, ela dirigia em direção às Cataratas do Iguaçu, no Sul do Brasil. Percorria uma estrada calma, pouco movimentada, que era ladeada por macieiras. Quando ela pensara em ir para as cataratas na noite anterior, achou que estava tendo uma ideia suicida. Contudo, quando a manhã veio, ela percebeu que era o melhor a se fazer. Voltar para casa não era mais seguro. Talvez Mathias não estivesse mais sob a influência dos caçadores, mas não havia como ter certeza. E mesmo que a influência tivesse passado, nada lhe garantia de que ele não seria influenciado novamente. Os caçadores eram muitos, e caminhavam pelas sombras. Não. Definitivamente voltar para casa não era uma opção. Dirigir até a sua mãe era a decisão mais óbvia, mas Julia não queria arrastá-la para aquela loucura. Seu medo não era de que os caçadores influenciassem a sua mãe a fazer algo com ela, e sim o contrário.

Ela havia pensado em ligar para a polícia. O problema era… quem acreditaria nela? *Olha, guarda, eu estava tratando um paciente que foi condenado por homicídio, mas que acabou sendo considerado esquizofrênico, e por isso passou a sua pena em um hospício ao invés de em uma cadeia comum. E ele tem essa teoria maluca sobre os caçadores de sofrimento. Não, ele não me disse exatamente o que eles são, mas me disse que são muitos, e que caminham pelas eras da humanidade, registrando as grandes catástrofes que nós passamos. Guerras e coisas do tipo, sabe como é. Só que a teoria dele era verdadeira. E os caçadores o mataram assim que souberam que ele estava abrindo o bico, e agora estão atrás de mim, então eu queria saber se tem como prender qualquer pessoa careca e que esteja utilizando luvas. Retrato falado? Pera aí, deixa eu buscar umas pinturas da revolução francesa para você ter uma ideia de como eles são.*

Julia iria parar no hospício. Os caçadores tinham o melhor tipo de segredo. Aquele que ninguém acreditaria ser verdade. E ela nem sequer poderia recriminar os outros. Afinal, ela mesma tratou João por meses, e mesmo assim não acreditou em uma palavra do que ele disse. Quando um caçador apareceu na sua janela, tudo que ela conseguiu pensar foi que João estava tramando algo para conseguir sua liberdade.

Só havia um caminho lógico. Ela deveria confrontar os caçadores. Não sabia onde todos estavam, mas sabia onde um deveria estar. Julia não tinha certeza ainda de como iria agir, mas uma vaga ideia se formava em sua mente. Precisava expô-los. Se entrasse naquela casa e filmasse tudo que visse, fazendo uma transmissão ao vivo em alguma plataforma como o Youtube ou o Facebook, teria uma chance. Era como dizia o ditado: uma vez na internet, sempre na internet. E Julia tinha certeza de que encontraria coisas estranhas naquele lugar. Coisas inumanas.

Eu preciso de uma arma, pensou, acendendo um cigarro.

Ela não parou para almoçar. Em um posto de gasolina — que felizmente aceitou um dos últimos três cheques de Mathias — ela encheu o tanque e então aproveitou para passar na loja de conveniência. Comprou um pacote de batatas e um refrigerante dois litros. Claro, aquela não era a refeição mais saudável que poderia fazer, mas pelo menos sabia que aqueles alimentos processados estariam livres de coliformes fecais e outras ameaças, e não podia dizer o mesmo sobre as coxinhas esturricadas na estufa do posto de gasolina.

No rádio, uma música do Raul Seixas começou a tocar: *meu amigo Pedro*. Ela se lembrou imediatamente de Raul Pinto, e se perguntou se algum dia voltaria para o Manicômio Judiciário Presidente Prudente, e se veria seus pacientes novamente. Um pouco à frente na estrada havia uma grade com diversos tipos de calotas penduradas. Ela reduziu a marcha para terceira, e passou com calma pelo estabelecimento. Havia um grande terreno descampado por detrás da entrada da loja, em que era possível ver diversos chassis de carros.

É um desmanche, ela pensou.

Estacionou o seu carro do lado de um Passat vermelho que deveria ser contemporâneo das músicas do Raulzito.

Ajustou o espelho retrovisor e se observou. Estava um caos. Com migalhas de batata nas bochechas e nos lábios. As bochechas se curvavam para dentro, como se ela pouco a pouco se tornasse uma caveira. *Você continua a perder peso.* Julia limpou as migalhas do rosto e afastou o pensamento.

Havia um senhor muito velho sentado em um tronco de madeira. Ele tinha cabelos brancos e ralos e fumava um cachimbo sob o sol da tarde.

— Boa tarde — Julia disse.

O homem apenas meneou a cabeça, observando-a com seus olhos estreitos por detrás da fumaça do cachimbo.

Ela entendeu que ele não era muito de conversa, e entrou no prédio, na esperança de encontrar alguém mais comunicativo.

Acima da entrada havia uma placa vermelha pintada com letras amarelas ALEX DESMANCHE e havia uma Ferrari desenhada no canto inferior, com riscos pretos para dar a ideia de velocidade.

— Boa tarde — disse um rapaz magro, de tez escura, com um boné carcomido na cabeça. — A senhora veio atrás de calotas?

— Não — Julia disse. — Eu vim vender meu carro.

— Vish — disse o rapaz coçando a testa, como se Julia estivesse a lhe arranjar confusão, e então olhou na direção de um outro homem, que mexia em uma moto e estava sujo de graxa. — Jairo, essa mulher quer vender um carro!

O homem se levantou, deixando que uma chave inglesa caísse no chão de cimento. Era mais alto que Julia e sua compleição física era rígida e forte. Ele foi até ela, e antes de lhe estender a mão, a limpou em um pano que trazia no bolso de trás da calça jeans.

— Boa tarde. Jairo.

Julia estendeu a mão para ele.

— Julia.

— A senhora quer vender um carro? Que tipo de acidente foi? Capotamento?

— Não — disse Julia, e então começou a andar para o lado de fora do prédio, em direção ao seu carro. — Ele não sofreu nenhum acidente.

Jairo chegou bem perto do carro de Julia e o circundou. Ele se agachou atrás do para-choque e se arrastou para baixo do carro, levantando uma onda de poeira vermelha no ar.

— Mas esse C3 está novo em folha — disse ele, debaixo do carro. — Você vai conseguir um preço melhor se o levar em uma loja de carros usados. Aqui a gente desmancha e vende as peças só.

Mas uma loja de carros usados vai querer verificar o documento no sistema, Julia pensou, *e vocês aqui não parecem ter nem água encanada, que dirá um computador com acesso à internet.*

— Quanto você me pagaria?

Jairo deslizou para fora do carro. Apoiou um cotovelo na altura do teto do C3. Ficou em silêncio por algum tempo, e Julia pôde imaginar que ele estava desmanchando o carro mentalmente e fazendo o cálculo de quanto cada peça valeria.

— Olha… uns quinze mil, talvez — ele disse.

Julia não deve ter escondido muito bem a expressão de descontentamento, porque ele acrescentou logo em seguida:

— Foi o que disse, dona. Em uma concessionária você deve conseguir uns trinta mil fácil. Comigo é quinze.

Julia se aproximou do Passat vermelho.

— E quanto vale esse Passat?

— Um amigo meu quis comprar esse carro há um mês atrás. Para ele eu fiz oito mil. — Para a surpresa de Julia, quem falava era o velho fumando o cachimbo sentado no tronco. — Mas para você eu faço onze.

O garoto com o boné carcomido caiu na gargalhada com a provocação do velho e Jairo deu um sorriso sem graça.

— Negócio fechado — disse Julia.

O velho deu mais uma tragada, sem dizer nada.

— Como assim? — perguntou Jairo.

— Você disse que pagava quinze mil no meu carro, e o Passat está à venda por onze mil. Negócio fechado. Me dê as chaves e quatro mil reais

em espécie e eu dou o fora daqui.

Os três homens a observaram com cautela. Pareciam temer Julia, como se ela guardasse algum segredo que eles ignoravam.

— Dona, eu não tenho quatro mil reais embaixo do colchão — disse Jairo.

Julia o analisou um pouco melhor. Ele estava mentido. É claro que tinha. Aqueles três não pareciam adeptos de guardar o dinheiro no banco. Talvez não exatamente em um colchão, mas um cofre.

— Qual é o seu nome? — o velho perguntou.

Julia se virou para ele, ficando de costas para Jairo e para os dois carros.

— Julia — ela respondeu.

— Você está fugindo da polícia, Julia?

Os olhos estreitos do homem pareciam vasculhar as profundezas da alma dela, à procura da verdade, e Julia teve medo de mentir e ele descobrir de alguma forma.

— Não. Estou fugindo do meu marido — ela disse, e virou um pouco seu rosto para ele, para que o hematoma no lado esquerdo do seu rosto ficasse visível. — Ele tentou me matar.

Houve um longo silêncio em que o velho ficou apenas tragando o seu cachimbo. Julia pensou que ele ia mandar que Jairo a expulsasse. Pior, que a segurasse e chamasse a polícia.

— Três mil — disse o velho.

Aqui temos um verdadeiro negociador. Não tem vergonha de tentar arrancar mil reais de uma mulher fugindo de um marido psicopata.

— Negócio fechado — Julia disse.

— Jairo, pegue o dinheiro da moça. Thales, comece a desmanchar o carro. Algo me diz que ele vai nos trazer problemas se continuar inteiro.

O garoto de boné carcomido saiu em disparada para dentro da oficina. Jair foi na mesma direção, mas não com o mesmo entusiasmo.

As notas fizeram mais volume do que Julia esperaria. Talvez até algumas delas fossem falsas, pensou ao fitar um bolo de notas de dez reais que pareciam úmidas e quebradiças. Duas delas tinham tinta, o que indicava que foram fruto de roubo de um caixa eletrônico, mas Julia não estava em posição de ser exigente.

Eles contaram as notas no capô do Passat. E quando terminaram, Jairo disse:

— Para onde você está indo?

— Para longe do meu ex — ela disse.

Jairo a fitou com um olhar que parecia pena. Ele limpou o suor da testa no antebraço peludo e sujo de graça.

— Dona, me permite dar um conselho?

Julia o observou calada, enquanto guardava as notas nos bolsos das calças.

— Você deveria procurar ajuda — Jairo continuou. — Se o seu marido realmente tentou te matar, e você fugiu, ele deve estar atrás de você.

— Ele nunca vai me achar.

Jairo suspirou, como se a inocência de Julia lhe desse pena.

— Se ele é seu marido, ele te conhece. Você não vai conseguir pensar em nada que ele não pensaria também.

Ela imaginou Mathias em seu encalço. Em um carro preto de vidros fumê, com dois ou três caçadores a lhe fazer companhia.

— Eu sei me virar, Jairo — Julia disse.

Meio que a contragosto, ele lhe estendeu as chaves do Passat. Elas eram compridas e velhas, e Julia achou que fossem se quebrar ao tentar dar partida.

— Boa sorte — Jairo disse, dando três tapas no capô.

Julia entrou no carro. Haviam dois dados verdes de pelúcia pendurados no retrovisor de coloração desbotada e sujos. O veículo em si fedia a sexo e a algo que parecia cavalo suado. Ela baixou os vidros imediatamente.

Arrancou, deixando o desmanche para trás. Ao olhar pelo retrovisor, viu o homem mais velho ainda sentado no toco de madeira a fumar seu cachimbo e Thales, que começava a desmanchar a porta dianteira do C3 preto. Jairo se juntou a ele, abrindo o capô.

Dia 3

As panturrilhas de Julia ardiam. Era o terceiro dia desde que fugira de casa. A dor fazia seu músculo tremer e arder e ela tinha vontade de estacionar o carro no acostamento, baixar os vidros e acender um cigarro. Mas ela não podia fazer isso. Tinha que chegar as cataratas, e precisava fazer isso antes que os caçadores suspeitassem de algo, ou que Mathias a encontrasse e a levasse forçosamente para casa. Jairo havia plantado uma ideia em sua mente ontem, uma maldita semente do mal que não desgrudava da sua mente. Ela tinha um plano. Os caçadores também teriam o deles.

Julia não parou o carro. Mas abaixou os vidros e acendeu um cigarro. Fumar a deixava calma. Inebriava os nervos. Era bom. A nicotina pareceu agir sobre a dor em sua perna, acariciando-a com seus dedos fumacentos e fazendo a dor sumir. Ela não sentia tanta dor assim desde a vez em que dirigira por quatro horas seguidas pela primeira vez na vida. Fora visitar o seu pai, e quando chegara lá, sua panturrilha estava inchada como uma batata e dolorida.

Ela pegou o celular de Mathias. Só havia cinco ligações perdidas desde a noite anterior. O seu marido estava perdendo as esperanças nela, ao que tudo indicava. *Espere só até ele descobrir os cheques que eu gastei. E o carro que eu vendi!* Julia teve medo de que a polícia pudesse descobrir o seu paradeiro ao analisar o rastro de cheques. Se fossem inteligentes, saberiam que ela estava indo para o sul. Mas o sul era um lugar amplo. Não seria tão simples encontrá-la. E não havia nada que a ligasse às cataratas. A única pessoa que poderia deduzir para onde estava indo morrera recentemente.

Julia tinha comprado alguns jornais pelo caminho, na esperança de que algo fosse noticiado sobre a morte de João. Não encontrou nada, o que não era exatamente uma surpresa. João não era ninguém famoso ou excepcionalmente rico. Era apenas um professor de história que ficou louco e assassinou a própria esposa a facadas na cozinha. Nunca mereceria uma manchete. Talvez uma nota de rodapé no jornal da cidade.

Ela estava no topo de uma montanha, e abaixo dela havia um longo declive e uma pista reta que se estendia como o corpo caído de um antigo Deus. Julia acelerou e aumentou o volume do rádio que tocava White Rabbit do Jefferson Airplane. Ela se lembrou do clipe, com suas luzes psicodélicas e as esferas esverdeadas que a lembrava de grandiosos olhos de moscas varejeiras.

And if you go chasing rabbits. And you know you're going to fall. Tell 'em a hookah-smoking caterpillar. Has given you the call. Call Alice. When she was just small.

Ela deu um longo trago, enquanto diminuía a velocidade. Havia alguém à frente, no longínquo fim da estrada. A princípio ela pensou que fosse apenas uma placa. Mas mesmo à distância conseguiu distinguir que havia textura naquela forma.

Quem fica pedindo carona nesse sol do meio-dia?, Julia pensou, sentindo o calor abafado dentro do carro, e conforme foi se aproximando da figura na beira da estrada, foi notando tratar-se de um homem. Ele usava camisa e calça branca, como se tivesse pronto para uma festa de ano novo. A camisa tinha mangas compridas que terminavam em uma coloração vermelha, como se estivessem em chamas.

Julia reduziu a velocidade conforme se aproximava. Queria observar o homem em detalhes antes de ele começar a se tornar um ponto no retrovisor do carro.

O homem tinha cabelos desgrenhados a lhe cobrir a face, e os olhos estavam envoltos por dois anéis roxos e febris, que denunciavam o seu cansaço. Prendendo os seus tornozelos havia um par de algemas que reluziam contra o sol. Foi quando Julia notou que a coloração rubra das mangas era o sangue do próprio homem, que escorria por sua vestimenta até a altura dos pulsos, e que também pingava no capim amarelado e morto da beirada da estrada.

Julia parou o carro ao lado do homem. Podia ver o peito dele subindo e descendo em uma respiração cansada.

— Uma carona, doutora?

Mesmo com a música alta, Julia reconheceu a voz de João. Ele tentou erguer um polegar para ela, mas os dedos estavam molengas e sem vida. Julia notou o corte no pulso que deveria ter rompido os tendões e transformara suas mãos em duas massas avermelhadas e gelatinosas como bolos de carne. Em uma delas havia um isqueiro coberto por sangue seco.

Julia acelerou, fazendo o carro ganhar velocidade.

— Espere aí, sua puta velha! — berrou João, parado na beira da estrada. — Eu só preciso de ajuda para acender o meu cigarro.

João trazia um cigarro à boca também, só agora Julia notara.

Ele não consegue acender… os dedos cortados. Ele só quer fumar um último cigarro… pobre diabo. Pobre João. Julia pensou em estacionar o carro e voltar andando até ele.

Então sentiu algo quente entre seus dedos. Era o próprio cigarro que fumava. Havia esquecido dele e agora ele chegara ao fim, próximo ao filtro, e queimava os nós dos seus dedos.

Julia arremessou a bituca para fora. O carro oscilou na estrada como um cavalo indomável, mas ela recuperou o controle do veículo

rapidamente. Felizmente, não havia um carro vindo na contramão. Caso contrário, poderia ter sofrido uma colisão fatal.

— Ele está morto! — berrou Julia, agarrando o volante com fúria e voltando a se concentrar na estrada. — Morto!

Vamos lá Julia. Você é melhor do que isso. Onde já se viu uma psicóloga ficando louca?

É claro que ela havia visto João na beira da estrada, e era claro que aquilo tinha sido uma alucinação. Mas isso não implicava que ela estava ficando louca. Pessoas sãs também podiam ter alucinações, pequenos momentos de loucura, como um nômade ao ver um oásis no deserto que na realidade não passa de uma miragem. Isso podia acontecer com qualquer um. O importante era ter em mente que nem toda loucura é permanente.

Mas o que causou a minha alucinação então? A resposta era um tanto óbvia. Ela estava em uma situação de grande estresse. Fora agredida por Mathias. Fugira de casa. Tivera noites mal dormidas em quartos decrépitos de beira de estrada.

E havia o luto pela morte de João também. Talvez Julia estivesse tendo uma síndrome de sobrevivente, pois ela se safara e ele não. E junto a isso poderia ter a culpa de não ter salvado o seu paciente. Isso era mais comum em casos de cirurgiões, que viam a vida de seus pacientes escorrerem pelas suas mãos, mas ela estava sentindo algo parecido. Não que ela pudesse ter curado João da sua loucura, porque ela não existia. E essa era o ponto central. Julia falhara em perceber isso. Em ouvi-lo verdadeiramente, se ela tivesse entendido que João não tinha delírios, talvez ele estivesse vivo agora. No fim das contas, ela era o ‘médico de Rosenhan’.

Eu preciso comer. Algo quente e saudável me fará bem. E quando chegar no hotel hoje, irei dormir pelo menos nove horas. É disso que eu

preciso.

Julia dirigiu os próximos quarenta minutos sem cantarolar nenhuma canção. Na verdade, ela mal ouvia o som do rádio. Tudo que pensava era nas cataratas, e o que encontraria quando chegasse lá.



Estava certa. A refeição fez com que se sentisse melhor. Comera um belo prato de macarrão à bolonhesa acompanhado de duas águas com gás. De sobremesa pedira um petit gateau. O bolo não estava exatamente quente, o que meio que estragava a graça do prato, mas tudo bem.

Permanecia sentada, vendo um jogo de futebol na televisão do restaurante, enquanto fazia a digestão, quando sentiu o celular vibrar.

Não era Mathias. Julia franziu o cenho. Era a primeira vez que um número diferente ligava para ela.

Provavelmente é a polícia. Mathias deve ter lavado as mãos e deixado os policiais fazerem o trabalho deles.

Ela aceitou a ligação e levou o celular ao ouvido, mas não disse nada.

— Doutora… — Por um instante, Julia pensou que era João do outro lado da linha. Mas não. Era uma voz velha.

Julia pensou em desligar imediatamente. Aquele tom causava arrepios e fazia com que o estômago revirasse, como se borboletas com navalhas no lugar de asas voassem lá dentro. Sabia muito bem quem aguardava do outro lado da linha. Um caçador. Seria o número um? O dois? O três? Julia não achava que fazia diferença.

— Não vai falar comigo doutora? Eu sei que você está aí… — A voz tinha um tom blasé parecido com a do homem que ligara na outra noite para

anunciar a morte de João, embora ela tivesse quase certeza de que fosse outra pessoa agora.

Havia algo mais naquela voz. Uma certa alegria contida.

Julia olhou em torno. Havia poucas pessoas no restaurante de beira de estrada. Uma família em um canto, com o filho mais novo jogando algo no celular e a mãe lendo uma revista de fofocas. Um caminhoneiro com camisa de flanela tomando uma cerveja na garrafa no balcão do restaurante. Um homem de negócios falando apressadamente no celular. Não havia ninguém de luvas e chapéu ali.

— Eu estou na frente de uma casa muito bonita — continuou a voz, agora mais zombeteira, menos contida. — Consigo ver a dona do lugar através da janela da cozinha. Ela está lavando louça e tem uma orquídea roxa no umbral da janela…

Mamãe... Julia pensou. Aquele filho da mãe estava na frente da casa da mãe dela.

É um blefe. Apenas um blefe. Julia tentou se acalmar, mas permaneceu calada.

— Ela está usando brincos de pérola para lavar a louça. Acho isso belo e decadente ao mesmo tempo, se quiser saber. E tem um pano de prato pintado com muito esmero em seu ombro. Acredito que ela pode ser a artista por detrás de tão formosa arte.

— Seu filho da puta, não chegue perto da minha mãe! — Julia gritou. Sua mãe sempre usava brincos de pérola. Deveria estar usando um par de luvas amarelas de borracha também e ouvindo música sertaneja no seu rádio. Julia tinha essa imagem clara como uma fotografia em sua mente. Havia um prédio comercial de cinco andares do outro lado da rua em que sua mãe morava, e Julia imaginou o caçador por detrás de uma daquelas janelas, a luva abrindo as persianas apenas um pouco.

O berro que Julia deu ao telefone atraiu olhares indesejados do restaurante, mas que logo voltaram a tomar conta das próprias vidas. O executivo a fitou com desdém, o caminhoneiro, com diversão.

— Se acalme, doutora. Não fiz nada com ela… ainda.

Julia levou o celular para perto da boca, fechou uma mão, fazendo uma concha, e disse em um tom mais contido:

— Se você chegar perto dela, eu irei te matar, seu filho da puta miserável. — Julia pensou em dizer que João contara tudo sobre eles, mas calculou que isso talvez afugentasse o caçador que morava em Foz do Iguaçu, e aquela era a última carta que Julia tinha na manga.

— Não vai não — respondeu o homem sem pestanejar, embora parecesse um pouco irritado com a ameaça de Julia. — Muitos tentaram. Poucos conseguiram. E os que conseguiram, eram melhores que você, doutora.

Julia não lhe deu o prazer da resposta. Segurava a faca da sobremesa com força, como se pudesse golpear o ar a qualquer instante. Procurou por um orelhão nas cercanias do restaurante, mas não viu nenhum. Precisava avisar a sua mãe para se esconder.

Mantenha a calma. Mamãe está a mais de mil quilômetros de distância. Não tem nada que eu possa fazer por ela.

— Onde você está, doutora?

— Por que você… vocês, estão tão interessados em mim? Me deixem em paz. Não sei nada sobre vocês.

— Não me insulte, doutora. Você sabe… — A linha ficou muda enquanto o homem parecia procurar a palavra mais adequada. — O suficiente. Nós só queremos ter uma conversa com você. Apenas isso. Não iremos lhe fazer mal.

Julia se imaginou indo de livre e espontânea vontade ao encontro de um grupo daqueles homens. Poderia ter delirado sobre João pedindo ajuda para acender um cigarro, mas ainda não tinha perdido o juízo completamente.

— Vocês querem me matar, como fizeram com João.

Houve uma longa pausa dessa vez. *Eu disse a verdade, não é mesmo? E agora você não sabe como lidar com ela.*

— Se você não vier até nós, coisas ruins acontecerão com Mathias e com a mulher de brincos de pérola.

— O que vocês fizeram com Mathias? — Julia se controlou para não gritar novamente.

— Nada. Estamos apenas o observando, como estamos observando a sua mãe, como estivemos observando você e João.

Julia soltou a faca. Não sabia por que, mas uma calma se apoderou de seu corpo.

— Qual o seu nome? — Julia perguntou.

Silêncio na linha.

— Existe alguma chance de eu sair dessa com vida? — Julia perguntou.

— Existe — o homem respondeu, para a surpresa dela. — Você pode passar a vida fugindo. Talvez dê sorte e nós nunca te encontremos. Ou talvez não. Mas quanto ao seu marido e a sua mãe, eles estão condenados, doutora.

— E… — Julia gaguejava agora. Estava com o cabo frio da faca entre os dedos novamente. — E existe alguma chance *de eles* viverem? — A pergunta não foi mais que um sussurro.

— Sim, doutora. Basta você vir até nós.

Julia finalizou a ligação. Não se entregaria a eles. Isso seria o equivalente ao suicídio. Agora, mais que nunca, ela tinha certeza de que sua única saída era expô-los. Entraria naquela casa em Foz do Iguaçu e revelaria para o mundo os segredos que aquelas criaturas guardavam.

Discou o número da casa da sua mãe imediatamente, pediria para ela ir até a polícia. O telefone chamou e chamou — Julia imaginava sua mãe tirando as luvas amarelas, secando a umidade das mãos em um dos panos de prato que pintava, e então arrastar seus chinelos até o telefone fixo na parede da sala — até que finalmente alguém atendeu.

— Mãe? Me escuta…

— Doutora — era *ele* novamente —, se eu fosse você, não a aconselharia a fugir. Existem muitos acidentes de carro hoje em dia. E mesmo quando a vítima sobrevive, ela fica com sequelas. Pessoas ficam paraplégicas… tetraplégicas… perdem um olho… as vezes um vergalhão se enfia no pulmão… você entendeu a ideia. A ligação será completada, mas saiba que nós escutaremos.

A ligação voltou a chamar.

— Alô? — Era a voz de sua mãe.

Julia desligou e se levantou. As pernas estavam moles e acabou esbarrando no balcão do restaurante, fazendo o caminhoneiro derramar cerveja na sua camisa de flanela.

— Presta atenção, doutora!

Julia se virou para encarar o homem, e algo na expressão dela o fez se encolher na cadeira.

Como ele sabe que sou uma doutora?

Você está sendo seguida, Julia. Todos nesse restaurante são espiões. Todos eles servem à vontade dos caçadores.

Ele não disse doutora, ele disse porra.

Julia correu para o banheiro. O mundo girava e o chão parecia prestes a abrir sob os seus pés.

Só quando ela se fechou em um dos cubículos que notou que ainda segurava a faca. A largou no chão mesmo imediatamente, curvou os joelhos e vomitou o almoço. O bolo do petit gateau conferiu uma cor escura ao macarrão, e, por um breve momento, Julia viu-os se moverem dentro da privada, como vermes

Então os joelhos finalmente cederam e ela tombou ao lado do vaso, e começou a chorar.

Sim, doutora. Basta você vir até nós. As palavras do caçador ecoaram na mente dela, com aquele tom blasé, com aquela fome e urgência contidas.

Ela queria seguir com o plano, ir para as cataratas, mas não podia arriscar a vida da sua mãe.

Com os dedos trêmulos, inalando o odor pungente do próprio vômito, Julia discou para o misterioso número que iniciara aquela sequência de eventos malditos.

— Reconsiderou a minha oferta, doutora?

— Sim.

Houve um instante de hesitação, como se o caçador desconfiasse das palavras dela.

— Onde nos encontramos? — ela insistiu.

— Presidente Prudente, é claro. A questão é quando. — Dessa vez foi Julia que ficou sem resposta. Estava calculando mentalmente quantos quilômetros a separavam de Foz.

— Eu estou longe daí, mas consigo voltar em três dias.

— Temos um trato, doutora — ele respondeu, a voz parecia vibrar como um chocalho de cascavel.

— Onde em Presidente Prudente?

— Nós entraremos em contato em breve.

Julia desligou o telefone. Esperava que aquele blefe comprasse a vida de sua mãe. De qualquer modo, ela não estaria em Presidente Prudente em três dias. Continuaria a rumar para Foz do Iguaçu.

E chegaria em dois.

Dia 4

Julia estava em um quarto de hotel barulhento que ficava em frente a um viaduto e conseguia ouvir o som estapafúrdio dos ônibus passando, das buzinadas dos carros e do zigue-zague das motos. Ela poderia ter dirigido até o seu destino, estava a menos de trezentos quilômetros dele agora, mas chegaria no meio da madrugada. Por isso, preferiu ter uma boa noite de sono e se preparar com cautela para o fatídico encontro.

Estava de olhos fechados, procurando o sono em meio ao caos da noite, mas tinha dificuldade em encontrá-lo. Ela rolou pela cama de casal e seus dedos deslizaram para a bolsa de couro embaixo da cama. A primeira coisa que encontrou lá foi o par de luvas amarelas que havia comprado. Ela os retirou da bolsa e os vestiu. Tamanho P. Perfeito em suas mãos. Ela sentia a textura do plástico assim como o talco dentro das luvas. A sua serventia original era para lavar louça, mas Julia tinha outros planos. As usaria quando invadisse a casa do caçador. Isso serviria para não deixar suas digitais no local. Não que os caçadores se importassem com digitais, mas ela não queria que a polícia ficasse em seu rastro também, se é que já não estava. Ela apostava que Mathias havia chamado a polícia tão logo descobriu que seu precioso carro fora furtado. E havia uma outra razão para as luvas: não tocar o caçador. João disse que havia tocado um caçador no parque. O que ele havia visto, ao entrar em contato com a estranha substância preta e viscosa, levara consigo para o túmulo, mas Julia sabia, pela expressão em sua face ao narrar aqueles acontecimentos, que fora algo abominável.

Com o par de luvas calçado, Julia deslizou os dedos novamente para dentro da bolsa de couro e pegou sua segunda aquisição. Um revólver. Ela

não sabia muito bem o calibre, embora o homem que vendera a arma tivesse lhe dito. Era uma arma de tambor com espaço para seis balas, embora Julia só tivesse cinco.

Cinco seriam o suficiente para dar conta do recado.

Não foi tão difícil assim comprar aquela arma. Foi necessário audácia. Algo que Julia nunca teria até alguns dias atrás, trabalhando no Manicômio Judiciário Presidente Prudente. Lá, entrando às oito da manhã, saindo às seis da tarde e tratando de seus pacientes, ela era a *ordem*. Agora, com João morto, seu marido tentando assassiná-la, e com a vida da própria mãe por um fio, ela era o *caos*.

Próximo do meio-dia ela havia parado para almoçar em um posto de gasolina sujo e feio. Haviam muitos caminhoneiros naquela parada e nenhuma família ou executivo falando no celular. Esses deveriam ter dirigido mais trinta quilômetros até o próximo posto Graal. E era isso mesmo que Julia queria. O lugar mais fétido dos fétidos, onde apenas pessoas precisando de um dinheiro fácil estariam. Após o almoço, ela começou a andar pelos caminhões estacionados, até que se deparou com o arquétipo que estava buscando.

Havia um homem barbado, com a barriga saindo por debaixo da camisa encardida do Pink Floyd. Ele dormia em uma rede que fora montada embaixo do caminhão. Uma garrafa de procedência duvidosa repousava em seu colo, já pela metade, e Julia desconfiava que não era água o que havia ali dentro.

— Boa tarde — disse Julia, procurando ter firmeza na voz. Não podia demonstrar medo.

O homem deslizou o boné alguns centímetros acima, revelando olhos acinzentados. Não pareceu notar o hematoma no lado esquerdo do rosto de

Julia. Ela estava fazendo um bom trabalho com a maquiagem e o inchaço já diminuíra, quase regredindo a seu tamanho normal.

— Não sei onde fica o banheiro — ele respondeu, mal-humorado.

— Não é o banheiro que eu procuro — ela respondeu, cruzando os braços e permanecendo firme no mesmo lugar.

— O que cê quer então, boneca? Um lugar na rede do velho Wanderlei aqui?

Julia revirou os olhos, enojada. Por que os homens tinham que ser tão porcos sempre?

— Eu estou procurando uma arma.

O homem baixou o boné, escondendo seus olhos.

— Eu tenho cara de quem vende armas, boneca? — ele disse, por detrás do boné. — Eu estou dormindo em um caminhão ou em um tanque de guerras?

— Escuta…

— Some daqui! — o homem esbravejou, e Julia se encolheu sobre si mesma. — Tá atrapalhando meu sono, sua vaca.

Julia teve vontade de dizer algo, ou apenas permanecer lá, de pé, para importunar o homem, mas sabia que estaria apenas perdendo o seu tempo e, pior ainda, o homem poderia ficar realmente nervoso e agredi-la.

Vencida, ela deixou o homem ter a sua soneca em paz, e continuou a caminhar.

— Hei, você aí.

O chamado a pegou de surpresa. A porta de um caminhão que deveria ter três metros de altura foi aberta. Ele tinha parte da lataria cromada, e no baú havia o logo de uma marca de *Fast Food*.

— Eu ouvi o seu pedido. Se quiser, podemos fazer negócio — disse a voz que estava oculta em algum lugar atrás da porta aberta.

— Você tem uma arma para vender? — Julia perguntou.

— Cala a boca! — ralhou a voz. — Você quer anunciar para deus e o mundo por acaso? Se quiser fazer negócio, sobe aqui e nós conversamos.

Julia se aproximou da porta, mas não fez menção de subir. Queria apenas ver com quem estava falando, mas só enxergava o teto da cabine.

A voz permaneceu em silêncio.

A sorte não vai sorrir duas vezes para mim. Se eu não subir… onde conseguirei arranjar uma arma? Teria que entrar em alguma favela ou algo do gênero. Ela ponderou, observando a pintura cinza-chumbo do caminhão.

Mas e se o cara me raptar, ou quiser me estuprar?

Só havia um jeito de ter certeza. Julia se aproximou do caminhão e suas sapatilhas pisaram na escada metálica. Eram cinco degraus até a cabine.

Havia um homem deitado no banco. Ele estava de calça jeans e não vestia os sapatos, no pé direito a meia estava furada, revelando o dedão com a unha a ser cortada. A cabine tinha um odor de chulé terrível, que se misturava a suor, cigarros e salgadinhos.

Ele assobiou assim que seus olhos caíram sobre Julia, mas ele não fez menção de livrar espaço para que ela sentasse, e Julia teve de ficar de pé, no último degrau, se apoiando na lataria do caminhão. Se sentia ridícula naquela situação, como se fosse uma prostituta de beira de estrada.

— Você quer fazer negócio? — ele perguntou. Os lábios se mexendo por debaixo de um cavanhaque ruivo.

— Você tem uma arma?

— Você tem dinheiro?

— Claro que eu tenho dinheiro.

— Onde está?

Julia deu uma risada. Aquele homem pensava que ela era alguma ingênua para lhe dizer onde guardava o dinheiro?

O homem permaneceu sério, e trocou os pés de posição, agora colocando o pé direito, que estava por debaixo do esquerdo, por cima. No movimento, a unha do dedão roçou na canela de Julia, e ela temeu que pudesse fazer um corte na sua calça.

— Eu não aceito cheques, ou qualquer merda do tipo. Só dinheiro vivo. Está claro?

Julia meneou a cabeça positivamente.

— No porta-luvas tem um calibre .38. Tambor de seis balas. Se quiser, podemos fazer negócio.

— Quanto?

— Essa é uma ótima arma, sabe? O tambor está excelente, eu mesmo lubrifiquei e limpei a arma esses dias.

— Quanto?

O homem deu mais uma longa espiada em Julia.

— O que uma dondoca como você vai fazer com uma arma dessas? Pegou o marido comendo a babá?

Julia bufou, impaciente. Suas panturrilhas estavam ardendo de ter que ficar em pé, e aquele homem estava realmente a tirando do sério. Ela se virou de lado, observando a escada. Desceu um degrau.

— Calma, dondoca. Acho que eu realmente acertei seus nervos com essa história de amante, hein? Não precisa ficar toda histérica. Por mil e quinhentos reais ela é sua.

Julia se inclinou até o porta-luvas e o abriu. O odor dos pés suados e das meias parcamente lavadas entrou pelas suas narinas e embrulhou o seu estômago.

— Hei, hei, hei! — protestou o homem, tentando se levantar do banco.

Quando o homem foi se inclinar para Julia, ela já estava com a arma na mão. Ela era pesada e preta. Muito feia. Julia esperava algo mais cromado, com o cabedal de madeira envernizada, talvez. Ela apontou a .38 para o peito do homem e o viu recuar. Os olhos dele, até agora serenos e matreiros, se arregalavam. Ele se comprimiu contra a porta fechada do motorista do outro lado do caminhão.

Julia gostou da sensação. Ter aquele homem encurralado sob a mira de uma arma. De repente todas as piadas e os *dondocas* haviam desaparecido.

— Negócio fechado — disse Julia, colocando a arma por dentro da calça.

Então ela tirou um bolo de notas do bolso e começou a contar.

O homem permaneceu calado. Agora os olhos estavam na quantia de dinheiro que Julia contava. Ainda parecia assustado, mas também parecia feliz. Provavelmente aquela arma deveria valer muito menos do que o preço estipulado por ele, mas Julia não estava com tempo ou paciência para barganhas.

— Aqui está — ela disse, e jogou as notas dentro da cabine. Fazendo-as se espalharem.

O homem começou a pegá-las, afoito, e Julia desceu do caminhão.

Assim que alcançou o chão de cimento, Julia analisou a arma melhor. Estava entre dois caminhões e longe de olhares curiosos. Com um giro do pulso ela abriu o tambor, que deslizou com um clique seco. As balas caíram todas no chão, rolando pelo asfalto quente e indo se perder embaixo do caminhão ao lado.

Julia teve de ficar de gatinhas para recolher as balas, e por fim só encontrou cinco das seis. Achou melhor sair de lá sem mais demoras, não queria que Wanderlei ou o homem anônimo com quem fizera negócios aparecesse.

Assim que ela entrou no carro, pegou o celular de Mathias. Pensou em ligar novamente para a polícia, como havia feito pela manhã. Tinha conversado com um tal delegado Otávio e pedido proteção para a sua mãe. O homem, por sua vez, respondera que ele não fazia parte do elenco de Minority Report, e que não poderia prever crimes antes que eles acontecessem, mas que mandaria uma viatura até a casa da sua mãe para ver se tudo estaria bem. *É logico que tudo vai estar bem*, Julia pensara, *até o momento em que não estiver.* Os caçadores não brincavam em serviço. Não seriam encontrados atrás de uma moita pelos policiais. Eles estariam escondidos, imersos nas sombras, e só apareceriam quando fosse necessário.

O som de um ônibus passando a toda velocidade a retirou de seus devaneios. Agora, Julia estava de joelhos na cama, vestindo as luvas de plástico e empunhando o revólver cujo calibre permanecia um mistério. Além disso, tudo que trajava era uma calcinha branca. Girava a arma de um lado para o outro, sacolejando o revólver. Se sentia perigosa. Há quatro dias era apenas a doutora Julia, mas hoje era uma fugitiva, havia comprado uma arma de numeração raspada, dirigido por estradas desertas e ia de encontro ao impossível.

Ela varreu os quadros na parede sob a mira de seu revólver. O primeiro era um vaso com pétalas de rosa, o segundo era a ponte de São Francisco e o terceiro era seu favorito.

Parecia uma reprodução impressa de uma pintura a óleo: uma rua cinza ladeada por prédios de tijolos multicoloridos, com janelas de madeira

tortas e ensebadas. No meio da rua havia um único homem, andando sob a chuva, todo vestido de preto e com o rosto coberto por um guarda-chuva.

Julia deixou o homem sob a mira de sua arma, sentindo o peso e a frieza do metal, e disparou mentalmente.

Morto. Pensou, com certo prazer.

Então, com uma jogada de pulso rápida, ela abriu o tambor do revólver, conferiu as cinco balas ali presentes e o fechou novamente.

Amanhã seria o grande dia.

Dia 5

Julia entrou no Kaffé. Foi mais fácil achá-lo do que imaginara. Era um ambiente agradável e aconchegante, pé direito baixo com papel de parede florido, doze poltronas de couro marrom estavam dispostas em frente uma à outra, com uma mesinha redonda no centro. Tocava alguma música francesa, que dava ao lugar uma aura dos anos vinte. Havia um casal abraçado, sentado na mesma poltrona, tomando algo que parecia Chai Latte, e um homem com olheira fitando um computador, com duas xícaras de café expresso já vazias. Era engraçado estar em um lugar que até minutos atrás não passava de mais uma das tantas lembranças de João. Seu paciente não havia descrito o papel de parede, ou como o ambiente cheirava a café fresco e canela, ou havia?

Ela se aproximou do caixa, e um homem asseado de cabelos prateados e compridos sorriu para ela.

— Boa tarde, minha jovem, em que posso ajudá-la?

Ela estranhou a educação do homem. Tinha se acostumado a lidar com atendentes de postos de gasolina e caminhoneiros. Dondoca e gata eram as novas palavras do seu vocabulário.

— Eu quero… — Ela passou os olhos pela vitrine. — Um croissant de chocolate e um cappuccino, por favor.

— Hmm… — O homem fungou de modo divertido enquanto anotava o pedido. Então os olhos saíram do papel e se voltaram para ela. — Vai comer aqui ou quer para viagem?

— Comer aqui, por favor.

— Maravilha. — Ele arrastou o "r" com que para forçar um sotaque francês. — Seu nome é?

— Julia.

— Está bem, Julia. Por que não fica à vontade? Levaremos o pedido até a sua mesa.

Ela sorriu para o garçom e se aconchegou em uma poltrona de couro no fundo da cafeteria. De lá ela podia observar todo o diminuto e aconchegante salão, assim como o vitral que expunha a rua e os transeuntes nela. Não que ela pensasse que iria se deparar com o caçador a andar tranquilamente da mesma maneira que João fizera, mas mesmo assim, preferia ter uma visão de quem passava pela rua, quem entrava e quem saía da cafeteria. Ser pega de surpresa não estava em seus planos.

Havia deixado o carro em um estacionamento do outro lado da rua. Não pegara um quarto de hotel. O *serviço* ali seria simples, e ela queria estar bem distante quando estivesse concluído. Até ontem, ela pensava em fazer uma transmissão ao vivo da sua invasão à casa do caçador. Porém, começou a colocar outros fatos na equação. O primeiro, e talvez principal, é que talvez aquela não fosse mais a casa do caçador. E se Julia invadisse a casa em que vivia um casal com um filho pequeno, por exemplo? Aquilo seria constrangedor, mas a palavra que mais a assustava era *incriminador.* Se algo desse errado, Julia estaria gerando uma prova contra si mesma.

Decidiu que não faria a transmissão ao vivo, mas que gravaria sua incursão dentro daquela casa e agendaria o upload para doze horas no futuro em todas as redes sociais que possibilitavam isso, como Facebook e Youtube. Deletaria os aplicativos do celular e chantagearia o caçador, sem temer que ele destruísse a evidência. Se o caçador cedesse aos termos dela, Julia poderia cancelar as postagens a tempo. Caso contrário, se ela morresse, por exemplo, o vídeo viralizaria em sites e fóruns da web.

Uma mulher trouxe o seu pedido. O cappuccino soltava fumaça e tinha uma espessa camada de creme de leite em cima. Ela levou o copo até

os lábios e sentiu o calor da bebida irradiar pelo seu corpo, aquecendo-a. Então pegou o croissant de chocolate e deu uma mordida. Sorriu com melancolia. João estava certo, os croissants dali eram realmente maravilhosos.

Ela imaginou seu antigo paciente ali, com a sua esposa, conversando e sorrindo. A vida inteira pela frente. Até que ele avistara o caçador e tudo dera errado.

Eles vão pagar João. Vão pagar pelo que fizeram com você, pelo que fizeram com Patrícia e com os outros… e vão pagar pelo que fizeram comigo.

Julia se lembrava do endereço da casa. Havia anotado quando João o citara, em uma atitude automática de psicóloga, mas que agora fazia toda a diferença.

Rua Tordesilha, número 11.

Mas antes ela resolvera experimentar os croissants. Afinal de contas, estava em uma viagem, não era mesmo?



Julia foi a pé até o endereço. Quando João narrara sua perseguição ao caçador, fizera parecer que tudo havia acontecido muito rápido. Questão de segundos, talvez. Mas agora que ela fazia o percurso, via que ele havia andado quinze minutos entre o Kaffé e a Rua Tordesilha.

Ela pegou o telefone do orelhão do outro lado da rua e fingiu discar para alguém, enquanto observava a casa com calma.

Era uma construção bege, com a pintura descascada e velha. Havia uma cerca de madeira baixa, que Julia conseguiria pular sem grandes dificuldades. A porta estava fechada, assim como todas as janelas, cerradas com persianas.

Não tem ninguém em casa, pensou. Mas poderia ter. Talvez aquele velho desprezível apenas não apreciasse o ar puro e quisesse permanecer enclausurado.

Seus olhos varreram a fachada em busca de uma placa de vende-se ou aluga-se, mas não havia nada.

E se outras pessoas estiverem morando ali? E se o caçador estiver em outro lugar? Em outro Estado? Será que minha busca foi em vão?

— Senhora? Vai demorar muito, preciso usar o orelhão?

Julia girou nos calcanhares e observou uma mulher grávida, que também trazia um bebê nos braços. Ela tinha uma postura arqueada e parecia irritada com algo.

— Não — Julia murmurou, e saiu debaixo do orelhão.

Um pouco mais à frente havia uma padaria e Julia entrou nela. Sentou-se no balcão em frente a chapa. *Perfeito*, pensou. Dali tinha uma visão completa da casa. Se alguém entrasse ou saísse dela, Julia veria. Na verdade, não deveria ter entrado na padaria. Tudo indicava que a casa estava vazia no momento, o que seria perfeito para ela. Poderia transitar por entre os cômodos com tranquilidade, reunindo quantas evidências conseguisse. Porém, havia algo que Julia precisava fazer antes.

— O que deseja? — perguntou o balconista.

— Uma cerveja, por favor — disse Julia.

Ela precisava acalmar os nervos.

Julia estava terminando a segunda garrafa de cerveja. Não conseguia se recordar da última vez que ingerira alguma bebida alcoólica. Ela e Mathias eram o que a sociedade moderna chamaria de

caretas. Até tentaram tomar uma taça de vinho após o jantar para apimentar a relação uma época, mas não deu certo.

Os minutos se arrastaram e a casa permaneceu a mesma, um bloco sólido e bege. A porta não se abriu, ninguém caminhou pelo gramado, as persianas não se agitaram. A tarde clara foi se avermelhando e então escurecendo. Porém, isso não trouxe o frescor esperado e o calor implacável fazia sua camisa grudar ao corpo e o suor escorrer pela nuca, onde o cabelo encobria a pele.

— Mais uma cerveja? — perguntou uma mulher por detrás do balcão. Ela enxugava o interior de um copo americano com um pedaço de pano.

— Não — disse Julia, fitando a casa do outro lado da rua. — Já estou atrasada, na verdade.

Ela pagou a conta e andou em direção à casa do outro lado da rua. A mistura de cerveja, cappuccino e croissant fora infeliz, e seu estômago se agitava. Mas, bem no fundo, ela sabia que era o medo que mexia com suas entranhas. Entrar naquela casa abriria várias possibilidades, e elas teriam consequências com que Julia não sabia se estava preparada para lidar. As coisas poderiam sair do controle, e, embora ela achasse necessário portar uma arma, não achava que estava realmente preparada para dispará-la se fosse necessário.

Ela olhou para trás, para ver se alguém dentro da padaria reparava nela, e viu que a mulher do balcão estava ocupada secando os copos, com os olhos grudados na televisão. Nenhum transeunte na rua naquele fim de tarde também. Ótimo. *Só aja naturalmente*, ela disse para si mesma ao pular a mureta da casa e caminhar pela sua lateral em direção aos fundos dela. *E não olhe para trás agora, isso só fará com que pareça suspeita.*

Assim que chegou aos fundos da casa, Julia se lembrou da descrição de João. Estava tudo lá. Os muros altos dos vizinhos, a árvore velha e magra com galhos secos como dedos de velha e a janela da cozinha. A janela não possuía persianas e por ela era possível ver que a casa estava sem luzes acesas.

Julia deslizou a janela de vidro com cuidado para não emitir nenhum ruído e então se inclinou pela abertura, invadindo a casa. Ela caiu de nádegas contra o assoalho duro de mármore. Sentiu uma ardência subir pelo seu cóccix, mas nada alarmante. Se ergueu rapidamente, olhando em torno. A casa era silêncio puro.

Ela viu a respiração sair da sua boca em lufadas brancas. Estava frio dentro da casa, e Julia desejou ter trazido um casaco.

Quase se esquecera! Ela abriu a bolsa e retirou as luvas amarelas, calçando-as. Em seguida pegou o revólver e o empunhou com a mão esquerda. Colocou a alça da bolsa em seu ombro. Pegou o celular de Mathias e ligou a câmera para começar a filmar.

A cozinha em si parecia mundana. A pia de mármore estava limpa, sem louça aparente. Os armários estavam fechados. Assim como a geladeira. Julia deu zoom no objeto com a lente de sua câmera, como se estivesse capturando um animal selvagem em meio a mata. A geladeira era vermelha e pesada, parecendo ser de ferro fundido, com os pés de cerâmica brancos. Deveria ser uma relíquia dos anos cinquenta. Ela se lembrou de João falando sobre a geladeira. Dizendo que não a abrira, embora quisesse tê-lo feito.

Vamos ver do que essas criaturas se alimentam, Julia pensou. Ela viu sua mão enluvada e amarela surgir pelo display de filmagem do celular. Os dedos tocaram a maçaneta cromada da geladeira, abrindo-a.

A geladeira estava abarrotada de garrafas de vidro que variavam de coloração, entre o roxo, o verde o azul e o laranja. Sob a luz interna da geladeira, as garrafas — que ocupavam cada espaço do eletrodoméstico — formavam um prisma difuso que lembrava um arco-íris.

Ela conteve a sua vontade de praguejar. Aquilo não era uma evidência contundente de que algo inumano e provavelmente imortal vivia naquela casa. Era algo apenas… estranho.

Julia deixou o celular e a arma em cima da geladeira, e puxou uma das garrafas de vidro. Todas tinham uma tampa de rolha, como vinho, e um mecanismo de cobre que as mantinham fechadas. Todas pareciam preenchidas com água. Ela abriu o ferrolho. Por um breve instante, pensou em dar um gole na bebida, mas descartou a ideia tão logo ela surgiu. *Muito arriscado.* Ela aproximou o nariz, e inalou. Sentiu um aroma doce como anis no começo, mas que foi gradativamente mudando para um odor mais denso e áspero, como se estivesse respirando diretamente do escapamento de um carro. Sua garganta arranhou, e então travou. Julia devolveu a garrafa à geladeira imediatamente. Pouco a pouco, sua respiração voltava ao normal e seu trato pulmonar parava de arder.

Aquilo não era água. Isso era uma certeza. Ela fechou a porta da geladeira com força, e o baque fez as garrafas se mexerem, tilintando. O som chamaria a atenção de qualquer pessoa dentro daquela casa. Julia apurou os ouvidos, esperando o som de passos, mas não encontrou nada.

A casa permanecia quieta como uma tumba.

Ao menos por enquanto.

Deixou a cozinha e ganhou o corredor, que tinha tacos de madeira no chão. Ela imaginou João, parado naquela mesma ponta do corredor, vislumbrando todas aquelas portas fechadas. No final do corredor, do

lado oposto ao que Julia se encontrava, havia uma porta de madeira estreita e alta, que dava para a rua principal da casa. Era por lá que o caçador entrou quando se deparou com João.

Ela apurou a visão, focando na maçaneta metálica da porta, e a viu girar um pouco. O movimento era sutil, quase como se a maçaneta vibrasse. *Ele está ali*, Julia pensou, *já está com a mão na maçaneta e com a outra, está pegando as chaves no bolso da calça social.* Ela ficou parada, a respiração forte mandando oxigênio para o cérebro, a mão direita segurando o celular com mais força, a esquerda aproximando um dedo do gatilho, quando a vibração da porta parou. *Não havia ninguém do outro lado, estava imaginando coisas.* Ou será que havia um caçador de fato? E ele pressentiu que havia alguém dentro da sua casa?

Julia continuou parada, e fez um esforço para apurar ainda mais os sentidos. Procurou ouvir o som de passos. Nada. O único som era o de seu coração batendo forte e assustado contra o seu peito.

Ela abriu a primeira porta da direita. O cômodo estava escuro, e ela acendeu a luz. O ambiente tinha uma janela de madeira fechada, o odor ali era viciado, uma mistura de ácaros e poeira. Estantes de mogno recheadas de livros cobriam as paredes do chão ao teto. Não havia cadeiras ou outros objetos naquela sala. Apenas livros. Era a biblioteca da *coisa*.

Julia analisou as obras, passando os olhos pelos exemplares que lhe chamavam mais a atenção. Os livros pareciam velhos, e tinham pesadas capas de couro, com as lombadas já rachadas e abrindo nas beiradas. As letras que denotavam os nomes dos livros estavam escritas com tinta dourada ou prateada e estavam apagadas pelo tempo.

As línguas dos textos — a julgar pelos títulos — eram das mais diversas: português, francês, inglês, russo… Julia reconheceu um dos

livros: METAMORPHOSEON. Era Metamorfose, do poeta Ovídio. Ela retirou o livro da estante. As páginas estavam amareladas e gastas nas beiradas. O texto estava de fato escrito em latim, com ilustrações em vermelho e preto. Ela guardou o livro na estante, com medo de que as páginas se despedaçassem se ela o manuseasse demais.

Havia a obra completa de Freud, Nietzsche, Jung, e outros nomes que ela reconhecia da faculdade de psicologia. Alguns daqueles livros, ela desconfiava, eram primeiras edições. Deveriam valer milhares de reais se fossem a leilão. Outras obras, Julia nunca ouvira falar: uma delas tinha uma cinta a prender-lhe com um cadeado, na capa lia-se apenas: AL AZIF. E, abaixo, o que deveria ser o nome do autor: Abdul Alhazred. Um outro livro se destacava, por ter a lombada de uma cor amarela doentia, e uma textura que lembrava pele de cobra. Não havia nome de autor, apenas o título, que dizia: THE YELLOW KING.

Julia já havia visto o suficiente naquela sala. Assim como a geladeira, aquele ambiente continha algo estranho, mas nada que justificasse suas afirmações sobre criaturas inumanas e imortais. Ela fitou o display do celular. O vídeo já tinha vinte e três minutos, precisaria editá-lo antes de fazer upload.

Ela foi para a porta seguinte.

Assim que acendeu a luz deu um grito. Por uma questão de sorte, não efetuou um disparo. Julia pensou se tratar de um homem parado de pé no meio do cômodo, mas era apenas um objeto, que se assemelhava a um sarcófago egípcio.

Conforme se aproximava, percebia que o objeto não era nem um homem, nem tão pouco um sarcófago. Era uma dama. Uma *dama de ferro*.

O objeto era feito inteiramente de ferro, era alto e amplo o suficiente para acomodar um ser humano em seu interior. Havia um rosto no topo, moldado no próprio ferro, de uma mulher com olhos esbugalhados e com a boca curvada, como em um grito de dor eterno. A cabeça, Julia intuía, seria oca, para que a cabeça do próprio torturado coubesse ali dentro e seus gritos atravessassem a boca do instrumento de tortura.

O corpo da dama de ferro estava aberto, como se tivessem duas portas, e dentro dele era possível ver os compridos espetos que perfurariam o corpo da vítima, mas sem atingir órgãos vitais. Assim, o sofrimento se prolongaria por horas ou dias.

Julia ponderou se aquele artefato fora de fato usado. *É claro que foi. A verdadeira pergunta é se o idealizador dessa monstruosidade fora inspirado por um caçador.*

Ela deixou o quarto. Aquele objeto antropomórfico de tortura lhe causava mal-estar.

Abriu a terceira porta e já apertou o interruptor ao lado, como fizera nos cômodos anteriores. Ela parou antes mesmo de dar o próximo passo. Não era outra saleta de cinco metros quadrados que se revelava diante de seus olhos, mas sim uma escada comprida que levava a uma espécie de porão. Julia notou os degraus de metal negro, cobertos por poeira. A luz do teto era amarela e fraca, e não alcançava o porão até o fundo. Ela iluminava dez ou talvez doze degraus. Depois disso, tudo era mistério e escuridão.

Ficou parada no umbral da porta. Ponderando se deveria ou não descer aquelas escadas. A escuridão parecia sólida, e poderia ter dedos, ou garras. O ambiente parecia mais frio ali também, deixando sua

respiração mais visível, com gotículas de vapor branco saindo dos seus lábios e narinas.

Ela deu o primeiro passo em direção às escadas.

Não viera de tão longe para se amedrontar agora. Sua vida estava em risco, assim como a da sua mãe e de seu esposo.

Vá fundo, doutora, disse a voz de João em sua mente*, entre na toca do coelho branco.*

As sapatilhas de Julia estalaram contra os degraus de metal negro. Ela sentiu os pelos do corpo se eriçando conforme caminhava rumo ao fundo do porão. Era como se estivesse chegando mais próxima da fonte de frio daquela casa.

Ela ouviu a porta atrás de si ranger e então se fechar. Virou-se, assustada, e a lanterna do seu celular — tecnicamente de Mathias — revelou que havia um braço mecânico que mantinha a porta fechada. Agora a luz do celular era tudo que possuía, e ela utilizou-o para iluminar os degraus à sua frente.

Respirou, aliviada, quando seus pés tocaram um assoalho de cimento batido. A descida chegara ao fim.

Imediatamente, uma série de lâmpadas fluorescentes se acenderam, revelando a amplitude do cômodo. Ela não se encontrava em um diminuto porão, como havia esperado, mas sim em um espaço estreito e comprido. As lâmpadas brancas iluminavam o ambiente como em um consultório médico, mas o cheiro dali era de terra e sujeira.

Não era possível ver o final do corredor, pois apenas as lâmpadas próximas a ela se acenderam com a sua presença. Mas isso já era interessante o suficiente, ela concluiu, ao se aproximar de uma estante de madeira maciça e escura como ébano.

Em cada uma das prateleiras se acumulavam cadernos de couro marrom. Julia pensou em tocá-los, mas teve medo. Ela notou que havia algo entalhado na frente de cada bloco de cadernos. Eram datas. O monte mais próximo a ela, e o único em que os cadernos não subiam até o limite superior da estante, tinha apenas uma data encravada: "2013 — ". Havia seis cadernos ali. Quase um por ano, contabilizou mentalmente.

Ela deixou a arma apoiada na estante e pegou o caderno no topo. Abriu-o na primeira página. Havia um único símbolo ali, era como um número oito, mas no centro dele havia um círculo menor, e no topo e na parte inferior do símbolo saía uma espiral encaracolada, como se fosse um rabo de gato se curvando. Os traços eram elegantes e precisos.

— É aqui que eles fazem suas anotações — Julia disse, focando a página inicial do livro com a câmera. Era a primeira vez que falava desde que entrara naquela casa. — Esse símbolo denota o nome da criatura. Um paciente meu, agora falecido, dizia que os círculos obedecem à divina proporção.

Ela abriu a próxima página. Estava preenchida de cima a baixo com os símbolos redondos, sem deixar vaga para espaços brancos.

— Eu não sei exatamente sobre o que eles anotam, mas sei que anotam muita coisa. — Julia afastou o zoom da página do caderno e mostrou a estante abarrotada de livros.

Pelas suas estimativas, cada bloco empilhado de cadernos deveria ter uns dez exemplares. E cada nível da estante concentrava oito blocos. A estante em si tinha seis níveis. Daria cerca de quinhentos cadernos.

E se eles anotam na média um por ano… Julia sentiu seu estômago revolver quando notou o entalhe no primeiro nível da estante. *1527 – 1538.* Ela se agachou e observou aqueles cadernos. O couro parecia mais velho e gasto.

Ela pegou o primeiro caderno de todos, aquele que estava na base, e abriu-o. Comparou o símbolo da primeira página com o caderno mais recente. Era exatamente o mesmo. Reproduzido com tamanha precisão que uma xerox não poderia fazer mais bem feito.

Comparou então a segunda página dos dois objetos. Os símbolos eram diferentes. Alguns se repetiam vez ou outra, mas ficou claro a ela que cada um daqueles cadernos continha a sua própria história.

Julia guardou o caderno mais novo de todos no lugar em que o encontrara, mas o mais antigo de todos, aquele datado de 1527, ela guardou no bolso da calça jeans. Imaginava que aquele livro poderia conter alguma informação mais especial que os demais. Algo como a origem dos caçadores, por exemplo.

Ela fitou a escada metálica a sua esquerda, que subia para a porta fechada, e então a escuridão a sua direita. Precisaria continuar caminhando, caso quisesse desvendar o que mais aquele porão escondia.

Ela pegou a arma, que deixara apoiada na estante, e continuou a caminhar.

As luzes brancas à frente se acenderam — as de trás se apagaram — e Julia viu um grandioso tanque d'água. Ela era redondo e tinha a altura de um metro e meio, batendo um pouco abaixo dos seios dela. O que havia dentro do tanque não era água, mas sim um líquido preto e denso. Ela reconheceu aquela substância no mesmo instante. Sentira-a pingar dos lábios de Mathias noites atrás, quando ele tentou matá-la.

Julia se agachou, o rosto ficando próximo da parede de vidro. Viu como o líquido preto se movia, fazendo redemoinhos. E então notou um corpo anelado e róseo, que se arrastava pelo vidro, se contorcendo sobre si. Ele tinha o diâmetro do punho dela, e mesmo retorcido, seu corpo cobria toda a lateral em que Julia estava mais próxima. *Pelo menos um*

metro e meio, ela pensou. Aquilo não era uma minhoca, nem um verme, ou tão pouco uma cobra, mas parecia o resultado do cruzamento dessas variáveis. *Será que ele tem consciência?*, ela pensou, e então se afastou do vidro.

Algo se agitou acima das águas negras, conforme ela se afastava. Um corpo anelado que emergia e submergia em um arco, o corpo pulsando como se cada poro dele respirasse. Aquela parte do animal — ou animais, Julia não tinha certeza — tinha um diâmetro maior que o seu punho. Algo mais próximo a sua coxa.

Com o horror que sentia, esqueceu-se de filmar o ocorrido, e tudo que a câmera capturou foram seus pés e o assoalho. Ela simplesmente se afastou, sem vontade de conseguir um *frame* que enquadrasse aquela bestialidade, e foi mais fundo no porão, enquanto sua mente tentava montar a anatomia daquela misteriosa criatura. Teria olhos? Teria dentes? Seria um parasita dos caçadores?

Julia continuou a caminhar. Seu corpo parecia sentir mais frio a cada passo que dava, e não conseguiria ficar ali embaixo por muito mais tempo. Precisava respirar ar puro, ver o brilho da lua na noite escura. Precisava sentir-se livre.

Quando a próxima fileira de lâmpadas compridas e fluorescentes se acenderam, a primeira coisa que Julia notou foi que estava finalmente no fim do porão. A segunda coisa que notou, foi que o pior havia sido guardado para o final.

Fixado à parede havia uma estrutura metálica, que mais lembrava uma gaiola do tamanho de um elevador antigo, com pequenos fios de cobre se entrelaçando. A cor da estrutura era acastanhada, às vezes com tons de pêssegos, e parecia excessivamente lustrosa. Dado que a estrutura era de fios entrelaçados, Julia podia observar parcialmente o

que havia em seu interior: um longo e grosso tarugo de cobre estava fixado próximo ao teto da estrutura, e dele se dependuravam *coisas*, como se a estrutura fosse um cabide.

Julia guardou a arma na cintura, assim como o celular. Precisaria das duas mãos para abrir as portas de cobre e realmente entender todos os detalhes do interior daquela misteriosa caixa. Se ela parasse um segundo para racionalizar seus atos, talvez desistisse daquela ideia e simplesmente fosse embora. Porém, Julia não pensava em um nível consciente. Sua mente operava em um estado mais simples e ancestral de consciência, movido por puro instinto.

As mãos, envoltas pelas luvas amarelas — que agora estavam pegajosas e quentes devido a transpiração da sua pele — tocaram a maçaneta da porta, que era redonda, assim como o símbolo na luva dos caçadores.

Tão logo as portas se abriram, uma luz vermelha e fria se acendeu no interior da caixa, dando ao cobre o tom do fogo. A luz vermelha vinha de uma pedra, do tamanho aproximado de um paralelepípedo, que estava prostrada no centro do móvel. Ela emanava um vapor vermelho e denso, como se fosse gelo seco. *Essa é a fonte do frio que venho sentindo*, ela pensou.

Pendurado nos cabides, havia cinco carcaças humanas. Elas eram de corpo inteiro, exceto pela cabeça. Julia notou como todas tinham a mesma abertura: o corte começava abaixo do pomo de adão, descida pelo grande peitoral, passava pelo abdômen, e terminava antes da virilha. O corte era retilíneo e preciso, como que feito cirurgicamente. A luz vermelha iluminava o interior das carcaças, e Julia viu como não haviam órgãos ali. Apenas pele e músculos. Ela se lembrou dos frangos

dispostos em padarias, rodando sob o fogo, prontos para serem consumidos.

Esse é o abatedouro dele, ela pensou.

Acima do tarugo de cobre que segurava as carcaças, havia uma pequena prateleira. Julia teve de ficar na ponta dos pés para enxergar melhor, e viu que havia cinco cabeças ali. Uma para cada carcaça. Sentiu um calafrio ao ver aqueles olhos negros e vazios fitando-a. Era a face de um único caçador de sofrimento, reproduzida cinco vezes, como se fossem seus clones.

Seus joelhos fraquejaram, e Julia se virou de lado. A última refeição saiu de seu estômago em um jato quente e azedo. *Não é o abatedouro dele. É o seu armário. É aqui que ele se veste de humano. No porão, sob a luz vermelha e fria do inferno.*

Ela limpou os lábios na manga da blusa. Queria dar o fora daquele lugar.

Não ainda, ela disse para si mesma, e pegou o celular do bolso. Começou a filmar aquele armário de cobre, com as carcaças desnudas e ocas, esperando para serem vestidas. E as cabeças decepadas de olhos pretos como carvão. Aquela seria a prova cabal. Tinha de ser. Se o material era orgânico ou sintético, Julia não saberia dizer, mas o fato é que a enganara em um primeiro momento. Mas agora, fitando novamente as cabeças, Julia entendeu o que João havia dito com "*o rosto dele não parecia ser feito de pele, mas sim de alguma espécie de cera. Era oleoso e denso.*"

Antes de se afastar, Julia notou dois outros objetos no armário. Um banco de tampo redondo, e um facão curvo, que lembrava uma machete. Ambos eram feitos inteiramente de cobre.

Imaginou o caçador descendo aquelas escadas calmamente, após um dia de trabalho, onde teria inspirado uma criança a matar o irmão recém-nascido com o travesseiro ou a mãe a colocar veneno de rato no jantar da família. Ele anotaria essa pequena aventura em um de seus cadernos de couro, passaria pelo tanque com os compridos vermes e iria até o final do porão. Ali, tiraria o chapéu, o pesado casaco, as luvas e o terno, apoiando-os no banco de cobre, e então se despiria de si mesmo, abrindo a pele falsa com a machete de cobre, até assumir a sua verdadeira forma.

Talvez os próprios caçadores nada mais fossem do que um amontoado daqueles vermes no tanque, com consciência coletiva. Julia não tinha certeza. Ou talvez estivessem mais interessados no líquido preto que as criaturas talvez excretassem do que nelas em si.

Ela deixou a gaiola de cobre para trás, sem nem ao menos se importar em fechá-la. Entrara naquele porão à procura de evidências e as encontrara. Infelizmente. *Eu vou embora daqui*, disse para si mesma. Não esperaria pelo caçador chegar. Pegaria seu carro e voltaria para o Estado de São Paulo. De lá, faria sua chantagem, dizendo que possuía as filmagens. As enviaria como prova, se eles desejassem.

Passou pelo tanque de líquido preto olhado para a outra direção. Também ignorou a presença da estante com os cadernos de couro marrom. Estava farta de tudo daquilo. Começou a subir as escadas a passos lentos. Sentia-se um pouco zonza, e seu corpo tremia de frio. O porão inteiro parecia uma câmara gelada. Seus dedos trêmulos abriram a porta, e ela ganhou o corredor da casa.

Estacou imediatamente. Havia luz em um dos cômodos, o mais próximo à porta principal.

Julia não estava mais sozinha.

— Ele está atrasado — disse uma voz saindo daquele cômodo. A voz era baixa e cansada. Um pouco rouca, e carregada de malícia.

— Como sempre — respondeu uma outra. Essa tinha um tom mais agudo, como a voz de um homem com enfisema pulmonar.

Havia dois caçadores naquele cômodo. Pelo menos. E eles estavam à espera de um terceiro, ao que tudo indicava.

Julia guardou o celular no bolso da calça. Temia que a luminosidade da lanterna pudesse denunciá-la. Confrontar um caçador já seria um movimento arriscado. Dois? Aquilo beirava à loucura. *Eles são rápidos, doutora,* disse a voz de João em sua mente*, aparentam ter corpos velhos, mas eu e você sabemos agora que aqueles não são seus verdadeiros corpos.*

Ela empunhou a arma com as duas mãos, fazendo mira no cômodo. Do ângulo em que se encontrava, prostrada de frente à porta que dava acesso ao porão, ela não conseguia enxergar nada.

Foge, doutora! A voz de João explodiu dentro da sua mente, imperativa. *Saia daqui enquanto ainda tem o controle sobre a própria vida.*

Mas Julia não saiu. O medo a congelava. Seu corpo tremia, o cano da arma subindo e descendo.

— Ele já está a par dos detalhes, de qualquer modo — disse o caçador com a voz mais aguda. — Devo confessar que estou… ansioso.

— Eu também — emendou o primeiro. — A última vez que presenciamos algo dessa magnitude foi aquela queda de avião três anos atrás.

— Mas esse *evento* será maior. Não estamos falando de cinquenta ou sessenta vidas. Estamos falando de duas ou três mil.

Julia segurou a arma com mais força, e seus pés finalmente se moveram. Não na direção da porta dos fundos, mas sim em direção ao cômodo em que os caçadores confabulavam. *Duas ou três mil vidas*, as palavras ecoavam em sua mente, pulsando. De repente, toda a sua missão, todo o seu objetivo de livrar a própria pele, junto com a de Mathias e de sua mãe parecia algo pequeno. Mesquinho. Aquelas criaturas caminhavam entre a humanidade por séculos, inspirando o mal, se deleitando com a dor, e Julia estava ali, em seu covil. Poderia pegá-los de surpresa.

E ela tinha cinco balas.

Poderia dar certo.

A voz de João reapareceu em sua mente. Dessa vez, ele dava uma longa e rouca gargalhada. *Devo admitir, doutora. O folie a deux é real. Você ficou louca de p-e-d-r-a.*

— O *peão* já está mapeado?

— Sim — respondeu a voz velha e aguda. — Pedro trabalha na torre de controle do trem de São Paulo. Especificamente na linha amarela, onde os trens não possuem maquinistas. Todo o aparato é automático, e para um erro ser cometido, é necessária interferência humana. No horário de pico, às seis da tarde, cada trem do metrô carrega entre mil e quinhentos a dois mil passageiros. Uma colisão frontal tem o potencial para fazer milhares de vítimas.

— Nunca entenderei como você se interessa tanto por essas tecnicidades primitivas — disse o outro caçador, com um pouco de desdém na voz. — Me conte sobre esse Pedro.

Julia continuava a caminhar na direção do cômodo. Cada passo executado era previamente calculado. Ela observava as ripas de madeira, como se pudesse identificar se alguma delas faria barulho.

Ainda dá tempo, doutora. Choramingou a voz de João em sua mente. *Entre no seu carro e pise no acelerador. A Argentina fica a menos de uma hora de carro de onde estamos, o Paraguai também.*

— Pedro é um homem medíocre. Ainda mora com a mãe e sua última namorada o traiu com um garoto da academia. Pedro está devastado.

— Um *peão* e tanto — respondeu o outro caçador.

Um estalo dentro do quarto fez o coração de Julia gelar. Ela estacou onde estava, a menos de cinco passos da porta do cômodo.

— Onde *ele* está? — perguntou o caçador. Havia raiva em sua voz rouca e velha. — Vinte minutos de atraso.

— Ele tinha trabalho a fazer, não se lembra? — perguntou o caçador com a voz aguda. — A mãe daquela mulher… qual era o nome dela?

— Julia — o outro respondeu. — A psicóloga de João. Como a mãe dela faleceu mesmo?

— Não sei, mas vamos descobrir em breve. — O caçador de voz aguda inspirou. — Sinto o cheiro dele agora.

Houve uma breve inflexão na voz do caçador. Provavelmente, ao inspirar, ele sentira um outro cheiro também. O de Julia.

Ela não pensou. Até a voz de João se calou em sua mente. Sua mãe estava morta. Talvez engasgada com um dos panos de prato sobre a ilha de Páscoa que pintava, ou outra morte horrenda, mas não importava.

O que importava. A única coisa que importava. É que ela estava morta. João também estava morto. E Julia sabia, ao menos sentia, que Mathias também não viveria muito, se é que ainda respirava o ar desse mundo.

Ela não tinha mais nada a perder. Talvez sua vida, mas isso não importava muito agora.

Deu os últimos passos em direção ao cômodo sem se importar em fazer barulho.

Havia dois homens lá dentro, envoltos pela aura de uma lâmpada amarela e velha, sentados em duas poltronas de couro. A mesa de centro possuía o mesmo símbolo de suas luvas de couro marrom, mas esse detalhe passou despercebido pela mente de Julia. Haviam duas outras poltronas vazias, e uma lareira a crepitar no canto da sala.

Os caçadores se levantaram tão logo Julia adentrou o cômodo. Vestiam pesados casacos de lã, ternos e luvas, embora seus chapéus estivessem apoiados acima do tampo de marfim da lareira. Eles pareciam assustados, e Julia sabia que aquele sentimento duraria um ou dois segundos no máximo.

Ela ergueu o revólver e puxou o gatilho. Não havia por que dialogar. Chantagens se tornaram um jogo infantil. Sua mãe estava morta, e, se ela não fizesse nada, milhares de outras pessoas também estariam.

O tiro acertou em cheio a testa de um dos caçadores — Julia o imaginava sendo o da voz aguda como a de um homem com enfisema — e a cabeça explodiu como um balão cheio de água. Uma onda fumacenta de líquido preto se espalhou pelo cômodo e o caçador caiu de lado.

O outro caçador avançou em direção a ela. Julia viu como aqueles olhos negros a analisavam ameaçadoramente. Ela atirou, mirando na cabeça dele.

A bala errou o alvo, indo se alojar na parede ao fundo.

Ele é rápido, ela pensou, vendo como ele se movia em sua direção. Em mais quatro passos ele a alcançaria. Julia recuou em direção à porta.

Tentou um segundo tiro na cabeça e falhou miseravelmente. A maré de sorte que tivera com o primeiro tiro parecia tê-la abandonado, e agora só haviam mais duas balas no tambor.

Ela mirou no peito do caçador e atirou. Dessa vez não errou, e as duas balas se alojaram em seu abdômen.

O caçador reduziu o ritmo da perseguição, os joelhos tremendo, os dedos das luvas se debatendo de um lado para o outro como vermes desesperados.

Julia continuou a andar para trás, até que as costas batessem contra a parede do corredor, e ali ficou parada, vendo o caçador ensaiar os passos contra ela. Não possuía mais balas, mas não achava que elas seriam necessárias. Via o líquido preto e viscoso vazando pelos buracos de bala e molhando a camisa de algodão branco da criatura, escorrendo pela calça e manchando o assoalho. Conforme o líquido se esvaía, o caçador parecia murchar. Suas bochechas foram ficando mais fundas, seus olhos foram perdendo o negrume e ficando acinzentados… era como se ele fosse apenas aquele amontoado de líquido negro por detrás daquela pele falsa e nada mais. Então, uma criatura anelada e gorda saiu de um dos buracos de bala e caiu no assoalho de madeira, nadando sobre a poça de líquido preto. *Os vermes… seu corpo está cheio deles.*

Ela notou que o corpo do primeiro caçador, aquele que acertara com o tiro na testa, começava a se mexer. Não os braços ou pernas, mas sim o peito. Ele se abria, forçando a camisa social.

Um dos botões se rompeu e foi parar dentro da lareira.

Está saindo, ela pensou, com puro horror. O que for que houvesse dentro daqueles caçadores, finalmente ganharia o mundo.

Ela se pôs a correr para a porta da frente. Tinha que dar o fora dali. Suas mãos, ainda calçando as luvas amarelas e compridas de lavar louça,

forçaram a maçaneta, mas ela não cedeu. Ela se pôs a correr na outra direção, para a porta dos fundos. Enquanto corria, olhava para trás, para o cômodo com os dois caçadores baleados. Eles não estavam mortos, ela sabia agora. Os tiros apenas haviam arruinado suas fantasias humanas. Julia sabia disso, porque a luz que saía do cômodo e se depositava na parede do corredor revelava uma sombra delgada e comprida.

Seu corpo se chocou contra algo, e ela deu um grito de espanto.

— Eu também tentei aquela porta — disse o caçador à sua frente. Aquele que havia se atrasado para a reunião por estar matando a mãe de Julia. — Está emperrada há dois anos.

Julia abriu a porta a sua esquerda, procurando fugir do caçador e rolou escada abaixo.

Era a porta do porão.

Os mesmos degraus que ela descera com tanta cautela trinta minutos atrás, agora percorrera de forma desleixada. Ela perdeu o equilíbrio tão logo seu pé escorregou no primeiro degrau e então rolou escada abaixo.

Assim que atingiu o solo, se ergueu. O corpo mandava sinais de dor das mais diversas áreas, testa, joelhos, cotovelos, panturrilhas e outras partes mais, mas a adrenalina em seu sangue abafava essas sensações. Ela perdera a arma na queda, mas isso era irrelevante agora. Estava sem balas.

O caçador continuava prostrado no umbral da porta. Os olhos pretos como besouros perversos a observá-la. Ele olhou para baixo e sorriu.

— Acho que você está encurralada, doutora Julia — ele disse. Sua voz era um pouco rouca, e preenchida de malícia, e Julia teve certeza de que fora com ele que conversara ao telefone noites atrás, barganhando

pela vida de sua mãe. — E desarmada também — ele acrescentou, apontando para o revólver, que estava no terceiro degrau da escada.

O caçador começou a sua descida. Os sapatos de sola de couro estalavam contra o assoalho metálico das escadas. Caminhava com calma, afinal, Julia estava de fato encurralada. Já havia percorrido todo aquele porão e sabia que não possuía uma saída.

Ele apanhou o revólver com desprezo e o arremessou através da porta do corredor. Além do som dos passos, Julia ouvia algo mais. Um rastejar no corredor da casa. *Os outros dois caçadores estão a caminho também.*

Ela imaginou-os descendo as escadas. Um deles — o da voz aguda — estaria sem sua cabeça humana, mas algo emergiria por entre o buraco no pescoço. Seria uma cabeça de verme? Com olhos? Com pele rósea e gordurenta?

Quando o caçador estava na metade da escada, Julia começou a correr. O caçador não pareceu se importar, e continuou a descer os degraus com calma.

Assim que ela chegou próxima da estante de cadernos, puxou-a pela parte de cima, fazendo tudo tombar. Uma revoada de cadernos de couro preencheu o lugar, se abrindo e fechando como mariposas pesadas e gordas. A estante tombou em um ângulo de sessenta graus, obstruindo parcialmente a passagem.

Aquele gesto provocou a fúria de seu caçador, que começou a correr em sua direção. Por um breve instante, Julia ficou parada, maravilhada com a velocidade com que ele se movia. Não parecia um homem velho. Seus movimentos eram ligeiros como de um atleta olímpico. Então, como um rato encurralado, Julia começou a correr na direção do fundo do porão.

Ela não presenciou quando o caçador saltou por cima da estante tombada com agilidade felina. Tampouco notou como o tanque transparente se agitava, com vermes saindo pelas beiradas e derramando o líquido preto no assoalho. Seu coração batia forte no peito e ela não mais sentia frio naquele porão, embora sua respiração saísse em bolsões de vapor branco. Sentia calor, sentia suor e sentia medo.

A última fileira de luzes se acendeu. Julia já divisava o armário de cobre no final do cômodo. Seria sua salvação.

Abriu as portas de cobre, fazendo-as ranger com seu gesto espalhafatoso, quando sentiu uma mão em seu ombro. A pegada firme fez com que ela girasse nos calcanhares.

— Tentando se trancafiar dentro do armário, doutora Julia? — perguntou o caçador. Agora estava tão próximo dela que Julia podia sentir seu hálito podre. Os dentes eram duas fileiras amareladas e velhas. E sua gengiva era preta, assim como seus olhos. Olhando de perto, Julia não conseguia entender como uma pessoa comum não perceberia que havia algo de errado, de inumano, com aquela criatura. O rosto era oleoso e sem poros, como uma máscara de cera.

Ela também viu como o pescoço se retesava, com veias que mais pareciam cabos de aço.

O caçador aliviou a pegada em seu ombro direito e então apertou seu crânio. Julia sentiu a cabeça inchar com a agressão. Os dedos da criatura eram incrivelmente fortes.

Ele levantou a mão livre. Os dedos se retorcendo para frente e para trás, contrariando as leis da anatomia, dentro da luva de couro marrom.

— Não se afobe, doutora. Você veio de tão longe… deixe-me te mostrar o que somos de fato.

O caçador levou a luva até os lábios, e então mordeu a ponta de couro do dedo médio.

Julia não queria saber da verdade. Quando estava em seu consultório, no Manicômio Psiquiátrico Presidente Prudente, teria gostado se João lhe contasse. Mas agora, ali, naquele porão, com o caçador a comprimir o seu crânio, tudo que ela menos queria era *saber*.

A luva finalmente foi retirada, e por debaixo dela Julia viu um amontoado de vermes que se retorciam em meio ao líquido escuro e denso como lodo.

O caçador havia pressuposto que Julia correra até o armário para se trancafiar dentro dele.

Ele estava errado.

A mão do caçador emitiu um som terroso ao ser arrancada pela machete de cobre que Julia empunhava.

Ao contrário do que esperava, o caçador não afrouxou a pegada em seu crânio, nem tão pouco recuou de dor. O que ele fez foi enfiar o cotoco dilacerando contra os lábios de Julia.

Então, ela sentiu o gosto azedo daquela misteriosa substância.

E entendeu.

Finalmente, entendeu.

Dia 6

Sua cabeça latejava em movimentos pulsantes que iam e vinham como a batida de um tambor. Havia um som ao fundo de um programa de televisão. Ela reconheceu a voz como sendo do Pica-Pau, mas era da dublagem que ela não gostava quando era criança. O personagem dava sua gargalhada característica. Ela abriu os olhos, e viu que não havia nada de engraçado na sua situação. Se encontrava em uma cama de hospital. Havia um líquido transparente que entrava na veia do seu braço direito através de uma agulha. A bolsa de plástico estava dependurada por um gancho, e nela lia-se FISIOLÓGICO. Era soro.

O sol da manhã entrava pela janela aberta, trazendo consigo uma brisa morna com cheiro de margaridas. Julia estava sozinha no quarto, com um lençol branco a cobrir-lhe o corpo. O cômodo era amplo, com paredes de tom pastel. Tentou se levantar, mas os punhos estralaram. Ela estava algemada. Os pés também estavam presos.

Como eu vim parar aqui?

Julia fechou os olhos, e procurou a resposta.

As memórias vieram em fragmentos, como cacos de vidro sendo carregados pelo vento. A invasão à casa. A geladeira apilhada de garrafas. O cômodo com os livros estranhos, a donzela de ferro, os cadernos de couro, o líquido preto com vermes nadando, a jaula de cobre, os caçadores, os tiros… e Julia caindo para dentro do porão, tentando fugir do terceiro caçador, decepando sua a mão, e então…

Seus batimentos aceleraram, enquanto revivia a memória.

O caçador enfiara a mão amputada contra o seu rosto, fazendo com que o líquido preto preenchesse sua boca. Ela se lembrou da sensação de um dos vermes roçando contra o seu lábio inferior.

E então, ela não estava mais no porão.

Não havia caçador. Não havia armário de cobre.

Ela estava em outro lugar.

Naquela memória — ou talvez revelação fosse a palavra adequada — Julia não possuía um corpo. Era apenas uma ideia. Um conceito.

Estruturas se desvelavam diante de seus olhos. Compridas estruturas reluzentes como alfinetes, ordenadas em padrões geométricos. As estruturas variavam de tamanho, embora todas fossem compridas e cilíndricas.

Uma luz forte iluminava-as, e Julia pensou que estava vendo a obra de um artesão sobre a luz de uma lamparina.

Foi apenas quando diminuiu a distância da imagem que compreendeu a grandiosidade do que se revelava diante de seus olhos. Aqueles objetos não eram alfinetes, mas, sim, prédios. Grandiosas torres que deveriam ter duzentos ou trezentos metros de altura.

Ela foi se aproximando de um dos prédios, como se uma força invisível a guiasse. Conseguia ver diminutos pontos se movendo na base dos prédios, e entendeu que se tratavam dos moradores daquele lugar, que definitivamente não pertencia ao planeta terra.

E então uma ideia surgiu em sua mente. Mas ela era estranha e alienígena, como se fosse implantada. E a ideia dizia que aquela sociedade era avançada. Tão avançada que eles haviam superado a morte a milênios. Tão avançada que não havia mais doenças ou guerra. Tão avançada que o sofrimento fora aniquilado.

A força invisível continuou a movê-la, até que ela se aproximasse de uma das aberturas circulares do prédio mais próximo.

O cômodo em que ela se encontrava agora era escuro. Julia sentiu medo ao notar que algo se movia nas sombras.

— Você entende, doutora? — ele perguntou. Era a voz do terceiro caçador, mas ela estava alterada, saindo em tons arrastados.

A criatura se movia pelas sombras e, estando em seu habitat natural, não utilizava sua fantasia de humano. Julia não conseguia divisar todos os detalhes, mas via como a criatura era comprida e esguia. Os movimentos dela eram úmidos, e o odor que exalava era o mesmo do líquido preto, mas intensificado.

Julia torceu para que a luz do cômodo não fosse acesa. Sabia que ficar frente a frente com aquela criatura, tendo uma visão completa de todos seus detalhes e de sua anatomia tão alienígena, a deixaria louca.

— Entende como nossa existência pode ser tediosa? — a criatura continuou.

E então ela entendeu.

Um homem mata a própria esposa porque ela perdeu o controle da televisão. Uma criança afoga o seu cachorro apenas para ver o desespero em seus olhos. Um motorista decide dirigir na contramão e acaba se chocando contra um carro de uma família que estava saindo de férias. Uma criança esfaqueia a mãe no sono para ver a cor que o sangue tem. Um homem brinca de roleta russa com a sua mulher e o amante dela. Um garoto entra na faculdade e atira em alunos de uma sala, e se mata depois. Um homem aciona o gás de uma câmara de banho cheia de judeus. Um homem passa o dia chicoteando negros no pelourinho. Um homem mata um companheiro de carteado porque este supostamente estava roubando. O carrasco corta cabeças ao som do povo clamando por

liberdade, igualdade e fraternidade. Um cavaleiro vive debaixo de uma ponte e degola viajantes desavisados. Uma criança mata o irmão mais novo e faz um cozido para saciar a sua fome. Um homem, uma mulher, uma criança, tiro, facada, pele, sangue, muito sague, dor, dor, dor.

E sofrimento.

Era tão… lindo.

Julia deu um salto, fazendo as algemas baterem novamente contra as barras da cama. Estava emergindo de um estado de quase transe. Havia de fato visto tudo aquilo? Ou tudo não passava de um fruto da sua mente cansada? E o que acontecia depois? O terceiro caçador morrera ao ter a mão decepada ou não?

A dor de cabeça se intensificou.

Claro que ele está morto. É por isso que eu estou viva.

Tudo parecia distante e irreal. Branco demais.

E então tudo se desfez.

Dia 7

Julia acordou. Estava no mesmo quarto de hospital do dia anterior. Os tornozelos e pulsos continuavam presos por algemas à cama. Dessa vez, não ouvia o som do pica-pau em alguma televisão. O hospital inteiro parecia silencioso como um cemitério.

Ela viu que a bolsa de soro fora retirada, e os lençóis pareciam ter sido trocados. Tinham um cheiro fresco de lavanda.

A porta do quarto foi aberta e uma mulher entrou por ela. *Uma enfermeira*, Julia calculou. Após tanto tempo trabalhando no Manicômio Judiciário Presidente Prudente sabia como reconhecer uma em apenas um segundo. Era uma mulher de meia idade, trajando um avental branco e uma blusa de malha bege por baixo. Seu cabelo era curto e volumoso, e os olhos eram castanho-escuros.

A enfermeira estacou diante do umbral da porta, vendo que Julia estava acordada. Julia pensou em dizer algo, perguntar onde exatamente estava, mas a enfermeira foi embora.

Ela foi chamar alguém, foi tudo que conseguiu pensar. Estava tranquila acerca dos caçadores. Achava que ou estavam mortos, ou estavam afugentados em algum lugar, caso contrário ela já estaria morta. Quem a enfermeira fora chamar então? Poderia ser a imprensa, ela pensou. Talvez tenham investigado o celular dela — o celular de Mathias, na verdade — e descoberto a estranha filmagem que fizera dentro daquela casa. Ou, quem sabe, quando Julia finalmente foi resgatada daquele porão, os policiais ou bombeiros não tenham visto as horrendas criaturas que se vestiam de humanos?

Mas por que Mathias não viera encontrá-la? *Porque eu estava sem meus documentos quando invadi aquela casa.* Sim, Julia entrara naquele hospital como uma desconhecida. Não tinha o seu RG em mãos, muito menos o plano de saúde que o Manicômio Judiciário Presidente Prudente provia a ela.

As peças iam se encaixando em sua mente. Era por isso que estava algemada em um quarto privativo naquele hospital. Queriam cuidar bem dela, mas não poderiam deixar que escapasse. Julia tinha perguntas a responder.

Seu estômago se revirou. Provavelmente quem estava vindo até ela, caminhando do outro lado do corredor, seriam agentes do mais alto escalão da ABIN — a agência brasileira de inteligência — prontos para questioná-la acerca da natureza dos horripilantes caçadores. Seriam agentes duros e bem treinados, com o único objetivo de espremer toda a verdade dela.

Hoje será seu dia de sorte, agentes, pois não tenho nada a esconder.

A mesma enfermeira abriu a porta, e junto a ela entraram dois policiais. A primeira coisa que Julia notou é que não eram da ABIN. O homem trajava uma camisa social xadrez um pouco amarrotada e calça de brim bege. A mulher, de rosto forte e queixo proeminente, tinha os cabelos negros em cachos a cair pelos ombros, e usava um terno cinza-claro.

— Pode nos deixar a vontade, Roseli — disse a policial negra para a enfermeira, que deixou o cômodo em um piscar de olhos.

Enquanto a policial mulher observava a enfermeira ir embora, o policial homem não desgrudava os olhos de Julia. Ele arrastou as duas poltronas que estavam próximas à janela para próximo da cama. Sentou-se em uma, e sua parceira em outra.

— Por que não começamos pelo começo? — sugeriu o homem, dando um amplo sorriso. Mas Julia viu algo em seus olhos. Aquele homem era frio

e calculista, o sorriso era apenas um instrumento para desarmá-la. — Eu me chamo Otávio Rocha, e essa é minha parceira…

— Priscila Santos.

Julia se empertigou na cama. Sentia-se desconfortável, com aqueles policiais começando um interrogatório tão naturalmente.

— Sou Julia Holgado. Doutora Julia Holgado — acrescentou, como se aquilo pudesse lhe conferir algum grau maior de confiabilidade.

Priscila tomou nota do nome dela em um bloco de anotações. Julia se certificou de que ele não era de couro marrom, mas sim de capa mole e cinza.

— Doutora? — o policial Rocha repetiu, como se Julia tivesse captado o seu interesse. — Você é médica?

Julia pensou em mentir. Ou talvez não responder a pergunta. Poderia exigir um advogado, ou uma ligação para Mathias.

— Sou psicóloga — ela respondeu. Achava que mentir não era uma boa opção. Talvez os policiais já soubessem tudo sobre ela e estivessem colocando-a a prova. E ela não tinha nada a temer também. Não cometera nenhum crime, exceto invasão de propriedade privada. Assassinato de alienígenas com certeza não estava previsto no código penal. — Trabalho no Manicômio Judiciário Presidente Prudente.

A policial Santos anotou tudo que Julia disse em seu caderno. Então se levantou, e disse:

— Me desculpem, mas preciso usar o banheiro.

Mentirosa, Julia pensou. Ela não ia usar nenhum banheiro. Iria ligar para a central de delegacia para puxar os dados de Julia e ver se ela de fato dizia a verdade.

A suspeita de Julia foi confirmada quando a policial não optou por usar o banheiro do quarto, e saiu do cômodo.

O policial Rocha se empertigou na cadeira. Tinha papel e caneta nas mãos também.

— Acho que somos só nos dois, por hora.

— Por que estou sendo mantida presa? — Julia perguntou.

O sorriso do policial sumiu do rosto. Toda sua face adquiria o mesmo aspecto frio e calculista dos seus olhos.

— Você foi encontrada desacordada na Rua Tordesilha, número 11. Além de você, três homens foram encontrados. Os corpos deles, na realidade. Dois baleados, um com a mão amputada. Ele sangrou até a morte. Um jeito bem lento e tenebroso de morrer, se quer saber a minha opinião. — Ele deu um longo suspiro, a mão direita massageando o joelho, como se sentisse dor. — Você está detida pois é a principal suspeita do assassinato. Isso, é claro, se você não tiver uma história que me convença do contrário. E precisará ser uma ótima história, devo acrescentar.

— Eles não eram humanos — Julia disse. Não havia por que perder tempo com rodeios.

O policial Rocha a fitou, um sorriso cínico preenchia os lábios enquanto ele continuava a massagear a perna.

— Não?

— Já fizeram a autópsia? — Julia perguntou.

— Sim, querida.

Julia tentou se levantar, mas as algemas a impediam de se mover.

— E vocês viram… — Ela hesitou. — Viram o que havia por detrás das suas faces? O que havia dentro de seus corpos?

O policial parou de massagear o joelho e Julia sentiu como se apenas agora ela tivesse capturado toda a sua atenção.

— Foi por isso que você invadiu a casa e matou Fernando, Roberto e Gerson? Três médicos aposentados que jogavam pôquer duas vezes por

semana? Porque eles fizeram algo inumano?

A dor de cabeça de Julia retornou. Dessa vez com força total. A verdade não adiantaria. Ela estava enrascada.

Existem outros caçadores, Julia concluiu. A certeza a penetrou como um caco de vidro. *Eu realmente devo ter assassinado os três, mas outros caçadores apareceram. Eles sabiam que a polícia chegaria. Alguém deveria ter denunciado o som de tiros. E eles armaram para mim. Limparam a cena do crime, e substituíram os mortos por três humanos comuns.* Mas por que deixariam Julia com vida? A resposta veio tão rápido que a espantou. Não haveria nenhum sofrimento se ela simplesmente morresse. Agora, se ela fosse presa… passaria anos na cadeia por assassinato triplo, mais invasão de domicilio.

A filmagem. O celular de Mathias. Era sua única esperança de sair daquela enrascada.

— Meu celular — ela disse, lutando contra a dor de cabeça. — Vocês acharam o meu celular?

O policial Rocha respondeu sem hesitar:

— Não achamos nenhum aparelho. Apenas sangue e miolos. — Ele se levantou da cadeira, e então se inclinou para Julia. As mãos dele estavam apoiadas nas laterais da cama, e Julia se encolhia contra o travesseiro conforme ele se aproximada. Daquela distância, conseguia sentir o cheiro de café preto e ovos mexidos. — Que tal cortar o papo furado, e começar a me dar algumas respostas? O que aconteceu na Rua Tordesilha, número 11?

A mente de Julia ardia. Ela achava que estava à beira de um colapso nervoso. O policial Rocha não iria pegar leve com ela.

A porta foi aberta. Era a policial Santos. Julia notou que haviam outras coisas anotadas em seu bloco, mas daquela distância não conseguia ler lhufas.

— Podemos falar lá fora um pouco?

O policial Rocha se afastou de Julia, mas sem perder o contato visual.

Ele me odeia. *Talvez os caçadores o inspiraram*, ela pensou, e fitou a arma no coldre dele.

— Voltarei em breve — ele disse, antes de abrir a porta — e quando voltar, eu quero respostas.

Mas o policial Rocha não voltou. Ao menos não naquele dia.

DIA 8

Julia passara a noite entre sonhos e pesadelos. Sonhara com a sua mãe, vindo até ela em um quarto escuro. Faltava-lhe os olhos, e ela trazia às mãos um dos panos de prato que costumava pintar. *Eles me forçaram*, ela sussurrava, *a arrancar meus olhos.* Ela torcia os panos de prato, deles escorriam sangue e uma substância amarela. Então, um dos olhos de sua mãe caía do meio do pano fazendo um som úmido ao tocar o chão.

Então Julia acordava.

Em outro sonho, Julia estava de volta à sua sala de consulta no Manicômio Judiciário Presidente Prudente. João também estava na sala — sem a sua camisa de força — e seu rosto era tão magro que mais parecia osso e pele. Os olhos eram fundos e sem vida. Parecia um sobrevivente do holocausto. Ele estava no chão, com as pernas cruzadas, e Julia permanecia em sua cadeira, tomando notas. *Acho que a nossa vida é como um quebra-cabeça*, ele diz de repente. *Você gosta de quebra-cabeças, doutora?* Julia baixa as anotações e observa João. Ele havia esfolado a pele dos dois pulsos, removendo finas camadas de pele, e tentava encaixá-las sobre o carpete, como se tentasse montar uma figura em duas dimensões de si mesmo.

Então Julia acordava.

No último sonho, Julia estava de volta ao seu quarto. Mathias também estava lá, de pé, pronto para agredi-la novamente. Ela estava no chão, o rosto ardendo e a perna em chamas. O líquido preto pingava de seus lábios e sujava a camisa do pijama dela. *Sua putinha.* As palavras saíam um pouco enroladas, como se ele tivesse tomado meia garrafa de uísque sozinho. *Você vai morrer. Você vai morrer, que nem aquele merda do João.* E então,

assumindo um tom de voz mais eufórico. *Você deveria ter visto o que eu vi. O plano dos caçadores… é lindo. Lindo.* Julia pensa em pedir por misericórdia, mas então seu esposo leva a mão ao rosto e arranca a própria pele, como se fosse uma máscara de carnaval. Ela sai toda de uma vez, e em seu lugar surge a face de um caçador. Julia perde o controle da bexiga e o cheiro forte de urina impregna o ambiente. O caçador sorri para ela, os olhos escuros como dois buracos negros a varrem de cima a baixo, e então ele tira o rosto novamente, e dessa vez, tudo que há é a escuridão, e os infinitos e brilhantes alfinetes. E Julia é tragada por aquele rosto, e adentra aquele mundo hostil e inumano, e vai pairando como uma ideia, até adentrar uma das janelas de uma das infinitas torres, e lá está esperando por ela: um caçador na sua forma mais nua e crua.

Então Julia acordava.

Aos berros.

A noite fora terrível, mas a manhã estava sendo pior. Quando a policial Santos chamou o policial Rocha para conversar fora da sala no dia anterior, Julia havia respirado com alívio. Queria uma trégua de todo aquele interrogatório. Mas os policiais não retornaram naquele dia. Simplesmente desapareceram. O que isso queria dizer?

O IML ligou, ela disse para si mesma, *e eles descobriram que há algo de errado com os caçadores. Em suas veias não corre sangue vermelho, mas sim o líquido preto e denso como piche. Em suas entranhas não há órgãos, mas sim compridos vermes rosados e alienígenas.*

Julia se agarrava a esse pensamento como o último fiapo de esperança. Tentara sondar a enfermeira Roseli — a única pessoa que tinha acesso ao quarto de Julia —, mas ela nada dizia. A verdade é que Roseli parecia temê-la. Julia não a julgava. Estava sendo acusada de triplo-homicídio.

A porta foi aberta, naquela manhã estranhamente fria, e Roseli adentrou o cômodo com uma bandeja de plástico bege.

— Trouxe o café da manhã — ela disse. Julia notou como os olhos dela recaíram primeiro para as algemas, para certificar-se de que Julia continuava presa, e só depois para o seu rosto.

— O que temos no menu?

— Pão francês, presunto, queijo, suco e laranja e chá — ela disse, apoiando a bandeja na mesa de cabeceira. — Já fiz o lanche para você.

Julia abriu a boca, deixando que a enfermeira enfiasse um pedaço do sanduiche nela. Nunca imaginara que se encontraria em uma situação tão degradante. Sendo alimentada por uma senhora, com os braços presos por algemas.

Assim que o café da manhã foi concluído, Julia perguntou:

— Você acha que posso ficar alguns minutos sem minhas algemas. Meus pulsos estão doendo. — Julia não sabia se fugiria do hospital ou não, caso a enfermeira Roseli acatasse o seu pedido, e achava bom não ter se decidido ainda. Assim, a enfermeira não conseguiria desvendar seus planos secretos.

— Não tenho a chave — ela disse. Pela primeira vez, Julia notou pena no olhar da moça.

A porta foi aberta em um movimento brusco. Eram os policiais Rocha e Santos.

A policial Santos se aproximou de Julia, e ela se retraiu. Quando ela levou a mão até a cintura, tudo que Julia pensou foi que levaria um tiro no meio da testa. Os caçadores teriam finalmente se saciado do seu sofrimento e decidido erradicá-la na face da terra.

Mas o que a policial tirou da cintura foi justamente uma chave prata.

— Não tente nenhuma gracinha — disse o policial Rocha. Parecia visivelmente mal-humorado. — Você acabou de estragar meu almoço de domingo, então colabore.

— O que vocês estão fazendo comigo? — Julia perguntou, após ter os punhos libertos. Ela usou as unhas para coçar a região, e viu pele morta se descascando.

— Você vai ser transferida — disse o policial Rocha.

— Para onde?!

Ele suspirou, como se estivesse prestes a perder a paciência.

— Você precisa usar o banheiro? — a policial Santos sugeriu. — Teremos uma longa viagem.

— Eu não vou a lugar nenhum — disse Julia. — Tenho meus direitos, quero saber para onde serei transferida!

O policial Rocha bufou, e tirou uma folha dobrada do bolso da sua calça jeans. A policial Santos se virou para ele, fuzilando-o com o olhar.

— Eu vou ter que aturar essa mulher por mais de seiscentos quilômetros. É melhor ela entender logo.

Ele estendeu a folha dobrada para Julia, que a pegou com os dedos trêmulos.

Assim que leu o seu conteúdo, ela explodiu em lágrimas e berros.

Enfim havia entendido. Os caçadores não haviam acabado com ela.

Eles não estavam sequer começando.

DIA 9

A viatura reduziu a velocidade ao se aproximar da guarita que dava acesso à propriedade. Era o policial Rocha quem dirigia agora — ele e a policial Santos haviam se revezado durante a viagem — e pelas estimativas de Julia, ele deveria estar no trigésimo cigarro.

Ela ia no banco de trás, com as mãos algemadas. A folha que o policial Rocha havia lhe entregado no hospital em Foz do Iguaçu estava guardada no porta-luvas, mas ela não precisava relê-la. Tinha todos os detalhes em sua mente. Era uma ficha policial, com o histórico de João.

Com a diferença de que não era *João* o nome do relatório, mas sim *Julia*.

> 1994 – Julia participara da invasão a uma propriedade privada, que também era cena do crime policial, com mais três amigas, da sorveteria Spumoni em Campinas. Durante a invasão, ocorrera a morte de uma amiga - Carla. Segundo o laudo legal, a morte fora originária pela mordida de um cachorro.
> 1994 – Casa dos pais incendiada. Provável causa do incêndio: curto-circuito no micro-ondas. Nenhuma morte.
> 2003 – Julia presenciara o massacre na universidade de Minas Gerais. Estava cursando história na época, no segundo período.
> 2014 – Julia assassinou o esposo a facadas em sua residência, as 18:30 da tarde. Foi julgada, mas durante o processo, o exame de sanidade apontou que Julia possuía síndrome de perseguição e traços de esquizofrenia.

2015 – Julia foi internada na presente clínica para tratar seus distúrbios mentais.

A viatura finalmente adentrou o Manicômio Judiciário Presidente Prudente, contornando o lago drenado, onde um paciente cometera suicídio.

Julia não chorava mais. Os olhos estavam secos. Tivera uma longa viagem para processar aqueles fatos. Essa era a cartada final dos caçadores. Julia deixara o Manicômio Judiciário Presidente Prudente para vingar a morte de João, e os caçadores de sofrimento a transformaram em João. Ela não sabia ao certo como haviam conseguido aquilo — certamente aquelas criaturas milenares deveriam ter seus métodos.

Ela não negou o documento que o policial Rocha lhe entregara, pois sabia que negar aqueles fatos apenas atestaria a sua insanidade, apenas corroboraria o desejo dos caçadores. *Isso tudo não passa de um complô de uma raça de seres alienígenas que vivem em prédios esguios como alfinetes e se deleitam com o sofrimento da humanidade.* Só de estruturar aquela frase na sua cabeça já a achava cômica. Ela se lembrou de umas das frases de João, que o maior trunfo dos caçadores é que sua história era absurda demais para ser levada a sério.

Ele estava certo.

Mas Julia tinha um trunfo. Uma última carta na manga. Mathias. Seu esposo viria a seu resgate. Isso, claro, se ele já não estivesse morto. E mesmo que estivesse morto, Julia teria paciência. Ela era uma psicóloga, e sabia que o único caminho para se deixar um manicômio seria atestando sua sanidade. E, por isso, ela não deveria nunca, em hipótese alguma, citar os caçadores para alguém.

— Chegamos — disse o policial Rocha, jogando a guimba de cigarro contra o chão de terra. Uma nuvem de poeira envolveu o carro, como se ele

estivesse dentro de um redemoinho, e quando a poeira baixou, Julia quase não acreditou no que via.

A policial Santos abriu a porta para ela e retirou as suas algemas. Julia mal notou tudo isso, seus olhos estavam focados em Mathias, que a esperava no sopé de entrada do prédio principal.

— Bom dia — disse o policial Rocha, aproximando-se de Mathias. — Você é?

— O diretor do hospital — Mathias respondeu. O policial Rocha lhe entregou um documento e Mathias assinou. — Vocês não encontraram o meu carro com ela, por acaso? Era um C3.

— Não, senhor. No quarto de hotel em que estava hospedada só havia um ferro-velho nos anos 60.

Julia estava caminhando na direção de Mathias, seu coração repleto de euforia e alívio por ele estar vivo, quando ouviu-o dizer que era o diretor do hospital. Impossível! Mathias trabalhava como psicólogo em uma clínica no centro.

Ela sentiu as pernas fraquejarem. Aquilo não fazia o menor sentido. A policial Santos tentou ampará-la, mas Julia se desvencilhou. Não queria ser tocada. Precisava de espaço. De ar. Até que ponto chegava a crueldade dos caçadores? Como haviam feito isso com Mathias?

Enxugou as lágrimas, quando percebeu que ele se aproximava.

— Isso é para você — Mathias disse, lhe estendendo uma boneca de pano que tinha o cabelo colorido. Ela estava suja e parecia velha. Faltava-lhe o olho direito. — Emília, sua boneca, se lembra?

Julia pegou a boneca. Tudo parecia tão frágil, como se a realidade à sua volta tivesse sido rasgada.

— Se acalme — disse Mathias com uma voz mansa, lhe afagando o cabelo. Ela sentiu o calor da mão dele. Os óculos de grau reluziam contra o

sol da manhã. — Você está em casa agora, e eu vou cuidar de você.

Epílogo

Julia estava sentada em uma cadeira de plástico no canto da sala, próxima a uma janela. A televisão estava ligada e passava desenhos infantis que entretinham alguns dos seus companheiros, que estavam espalhados pela ampla sala branca. Estava lá há um mês, e começava a se acostumar com a inversão de papéis. De doutora a paciente. Era Mathias quem a tratava, no que parecia ser algum tipo de piada doentia dos caçadores.

E não fora apenas ela quem trocou de papel. Raul Pinto era um dos guardas do manicômio, e vivia assoviando as melodias do Raul Seixas. Rodrigo era outro guarda, que vivia teorizando pelos corredores sobre os alienígenas verdes de olhos esbugalhados que visitavam o país. Getúlio, o chefe da cozinha, estava lidando um pouco melhor com a separação recente da esposa.

Bruno era um dos pacientes. Havia matado a própria mulher e os filhos depois de surtar após uma partida de futebol. Antônio ficava sempre no canto da sala, e carregava no bolso do suéter um bilhete de loteria de 1976. O bilhete valeria uma fortuna, se ele não tivesse se esquecido de registrar o jogo. César acreditava que podia falar com os cães e Caio era um ex-policial e ninfomaníaco, por isso precisava usar um volumoso cinto de castidade.

— Mocinha, o que eu te disse sobre estragar as nossas mesas?

Julia observou a enfermeira. Ela era grande e embora sua composição não fosse exatamente de músculos, poderia subjugar Julia com facilidade.

— Desculpe… — Julia murmurou.

Notou com alívio que a mulher se afastava e começou a retirar os palitos de madeira de cima da mesa. Eles estavam dispostos de forma

simétrica, fincados na mesa de madeira podre. Julia pediu alfinetes a Mathias, para usá-los na hora de recreação, mas o pedido fora negado. Aparentemente, loucos e objetos cortantes não eram uma combinação muito popular por aquelas bandas.

Com alfinetes seria melhor, mas com os palitos funcionava também. Julia usava o horário de recreação para refazer a cidade da sua visão.

Ela retirava os palitos coloridos e os jogava em uma caixa de papelão amassada com as cores desbotadas onde estava escrito PEGA VARETAS com uma fonte infantil e letras berrantes.

Alguém caminhou na sua direção, ela captou o movimento com a visão periférica, mas não se desconcentrou da sua tarefa. A cadeira à frente dela foi ocupada.

— Me perdoa? — disse a voz, e Julia a reconheceu com certa indiferença.

— Achei que você estava morto — ela afirmou, ainda sem levantar o rosto para fitar o homem.

— Eles… — O homem hesitou, um pouco confuso. — Eles te fizeram pensar isso?

Julia acabou de guardar os palitos. Sua cidade estava desfeita, arruinada em uma caixa de papelão mofada. Ela ergueu os olhos e fitou João. Não haviam algemas ou camisa de força nele, mas ainda vestia o branco, a cor dos loucos, e seus cabelos continuavam desgrenhados como sempre.

— Eles me fizeram acreditar nisso. Me ligaram em casa, e eu estava bem assustada. Nem tive chance de confirmar se era verdade ou não, apenas… apenas me lancei em uma caçada contra eles. — Julia analisou João por mais um momento.

As marcas de noites mal dormidas estavam embaixo de seus olhos, dois bolsões roxos, e Julia concluiu que hoje não estava muito diferente dele. Também dormia mal, e também tinha pesadelos.

Ele sorriu para ela de um modo melancólico e Julia não fez questão de tentar retribuir a gentileza.

— Pelo que você quer o meu perdão? — ela perguntou.

João massageou as têmporas. Sua bochecha deu a repuxada que Julia aprendera a notar tempos atrás.

— Eu te mostrei a verdade, doutora. Eu te falei tudo o que sabia sobre os caçadores de sofrimento e eles…

— Eu matei três deles — disse Julia, cortando João com rispidez.

Ele se inclinou para frente na direção de Julia. Os seus olhos incrédulos a analisaram.

— Está falando sério, doutora?

Julia tinha um certo prazer em ouvir João ainda a chamando de doutora. Era um lembrete dos velhos dias, e isso, de certa forma, a ajudava a manter a sanidade.

— Sim — ela respondeu.

João sorriu novamente, e desta vez havia regozijo em seus lábios.

— Aquele que você roubou o livro. Foi ele que eu matei. Eu não tenho certeza sobre os outros dois, mas um pode ter sido o que te perseguia, desde o incidente na sorveteria.

— Ele… — disse João, pensativo. Seus olhos estavam úmidos agora. — Ele era o que eu mais cheguei a odiar, se é que é possível odiar um mais do que todos os outros.

— Eu compreendo — disse Julia. — Mas antes de matá-lo, ele me tocou.

João se retraiu na cadeira, afastando-se de Julia o máximo possível sem sair do lugar, fitando-a com reverência e medo.

— Eu não quero falar sobre isso… — disse João, a voz fria. Ele olhou em torno, como se tivesse medo que alguém pudesse estar escutando aquela conversa. A única companhia que tinham era Antônio, fitando o mesmo e amassado bilhete de loteria.

— O que vocês acham que eles são? — Julia perguntou.

João contraiu a bochecha novamente. Os braços se cruzaram sob o peito. A coluna inclinada para trás, como se temesse que Julia fosse avançar em sua direção.

— Eu não sei, doutora. Anjos? Alienígenas? Seres de outra dimensão? Só sei que eles não são daqui. Eles não pertencem ao nosso mundo e, mesmo assim, eles vêm para cá.

Julia pegou um dos palitos da caixa e o analisou com cuidado, imaginando inúmeros focos luminosos ao longo de seu corpo redondo.

— Eu entendi, João, porque eles vêm para cá.

Ele permaneceu com a mesma postura retraída, mas Julia viu algo mudar em seus olhos. Ele parecia querer ouvir aquela explicação.

— No mundo deles — Julia continuou —, que é muito mais avançado que o nosso, seja lá onde for que eles residam, a dor não existe mais, e o sofrimento… acho que ele foi banido, entende? Aquela civilização é tão avançada que o sofrimento foi aniquilado. E é por isso que eles vêm para o nosso mundo. — Julia se lembrou de estar dentro da mente da coisa e sentiu um calafrio. — Eles vêm aqui para ver a nossa dor, o nosso sofrimento. E eles não observam apenas, eles a causam. Nunca diretamente, entende? Eles não matam ninguém, não machucam ninguém, mas eles inspiram as pessoas a fazê-lo. E quando eu fiz a conexão com ele… — Julia começou a chorar. As lágrimas desciam pelo seu rosto malcuidado. — Eu senti prazer, sabe?

Eu vi todo o sofrimento que já existiu no mundo e aquilo me deixou excitada, me deixou eufórica, eu… eu… — Julia tinha dificuldade em encontrar as próximas palavras.

João descruzou os braços e afagou a mão de Julia com carinho.

— Está tudo bem, doutora. Eu entendo.

Você é o único que pode, ela pensou, e enxugou as lágrimas com as mangas da blusa. A luz pálida da manhã machucava os seus olhos.

— O que vamos fazer agora? — João perguntou, quando Julia estava mais recomposta.

— Vamos fugir — ela respondeu, como se aquilo fosse óbvio.

— E então?

— Então nós caçamos os caçadores. Vamos matar o resto deles.

João continuava a afagar a mão esquerda de Julia. Ele não respondeu nada, mas nem era preciso. Estava no olhar dele que ele estava disposto a fazer tudo aquilo. Fugir com Julia, se tornar um fora da lei, e fazer o que fosse necessário.

Ela fitou os olhos castanho-escuros dele e pela primeira vez, desde que o conhecera, imaginou como deveria ter sido João antes de toda aquela loucura. Ele era um homem bonito, embora maltratado pelas condições do ambiente que o cercavam. Será que se eles tivessem se conhecido antes de tudo, seriam amigos? Seriam amantes?

— João?

— Sim, doutora?

A sirene estridente tocou, sinalizando que todos deveriam voltar para os seus quartos.

Julia olhou para frente. João não estava mais lá. Havia sumido, mas ele voltaria a aparecer, disso ela não tinha dúvida.

— Eu te perdoo — ela sussurrou, e o vento carregou suas palavras para lugar nenhum.

Nota do Autor

O que é Weird Fiction?

Se você pesquisar essas palavras on-line descobrirá diferentes significados. A definição do Wikipedia, por exemplo é que *"Weird fiction é um subgênero de ficção especulativa originada no final do século XIX e início do século XX. A Weird fiction evita ou reinterpreta radicalmente fantasmas, vampiros, lobisomens e outros antagonistas tradicionais da ficção de terror sobrenatural."* Entretanto, o maior expoente da Weird Fiction é H. P. Lovecraft, muito famoso por sua mitologia cósmica, e não por reinterpretar vampiros e lobisomens.

O que estou tentando dizer aqui de forma polida é que a definição não me parece muito satisfatória.

Eu, particularmente, acredito que a melhor definição está no próprio nome. *Weird Fiction.* Ficção Estranha. E é exatamente assim que eu me sentia toda vez que terminava um conto de Lovecraft. *Que porra foi essa?*, minha mente gritava. Uma cor que caiu do espaço? Um sussurro nas trevas? Era essa sensação de inquietude, de estranheza, que me fisgava pelas entranhas e me forçava a virar a próxima página.

Foi isso que procurei evocar nesse livro que você acabou de ler. Essa ficção estranha. Uma ideia bizarra, mas que está apoiada em um mundo real, o que a deixa mais crível e repugnante. O edifício Joelma realmente queimou, o Cine Oberdan também. Se havia um homem de terno e luvas a observar tais tragédias, já não sou capaz de afirmar nem negar.

Há um outro conceito conectado a Lovecraft que acho particularmente cativante: o Cosmicismo. Onde a humanidade é apenas

uma raça em um pequeno planeta, e pouco significante no esquema geral dos cosmos. E que os deuses são criaturas com desejos particulares, e que em nada se assemelham a um ser humano, e um mero vislumbre deles poderia te levar a loucura. Uma ideia aterrorizante, mas ao mesmo tempo possível, não é mesmo? Com toda essa vastidão, quem pode ter certeza exata do que está lá fora?

Todo livro começa com uma ideia. Um pequeno pulso elétrico no cérebro que depois se expande. E a ideia inicial desse livro está intimamente relacionada ao Cosmicismo: *e se existisse uma raça alienígena cuja sociedade é tão avançada que a dor e o sofrimento foram extinguidos dela completamente? E essa raça viesse até o nosso planeta para observar tais agruras, de modo similar a curiosidade mórbida do motorista que atrapalha o trânsito ao dirigir lentamente para observar um acidente no acostamento?*

E assim surgiram os caçadores de sofrimento.

Mas me permitam duas últimas curiosidades. Primeiro, esse livro nasceu como um roteiro de um curta metragem para a conclusão de um curso que fiz em Birmingham entre 2013 e 2014 - enquanto fazia meu intercambio no curso de engenharia química consegui encaixar quatro créditos de Storytelling for page and screen. O roteiro tinha um pouco mais de duas mil palavras e chamava-se THE HUNTERS OF SUFFERING. Segundo, eu sabia qual era o final verdadeiro do livro – se Julia sempre foi louca e João uma invenção, ou se os Caçadores realmente a enclausuraram – mas em algum momento eu me esqueci qual era a ideia original. Honestamente, prefiro assim. Que cada leitor tire suas próprias conclusões. É melhor. Mais estranho talvez.

Por último, alguns agradecimentos. À Increasy por apostar sempre no meu trabalho e em especial a minha agente, Guta Bauer, que revisou esse

livro com muito senso crítico e me ajudou a fazer um livro nacional de fato. Um desafio para mim, pois uma vasta parte das minhas referências são estrangeiras. E um agradecimento a minha esposa, Thaís, que sempre pega minhas incoerências, seja personagens que mudam a cor dos olhos, de profissão, ou de como vieram a óbito (havia um personagem que eu matei de três maneiras diferentes ao longo do livro na primeira versão).

“A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o mais antigo e mais forte de todos os medos é o medo do desconhecido.”
H.P. Lovecraft